

~ Série: Eco dos Pioneiros ~

O GRANDE MOVIMENTO ADVENTISTA



J. N. Loughborough



Centro White Press

© 2013 Centro de Pesquisas Ellen G. White

Título do Original: The Great Second Advent Movement

Publicação Original: Review and Herald (1905)

Republicado por: Adventist Pioneer Library (1995)

Tradução: Naomi Ferreira e Débora Bolha

Revisão: Uriel Vidal

Centro White Press

UNASP, EC

Caixa Postal 11,

Engenheiro Coelho, SP

CEP: 13165-970

(19) 3858-9033

Publicado no Brasil

Primeira Edição: Eletrônica

ISBN: 978-1-61455-009-9

O GRANDE MOVIMENTO ADVENTISTA

J. N. Loughborough



Centro White Press



JOHN NORTON LOUGHBOROUGH

26 de janeiro de 1832 – 7 de abril de 1924

CITAÇÃO DE ELLEN WHITE SOBRE O LIVRO DE J. N. LOUGHBOROUGH

Ellen White enfatizou a importância do livro *O Grande Movimento Adventista*, escrito por Loughborough, como meio de manter viva diante das novas gerações a história do movimento adventista. Ela menciona especificamente este livro como sendo algo que deveríamos disseminar ao povo. No livro *Conselhos aos Escritores e Editores*, ela declara:

O registro da experiência vivida pelo povo de Deus no início da história de nosso trabalho deve ser publicado. Muitos dos que desde então aceitaram a verdade não conhecem a maneira como o Senhor atuou. A experiência de Guilherme Miller e seus companheiros, do capitão José Bates e dos pioneiros da mensagem adventista precisam ser mantidas diante de nosso povo. *O livro do pastor Loughborough deve receber atenção.* Nossos líderes têm de verificar o que pode ser feito para a circulação desse livro.

Ellen G. White, *Carta* 105, 1903, grifo nosso.

ÍNDICE

Prefácio à Edição Brasileira – Para Este Tempo	9
Prefácio – Palavras do Autor	11
Capítulo 1 – Introdução	13
Capítulo 2 – O Plano da Salvação Desdobrado	29
Capítulo 3 – A Vinda da Semente Prometida	45
Capítulo 4 – O Tempo do Fim	63
Capítulo 5 – A Mensagem do Segundo Advento	77
Capítulo 6 – A Mensagem e os Mensageiros	91
Capítulo 7 – O Rápido Avanço da Mensagem	107
Capítulo 8 – A Ceia das Bodas do Cordeiro	115
Capítulo 9 – O Tempo de Tardança	127
Capítulo 10 – O Clamor da Meia-Noite	137
Capítulo 11 – A Mensagem do Segundo Anjo	147
Capítulo 12 – O Desapontamento e o Livrinho Amargo	159
Capítulo 13 – Sinais de que Deus Estava Dirigindo	171
Capítulo 14 – A Porta Fechada	185
Capítulo 15 – Maior Luz e Maiores Maravilhas	205
Capítulo 16 – A Mensagem do Terceiro Anjo	217
Capítulo 17 – A Verdade Avança em Meio a Dificuldades	233
Capítulo 18 – Providência de Deus na Obra de Publicações	247
Capítulo 19 – “Pelos Seus Frutos os Conhecereis”	263
Capítulo 20 – Sacrifícios dos Primeiros Esforços	273
Capítulo 21 – A Mão-Guia na Obra	283
Capítulo 22 – Organização	301
Capítulo 23 – Instituições de Saúde	315
Capítulo 24 – Outras Previsões Cumpridas	331
Capítulo 25 – Instituições Educacionais	345
Capítulo 26 – Nossas Missões Estrangeiras	357
Capítulo 27 – Outros Testemunhos Confirmados	391
Capítulo 28 – Uma Porta que Ninguém Pode Fechar	409

Prefácio à Edição Brasileira



PARA ESTE TEMPO

A história do movimento Adventista é extremamente rica. Contudo, em razão do grande aumento no número de membros, bem como no incansável decorrer dos anos, que, associado aos afazeres e desafios do dia-a-dia resultam num despreparo e falta de conhecimento de nossa história que só tendem a piorar, faz-se necessário velar por nosso povo, provendo-lhe o sustento a seu tempo, garantindo que o acesso a esta preciosa história não se perca, mas seja disponibilizado do modo mais abrangente possível.

Com esta finalidade, o Centro de Pesquisas Ellen G. White está proporcionando à comunidade de língua portuguesa o único livro de história do movimento Adventista escrito por uma testemunha ocular, um pioneiro no Movimento inicial.

J. N. Loughborough tinha 12 anos de idade no ano do Grande Desapontamento em 1844. Embora tenha abraçado a terceira mensagem angélica em 1852, ocasião em que se uniu aos adventistas do sétimo dia, ele conhecia bem os fatos que tão amplamente se divulgaram nos Estados Unidos em relação ao grande movimento da segunda vinda de Cristo.

Tendo acompanhado a Tiago e Ellen White nas viagens que faziam, testemunhando os fatos e ocorrências desconhecidas que decorreram no estabelecimento do movimento, Loughborough obteve precioso conhecimento. Ele esteve presente em pelo menos 50 ocasiões em que Ellen White recebeu visões, e relata os fascinantes fenômenos que acompanhavam o momento. Estamos confiantes de que o leitor irá se surpreender com a narrativa de fatos que infelizmente parecem ter sido, em grande medida, esquecidos.

Os desafios e controvérsias que hoje atingem a igreja têm sido um eco dos desafios do passado. É de grande interesse à igreja lembrar nossa história, juntamente com o maravilhoso modo pelo qual Deus operou em seu favor.

Na parte final de sua vida, quando muitos estavam negando que Deus havia dirigido o movimento Adventista, a voz do irmão Loughborough devia ser ouvida declarando o que viu e ouviu. Ellen White fez claros chamados a esse respeito. Em 1890 ela escreveu:

Eu digo: Deixem o irmão Loughborough desempenhar uma obra a qual as igrejas necessitam. Deus quer que a voz dele seja ouvida como a de João, declarando as coisas que viu e ouviu, as quais ele mesmo viveu na ascensão e progresso da mensagem do terceiro anjo. [...] Permitam que o irmão Loughborough permaneça em seu devido lugar, como um Calebe, vindo à frente e apresentando um decidido testemunho em face da incredulidade, dúvidas e ceticismo. Certamente podemos subir e possuir a boa terra. Deus declarou acerca dele: “Meu servo Calebe [...] perseverou em seguir-Me, Eu o farei entrar a terra.” Calebes são extremamente necessários nas igrejas hoje. [...] Não amarrem o irmão Loughborough em canto nenhum; não o prendam a qualquer Associação em especial (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 716-717).

Os Editores

Palavras do Autor



PREFÁCIO

Existem muitos livros úteis nas mãos do povo e a razão que apresento para adicionar outro livro à lista é que, nestas páginas, eu informo muitas coisas a respeito dos adventistas, especialmente dos adventistas do sétimo dia, as quais ainda não foram apresentadas ao povo nesta forma. Além disso, muitos dos que abraçaram a causa em anos recentes e não testemunharam as coisas aqui mencionadas requisitaram encarecidamente uma narração dos fatos e experiências daqueles anos iniciais. Uma vez que eu estive familiarizado com o movimento Adventista em 1843 e 1844, e, a partir de 2 de janeiro de 1849, passando a proclamar a doutrina, inicialmente como Adventista, e, desde 1852, como Adventista do Sétimo Dia, considero um prazer “falar daquilo que vi e ouvi”.

Apresentei um relato sobre o movimento Adventista, o qual, de 1831 a 1844, espalhou-se a cada nação civilizada do globo.

Desde 1845 houve outros grupos de adventistas que proclamaram, e ainda proclamam, a iminente vinda de Cristo. Em vez de fazer referência a todos estes grupos, foi meu propósito descrever, de forma bastante extensiva, a ascensão e progresso dos adventistas do sétimo dia. Dei especial atenção aos pontos que, na providência de Deus, auxiliaram no desenvolvimento de um povo a respeito do qual, mesmo partindo da pobreza e dos pequenos começos e embora numerem apenas cem mil pessoas, alguns de seus oponentes declarem: “Considerando a energia e zelo com os quais trabalham, pode-se julgar que seu número chegue a dois milhões”.

Mesmo os que pouco conhecem da história dos adventistas do sétimo dia sabem que, desde 1845, Ellen G. White tem sido marcadamente conectada com o movimento como palestrante e escritora. Também sabem que, em ligação com sua obra, houveram manifestações singulares ou dons. Foi meu privilégio estar presente e testemunhar a manifestação deste dom por cerca de 50 vezes. Nas páginas que se seguem eu chamo a atenção para

cerca de 26 predições específicas feitas por Ellen White, que se cumpriram de modo extremamente acurado.

Além de minhas próprias observações, também apresento o relato de outras testemunhas oculares a respeito de suas experiências. Tais fatos deveriam ter maior relevância para com o leitor sincero do que declarações aleatórias feitas por pessoas que nunca estiveram presentes em tais ocasiões.

Dedico esta obra aos leitores, na esperança de que, com a bênção de Deus, a leitura destas páginas possa ser um meio de promover a causa de Cristo em muitos corações, confiante de que todos, ao lerem, manterão em mente as palavras de Paulo aos Tessalonicenses: “Examinai tudo. Retende o bem.”

J. N. Loughborough.

Mountain View, Califórnia, 1° de maio de 1905.

Capítulo 1



INTRODUÇÃO

Quando falamos a respeito do segundo advento de Cristo, estamos abordando um tema que tem sido a esperança do povo de Deus desde que nossos primeiros pais foram expulsos do jardim do Éden. Nas palavras ditas à serpente de que a semente da mulher feriria a sua cabeça havia uma garantia de que, finalmente, um restaurador viria, anularia os enganos de Satanás e cumpriria o propósito de Deus na terra. Supõe-se que Adão e Eva imaginaram que esta obra seria prontamente realizada, e que um de seus descendentes imediatos seria o Libertador. Contudo, no plano de Deus, a promessa de um Salvador que traria livramento da aparente ruína abarcava tudo o que, desde então, tem se desenvolvido na realização de “Sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Timóteo 1:9).

Se Adão e Eva houvessem, de uma só vez, tido noção da miséria e desgraça que sobreviriam ao mundo durante os longos séculos de intervalo entre a ruína e a restauração, seu sofrimento teria sido insuportável. O Deus do céu, em sua terna misericórdia e compaixão, escondeu deles esta noção, deixando-os acariciar a doce esperança de logo receber a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Alimentando a esperança de que a redenção estava próxima, eles seriam naturalmente incentivados a preparar-se para tal evento com maior empenho.

O mesmo tem acontecido com o povo de Deus em todas as gerações desde os dias de Adão. Tinham certeza de que um evento significativo estava para ocorrer no futuro – que Cristo finalmente viria e estabeleceria Seu reino. Assim como Adão e Eva, eles também acreditavam que o evento estava às portas, sem saber o que ainda estava para ocorrer entre a sua época e o esperado evento; do contrário, poderiam ter-se desanimado de prosseguir em direção ao prêmio.

Isso pode ser ilustrado nos acontecimentos ocorridos antes de grandes descobertas. As pessoas que as fizeram estavam, sem saber, cumprindo o propósito de Deus; mas foram motivadas por ideias que nem sempre estavam em harmonia com as próprias teorias que as levaram à ação.

Efeitos de longo alcance das descobertas de Colombo

Montgomery, em seu livro *História Americana*,¹ comentando a respeito da teoria que levou Colombo a iniciar sua viagem e a executar seu plano de alcançar as Índias navegando para o Oeste, diz:

Colombo pensou que poderia aprimorar o projeto do Rei de Portugal. Ele tinha certeza de que havia um caminho melhor e mais curto, para se chegar às Índias, do que aquele traçado por Diaz. O plano do marinheiro genovês [Colombo] era tão ousado quanto original. Em vez de navegar para o Leste, ou para o Sul e depois para o Leste, ele propôs que navegassem direto para o Oeste. Acreditava possuir três boas e convincentes razões para um empreendimento dessa natureza: primeiro, de acordo com a melhor geografia de sua época, Colombo estava convencido de que a Terra não era plana, como a maioria supunha, mas redonda. Em segundo lugar, supunha ser o globo terrestre muito menor do que realmente é, sendo constituído, em sua maior parte, por terra, em vez de água. Em terceiro lugar, como ele não sabia ou sequer suspeitava da existência do continente americano ou do Oceano Pacífico, imaginou que a costa da Ásia ou as Índias eram diretamente opostas à Espanha e à costa ocidental da Europa. Estimou que a distância total até Cipango, ou o Japão, provavelmente não excederia os 6.400 quilômetros.

O plano dele era o seguinte: começaria pela Europa; apontaria o navio para o Oeste, na direção do Japão, e seguiria a curvatura do globo terrestre até chegar ao destino almejado. Para ele, o plano parecia tão seguro e simples quanto para uma mosca andar ao redor de uma maçã.

Se fosse bem sucedido na expedição, teria uma imensa vantagem: entraria nas Índias diretamente pela porta de entrada, em vez de rodear por uma entrada lateral, como o faziam os Portugueses.

Vemos que este homem, que conhecia matemática prática, geografia e navegação tão bem quanto qualquer outro de sua época, estava certo

¹ Edição de 1902, p. 8 e 9.

quanto ao primeiro ponto – o formato da Terra – mas completamente errado quanto aos outros dois pontos.

Um feliz equívoco

Surpreendentemente, seus erros, de certa forma, o ajudaram. O equívoco com relação à distância foi o mais sortudo. Se Colombo tivesse calculado corretamente o tamanho da terra e a verdadeira duração de tal viagem, provavelmente não a empreenderia, pois logo veria que a rota proposta pelos Portugueses era muito mais curta e econômica. Além disso, se ele imaginasse ou, de algum modo, previsse a existência do continente Americano em seu trajeto, tal fato possivelmente o desanimaria quanto a iniciar uma viagem de descobrimento, já que seu objetivo não era encontrar um novo país, mas um novo caminho a um país já conhecido.

A grande esperança dos séculos

De modo semelhante, ao longo dos séculos, o povo de Deus tem mantido perante si a esperança da vinda de Cristo como “âncora da alma, segura e firme” (Hebreus 6:19). Apesar de, muitas vezes, clamarem angustiados, em meio a tristezas e aflições, dizendo: “Quanto tempo haverá, Senhor, até que venha o livramento?”, todavia, continuam avançando, e, assim como Paulo, declaram: “Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós?” (1 Tessalonicenses 2:19).

Paulo foi confortado pela esperança

Neste contexto, será suficiente apresentarmos algumas ilustrações do conforto que esta esperança é capaz de proporcionar. Quando Paulo compareceu perante Félix, recebendo permissão para falar por si mesmo, disse:

Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos (Atos 24:14 e 15)

Em seu hábil apelo, quando trazido perante Agripa, Paulo declarou:

E, agora, estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, a qual as nossas doze tribos, servindo a

Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus. Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos? (Atos 26:6-8).

Quando finalmente em Roma, para comparecer perante César, ele disse aos judeus: “Porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia” (Atos 28:20).

Ele falou abertamente desta esperança em sua carta a Tito:

Porque a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens, Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente, Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo (Tito 2:11-13, ACF).

Pedro se alegrou na esperança

Pedro menciona a mesma esperança nas seguintes palavras:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo (1 Pedro 1:3-7).

O propósito de Deus na criação

As Escrituras revelam o propósito de Deus ao criar o mundo. Mediante a palavra profética, aprendemos sobre Seus planos quanto ao futuro:

Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada (Isaías 45:18).

Deus criou a Terra e, então, entregou-a ao homem. Diz o salmista: “Os céus são os céus do Senhor, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens” (Salmos 115:16). Mas no momento em que Deus entregou o planeta ao

homem, este era fiel, conforme o expressa o sábio Salomão: “Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (Eclesiastes 7:29).

Quanto ao modo de Deus lidar com a raça humana, lemos assim: “Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel”, ou seja, de acordo com o número do verdadeiro Israel que será finalmente ajuntado na terra, como súditos de Seu reino futuro. Paulo o expressa nas seguintes palavras:

Deus [...] de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos (Atos 17:26-28).

Quando esse propósito original em relação à Terra for cumprido, “todos os do teu povo serão justos” (Isaías 60:21). Novamente se afirma, a respeito dos que estarão naquela condição: “Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente; porque ao povo que habita nela, perdoar-se-lhe-á a sua iniquidade” (Isaías 33:24). Aquele será o tempo em que “os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz” (Salmos 37:11).

A segunda vinda de Cristo não é uma fábula

Na segunda epístola de Pedro lemos o seguinte:

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração (2 Pedro 1:16-19).

Nesta passagem, o apóstolo se refere à transfiguração no monte como prova da segunda vinda de Cristo. Antes daquela cena, nosso Salvador

informou a seus apóstolos: “Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino” (Mateus 16:28); e, conforme registrado por Lucas: “Verdadeiramente, vos digo: alguns há dos que aqui se encontram que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam o reino de Deus” (Lucas 9:27).

Essa promessa foi cumprida literalmente no próprio evento da transfiguração. Nessa “visão” no monte, viram a Jesus glorificado, da forma como Ele aparecerá quando vier em Seu Reino. Viram a Elias, que foi levado ao Céu sem experimentar a morte, representando aqueles que serão transladados – sendo transformados de mortais em imortais – “num momento, num abrir e fechar de olhos”, por ocasião da vinda do Senhor (1 Coríntios 15:52). Também viram Moisés, que havia passado pela morte, mas agora representava os que serão ressuscitados dentre os mortos para o encontro com o Senhor. Portanto, nessa “visão”, os discípulos tiveram um vislumbre de Cristo vindo em Seu reino, conforme Sua promessa.

Profecias: a palavra confirmada

Embora os apóstolos vissem essa gloriosa cena no monte da transfiguração, e ouvissem a voz de aprovação de Deus, o apóstolo Pedro afirma: “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética” (2 Pedro 1:19). Com esta afirmação, ele não está desconsiderando o que tinham visto e ouvido naquela memorável ocasião da transfiguração. Ali, tinham ouvido a voz de Deus uma vez; mas nas grandes profecias, que se estendem até a segunda vinda de Cristo, a voz de Deus é repetida. De fato, toda clara predição profética cumprida, ou registrada na história, representa a voz de Deus falando a nós. É nesse sentido que a palavra da profecia é “mais segura” [*King James Version*]. A versão revisada [*Revised Version*] traduz como “confirmada”. A profecia é confirmada por cada especificação cumprida. Cada evento predito, ao cumprir-se, é uma garantia de que os eventos restantes certamente ocorrerão.

Características da profecia

Os seguintes testemunhos em relação às características da profecia, apresentados por notáveis estudantes da Bíblia, são bem convincentes. Thomas Newton declara:

Profecia é história antecipada e resumida; história é profecia cumprida e expandida. Têm havido oráculos mentirosos no mundo; mas toda a perspicácia e malícia de homens e demônios não pode produzir profecias como as que encontramos nas Sagradas Escrituras.

Isaac Newton testificou que “dar ouvidos aos profetas é uma característica fundamental da igreja verdadeira”.

O Dr. A. Keith afirma:

Profecia é equivalente a qualquer milagre, e é em si mesma miraculosa. [...] Somente a voz da Onipotência poderia chamar do túmulo os mortos, somente a voz da Onisciência poderia contar o que está escondido num obscuro futuro, que para o homem é tão impenetrável quanto as mansões dos mortos – ambos os casos constituem a voz de Deus.

Matthew Henry comenta:

No tempo de Deus, que é o melhor tempo, e à maneira de Deus, que é a melhor maneira, a profecia certamente se cumprirá. Cada palavra de Cristo é completamente pura e, portanto, totalmente confiável.

O objetivo da profecia

Nas palavras de Cristo a Seus apóstolos, podemos descobrir um dos objetivos de Deus em conceder as profecias. Falando profeticamente do que aconteceria a Judas, disse Jesus: “Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU” (João 13:19).

O Senhor também declara mediante o profeta Isaías:

[...] Eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade (Isaías 46:9 e 10).

E ainda:

As primeiras coisas, desde a antiguidade, as anunciei; sim, pronunciei-as a minha boca, e eu as fiz ouvir; de repente agi, e elas se cumpriram. [...] Por isso to anunciei desde aquele tempo e to dei a conhecer antes que acontecesse, para que não dissesses: O meu ídolo fez estas coisas; ou: A minha imagem de escultura e a fundição as ordenaram. Já o tens ouvido; olha para tudo isto; porventura, não o admites? Desde agora

te faço ouvir coisas novas e ocultas, que não conhecias. Apareceram agora e não há muito, e antes deste dia delas não ouviste, para que não digas: Eis que já o sabia (Isaías 48:3, 5-7).

Nestas palavras, a força do cumprimento profético é apresentada como prova da origem divina das profecias, pois demonstra que o poder do Senhor é maior que todos os deuses pagãos. Estes versos também mostram que a profecia ocupa um lugar muito importante na Palavra da Verdade. Sendo assim, é realmente estranho que tão pouca atenção seja dada ao estudo das porções proféticas das Escrituras Sagradas.

A profecia não está selada

Os incultos dizem que são ignorantes e que, portanto, não podem entender as profecias. Por outro lado, muitos dentre os instruídos, e mesmo alguns dentre os ministros, dizem: “As profecias estão seladas e não podem ser compreendidas. Todos sabemos que o livro do Apocalipse é um livro selado.”

No Apocalipse, o amado João recebeu uma ordem especial para não selar o livro (Apocalipse 22:10). Nesse mesmo livro, é também pronunciada uma bênção sobre “aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e *guardam* as coisas nela escritas” (Apocalipse 1:3). Como poderia o conteúdo de um livro selado ser *guardado* [ou observado] se não pudesse sequer ser compreendido? O Senhor, por intermédio de Moisés, declarou:

As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei (Deuteronômio 29:29).

Nas palavras de Cristo aos discípulos, fica evidente que o Senhor planejou que as profecias de Daniel fossem compreendidas. Está escrito assim: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)” (Mateus 24:15); isso significa literalmente: “Entendam as profecias de Daniel.”

O Senhor expõe a falácia dos que afirmam que as profecias não podem ser entendidas nas seguintes palavras:

Toda visão já se vos tornou como as palavras de um livro selado, que se dá ao que sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não posso, porque está selado; e dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo:

Lê isto, peço-te; e ele responde: Não sei ler. O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu, continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo; sim, obra maravilhosa e um portentoso; de maneira que a sabedoria dos seus sábios perecerá, e a prudência dos seus prudentes se esconderá (Isaías 29:11-14).

Tivesse o povo, a quem o profeta se refere, seguido as seguras palavras da profecia, não precisaria ter se afastado da Lei de Deus, substituindo-a por preceitos e mandamentos de homens.

A profecia não é de interpretação pessoal

Não é por a profecia possuir significados profundos, ocultos e misteriosos que tantos falham em compreendê-la. A esse respeito, o apóstolo Pedro declarou:

Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:20 e 21, ACF).

Deste verso, claramente se percebe que o item essencial para a compreensão da profecia é receber o Espírito que falou por meio dos profetas. Sobre esse Espírito, o qual foi prometido a todos os que o buscam, está escrito: “Ele vos guiará a toda a verdade” (João 16:13).

O cumprimento profético

Ao estudarmos as profecias, precisamos manter em mente certos fatos: Deus, o Ser infalível, é o autor da profecia. Quando chegar o tempo para o cumprimento de uma predição, esse evento vai ocorrer. E ainda, uma vez que o Senhor determine o tempo em que algo irá acontecer, tendo Ele o poder de prever tudo o que o homem faz, quando esse tempo chegar, o verdadeiro cumprimento da profecia acontece. Em outras palavras, um falso cumprimento da profecia no tempo determinado para o verdadeiro cumprimento é uma impossibilidade. Em harmonia com essa suposição básica podemos dizer que, quando chega o tempo de Deus para ser transmitida ao mundo a mensagem da verdade, tal mensagem sempre se propaga.

Certa ocasião, após um sermão que preguei sobre o cumprimento das profecias, um senhor incrédulo, presente na plateia, veio à frente e disse: “Preciso parabenizar a vocês, intérpretes das profecias, como sendo realmente sortudos. Em seu estudo da história, vocês parecem facilmente encontrar algo que se encaixe perfeitamente com a profecia.” “Sim”, foi nossa resposta, “encaixa porque foi feito para encaixar. Se você fosse a uma loja de luvas para comprar um par, você esperaria encontrar alguma que se encaixasse em suas mãos?”. Ele respondeu “É claro que eu esperaria, porque elas foram feitas para encaixar.” “Então”, disse eu, “Deus, sabendo exatamente o que os homens fariam, fez predições a seu respeito, e quando esses homens entraram em cena, fazendo as coisas preditas, os verdadeiros historiadores registraram suas ações, as quais, quando comparadas com as predições, encaixam-se perfeitamente.”

Profecia: uma luz na escuridão

O apóstolo Pedro diz que deveríamos dar ouvidos à profecia como a uma luz brilhando em um lugar escuro. Sem a lâmpada da profecia, o futuro seria totalmente obscuro. O propósito da luz é dissipar as trevas – quando se passa por lugares escuros, revelar o caminho e mostrá-lo claramente, para que o viajante possa, passo a passo, avistar o caminho e ser capaz de escolher o caminho a seguir. Declara o salmista: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos.” (Salmos 119:105). O sábio diz: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Provérbios 4:18). Assim, ao avançarmos no tempo, vemos que a Palavra de Deus, especialmente em seus cumprimentos proféticos, se abrirá mais e mais, deixando cada vez mais claro, ao estudante da Bíblia, que ele está no caminho que conduz à luz e ao dia eterno.

Três eventos marcantes desde o Éden até o fim

Se considerarmos, à luz das Escrituras, o caminho trilhado pelo povo de Deus, desde o Éden até o fim, veremos três eventos que se destacam de modo especial. O primeiro deles é a primeira vinda de Cristo – a encarnação, a vinda de Emanuel, Deus manifesto na carne. O segundo evento é a grande Reforma Protestante, ocorrida após a Idade das Trevas – também conhecida como Idade Média, um período de 1260 anos de opressão onde o povo quase não teve acesso à Palavra de Deus – após o qual a igreja saiu de sua

fase no deserto e a Bíblia se tornou acessível, de forma que todos a pudessem ler e conhecer a vontade de Deus. O terceiro evento é a segunda vinda de Cristo, para introduzir a restauração de todas as coisas, da qual falaram Seus santos profetas desde o princípio do mundo; este último evento, encerrando o “conflito dos séculos”, conflito entre o pecado e a justiça, dando início à era de glória para a qual todas as outras eras apontavam.

A profecia demarca o caminho para o fim

Ao darmos ouvidos à palavra profética, como a uma luz a guiar nossos passos, a qual, em meio à escuridão, nos revela o caminho certo, encontraremos claramente traçado em suas linhas o percurso que vem desde o princípio até a segunda vinda de Cristo. Assim, aqueles que seguem de perto a luz profética não apenas identificarão os sinais e símbolos que revelam que o grande dia está próximo, mas também reconhecerão a obra de Deus, que avança firmemente com verdades destinadas a preparar um povo para encontrá-Lo em paz em Sua vinda.

Ao mesmo tempo que as Escrituras declaram que o dia do Senhor virá sobre as multidões como “um ladrão à noite” (1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10), elas também falam a respeito dos que permanecem no conselho do Senhor: “Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia” (1 Tessalonicenses 5:4 e 5)

Lembrar da direção do Senhor

Ao lembrarmos de como Deus dirigiu o movimento adventista, fazemos bem em notar que sempre foi Seu desígnio que o povo se lembrasse das manifestações de Sua providência e de Seu poder em favor deles. Descrevendo as razões da apostasia de Israel, o salmista declara:

Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que, no Egito, fizera coisas portentosas, maravilhas na terra de Cam, tremendos feitos no mar Vermelho (Salmos 106:21 e 22).

Se era bom que o povo de Israel lembrasse de como Deus os dirigiu, não seria bom que nós também o fizéssemos? Com grande ânimo o salmista afirmou novamente: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios” (Salmos 103:2).

Em todas as épocas, o Senhor, por Sua graça, tem enviado importantes verdades, calculadas para libertar um povo da escravidão do pecado, e prepará-lo para entrar na Canaã celestial. Será de benefício considerar o procedimento de Deus para com aqueles que têm proclamado essas verdades.

Grandes resultados decorrentes de pequenos instrumentos – O testemunho de D’Aubigné

D’Aubigné, em seu livro *História da Reforma*, escreve:

Deus, que prepara Sua obra ao longo das eras, a Seu próprio tempo a executa mediante os mais frágeis instrumentos. Obter grandes resultados por meio de pequenos instrumentos, tal é a lei de Deus. Esta lei, que prevalece em toda a natureza, também é encontrada na história (*História da Reforma*, livro 2, cap. 1, parágrafo 1).

Em tempos antigos, Deus começou a separar um povo especial, a fim de estabelecê-lo como uma nação peculiar para Si mesmo, ao chamar um homem – Abraão – que habitava entre os pagãos, em Ur dos Caldeus. Dele nasceu uma numerosa descendência. Mas, quando exaltados à posição de nação, Deus declarou a seu respeito:

Não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos (Deuteronômio 7:7).

Posteriormente, ao livrar Seu povo da escravidão do Egito, Deus escolheu como líder alguém que, em sua infância, fora escondido por três meses na casa de sua mãe, sendo depois colocado num cesto rústico e humilde, feito de junco e coberto com piche, o qual foi entregue aos cuidados do Rio Nilo. Porém, este mesmo Moisés, chegando à maturidade, escolheu sofrer humildemente com o povo de Deus ao invés de “por um pouco de tempo ter o gozo do pecado” (Hebreus 11:25, ACF).

A vitória de Gideão

Mais tarde, visando livrar a Israel dos Midianitas e Amalequitas, os quais vinham sobre sua terra “como gafanhotos, em tanta multidão” (Juízes 6:5), destruíam os frutos da terra “e não deixavam em Israel sustento algum, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos” (Juízes 6:4), o Senhor enviou um anjo a Gideão. Esse filho de Joás empobreceu a tal ponto de debulhar um

pouquinho de trigo e escondê-lo de seus inimigos. Quando o anjo o avisou de que ele deveria livrar a Israel, Gideão perguntou espantado: “Ai, Senhor meu, com que livrarei Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai” (Juízes 6:15). Esse mesmo homem, sendo pobre e humilde, saiu com seus trezentos homens, com meros jarros e tochas (o que pareceria tolice aos olhos humano), e, fazendo de Deus a sua força, obteve grande vitória. Antes do livramento, é possível que Gideão tenha lamentado como o profeta Amós quando este questionou: “Como subsistirá Jacó? Pois ele é pequeno” (Amós 7:2).

O Bebê na manjedoura

No tempo determinado por Deus nasceu o Salvador da humanidade e os pastores o encontraram deitado em uma manjedoura. Sua família terrestre tinha ocupações humildes, porém honestas. A respeito de sua pobreza aqui na terra, o Salvador disse: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8:20). Ele escolheu seus apóstolos “dentre a classe social mais baixa, a qual, embora não a mais vil, não chegava às classes medianas. Assim foi para que se manifestasse ao mundo que o trabalho não era de homens, mas de Deus”.

Não foram chamados muitos sábios

Falando da obra nos dias da igreja primitiva, Paulo declara:

Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. E Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1 Coríntios 1:25-29).

Homens humildes na Reforma Protestante

Encontramos esse mesmo princípio exemplificado na vida dos grandes reformadores do século dezesseis. Diz o historiador:

O reformador Zuínglio emergiu de uma choupana de pastores nos Alpes; Melancton, o teólogo da reforma, de uma loja de armeiro; e Lutero, da cabana de um pobre mineiro.

Lutero disse, a respeito de si mesmo:

Meus pais eram muito pobres. Meu pai era um pobre lenhador (depois se tornou mineiro) e minha mãe frequentemente carregava madeira nas costas a fim de obter meios para criar seus filhos. Eles suportaram os mais árduos trabalhos em nosso favor.

Disse o apóstolo Tiago, escrevendo sobre o chamado para servir ao Senhor:

Ouvi, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que Ele prometeu aos que o amam? (Tiago 2:5).

Os primeiros Metodistas

Ao examinarmos o avanço da obra dos reformadores até chegar aos primeiros dias do metodismo, tempo onde a doutrina da livre graça era assiduamente pregada, percebemos que esta foi acompanhada pelo poder de Deus. Ao ser ela fielmente exposta ao povo, com a ternura e amor de Cristo, sendo acolhida por viva fé, os crentes não somente encontravam remissão de pecados passados, mas um poder santificador para viver uma vida santa. O metodismo teve um começo humilde, sendo abençoado segundo a fé e sincera confiança, tanto de ministros como de leigos.

Ao recordar os incidentes e experiências ligadas ao movimento do advento, como se dá em toda obra do Senhor onde o homem é um agente, descobrimos que esse movimento se originou entre os pobres e desconhecidos; no entanto, que ninguém se decida contra ele por esse motivo, sem examinar cuidadosamente as evidências nas quais esta grande obra se baseou, a fim de que não seja encontrado entre aqueles a quem o Senhor perguntará: “Pois quem despreza o dia dos humildes começos?” (Zacarias 4:10).

A réplica de Eck a Lutero

A fim de beneficiar aos que se decidem quanto a um ponto doutrinário ser correto ou incorreto baseado no número de pessoas que o aceitam, citamos, em parte, a controvérsia entre Lutero e Eck. Ao Lutero se posicionar a favor das Escrituras, ousando questionar o direito de as

peças valorizarem as próprias opiniões acima da Palavra de Deus, Eck retrucou com ironia:

Estou surpreso com a humildade e modéstia com as quais o respeitável Doutor se encarrega de opor, sozinho, tantos pais ilustres, e pretende saber mais que os soberanos pontífices, os concílios, os doutores e as universidades! [...] Seria surpreendente, sem dúvida, se Deus tivesse escondido a verdade a tantos santos e mártires, até que chegasse o reverendo Padre.

Esta réplica bem se pode confrontar com a resposta apresentada por Zuínglio a John Faber, em Zurique, quando Faber expressou seu

espanto ante a situação a que as coisas chegaram, quando costumes antigos, que duraram por doze séculos, foram esquecidos, deduzindo-se claramente que a cristandade havia estado em erro por quatorze séculos.

Zuínglio rapidamente respondeu:

O erro não era menos erro devido ao fato de nele se crer por quatorze séculos; e, na adoração a Deus, a antiguidade dos costumes não representava nada, a não ser que pudesse ser encontrado fundamento ou autorização para os mesmos nas Escrituras Sagradas.²

Palavra de Deus X sabedoria humana

O perigo de apoiar-se em opiniões de homens, ao invés de determinar “O que é verdade?” pela Palavra de Deus, é claramente descrito pelo profeta Oséias, nas seguintes palavras: “Arastes a malícia, colhestes a perversidade; comestes o fruto da mentira, porque confiastes nos vossos carros e na multidão dos vossos valentes” (Oséias 10:13). A tendência do coração humano sempre foi confiar no homem; mas, ao nos aproximarmos do tempo em que o Senhor irá “se levantar para espantar a terra”, o profeta Isaías exorta: “Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Pois em que é ele estimado?” (Isaías 2:21 e 22).

Sendo assim advertidos nas Escrituras com relação ao risco que corremos, que ninguém condene precipitadamente o movimento do advento, como se fosse indigno de consideração, devido a seu humilde começo, ou porque os chamados *grandes* aos olhos do mundo não abraçaram essa causa.

² James Wylie, *História do protestantismo*, cap. 12, par. 16, 17; Edição Cassel, p. 458

Pelo contrário, que todos pesem cuidadosamente suas declarações. A verdade possui valor inestimável, e, comparadas a ela, meras opiniões humanas não passam de palha, que não tem qualquer valor.

Capítulo 2



O PLANO DA SALVAÇÃO DESDOBRADO

“A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida” (Provérbios 13:12).

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos” (Ageu 2:6, 7).

Desde o tempo em que Adão foi banido do jardim do Éden e da árvore da vida, as palavras dirigidas a Satanás a respeito da semente da mulher – “Este te ferirá a cabeça” (Gênesis 3:15) – têm alimentado a esperança de que o mal será finalmente derrotado, seus astutos projetos ruirão, e seremos restaurados à árvore da vida. O Esperado – a Semente prometida – assim se tornou o “Desejado de todas as nações”.

Na citação de Ageu, referida acima, parece que a vinda deste Desejado está ligada com o tempo em que o Senhor abalará os céus e a Terra. Paulo, escrevendo aos Hebreus, coloca esse acontecimento no futuro, dizendo:

Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra: ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam. Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor (Hebreus 12:26-28).

Esta linguagem, referente ao abalo ainda por vir, parece colocá-lo em íntima ligação com o estabelecimento final do reino de Deus por meio de Cristo – a Semente prometida, o “Desejado de todas as nações.”

A restauração que será realizada por Cristo pode ser claramente conhecida, nestes últimos dias, por todos os que têm a totalidade da Bíblia aberta diante de si. Não era assim com os antigos. A palavra do Senhor veio a eles “preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:13). Naquela época, a revelação do plano da salvação era semelhante à vereda dos justos, “como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Provérbios 4:18). É de grande interesse, portanto, que estudemos brevemente o desdobramento gradual desse plano de Deus ao Seu povo antigo.

A princípio, a demora não foi revelada

O Senhor não lhes pospôs a esperança de imediato, revelando-lhes que se passariam centenas de anos até a vinda da Semente prometida; isso lhes entristeceria o coração. Do relato, podemos deduzir que lhes foi permitido pensar que a primeira criança nascida seria a Semente; e que, logo, de alguma maneira, o Éden seria restaurado e novamente teriam acesso à árvore da vida. Quando Caim nasceu, Eva exclamou: “Adquiri um varão com o auxílio do Senhor.” Alguns eruditos da língua hebraica defendem que, traduzido de forma fiel, o texto diria: “Adquiri um varão: o Senhor.” Ou seja, aqui está a Semente que realizará o tremendo feito de derrotar a Satanás. Não há registro de que Eva tenha dito algo assim por ocasião do nascimento de Abel. Ela naturalmente poderia e deveria supor que seria no primogênito em quem se cumpriria a promessa. Suas esperanças devem ter diminuído, ou mesmo morrido, ao ser-lhe revelado o caráter de Caim e testemunhar sua conduta perversa, que o levou a matar seu irmão. Seguramente, antes de Abel ser assassinado, devem ter recebido luz e conhecimento a respeito do sacrifício futuro a ser feito em seu favor, pois, Abel, sendo divinamente instruído, trouxe como oferta um cordeiro seu, enquanto que Caim, tendo sido ensinado da mesma maneira que seu irmão, trouxe uma oferta tirada dos frutos da terra e misturou-a com o espírito de ira e ciúmes. A oferta de Abel foi mais aceitável que a de Caim, pois foi feita “pela fé”, e, disso, Paulo escreve: “[ele] depois de morto, ainda fala” (Hebreus 11:4).

Seria Sete a Semente prometida?

Após a morte de Abel, Sete nasceu, revivendo então a esperança. Eva declarou: “Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que

Caim matou” (Gênesis 4:25). Mais tarde, Sete foi incluído na linhagem dos descendentes de Adão (ver Gênesis 5:3), ao passo que Caim, o verdadeiro primogênito, não entrou na genealogia. Eva, muito provavelmente, supôs que Sete era agora a Semente prometida. O registro bíblico relata que, depois do nascimento de Sete, os homens passaram a chamar-se pelo nome do Senhor.¹ Talvez eles agiram assim supondo que Sete seria o governante final – o Senhor – o qual derrotaria o domínio usurpado por Satanás.

Esperança centralizada em Noé

No breve registro de eventos entre a época de Adão e o nascimento de Noé, não se nos informa muito mais do que a genealogia da raça humana. Com o nascimento de Noé (“o justo”), a esperança brotou novamente e o povo disse: “Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou” (Gênesis 5:29). A Bíblia não declara o modo pelo qual esperavam receber este conforto; mas eles entretinham a esperança de que a maldição da terra seria, de alguma forma, atenuada. Não lhes foi revelada a tamanha maldade que existia nos dias de Noé, quando as pessoas enchiam a Terra de tanto pecado e violência que a raça seria varrida do planeta por um dilúvio, com apenas Noé e sua família escapando da destruição; também não lhes foi revelado o fato de que ele iria advertir o mundo, durante cento e vinte anos, sobre a iminente destruição.

Babel é construída

Após o dilúvio, o povo foi instruído, por meio de Noé, a repovoar a Terra. Mas, ao começarem a se multiplicar, rejeitaram o plano do Senhor de governá-los. Ninrode estabeleceu o reino de Babel – posteriormente chamado de Babilônia, o primeiro dos governos terrestres (Gênesis 9:1; 10:9, 10). Pouco tempo depois, começaram a edificar a torre de Babel, tendo em vista construir para si mesmos um nome e impedir de que fossem espalhados pela face da terra – justamente o oposto daquilo que o Senhor lhes havia ordenado por intermédio de Noé. Ao invés de esperarem pacientemente pelo cumprimento dos propósitos de Deus, tomaram o assunto em suas próprias mãos, e, conseqüentemente, Deus lhes confundiu a linguagem e eles foram espalhados.

¹ Ver texto alternativo na margem da KJV sobre Gênesis 4:26.

Abraão: o herdeiro do mundo

Acompanhando o registro, até chegar ao décimo descendente de Noé, nos deparamos com o chamamento de Abraão, a quem o Senhor disse:

Porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei (Gênesis 13:15-17).

Apesar de ser prometido a Abraão que ele possuiria a terra, foi-lhe assegurado que ele morreria. Paulo declara que Abraão saiu “a fim de ir para um lugar que devia receber por herança” (Hebreus 11:8). O cumprimento da promessa da Semente foi, sem dúvida, esclarecido a Abraão, numa visão vinda de Deus, pois ele “aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hebreus 11:10). Em Romanos 4:13, declara-se que a promessa era que ele seria “herdeiro do mundo”, não no estado em que este se encontrava, mas certo tempo depois que ele ressuscitasse.

Do ponto de vista humano, Abraão não podia compreender de que forma a Semente prometida poderia surgir de sua própria descendência. Portanto, sugeriu que elegessem a Eliézer, seu mordomo, como a Semente. Porém, Deus lhe disse: Não será assim, “mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro” (Gênesis 15:4). O Senhor agora passa a revelar-lhe que a obra final da Semente não se completaria de forma imediata. Disse então a Abraão:

Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. [...] E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice (Gênesis 15:13-15).

A própria esposa de Abraão propôs um plano precipitado para apressar o cumprimento da promessa; mas, depois do nascimento de Isaque, que era o verdadeiro filho de Abraão com Sara – sua legítima esposa – o Senhor falou a respeito de Ismael e sua mãe Agar, “rejeita essa escrava e seu filho” (Gênesis 21:10).

No teste de fé a que foi submetido, o de oferecer Isaque sobre o altar, Abraão aprendeu uma lição acerca da ressurreição dos mortos. Dele se diz:

Considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo [a Isaque] dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou (Hebreus 11:19).

A verdadeira Semente

Certa vez, Abraão foi instruído de que a Semente verdadeira, por meio da qual todas as nações seriam abençoadas, embora sendo seu descendente segundo a carne, seria, em realidade, o Cristo de Deus; pois o Senhor não lhe disse: “descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gálatas 3:16). A esse respeito, o apóstolo Paulo declarou: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos” (Gálatas 3:8). A promessa a Abraão foi renovada a Isaque e à sua descendência (Gênesis 28:13), e, posteriormente, a Jacó.

Como Jacó teve doze filhos, a pergunta naturalmente poderia ser feita: por qual deles seria traçada a linhagem da Semente verdadeira? No testemunho inspirado, proferido por Jacó a respeito de seus filhos, encontramos a resposta: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos” (Gênesis 49:10). Em cumprimento a isto, é importante ressaltar que se permitiu aos Israelitas possuir seu Sinédrio, mesmo quando subjugados por outras nações. Assim, Judá – a tribo dos judeus – tinha voz em seu governo até Siló (Cristo) chegar de fato.

O tempo havia sido encoberto

Os patriarcas possuíam algum conhecimento sobre a restauração e vinda da Semente prometida; mas precisamente quando, ou quanto tempo passaria até Sua vinda, não lhes foi revelado. Quando a posteridade de Jacó começou a se multiplicar no Egito e o Faraó-Assírio (Isaías 52:4) – que “não conhecia a José” (Êxodo 1:8; Atos 7:18) – passou a oprimi-los, suas mentes naturalmente se voltaram à promessa feita a Abraão de que sofreriam aflições e permaneceriam temporariamente como estrangeiros durante 400 anos (efetivamente 430), esperando que sua libertação introduziria a herança prometida.

Após o nascimento de Moisés, seus pais perceberam que “a criança era formosa” (Hebreus 11:23). Provavelmente, foi-lhes revelado que, de algum modo, pelo poder de Deus, ele libertaria Israel da cruel servidão. Sem dú-

vida, este conhecimento foi comunicado a Moisés, pois, aos quarenta anos de idade, decidiu permanecer ao lado dos oprimidos israelitas e sofrer suas aflições, ao invés de ser chamado filho da filha de Faraó e herdeiro do trono egípcio;² e, quando começou a pleitear a causa de seu povo, a ponto de matar um egípcio, surpreendeu-se de que não reconhecessem sua missão, já que “cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar por intermédio dele” (Atos 7:25).

Ao chegar o tempo determinado por Deus para que os israelitas saíssem do Egito, eles partiram, e isso no dia exato (Êxodo 12:40, 41). Moisés não poderia ser considerado como o último governador, nem como a Semente a quem se fizera a promessa, pois ele era da tribo de Levi; e não havia sido dito por Jacó, em sua predição inspirada, que Judá lhes governaria até que viesse Siló?

“Eu o verei, mas não agora”

Quando os israelitas estavam a caminho de Canaã, Balaque, rei de Moabe (descendente de Ló), pediu que Balaão amaldiçoasse a Israel. Mas Deus transformou sua maldição em benção, a qual trouxe luz adicional, mostrando que o livramento final da usurpação de Satanás não ocorreria imediatamente após entrarem em Canaã. O relato das Escrituras, a esse respeito, diz que Balaão, em visão de Deus, afirmou:

Vê-lo-ei, mas não agora, contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro, que ferirá as temporadas de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete (Números 24:17).

Esta numerosa semente, nascida de Abraão, é mencionada por Paulo no seguinte contexto:

Por isso, também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar. Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra (Hebreus 11:12, 13).

O coração de Israel não precisava desfalecer com a predição de Balaão de que a consumação de sua esperança ocorreria “não agora”, nem “perto”,

² Ver *Antiguidades dos Judeus*, escrito por Flávio Josefo, Livro 2, cap. 9, par. 7; Ellen G. White *Spiritual Gifts*, Vol. 1, pp. 162-164.

pois o Senhor, não muito antes desta profecia, havia jurado por Sua própria vida que ela viria. Por meio de Moisés, Ele declarou: “Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor” (Números 14:21). Nos dias do profeta Habacuque, cerca de 863 anos depois, a mesma verdade foi reafirmada, sendo, porém, citada como um evento ainda futuro: “Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Habacuque 2:14).

Ritual do santuário: um tipo do verdadeiro

Quando o Senhor tirou a Israel do Egito, proclamou Sua lei moral aos ouvidos de todo o acampamento e deu-lhes uma cópia escrita por Seu próprio dedo em pedra, de modo que pudessem ser continuamente direcionados Àquele Salvador que sacrificaria a Si mesmo em favor deles. Ora, a fim de que fossem purificados de seus pecados mediante o precioso sangue dEle derramado, ordenou-lhes que construíssem um santuário no deserto. Moisés foi exortado a construí-lo exatamente conforme o padrão mostrado pelo Senhor no monte (Êxodo 25:40; 26:30; 27:8; Atos 7:44). O ritual deste santuário era uma sombra do verdadeiro ritual de Cristo no santuário celestial (Hebreus 8:3-5; 9:8-12). Enquanto que o propósito de Deus, com as ofertas e sacrifícios do santuário, era apresentar aos homens uma sombra dos “bens futuros” (Hebreus 10:1), o esforço de Satanás era de levar as pessoas a focar na oferta em si, o tipo, ao invés de enxergarem nela Cristo e Seu efetivo sacrifício, o antítipo. Assim, Satanás procurou fazer que confiassem em suas próprias obras para a salvação.

Era o propósito do Senhor dirigir Seu povo – os israelitas –, combater as batalhas deles e subjugar as nações. Tinha Seu próprio método de governo, evidenciado no seguinte texto:

E destruindo a sete nações na terra de Canaã, por sorte lhes repartiu sua terra. E depois disto, quase quatrocentos e cinquenta anos lhes deu Juízes até o profeta Samuel (Atos 13:19, 20, Almeida antiga).

Israel clama por um rei

Os israelitas, evidentemente, não se agradaram da maneira do Senhor governá-los. Contudo, o propósito e a vontade de Deus é que fossem um povo peculiar, distinto de todos os outros povos ao seu redor. Tivessem eles seguido estritamente Suas instruções, as nações diriam acerca deles:

Este grande povo é gente sábia e inteligente. Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? (Deuteronômio 4:6, 7).

Em sua insatisfação, pediram a Samuel que instituísse sobre eles um rei, e o Senhor disse a Samuel: “[O povo] não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele” (1 Samuel 8:7). Novamente, disseram a Samuel num tom mais imperativo: “Constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações” (1 Samuel 8:5). Cuidadosamente, Samuel lhes informou sobre a opressão que um rei lhes traria,

porém o povo não atendeu à voz de Samuel e disse: Não! Mas teremos um rei sobre nós. Para que sejamos também como todas as nações; o nosso rei poderá governar-nos, sair adiante de nós e fazer as nossas guerras (1 Samuel 8:19, 20).

Israel teve reis por cerca de quinhentos anos. No início, havia apenas um reino, sob o governo de Saul, Davi e Salomão; então, esse reino se dividiu em dois, Israel e Judá. Poucos reis foram bons e justos. A maior parte deles era constituída de reis ímpios, que levavam o povo à idolatria e a terríveis iniquidades. Dessa forma, o povo se tornou como as outras nações, não só no fato de ter um rei, mas também na perversidade, esquecendo-se do Deus de seus pais e adorando a ídolos e às hostes do Céu.

A respeito dessa forma de governo, o Senhor declarou pelo profeta Oséias:

A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim, o teu socorro. Onde está, agora, o teu rei, para que te salve em todas as tuas cidades? E os teus juízes, dos quais disseste, Dá-me rei e príncipes? Dei-te um rei na minha ira e to tirei no meu furor (Oséias 13:9-11).

A ruína do reino

Este governo monárquico continuou até que os Caldeus incendiaram Jerusalém, tomaram os utensílios do templo e levaram Judá cativo à Babilônia, onde permaneceu por setenta anos como havia sido predito. Ao final deste reinado, por meio do profeta Ezequiel, o Senhor disse a Zedequias, seu último rei:

E tu, ó profano e perverso, príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo do seu castigo final; assim diz o Senhor Deus: Tira o diadema e remove a coroa; o que é já não será o mesmo; será exaltado o humilde [o rei de Babilônia] e abatido o soberbo [este tão auto-exaltado rei da

tribo de Judá]. Derribarei, derribarei, derribarei; e já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei (Ezequiel 21:25-27, RA adaptado).

Este legítimo governante, a verdadeira Semente, é Cristo. A respeito dEle escreveu o profeta Miquéias:

A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, virá o primeiro domínio [domínio sobre a Terra, restaurado em Cristo], o reino da filha de Jerusalém (Miquéias 4:8).

Quando Israel perdeu seu cetro, este passou às mãos do rei da Babilônia. Ao passarem sucessivamente sob o domínio da Medo-Pérsia, Grécia e Roma, o reino foi por três vezes derrubado. No reinado de César Augusto, imperador de Roma, Cristo nasceu, o legítimo herdeiro do trono de Davi – a verdadeira Semente da mulher, de Abraão e de Davi – da forma que havia sido predita.

E para que o povo soubesse que seu legítimo Governador, a verdadeira Semente, era mais do que um ordinário homem mortal com um curto reino vitalício, o Senhor inspirou o salmista a escrever:

Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra. Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça e, firme com ele, a minha aliança. Farei durar para sempre a sua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu. A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim. Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço (Salmos 89:27-29, 36, 37).

Isaías profetiza a respeito da vinda deste Soberano:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto (Isaías 9:6, 7).

A transladação de Enoque e Elias

Existem registros de pessoas da antiguidade sendo trasladadas para o Céu sem experimentar a morte. A respeito de Enoque, o sétimo depois de Adão, a Bíblia declara:

Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para Si (Gênesis 5:24).

Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua transladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus (Hebreus 11:5).

Novamente, enquanto Elias e Eliseu caminhavam juntos,

indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros! E nunca mais o viu (2 Reis 2:11, 12).

Enoque profetizou a respeito da vinda de Cristo como o juiz de toda a Terra nas seguintes palavras:

Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele (Judas 1:14, 15).

Jó ensinou a respeito da vinda do Senhor

Jó, que, supostamente, viveu no tempo de Moisés, tinha certo conhecimento a respeito da vinda de Cristo e da ressurreição, pois declarou:

Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me dera fossem gravadas em livro! Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha! Porque eu sei que o meu redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros (Jó 19:23-27).

Trono de Davi: trono do Senhor

O trono de Davi foi chamado de trono do Senhor. “Salomão assentou-se no trono do Senhor, rei, em lugar de Davi, seu pai” (1 Crônicas 29:23). O Senhor havia jurado a Davi

que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem a sua alma foi deixada no túmulo, nem a sua carne viu a corrupção (Atos 2:30, 31, AR).

Posteriormente, é dito que Cristo, em seu reino futuro, se assentará sobre o trono de Davi (ver Isaías 9:7). Novamente:

Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu ungido. [...] Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei (Salmos 2:2, 6, 7).

Outra vez: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Salmos 110:1).

Os judeus ficaram perplexos

Estes textos deixaram os judeus perplexos. Havia neles um problema que não podiam resolver: Se Davi O chamou de Senhor, como então seria Ele seu filho? Como poderia ser Ele uma criança nascida da semente de Davi, e ainda assim ser Emanuel – Deus conosco? Isaías, seu próprio profeta, havia declarado: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Isaías 7:14).

Cristo sabia como silenciar a capciosa objeção dos fariseus e por isso lhes perguntou:

Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi. Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chamou-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho? (Mateus 22:42-45).

Davi refere-se ao mesmo assunto no Salmo 45:6 e 7:

O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros.

Com esses textos em mente, o povo judeu tinha elevadas expectativas quanto ao caráter do futuro Soberano e Restaurador. E não poderia ser diferente.

O Descendente de origem divina

Descrições minuciosas haviam sido dadas sobre Cristo e Seu nascimento. O Senhor, por meio do profeta Miquéias, revelou Sua origem divina e até mesmo o pequeno vilarejo onde nasceria:

E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade (Miquéias 5:2).

A presença de Deus é manifesta no Shekinah e na nuvem

Mais adiante, na história dos israelitas, quando Salomão terminou a construção do templo, o qual ele disse ser extremamente “magnífico”, o Shekinah da glória de Deus se manifestou entre os querubins sobre o propiciatório. O relato diz que, por ocasião da dedicação do templo, ao saírem os sacerdotes do lugar santo,

uma nuvem encheu a casa do Senhor, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a Casa do Senhor (1 Reis 8:10, 11).

A presença do Senhor no templo foi manifestada perante os olhos do povo na nuvem de glória. Na ocasião, o Senhor respondeu à oração de Salomão e disse-lhe: “Ouvi a tua oração e escolhi para mim este lugar para casa do sacrifício” (2 Crônicas 7:12).

O povo pecou, entregando-se à idolatria, e, conseqüentemente, sua cidade e seu santuário ficaram em ruínas por setenta anos. Após o cativeiro, o templo foi reconstruído sob a mão de Zorobabel. Embora o segundo templo fosse inferior em esplendor àquele construído por Salomão, o Senhor, através de Seu profeta, declarou acerca dele: “A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos” (Ageu 2:9). Esta casa foi embelezada por Herodes e nela o Salvador ensinou. Na casa anterior, uma nuvem de glória representava o Senhor; mas a segunda casa recebeu o próprio Salvador, o Criador de todas as coisas.

O glorioso reino da raiz de Jessé

Nos dias de Isaías, suas visões proféticas dos gloriosos eventos da redenção final deveriam ter sido uma fonte de força e encorajamento aos que as aguardavam em expectativa. Essas profecias traçavam a linhagem do aguardado Libertador da seguinte maneira:

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de

entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor. Deleitar-se-á no temor do Senhor; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso (Isaías 11:1-4).

Os profetas ensinaram acerca da ressurreição

O profeta Isaías também ensinou a doutrina da ressurreição dos mortos nas seguintes palavras de conforto:

O Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos um banquete de coisas gordurosas, uma festa com vinhos velhos, pratos gordurosos com tutanos e vinhos velhos bem clarificados. Destruirá neste monte a coberta que envolve todos os povos e o véu que está posto sobre todas as nações. Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o Senhor falou. Naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos (Isaías 25:6-9).

O reino na Terra renovada

O mesmo profeta declara que haverá uma Terra renovada, na qual o reino final deverá ser estabelecido:

Pois eis que eu crio novos céus [céus atmosféricos] e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. [no Hebraico, nem chegarão ao coração, isto é, não serão desejadas novamente]. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais [depois da criação da nova Terra] nela criança para viver poucos dias [criança que tenha vivido pouco], nem velho que não cumpra os seus [velhice prematura]; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem [nos dias em que os homens atingiam os novecientos anos, crianças poderiam ter cem anos], e quem pecar só aos cem anos [em anos recentes onde a vida total era de cem anos] será amaldiçoado. [Os que morrem no momento em que a nova terra chega são aqueles que morrem na perdição dos homens ímpios, 2 Pedro

3:7.] Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos (Isaías 65:17-22).

Ezequiel olha ao longo do panorama do tempo até à futura ressurreição dos mortos. O Senhor diz por meio dele: “Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel” (Ezequiel 37:12).

“Ele carregou as nossas enfermidades”

A provação, os sofrimentos e a morte do Salvador em favor dos homens foram revelados mais claramente a Isaías, o profeta do evangelho. Diz o profeta:

Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (Isaías 53:1-5).

Tanto o povo, como o profeta, deve ter-se perguntado: “Será que esses eventos tão maravilhosos irão acontecer em nossos dias?” A resposta teria sido: “Não acontecerão agora; ainda não é chegado o tempo para a vinda do grande Libertador”. Mas o profeta declara: “Os teus olhos verão o rei na sua formosura, verão a terra que se estende até longe” (Isaías 33:17).

As profecias de Daniel revelam o futuro

Foi, contudo, por meio do profeta Daniel que o Senhor começou a revelar a Seu povo a sequência dos reinos que se levantariam e dominariam até o estabelecimento de Seu reino eterno; revelou também um período especial de tempo, um evento que ainda iria ocorrer, isto é, o verdadeiro aparecimento e morte do Messias. A interpretação do sonho de Nabucodonosor revelou que os quatro reinos que deveriam governar o mundo enfraqueceriam de forma equivalente à proporção do valor do ouro, prata, bronze e ferro; e que,

finalmente, a desunião dos reinos divididos seria comparada à fragilidade do ferro misturado com o barro lamacento. Então viria o reino dos céus, que seria introduzido após a destruição desses reinos, os quais se tornariam como palha da eira do verão, de modo que não se acharia mais o lugar deles, ao passo que o reino de Deus encheria toda a Terra.

Na visão do capítulo sete, sob o símbolo de quatro grandes animais, o mesmo assunto é abordado novamente, e outras características são acrescentadas. Neste capítulo, é traçado o avanço e a obra do poder do “chifre pequeno”, que se levantaria, após a divisão do quarto reino em dez partes, derrubando e dominando três deles para estabelecer a si mesmo como governante espiritual sobre eles todos. Este poder papal deveria prosseguir, na situação fragilizada e dividida do quarto reino, por 1260 anos. Assim foram revelados eventos que abrangem o tempo em que Cristo receberá o reino de Seu Pai, e o dará aos santos do Altíssimo; um reino que deverá, finalmente, governar toda a Terra e permanecer para sempre.

Os 2.300 dias

No capítulo 8 de Daniel, na visão sobre o cordeiro, o bode e o “chifre pequeno que se tornou muito forte” (Daniel 8:9), o profeta é novamente levado ao fim dos tempos. Nos versos 13 e 14, sua atenção é direcionada a um período de tempo de 2300 dias, os quais se estendem até o juízo. Seria um longo período de tempo, e assim o profeta o entendeu; pois o anjo lhe informou que a visão era ainda para muitos dias. Como, na ocasião, a data de seu início não havia sido revelada, ele encerra o capítulo dizendo: “Espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse” (Daniel 8:27).

As 70 semanas até o Messias

O capítulo 9 conta que um anjo veio até Daniel, em resposta a sua petição, para dar-lhe habilidade e entendimento. O anjo lhe informou sobre um período de setenta semanas (cada dia da semana representando um ano). Sessenta e nove destas semanas de anos [é-nos dito que é o significado da palavra shevoim, “semanas”, represente “semanas de anos”] se estenderiam até o Messias. O ponto de início desse período – a “ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém” (Daniel 9:25) – ainda não havia sido declarado. Surge então a pergunta: como poderia Daniel saber quando terminariam as sessenta e nove semanas? No capítulo doze, a questão do tempo é novamente conside-

rada, e, quando Daniel pergunta: “qual será o fim destas coisas?” (Daniel 12:8), é-lhe dito que siga seu caminho, pois as palavras estão “fechadas e seladas até ao tempo do fim,” quando os “sábios entenderão” (Daniel 12:10).

Sem dúvida alguma, esta questão do tempo é uma das coisas a que Pedro se refere quando diz:

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam (1 Pedro 1:10, 11).

O destino dos ímpios

Malaquias, o último dos profetas do Antigo Testamento, deixa uma impressionante descrição da destruição final dos ímpios: “Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que preparei, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 4:1-3).

Uma vez que os Israelitas possuíam consigo o registro de todos estes acontecimentos, escritos no Antigo Testamento, revelando-lhes tantas características do plano da salvação, quão grande deve ter sido o interesse dos aplicados estudantes das Escrituras, ao perceberem que o momento da chegada da Semente prometida se aproximava. Enquanto que as multidões, e mesmo aqueles que liam as Escrituras nas sinagogas todos os sábados, foram falharem em compreendê-la (Atos 13:27), os devotos e estudiosos, que fielmente examinavam as Escrituras sob a direção do Espírito, oraram intensamente, como o fez o apóstolo João em sua despedida: “Vem, Senhor Jesus, e vem depressa!”

Capítulo 3



A VINDA DA SEMENTE PROMETIDA

“Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, [...] nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gálatas 4:4, 5).

“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações, ao Deus único e sábio seja glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos” (Romanos 16:25-27).

“Pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco [...] o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito. [...] A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas” (Efésios 3:3-9).

Tem sido dito que, no Antigo Testamento, o evangelho está escondido, e, no Novo Testamento, ele é revelado. Conforme expresso por outro autor:

À medida que se afastaram de Deus, os judeus, em grande medida, perderam de vista os ensinamentos do serviço do santuário. Esse serviço tinha sido instituído pelo próprio Cristo. Era cheio de vitalidade e beleza espiritual, e em cada detalhe simbolizava a Ele. Mas os judeus

perderam a vida espiritual de suas cerimônias, e agarraram-se a formas mortas. Confiavam nos próprios sacrifícios e ordenanças, em vez de descansar nAquele a quem eles apontavam.

Buscavam um governador temporal

Embora os judeus desejassem a vinda do Messias, não tinham qualquer noção de Sua missão. Não buscavam redenção do pecado, mas libertação dos romanos. Esperavam que o Messias viesse como um conquistador, para quebrar o poder do opressor, e exaltar Israel ao domínio universal. Assim, estava preparado o caminho para rejeitarem o Salvador.

O povo, em trevas e opressão, e os governantes, sedentos de poder, ansiavam pela vinda de alguém que vencesse seus inimigos e restaurasse o reino de Israel. Haviam estudado as profecias, mas sem discernimento espiritual. Desse modo, negligenciaram as escrituras que apontavam para a humilhação do primeiro advento de Cristo, e aplicaram erroneamente as que falam da glória de sua segunda vinda. O orgulho obscureceu-lhes a visão; interpretaram a profecia de acordo com seus desejos egoístas.

Por mais de mil anos, o povo judeu tinha esperado a vinda do Salvador. Depositaram suas mais ardentes esperanças nesse evento. Na música e na profecia, no ritual do templo e nas orações domésticas, tinham entesourado Seu nome. Mesmo assim, não o conheceram na Sua vinda. O amado do céu era para eles “como raiz de uma terra seca”; ele não tinha “aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia, que nos agradasse” (Isaías 53:2). “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11).

Da linhagem de Davi

À medida que o tempo previsto por Daniel se aproximava, quando o “Messias, o Príncipe” – o Ungido – apareceria, o povo judeu poderia ter argumentado, e, sem dúvida, o fez, da seguinte maneira: O Messias, segundo a carne, é para vir da casa e da linhagem de Davi. Portanto, seu nascimento deve ser dessa linhagem, e, de acordo com os regulamentos e costumes da lei judaica, ele deve ser ungido para o serviço público com a idade de trinta anos. Se ele deve surgir como o ungido nessa idade, então o seu nascimento deve acontecer trinta anos antes do término das sessenta e nove semanas de anos, que se estenderiam até à vinda do Messias.

Predições de Simeão e Ana

Nessa época, todo o Israel estava em expectativa. Os sinceros e dedicados estudantes das Escrituras estavam procurando pelo nascimento daquele que seria seu Soberano e Governador. Ao idoso e piedoso Simeão, “revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor.”

Quando o bebê Salvador foi levado ao templo, Simeão soube que essa criança era Aquele a quem se chamaria “o Cristo”.

Simeão o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo de Israel (Lucas 2:28-32).

Simeão os abençoou [a José e Maria] e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição (também uma espada traspassará a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações (Lucas 2:34-35).

Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. [...] E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém (Lucas 2:36-38).

Anjos visitam os pastores

Antes disso, anjos haviam anunciado as boas novas do nascimento do Salvador aos pastores nas planícies de Belém. Aos ouvidos atentos dos pastores, os anjos cantaram esses acordes melodiosos:

Glória a Deus nas maiores alturas, e Paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem (Lucas 2:14).

Os sábios do oriente visitam Belém

Depois disso, vieram os sábios do Oriente, que tinham visto o “surgir da estrela”, como previsto por Balaão. Seguindo-a em seu curso, chegaram a Jerusalém, onde fez-se necessário que indagassem a respeito do recém-nascido monarca. Sendo instruídos de que Belém seria a cidade natal do Desejado, puseram-se a caminho, e, guiados pela estrela que havia reaparecido, foram

levados ao berço do humilde Salvador. Lá adoraram a essa criança divina, presenteando-O com ouro, incenso e mirra, e, em seguida, retomaram sua longa viagem de volta para casa.

O Salvador, aos doze anos de idade

Até os doze anos de idade, pouco é relatado sobre Cristo, o Salvador, exceto seu crescimento em sabedoria, estatura e sua respeitosa submissão a seus pais. Mas com a idade de doze anos, tendo acompanhado José e Maria a Jerusalém para assistir à festa anual, ali surpreendeu os sacerdotes com o conhecimento que demonstrava em suas perguntas, bem como nas respostas aos complicados problemas que eles lhe apresentavam. Desde então, até o início de seu ministério público, a humilde ocupação de carpinteiro foi por ele honrada, ao exercê-la junto a José, marido de Maria.

A missão de João Batista

Seis meses antes de seu ministério público, a missão de Cristo foi anunciada por João Batista. Grandes multidões vinham ouvir a João, sendo por ele batizadas.

Estando o povo na expectativa [esperando a vinda do Messias], e discorrendo [racionalizando, ou debatendo] todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo; João respondeu a todos eles dizendo: Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível (Lucas 3: 15-17).

Jesus é batizado

Enquanto batizava, João viu a Jesus vindo para ser batizado por ele e disse:

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. [...] E João testemunhou, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele. Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus (João 1:29-34).

A voz vinda do Céu

A divindade de Cristo foi confirmada, não apenas pela descida visível do Espírito Santo em forma de pomba, mas também por uma voz vinda do céu. No Evangelho de Mateus, lemos assim:

Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mateus 3:16, 17).

Apesar de João não ter realizado “nenhum sinal,” o povo, quando viu o enorme poder que caracterizava o ministério de Cristo, foi constringido a dizer: “tudo quanto [João] disse a respeito deste era verdade” (João 10:41).

Cristo foi ungido de acordo com a Lei

Ligado ao relato de Lucas quanto ao batismo e à unção do Espírito Santo sob a forma de pomba, lemos: “tinha Jesus cerca de trinta anos” (Lucas 3:23).

Após o longo jejum de quarenta dias ao qual Jesus se submeteu, e as terríveis tentações do demônio no deserto que seguiram-se a Seu batismo,

Indo [Jesus] para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. [...] O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres. [...] Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir (Lucas 4:16-21).

O tempo está cumprido

Marcos, ao registrar o mesmo evento, disse: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Marcos 1:15). O tempo previsto para o aparecimento do Ungido havia chegado. Ele havia recebido a unção do Espírito Santo em Seu batismo, iniciando Seu ministério exatamente no tempo e da forma predita pelos santos profetas de outrora.

Prova visível do ministério de Cristo como Messias

O ministério de Cristo foi acompanhado de uma constante realização de milagres, que, para o povo, mesmo que falhassem em compreender completamente Suas parábolas e palavras, era uma prova visível de que Ele era Emanuel, ou de que “Deus estava com ele” (Atos 10:38; João 3:2). Através

desse milagres, Cristo demonstrava possuir, Ele mesmo, o poder de Deus, e revelava Sua bondade e Seu caráter. Quando, após passar três anos em proximidade com Cristo e ser testemunha de Seus poderosos milagres, Filipe disse: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”, Jesus lhe respondeu:

Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tendes conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? [...] Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me ao menos por causa das mesmas obras (João 14:8-11).

João fica perplexo

João testemunhou a descida visível do Espírito Santo sobre Cristo e ouviu a voz do céu que O declarava Filho de Deus. Ele mesmo declarou que Cristo era “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” No entanto, os eventos foram se desenrolando de forma tão oposta às suas expectativas que, em sua prisão sombria, ficou conturbado e confuso.

Como os discípulos do Salvador, João Batista não compreendia a natureza do reino de Cristo. Esperava que Jesus tomasse o trono de Davi; e, ao passar o tempo, e o Salvador não reclamar nenhuma autoridade real, João ficou perplexo e turbado. (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 144).

E João, chamando dois [de seus discípulos], enviou-os ao Senhor para perguntar: És tu aquele que estava para vir ou devemos de esperar outro? [...] Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então, Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes (Lucas 7:19-22; Mateus 11:4).

Foi com dificuldade que o povo judeu, ou mesmo os discípulos, pôde entender claramente muitas das verdades que o Salvador anunciou, pois todos estavam demasiado estabelecidos na crença de que, quando o Messias viesse, quebraria o jugo romano que tanto os incomodava, e restauraria imediatamente o reino de Davi, governando como um rei temporal.

Jesus começou sua pregação dizendo: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 4:17). Quando seus apóstolos foram enviados, eles levaram a mesma mensagem, “Está próximo o reino dos céus” (Mateus 10:7). Mais tarde em Seu ministério, ao enviar Ele os setenta, instruiu-os a dizer as mesmas palavras: “A vós outros está próximo o reino de Deus” (Lucas 10:9).

O povo se maravilhou com a obra de Cristo

As maravilhosas palavras e ensinamentos de Cristo levaram o povo a dizer: “Jamais alguém falou como este homem” (João 7:46). Quando ele curou um homem cego e mudo, “Toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi?” (Mateus 12:23). Em outras palavras: Não é esta a semente de Davi, o Salvador prometido?

E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? (Mateus 13:54, 55).

Cerca do terceiro ano do ministério de Cristo, indo ele ao templo para a festa da dedicação, vieram a ele os judeus e lhe perguntaram: “Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente” (João 10:24). No ano anterior, quando fez o maravilhoso milagre de alimentar cinco mil com “cinco pães de cevada e dois peixinhos,” “sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte” (João 6:15).

Cristo conta aos discípulos acerca de Sua morte

No ensino a seus discípulos, Cristo dissipou a ideia do estabelecimento de um reino temporal de começo imediato, e mostrou-lhes que deveria morrer e ressuscitar, partir e, então, voltar outra vez. Portanto, perguntou-lhes: “Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?” (João 6:62). Após adverti-los “de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo”, lemos:

Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá (Mateus 16:20-22).

Na mesma ocasião, ele lhes disse que alguns deles não morreriam até ver o Filho do homem vindo em seu reino (Mateus 16:28, Lucas 9:27). Cerca de oito dias depois, essa profecia se cumpriu. O apóstolo Pedro se refere

à “visão” de Cristo vindo em seu reino como sendo uma prova da segunda vinda de Cristo, ainda futura (2 Pedro 1:16-19).

Certa vez, quando Cristo e Seus discípulos estavam na Galileia, Ele lhes declarou:

O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então os discípulos se entristeceram grandemente (Mateus 17:22, 23).

No entanto, eles ainda não haviam entendido ou captado o que Ele queria dizer. Pois, enquanto Ele tentava impressionar as suas mentes com a verdade solene sobre sua morte e ressurreição, eles estavam discutindo sobre quem deveria ser o maior no reino dos céus (Mateus 18:1; Marcos 9:33, 34).

Em outra ocasião, Pedro disse a Jesus:

Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mateus 19:27, 28; Lucas 22:28-30).

Mesmo assim, a ideia de que um reino seria estabelecido imediatamente predominou na mente deles, e eles, como humanos, começaram a buscar o lugar mais alto do reino.

Em seguida, vem a ambiciosa mãe de Tiago e João, filhos de Zebedeu, pedindo a Cristo que seus filhos fossem favorecidos com altos cargos – um à direita e outro à esquerda do seu trono; ou talvez, que um fosse o Primeiro Ministro e o outro o Secretário de Estado. Mas Cristo disse claramente: “Não sabeis o que pedis” (Mateus 20:20-24).

A entrada triunfal em Jerusalém

Não muito depois desses acontecimentos, Lázaro foi ressuscitado, o qual estava morto havia quatro dias. Esse poderoso milagre assombrou o povo a tal ponto que os fariseus ficaram alarmados, convocando de pronto, juntamente com os sacerdotes, um concílio. Em suas deliberações, perguntaram:

Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação (João 11:47, 48).

Ao mesmo tempo que um poder satânico tomava conta dos que tentavam destruir a Cristo, um poder do alto movia as massas para glorificá-lo e cumprir o que havia sido predito a Seu respeito.

Nessa ocasião, o povo saiu em massa, não só para ver a Jesus, mas também a Lázaro, a quem Ele ressuscitara dos mortos. Agora, parecia-lhes seguro que Jesus era o tão esperado rei; e, encontrando-O a caminho de Jerusalém, montado num jumentinho, vieram-lhes com força à mente essas palavras da Escritura: “Não temas, filha de Sião; eis que o teu Rei aí vem, montado em um filho de jumenta” (João 12:15). Um forte clamor de triunfo se ergueu daquela vasta multidão, o qual muito perturbou os fariseus, astutos e insensíveis de coração. Eles disseram entre si: “Vedes que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após ele” (João 12:19). Então, pediram que Cristo fizesse calar as tais aclamações, ao que Ele respondeu: “Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lucas 19:40). O Senhor havia dado a seguinte ordem a respeito desta ocasião: “Clamai!”, e, se o povo não obedecesse, ele daria voz às pedras do caminho, e elas clamariam, porque Sua palavra tem de ser cumprida.

Cristo deve partir e retornar

O Salvador não procurou apenas mostrar aos discípulos que ele estava para morrer e, em seguida, ressuscitar, mas buscou também ensinar-lhes que Seu reino não viria enquanto Ele não partisse e retornasse. Referindo-se a Sua crucificação, disse:

E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer. Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado? Quem é esse Filho do Homem? (João 12:32-34).

Para impressionar ainda mais as mentes dos discípulos com o fato de que precisava partir e retornar, antes que Seu reino fosse estabelecido na Terra, Cristo disse:

Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir; [...] Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podeis seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás (João 13:33-36).

Então, Ele lhes encorajou o coração aflito e preocupado nas seguintes palavras:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (João 14:1-3).

A parábola do homem nobre

Ainda com o intuito de corrigir a falsa ideia de que seu reino seria estabelecido imediatamente, o Salvador contou-lhes outra parábola enquanto subia para Jerusalém com Seus discípulos:

Certo homem nobre partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar. Chamou dez servos seus, confiou-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu volte. [...] Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do reino, mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber que negócio cada um teria conseguido (Lucas 19:11-15).

Nesta parábola, o Senhor, pelo homem nobre, representa a Si mesmo. Ele estava de saída para um país distante – para seu Pai – onde receberia o reino, antes de voltar para reinar.

Em resposta à pergunta dos discípulos: “que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?” (Mateus 24:3), o Salvador delineou os eventos que sobreviriam à igreja até a grande tribulação, e os claros sinais que ocorreriam. Quando tais eventos ocorressem, os discípulos saberiam que Sua vinda estava próxima, mesmo às portas, e que a geração que os presenciara tais sinais não deixaria o palco de ação até que ele viesse (Mateus 24; Lucas 21; Marcos 13).

Abandonado por todos os discípulos

Apesar de todas as instruções que Cristo dera aos discípulos acerca de Sua morte e humilhação, eles fracassaram completamente em compreender a verdade que lhes revelou sobre Seu julgamento e crucificação. Tinham uma tão fraca concepção da verdade que, vindo a provação, morreu-lhes a esperança, e “então, deixando-o, todos fugiram” (Marcos 14:50). Até mesmo Pedro, aquele discípulo sempre fervoroso, o qual havia prometido que, se todos O abandonassem, ele nunca o faria, umas poucas horas depois, negava

seu Senhor, jurando que não O conhecia. Quando o Senhor afirmava que, no terceiro dia após a crucificação, Ele ressuscitaria dentre os mortos, os discípulos questionavam e discorriam entre si sobre o “que seria o ressuscitar dentre os mortos” (Marcos 9:10). Tão faltos de fé eram eles que, depois de Sua morte, quando Seu corpo foi colocado no túmulo novo de José, fizeram os preparativos para o embalsamarem. Tendo perdido a esperança – como se sepultada com Cristo no túmulo – podemos imaginar que terrível sábado foi aquele para os discípulos! Com o coração carregado de tristeza e decepção, e sem ter por perto seu piedoso e compassivo Salvador – cuja vida havia sido repleta de atos de ternura e misericórdia – para os confortar e fortalecer, quão desoladora era sua condição!

Comoventes eventos na manhã da ressurreição

Amanhece o primeiro dia da semana! Há grande movimentação no céu e na terra! Um poderoso anjo desce do reino da glória até o túmulo de José, ordenando que o Filho de Deus ressuscite.

E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos (Mateus 28:2-4).

Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos (Mateus 27:52, 53).

Imagine umas testemunhas como essas entrando em Jerusalém, aparecendo às portas de seus amigos com a mensagem de que o Cristo crucificado ressuscitara dentre os mortos, e que, por Seu poder, Ele as havia trazido de volta à vida, a fim darem testemunho a respeito de Sua ressurreição. Que agitação deve ter havido entre os discípulos e as santas mulheres, correndo aqui e ali para contar as alegres novas: “Ele ressurgiu dentre os mortos, pois nós O vimos e falamos com Ele!”

Jesus caminhando pela região

Naquele mesmo dia, dois deles estavam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que distava de Jerusalém cerca de sessenta estádios [doze

quilômetros]. Iam conversando a respeito de tudo aquilo que se havia sucedido. E aconteceu que, enquanto conversavam e arrazoavam juntos, o próprio Jesus se aproximou e se uniu a eles na jornada. Os olhos, porém, estavam-lhes como que impedidos de O reconhecer. Então, Jesus lhes perguntou: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.

Então, lhes disse Jesus:

Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras (Lucas 24:13-27).

Quando Ele estava com eles à mesa, tomou o pão, e, tendo dado graças, o partiu.

Então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras? (Lucas 24:31, 32).

Os discípulos finalmente compreenderam, depois de o problema lhes ser totalmente exemplificado de forma prática, que tinha de haver uma morte e uma ressurreição relacionados à missão do Salvador. Mas como deveriam considerar a questão sobre Seu reino?

A estes, também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias (Atos 1:3-5).

“Será este o tempo em que restaures o reino?”

Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? [Como se dissessem: nós aprendemos que era necessário que o Senhor fosse crucificado, e ressuscitasse dentre os mortos, segundo as Escrituras; mas não vai restaurar o reino agora?] Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra. Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir (Atos 1:6-11).

Jesus deveria permanecer no céu até a restauração

Agora que o Salvador havia partido, e os discípulos O haviam visto “subir para onde estava antes”, tinham a certeza de que o Espírito Santo lhes revelaria o momento em que o reino viria. Então, Pedro, em suas instruções ao povo após receberem o Espírito Santo, disse:

E que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade (Atos 3:20, 21).

O Espírito Santo também revelou a Pedro os fatos referentes aos três mundos: primeiro, o mundo antes do dilúvio, que foi destruído pela água; segundo, o mundo atual reservado para o fogo – fogo com o qual a terra é armazenada, como diz a *Revised Version*¹ – aquele fogo que será a perdição,

¹ A *Versão Revisada* em inglês, publicada em 1885.

ruína e destruição dos ímpios; terceiro, a Nova Terra “[na qual] habita a justiça”, ou, como alguns traduzem “onde os justos habitarão” (2 Pedro 3:5-13).

O apóstolo Paulo fala da ressurreição do povo de Deus e da transformação de todos os Seus santos, de mortais em imortais, “num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta” (1 Coríntios 15:52). Disse aos Coríntios que Cristo está, atualmente, no trono do Pai, e lá Ele permanecerá até que todos os seus inimigos sejam submetidos a ele. Ou seja, até que o reino – Seu reino – seja entregue em Suas mãos pelo Pai, como profetizado em Daniel 7:13, 14 e Salmos 2:8, 9. Para os Tessalonicenses, ele apresentou a vinda e a ressurreição de Cristo como sua única esperança, o verdadeiro consolo frente à morte de seus entes queridos.

O retorno do Mestre não estava totalmente claro

No entanto, a igreja não sabia o tempo exato em que o Mestre iria voltar. Quando o apóstolo, em sua primeira carta aos Tessalonicenses, disse: “Depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados” (1 Tessalonicenses 4:17), os irmãos entenderam erroneamente que Cristo viria enquanto alguns deles ainda estivessem vivos. Em sua segunda epístola, ele lhes corrigiu a errônea compreensão da carta anterior, dizendo:

Porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto (2 Tessalonicenses 2:3, 4).

A apostasia

A igreja, porém, foi deixada a tatear no escuro, quanto ao dia da segunda vinda de Cristo. Os irmãos entenderam que haveria uma apostasia, mas não sabiam qual seria sua duração. Essa questão foi respondida na visão dada a João na ilha de Patmos, mediante os símbolos encontrados nos capítulos doze e treze do Apocalipse – “um tempo, tempos e metade de um tempo”, os “quarenta e dois meses” e os “mil duzentos e sessenta dias” (anos) – mas o evento que dá início a esse longo período ainda não havia ocorrido. Assim, a igreja aguardava a vinda de Cristo, sem saber o momento exato em que ela ocorreria; pois, quando o tempo da tribulação tivesse passado, haveria ainda um período de conflito e triunfo para a “igreja remanescente”.

Nos registros finais do Novo Testamento, o tema da segunda vinda de Cristo nos é claramente apresentado. Cerca de um em cada trinta versos menciona, de alguma forma, a segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Acerca da posição da igreja, em respeito a essa esperança que se estende até os tempos modernos, Robert Patterson, D.D., fala da seguinte maneira, em um periódico chamado “O Interior”, sob o título “A Bendita Esperança”:

O milênio temporal – Patterson

Quando nosso Senhor deixou sua igreja na terra para ir para o Pai, estava ela em uma condição lamentável. Seus quinhentos discípulos foram cercados por seus inimigos, organizados em religiões e governos anticristãos por uma das maiores inteligências, liderados pela malícia das mais venenosas, e educados por séculos na prática dos mais eficientes métodos de destruição. O Senhor sabia do perigo que corríamos, e não o amenizou em Seus últimos discursos, nem mesmo prometeu qualquer alívio da inimizade do mundo e das tribulações da igreja. Mas prometeu que voltaria para derrotar seus inimigos, e que nos sustentaria até esse bem-aventurado dia. “O mundo vos odeia” (João 15:19). “No mundo, passais por aflições” (João 16:33). “Vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. [...] Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar” (João 16:20-22). “E, quando eu for [...] voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (João 14:3).

Com a bem-aventurada esperança de Seu retorno pessoal, confortou Ele sua igreja ao partir. Disse que, em sua ausência, sofreríamos tribulações; e assim tem sido. Se desfrutarmos de um período de paz exterior durante Sua ausência, se Sua igreja for liberta dos ataques do mundo, se houver um tempo de pureza em que o joio não crescerá no meio do trigo, ou se, na Sua vinda, Ele for bem recebido pelos habitantes de uma terra cheia da glória do Senhor, ou até mesmo encontrar fé na terra, será para Ele a mais inesperada surpresa. Jesus não sabia de um milênio assim. Declaramos que Ele não tinha conhecimento disse porque nunca disse nada a esse respeito. E ele diz: “Tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer” (João 15:15). Mas em nenhum de seus discursos e parábolas há indicação de que devemos aguardar um período de paz ou de glória antes de sua vinda. Os apóstolos também não sabem de nenhum milênio sem Cristo. Ao longo dos trezentos anos que se seguiram à partida de nosso Senhor, a bendita esperança da Igreja foi a esperança de Seu retorno.

Mas, quando, no curso da sua predita apostasia, a noiva de Cristo começou a consolar-se na Sua ausência, obtendo a amizade dos reis da terra, automaticamente desviou seu olhar do céu ao oriente e do retorno de seu Senhor, que lhe poria fim à grandeza mundana. Quando os reformadores levaram à boca a trombeta do evangelho [...] os sonhos de um milênio sem Cristo foram imediatamente varridos, [...] e a igreja voltou a aguardar a vinda do Senhor para destruir o Anticristo. [...] Em suas cartas, sermões e profissões de fé, os reformadores proclamaram suas esperanças pré-milenialistas.

A Assembleia de Westminster conclui seu juramento com uma declaração de fé na segunda vinda do Senhor, em palavras que expressam de maneira plena a fé de pré-milenialistas. Eles o proclamam de forma momentosa: “Do mesmo modo que Cristo queria que fôssemos plenamente persuadidos de que haverá um dia de juízo, tanto para dissuadir os homens do pecado, quanto para uma maior consolação dos justos nas suas adversidades, de mesmo modo decidiu ele não revelar esse dia aos homens, a fim de que abandonem toda a segurança carnal e estejam sempre atentos, pois não sabem a que hora o Senhor virá. Precisam estar sempre preparados para dizer: Vem, Senhor Jesus, e vem depressa!”

Nossos antepassados reformadores fortaleceram seus corações aguardando a vinda do Senhor, e encorajaram uns aos outros dizendo: “Aguentem firme! Pois ele vem com legiões de socorro – um sentimento incorporado recentemente a um hino popular de reavivamento, mas familiar aos antigos escoceses guardadores da aliança.

Mas não demorou muito para que uma segunda apostasia se estabelecesse entre as igrejas reformadas. Era conhecida na Escócia como Moderatismo; na Inglaterra, como o Arianismo; e, mais recentemente, como Amplo Igrejismo; na América, chamava-se Unitarianismo; e na Alemanha, Racionalismo. Estabelecendo a razão humana como juiz, e nossa tão limitada observação moderna como evidência, e afirmando que nenhum evento poderia ocorrer se não estivesse de acordo com as leis observadas na natureza, essa filosofia reduziu Jesus à posição de um rabino, um pouco à frente de sua época, mas totalmente ignorante quanto à ciência moderna. Consequentemente, a crença de que alguém assim voltaria do mundo invisível para reinar sobre a terra foi remetida à mitologia hebraica.

Daniel Whitby fala sobre o Milênio

As promessas de Sua segunda vinda e de Seu reino sobre a Terra, foram interpretadas como significando apenas a propagação de Seu evangelho e a sujeição de grande parte do mundo ao Cristianismo por um período de 1000, ou, como alguns pensavam, 360.000 anos; durante esse período, a humanidade deveria avançar nas artes da civilização e desfrutar de paz e prosperidade sem precedentes. No final desse período tão longo, demasiadamente vasto para ser compreendido por mentes comuns, uma grande comoção da natureza poderia ocorrer, e seria dito que o Senhor iria vir e destruir o mundo, convocando a raça humana para juízo. Esta teoria foi elaborada e disseminada por um comentarista Inglês chamado Whitby [Daniel Whitby morreu em 1726], que, por cartas suas que foram publicadas, provou-se ser um ariano, mas cujos comentários eram populares entre seu próprio grupo, e cujo milênio mitológico foi recebido com favor por muitos dos pensionistas ortodoxos e amigos das igrejas Estatais da Europa, às quais ele prometia um longo arrendamento de dízimos e homenagens. Por sua influência, essa filosofia foi importada para a América, onde foi imediatamente utilizada como matéria para embasar chavões e orações retóricas.

Tais as teorias nas variadas partes do mundo, ao nos aproximamos do momento em que o Senhor enviou o solene aviso de sua vinda, mesmo “às portas” (Mateus 24:33).

Capítulo 4



O TEMPO DO FIM

“Então eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. [...] “Os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão” (Daniel 12:8-10).

“Ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim ...” (Daniel 8:17).

“Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadriarão, e o saber se multiplicará” (Daniel 12:4).

Que significa a expressão “tempo do fim”? Não pode ser o fim de tudo, pois nesse caso, a porção “selada” da profecia de Daniel não teria qualquer proveito para a humanidade. Uma vez que as coisas “reveladas nos pertencem a nós” (Deuteronômio 29:29), essa porção precisa ser aplicável a algum período de nossa história. Assim, a expressão “tempo do fim” parece referir-se a um período pouco antes do fim, propriamente dito, no qual as coisas apresentadas a Daniel seriam compreendidas.

O dia da Sua preparação

Isso sem dúvida se refere ao tempo ao qual o profeta Naum chama de o “dia do seu aparelhamento” (Naum 2:3). Nesse trecho o profeta fala da destruição de Nínive: “Eis o estalo de açoites e o estrondo das rodas; o galope de cavalos e carros que vão saltando” (Naum 3:2). Mas a atenção do profeta é primeiro chamada para uma calamidade maior, que viria sobre todo o mundo:

Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem; e a terra se levanta diante dele, sim, o mundo e todos os que nele habitam. Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua ira? A sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas. [...] Ele mesmo vos consumirá de todo; não se levantará por duas vezes a angústia (Naum 1:5-9).

Carros com tochas flamejantes

Mais adiante, o profeta fala sobre esse dia de preparação:

Os carros como tochas flamejantes no dia da sua preparação, e os ciprestes serão terrivelmente abalados. Os carros passam furiosamente pelas ruas e se cruzam velozes pelas praças; parecem tochas, correm como relâmpago. Os nobres são chamados, mas tropeçam em seu caminho; apressam-se para chegar ao muro e já encontram o testudo inimigo armado (Naum 2:3-5).

Que acurada descrição dos modernos trens correndo qual relâmpagos, com o condutor constantemente contando e recontando seus passageiros, de uma estação a outra! E como andam tropeçando quando o trem está em movimento! Além disso, há um enorme consumo de árvores para construir ligações ferroviárias, cavaletes de trabalho, coberturas contra a neve, etc. Diz-se que uma estrada ao longo das Montanhas de Sierra Nevada possui quarenta e sete milhas de coberturas contra a neve feitas com árvores. E isso, o profeta disse que ocorreria no “dia do seu aparelhamento”.

O profeta Joel também fala do tempo do fim, quando é dada a seguinte ordem aos servos do Senhor:

Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo (Joel 2:1).

E uma vez mais é dito, pelo profeta Sofonias:

Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto, pois o dia se vai como palha; antes que venha sobre ti o furor da ira do Senhor, antes que venha sobre ti o dia da ira do Senhor. Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura lograreis esconder-vos no dia da ira do Senhor (Sofonias 2:1-3).

Para entender mais claramente o que significa a expressão “tempo do fim”, e quando começa, vamos citar outro caso, no qual o mesmo termo é usado. No décimo primeiro capítulo de Daniel, há um poder perseguidor que manteria seu domínio até o tempo do fim. O Senhor diz a respeito dele:

Alguns dos sábios cairão para serem provados, purificados e embranquecidos, até ao fim do tempo, porque se dará ainda no tempo determinado (Daniel 11:35).

A obra do chifre pequeno

A maioria dos comentaristas protestantes concordam em aplicar o poder do “chifre pequeno” de Daniel 7 à igreja romana, que tinha o poder civil em suas mãos durante o “tempo determinado”. Esse tempo determinado foi de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Daniel 12:7). Estes foram os 1260 dias proféticos – 1260 anos – do governo civil do chifre pequeno, que se estenderam de 538 a 1798 d.C. Nessa última data [1798] o poder do chifre pequeno foi retirado – no “tempo determinado”. Naquela data, o povo cessou de “cair” por mão desse poder, como haviam estado a cair até ali [Daniel 11:35]. Portanto, o ano de 1798 marca o início desse período de tempo profético, chamado “tempo do fim”.

Em 1798 encerraram-se os “mil duzentos e sessenta dias” – 1260 anos – durante os quais as “duas testemunhas” (Velho e Novo Testamentos) do Senhor deviam “profetizar [...] vestidas de saco” (Apocalipse 11:3). Durante a Idade das Trevas, marcada pela perseguição, as Escrituras foram mantidas nos idiomas grego e latim, que as pessoas comuns não entendiam. Esta restrição do acesso à Bíblia se compara a estar ela “vestida de saco”.

As duas testemunhas são assassinadas

Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar [vestidas de saco], a besta que surge do abismo peleará contra elas [Satanás incitando e usando homens mundanos], e as vencerá, e matará, e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado [é crucificado, Versões Dinamarquesa e Revisada]. Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem esses cadáveres sejam sepultados (Apocalipse 11:7-9).

O reino de terror

O assassinato dessas testemunhas ocorreu no chamado “reino de terror”, na França, de 1792 a 1795 – ou seja, por três anos e meio. Apesar da Revolução Francesa continuar por cerca de seis ou sete anos, durante os primeiros três anos e meio, grandes esforços foram empregados na tentativa de destruir a Bíblia, a religião e a todos os que se atrevessem defendê-las. Declarando guerra à monarquia e ao sacerdócio, a Revolução Francesa transformou-se numa luta para exterminar tanto Deus quanto a Bíblia. A seguinte citação fala sobre o tempo imediatamente anterior à Revolução:

Nunca se esqueçam que, antes da Revolução de 1792, os promotores de infidelidade na França se uniram e gastaram cerca de 4.500.000 dólares em um ano, comprando, imprimindo e disseminando livros, com o fim de corromper as mentes do povo, e prepará-las para tomar medidas desesperadas (Christopher Anderson, *The Annals of the English Bible*, p. 494).

Escritores descrentes

O caminho para esta revolução foi preparado pelos escritos de Voltaire, Mirabeau, Diderot, Helvetius, D’Alembert, Condorcet, Rousseau, e outros desse mesmo gênero, nos quais os autores se esforçaram por disseminar princípios subversivos, tanto da religião natural, quanto da revelada. A revelação não foi apenas contestada, mas deixada completamente de lado. A Divindade foi banida do universo, e substituída por um fantasma imaginário sob o nome de “deusa da razão” (Thomas Dick, *On the Improvement of Society*, p. 154).

A situação tomou uma dimensão tal, que, no ano de 1793, artistas teatrais eram ruidosamente aplaudidos por sua blasfema zombaria contra Deus e a Bíblia. Eis um exemplo:

O comediante Monert, na Igreja de St. Roche [Paris], alcançou as alturas da impiedade. “Deus,” disse ele, “se existes, vingues o teu nome ofendido! Dou-Te o desafio. Tu permaneces em silêncio. Não ousas lançar Teus trovões. Quem, depois disso, vai acreditar em Tua existência?” (Adolphe Thiers, *The History of the French Revolution*, Vol. 2, p. 371).

Obra blasfema em Lyon, França

Agora, em relação a como esses que mataram às Testemunhas, estavam “de novo, crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia”, pode ser visto nos procedimentos para uma festa realizada por Fouché, em Lyons, em honra de Chalier, o governador de Lyons que havia sido morto. Antes de sua chegada a Lyon, Fouché ordenou que

todos os símbolos religiosos devessem ser destruídos, e, nos portões dos cemitérios, fosse escrito: a morte é um sono eterno. [...] A estátua de Chalier foi conduzida pelas ruas, seguida por uma imensa multidão de assassinos e prostitutas. Depois deles, veio um jumento levando o evangelho, a cruz, e os vasos de comunhão, que logo foram entregues às chamas; e o jumento foi obrigado a beber, na taça da santa ceia, o vinho consagrado. (Ibid., p. 338).

A “Festa da Razão”, realizada em Paris, é descrita da seguinte forma:

Dirigiram-se, como procissão, até a convenção, e a plebe [...] caricaturava, da forma mais ridícula possível, as cerimônias da religião. [...] Homens, usando sobrepeliz e veste sacerdotal, cantavam aleluias e dançavam a Carmanhola diante do bar da convenção. Lá depositaram a hóstia, as caixas em que esta era guardada, e as estátuas de ouro e prata. Proferiram discursos cômicos. [...] “Ó vós”, exclamou uma comitiva de São Denis, “Ó vós, instrumentos de fanatismo, santos abençoados de todos os tipos, ao menos sede patriotas; levantai-vos em massa e servi ao país, indo para a Casa da Moeda para serem derretidos.” (Ibid., p. 365).

A Palavra de Deus emerge da obscuridade

“Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou” (nas Testemunhas), e “subiram ao céu numa nuvem; e os seus inimigos as contemplaram” (Apocalipse 11:11, 12). Chegara o momento de Deus trazer Sua palavra do anonimato e expô-la perante o mundo. Chegara o momento (1798) de realizar-se um trabalho missionário em todo o mundo. Em 1804, a Sociedade Bíblica Britânica foi organizada. A isso seguiu-se a organização de dezenas de outras Sociedades Bíblicas, e agora a Bíblia está traduzida em todos os principais idiomas do mundo. Deste modo, o destaque das Escrituras (as duas Testemunhas), que agora ocupam um lugar o qual todos têm acesso, compara-se a sua ascensão ao céu em uma nuvem.

No tempo da Revolução Francesa, Voltaire afirmou que, em cem anos, a Bíblia seria totalmente obsoleta. Ao invés disso, no centésimo ano, mais Bíblias haviam sido distribuídas, só na França, do que todas existentes no momento de sua afirmação. E diz-se que, a própria casa em que ele fez tal declaração, é agora usada como uma casa da Bíblia.

Descoberta a pedra Roseta

Há dois pontos, relacionados ao ano de 1798 e ao povo francês, que devemos observar. Em primeiro lugar, naquele ano, o exército francês, sob o comando do general Bertier, derrubou o governo papal em Roma, cumprindo (sem nem mesmo saber) a profecia relativa a este evento, registrada no livro contra o qual eles [o povo] guerreavam. Em segundo lugar, no mesmo ano, no Forte St. Julien, no braço do Nilo chamado Roseta, o exército francês fez uma escavação, e descobriu a famosa pedra Roseta, que agora está no Museu Britânico. Esta pedra possui uma inscrição em três formas: Hieróglifos, a escrita utilizada pelos sacerdotes [egípcios]; o demótico, forma de escrita utilizada pelas pessoas comuns; e o grego. Esta foi a chave para decifrar os escritos demóticos e hieróglifos, que até então eram enigmáticos. “Agora” disse alguém, “a pá e a picareta, desenterrando estes escritos em caracteres demóticos, fornece mais provas da exatidão dos antigos registros bíblicos do que qualquer outra fonte fora das Escrituras em si.” Desta forma, as próprias pessoas que planejavam exterminar a Bíblia, ajudaram, sem perceber, a cumprir a profecia de encerrar o domínio do papado no final dos 1260 anos, e de também descobrir a chave para os escritos que confirmavam a veracidade da Bíblia, que tão arduamente procuravam destruir.

“Deves permanecer na tua herança”

O que o anjo disse a Daniel que deveria ocorrer por ocasião do tempo do fim? Desde o momento em que ele ouviu o santo dizer: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”, (Daniel 8:14), ele se questionou quanto ao que seria “o fim destas coisas”, e quanto tempo elas deveriam durar (Daniel 12:6-8). Finalmente, é-lhe dado a entender que o conhecimento do tempo não era para seus dias. É-lhe dito: “Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança” (Daniel 12:13).

Alguns supõe que essa passagem se refira ao fim do mundo, quando Daniel, juntamente com o restante do povo do Senhor, receberá sua recompensa e permanecerá em sua herança. A palavra hebraica para lote herdado ou pedaço de terra, etc., segundo nos dizem, é gheh-vel. No entanto, não é essa a palavra que, nessa passagem, se traduz por *herança*. A palavra aqui é go-ral. Eruditos em hebraico nos dizem que go-ral ocorre setenta e seis vezes no Antigo Testamento, e é a mesma palavra usada para mencionar a purificação típica do santuário, onde eram lançadas sortes (lotes) para determinar qual dos dois bodes seria morto. Enquanto o sumo sacerdote pegava o sangue do bode para Senhor e entrava no santuário para realizar a purificação, todo o Israel afligia sua alma e confessava seus pecados, para que pudessem ser purificados, e então receber a bênção do sumo sacerdote, ao sair este do santuário. Assim, naquele dia, Israel permanecia em seu lote.

Quando viesse a purificação final do santuário, ao fim dos dois mil e trezentos dias, o caso de Daniel, juntamente com os de todos os justos mortos, seria revisado perante Deus. Assim, Daniel permanece em seu lote.

Palavras seladas até 1798

Em resposta à pergunta de Daniel, “Meu Senhor, qual será o fim destas coisas?” (Daniel 12:8) é dito: “Estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim” (Daniel 12:9). A questão que deixou a mente de Daniel intrigada foi “quando?” ou “quanto tempo?” e “qual será o fim?” Estes foram os pontos que deixaram o profeta perplexo e preocupado, e somente estes pontos é que deveriam permanecer cerrados e selados até o “tempo do fim”; e não o livro todo de Daniel, como alguns imaginavam. Antes de 1798, os estudantes de profecia que receberam luz sobre as setenta semanas, e entenderam que seu início se deu em 457 a.C.; o ministério público de Cristo, sua morte, etc., ocorreram em total harmonia contando sessenta e nove e setenta semanas, começando a partir dessa data. O cumprimento exato da missão do Salvador estando em harmonia com este cálculo, lhes serviu de grande prova de que ele era o verdadeiro Messias e de que a data do início das setenta semanas estava inalteravelmente determinada. Mas sua falta de compreensão de que as setenta semanas eram a primeira parte dos dois mil e trezentos dias, deixou o assunto selado até depois de 1798, conforme predito.

A chave para os 2300 dias

Analisemos, agora, os seguintes fatos. Até o ano 1798, os intérpretes das profecias não tinham luz a respeito de quando os dois mil e trezentos dias terminariam. Eles conseguiam entender os símbolos, a imagem e as bestas do livro de Daniel, mas não sabiam quando os dois mil e trezentos dias terminariam, por não saberem a data de seu início. Como prova disso, lemos no *Midnight Cry* [Clamor da meia-noite], um periódico Adventista publicado então em Nova Iorque, de 15 de junho de 1842:

É muito interessante descobrir os vários escritores independentes que, desde 1798, perceberam o que antes era completamente imperceptível: que as setenta semanas eram a chave para os dois mil e trezentos dias.

Muitos descobrem a luz

Sendo que esse conhecimento havia sido “selado” até a data determinada por Deus para que fosse aberto à compreensão de seu povo, da mesma forma, quando o “tempo do fim” chegou, muitos passaram a investigar as Escrituras, “esquadrinhando-a” a fim de entender esse assunto. Comparando algumas traduções desse texto bíblico, a ideia ficará bem clara:

O Dr. Adam Clarke diz: “Muitos se buscarão pesquisar o sentido; e, desta maneira, o conhecimento aumentará.”

Na Bíblia alemã de Lutero, versão revisada, lemos: “Assim muitos virão a isso, e encontrarão grande entendimento”.

A Bíblia Alemã Paralela diz: “Muitos a percorrerão, e assim o conhecimento aumentará.”

A Bíblia alemã de L. Van Ess, também aceita pelo papa para os leitores católicos, traduz assim: “Muitos a pesquisarão, e o conhecimento será grande.”

A Bíblia sueca declara: “Muitos nela pesquisarão, e o conhecimento se tornará grande.”

Na versão dinamarco-norueguesa, revisada, afirma: “Muitos pesquisarão avidamente, e o conhecimento se tornará abundante.”

No *Midnight Cry* de 15 de junho de 1842, lemos sobre esta busca e consequente compreensão do que estava selado antes de 1798: “Não é uma coincidência maravilhosa que tantos escritores, sem qualquer conhecimento uns dos outros, tenham chegado às mesmas conclusões, quase ao mesmo tempo?”

A seguir, apresentamos uma lista com vinte pessoas distintas, que descobriram a verdade sobre o fim dos dois mil e trezentos dias; não por se comunicarem entre si, mas por pesquisarem diligentemente as Escrituras, guiados pela influência do Espírito de Deus. Encabeçando a lista, está Guilherme Miller, do Estado de Nova Iorque; em seguida vem A. J. Krupp, de Filadélfia, na Pensilvânia; David McGregor, de Falmouth, Maine; Edward Irving, da Inglaterra; Archibald Mason, da Escócia; W. E. Davis, da Carolina do Sul; Joseph Wolff, que trabalhou em várias partes da Ásia; Alexander Campbell, em seu debate com Robert Dale Owen, em 1829; o capitão A. Landers, de Liverpool, Inglaterra; Leonard Heinrich Kelber, de Stuttgart, Alemanha; Lacunza, da Espanha; Hentzepeter, de The Hague, Holanda; Dr. Capadose, de Amsterdam, na Holanda; Rau, da Bavaria; sacerdotes da Tartária, em 1821; estudantes da Bíblia do Iêmen, em seu livro chamado “Seera”; Hengstenberg, em outra parte da Alemanha; russos no Mar Cáspio; Molokaners nas margens do Báltico, etc.

A citação a seguir explica como este assunto foi revelado, de tempo em tempo, a diferentes estudantes da profecia que não se conheciam.

No *Midnight Cry* de 15 de junho de 1842, está escrito assim:

Acabo de receber um livro com o título “Dois Artigos sobre os 2.300 Dias Proféticos de Daniel, e o Dever Cristão de Investigar Acerca do Livramento da Igreja, por Archibald Mason, ministro do evangelho, Wishawtown, Escócia, Newberg. Impresso a partir da edição de Glasgow, por M. Ward Gazeley, 1820”. Neste livro, Mason diz: “Recentemente, vi um pequeno panfleto, publicado pela primeira vez na América pelo Rev. William E. Davis, da Carolina do Sul, e republicado em 1818 em Warkington, no sul da Inglaterra. Este autor afirma que os dois mil e trezentos dias tiveram início com as setenta semanas (Daniel 9:24). Sou obrigado a concordar com esta ideia.”

Davis, da Carolina do Sul

Nesse mesmo volume do *Midnight Cry*, o editor afirmou: “O livro de Davis deve ter sido escrito por volta de 1810.” Ao analisar o raciocínio seguido no livro, ele afirma:

O leitor pode realmente se deleitar com as produções de Miller, Litch, Storrs, ou Hale, mas cremos que ninguém dos atuais escritores sobre o segundo advento sabia da existência deste livro, até semana passada. O

editor deste jornal [do Midnight Cry] nunca tinha ouvido falar dele. A posição de Davis quanto ao tempo, confirmada por Mason, era que os dois mil e trezentos dias terminariam no ano judaico de 1843, isto é, 1844 de nossa era.

Joseph Wolff e outros vinte escritores

No Midnight Cry de 31 de agosto de 1843, lemos que “em 1822, Joseph Wolff (da Inglaterra), publicou um livro intitulado ‘Ele Virá Outra Vez, O Filho do Homem nas Nuvens do Céu.’” E mais:

Em 1826, vinte pessoas, de todas as crenças ortodoxas, reuniram-se em Londres, com o Sr. Wolff, para estudar a Bíblia. Chegaram a essa mesma conclusão de forma unânime. Acrescentaram 45 anos aos 1260.

Se somarmos 45 anos aos 1260 anos, chegaremos a 1843 (ano judaico), que em realidade é o ano 1844 de nossa era.

A posição de Alexander Campbell

No mesmo volume do periódico, afirma-se sobre Alexander Campbell:

Em 1829, teve seu aclamado debate com o infiel Robert Owen, no qual sustentou que as visões de Daniel se estendem até o fim do tempo, que os dois mil e trezentos dias são anos, e que terminarão cerca de 1847 anos após o nascimento de Cristo, que, de acordo com seus cálculos, era quatro anos antes da contagem comum.

Assim, em seu cálculo, os dois mil e trezentos dias terminariam ao final do ano judaico inteiro de 1843 da era cristã – em realidade, nosso 1844.

No Midnight Cry de 21 de setembro de 1843, encontramos uma declaração a respeito de um livro intitulado:

Uma voz para a Bretanha e para a América, numa declaração das Escrituras sobre a segunda vinda de nosso Senhor e Salvador, pela qual diariamente oramos, dizendo: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”, [Mateus 6:10] escrito por capitão A. Landers, de Liverpool, publicado por S. Kent and Co., 1839.

Ele, assim como os outros, fornece um cálculo do tempo, estabelecendo o fim dos dois mil e trezentos dias a 1847 anos após o nascimento de Cristo.

Isto resulta no ano de 1844, já que Seu nascimento aconteceu quatro anos antes da contagem comum (data na *margem* de Mateus 2:1).

Leonard Heinrich Kelber

Na *Review and Herald* de 17 de maio de 1892, há um artigo do irmão L. R. Conradi, de Hamburgo, na Alemanha, que diz:

A maioria de nossos leitores provavelmente já ouviu falar do notável prelado Luterano Bengel, que, no século passado [de acordo com Schaff, Bengel morreu em 1751], fixou a data do aparecimento de nosso Senhor no ano de 1836, baseando seus cálculos no número 666 do Apocalipse. Mas muito tempo antes desse período expirar, outro homem começou a escrever, um diretor de escola chamado Leonard Heinrich Kelber. Seu primeiro panfleto, *O fim está próximo*, surgiu em 1824, contendo uma explicação de Mateus 24 e 25. Foi impresso na Bavária. Mas em 1835, um panfleto maior, com o mesmo título, surgiu em Stuttgart, contendo 126 páginas. Este é de especial interesse, e, a fim de prover a nossos leitores uma ideia melhor a seu respeito, incluo uma tradução do título: *O fim vem, comprovado de forma detalhada e convincente a partir da Palavra de Deus e dos últimos acontecimentos; invalidando totalmente todos os preconceitos contra aguardar a vinda de nosso Senhor, ou contra os cálculos de tempo; mostrando claramente como o prelado Bengel equivocou-se em sete anos, em referência ao grande ano decisivo; porque o término não é em 1836, mas no ano de 1843, no qual a grande luta entre a luz e as trevas terminará, e começará na terra o tão esperado reinado de paz de nosso Senhor Jesus.*

Uma segunda edição surgiu em 1841, também em Stuttgart, e, até onde sei, outra na Saxónia. Como indicado no título, após confrontar os preconceitos comuns, o panfleto mostra de forma clara e explícita a conexão existente entre os dois mil e trezentos dias de Daniel 8 e as setenta semanas de Daniel 9, levando-nos ao ano de 1843 (Ano Judaico 1843, ano de nossa era 1844). Então, no restante do livro, ele mostra, mediante os sinais dos tempos, que este evento está próximo.

Só o fato de terem sido necessárias várias edições já revela o interesse que foi despertado por este panfleto. O irmão Schache, que agora vive na Austrália, viu uma propaganda acerca dele, mesmo na distante província de Cilícia, e, depois de solicitar uma cópia, leu-a com grande interesse, de portas trancadas. No livro, não existe nenhuma indicação de que o autor conhecesse qualquer movimento semelhante aconte-

cendo no mundo. No entanto, pelo Espírito de Deus, chegou ele às mesmas conclusões que os demais.

Em 1842, ele escreveu um panfleto ainda maior, de 286 páginas, também em Stuttgart: Pensamentos primordiais e escriturísticos referentes à criação e à duração do mundo; ou uma resposta completa à pergunta: Por que Deus criou o mundo em seis dias sucessivos – a proximidade de nosso Senhor para julgar o anticristo – os grandes e alegres eventos do ano de 1843.

“Ben Ezra” (Lacunza)

Em 1812, Lacunza, na Espanha, publicou um livro intitulado: “A Vinda do Messias em Glória e Majestade”. O escritor assumiu o pseudônimo “Ben Ezra,” e supõe-se que ele fosse um judeu convertido. Edward Irving, da Inglaterra, depois de começar a produzir sua obra sobre a segunda vinda, traduziu o livro de Ben Ezra para o Inglês. Desse modo, narra sua história em pelo menos dois idiomas.

É realmente interessante, anos depois, reunir as conclusões dos vários estudantes que, desde o início do século passado até 1840, calcularam o período dos dois mil e trezentos dias, colocando as setenta semanas como a primeira parte desse período, e descobrir que todos eles estavam de acordo de que o término do período se daria em 1844.

1844 – o verdadeiro fim dos 2300 dias

Alguém pode perguntar: podemos ter certeza de que 1844 é a data certa para o encerramento dos dois mil e trezentos dias? Sim! Tão certo como uma falsa profecia não pode cumprir-se na hora certa, concluímos que o ano 1844 é o verdadeiro fim para os dois mil e trezentos dias. Deus selou este conhecimento até 1798 e prometeu que, a partir de então, brilharia luz a esse respeito; Ele guiou, por Seu infalível Espírito, os que O buscavam com sinceridade visando obter uma correta compreensão quanto ao tempo. Havia chegado o momento de o “conhecimento” sobre o assunto “ser multiplicado”, e a verdadeira luz foi concedida.

Sabendo que o término do tempo foi revelado ao povo no “tempo do fim,” é apropriado que indagemos acerca da importância desta descoberta. Verificamos naquele período, no encerramento da obra do evangelho, que tempo definido precisa ser proclamado para a sessão do juízo. Diz João:

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas (Apocalipse 14:6, 7).

Anjos de verdade, isto é, literais, não podem pregar o evangelho aos homens. O homem é o agente escolhido pelo próprio Deus para pregar Seu evangelho até o fim do mundo. Portanto, este anjo, mencionado no texto bíblico, simboliza uma mensagem do Evangelho, proclamando haver chegado a hora de o juízo começar “pela casa de Deus” (1 Pedro 4:17). Tal mensagem não poderia ser dada, biblicamente, antes que se descobrisse na Bíblia o tempo que conduz ao juízo. Como já foi sugerido, os dois mil e trezentos dias levam ao juízo investigativo do povo de Deus.

O dia da expiação – um tempo de juízo

O dia da expiação, ou seja, a purificação do santuário terrestre, era, e ainda é, entendido pelos judeus como um dia de juízo. E mesmo agora, enquanto encontram-se dispersos pelo mundo, embora não efetuem todo o ritual relacionado a esse dia solene, ainda o observam como um dia de julgamento. Como prova disto, citamos primeiro um artigo publicado em um periódico judaico, em São Francisco, Califórnia, chamado “O Intérprete Judeu” [The Jewish Exponent], órgão dos judeus ortodoxos que fica a oeste das Montanhas Rochosas. Na edição de Setembro de 1892, foi anunciado que, antes da impressão do volume seguinte, viria o sétimo mês e o dia da expiação. O nome do sétimo mês é Tishri, e o do sexto é Elul; assim, o documento declara:

Estamos no mês de Elul, e os sons de advertência do Shofar [trombeta que soava do primeiro ao décimo dia do sétimo mês; Salmos 81:3, 4] serão ouvidos todas as manhãs na sinagogas ortodoxas, anunciando a preparação para o dia de memorial, e do juízo final de Yom Kippur.

Como estavam no fim de Elul, o sexto mês, e Tishri, o sétimo mês, estava para iniciar-se, ouviriam, a cada manhã por dez dias, a trombeta anunciando o julgamento final anual naquele sistema típico.

O testemunho de um rabino judeu

Em 1902, Isidore Myer, rabino de uma grande congregação de judeus em São Francisco, Califórnia, ao anunciar o dia da expiação, disse:

Ao cruzar o limite de tempo de um ano ao outro, o israelita é compelido a lembrar-se da criação e da soberania universal do Criador, e chamado a celebrar, ao soar da trombeta, o aniversário, por assim dizer, do nascimento do tempo e da coroação do grande Rei. Ele é, também, convocado pelo som da mesma trombeta, ou Shofar, a investigar retrospectivamente suas ações durante o ano que se passou, enquanto treme diante do olho que tudo vê do Eterno Juiz, sentado no trono de julgamento.

Como no serviço do templo judaico o santuário era purificado uma vez por ano, deve ter ficado evidente a Daniel que esta purificação do santuário ao final dos dois mil e trezentos dias fosse necessariamente ligada a algo mais do que apenas o serviço típico anual. O Senhor já havia instruído a seu povo de que, ao se depararem com símbolos usados nas profecias, o tempo deveria ser contado “cada dia por um ano” (Números 14:34; Esdras 4:6). Assim, o período de 2300 dias, como vimos, atinge o final da obra de Cristo como sumo sacerdote no santuário celeste – o juízo investigativo daqueles cujos casos foram trazidos, mediante confissão, a esse santuário.

A mensagem do juízo – prevista para o ano de 1844

Pela descoberta desse período de tempo, [os 2300 dias,] no momento exato em que o julgamento dos santos deveria começar, um caminho foi aberto para que fosse proclamada a mensagem: “É chegada a hora do seu juízo” (Apocalipse 14:7). Isso aconteceu na ordem determinada por Deus, assim como havia sido delineado na profecia. Notem: não é dito que a mensagem seria proclamada imediatamente após a descoberta do tempo determinado [os 2300 dias], mas que a luz previamente “selada” seria revelada. Claramente podemos ver que isto se cumpriu. Nos capítulos seguintes, veremos que o Senhor marcou, tão claramente e tão definidamente como esta, o momento para a proclamação da mensagem do advento [da volta de Jesus]; e a forma com que ela foi proclamada ao mundo foi tão literal quanto esta [a dos 2300 dias].

Capítulo 5



A MENSAGEM DO SEGUNDO ADVENTO

“Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando verdes todas estas coisas, sabeí que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mateus 24:32-35).

Nesta passagem, nossa atenção é dirigida ao *tempo* em que, com a mesma segurança que, ao vermos as primeiras tenras folhas nascendo nas árvores, *sabemos* que o verão está próximo, será possível descobrir que a vinda de Cristo está “às portas”. Também podemos saber que é nascida a geração que não passará do palco de ação até que o próprio Cristo venha. Ao chegar o momento de *aprender* a parábola, podemos estar certos de que é chegado o tempo em que Deus vai levantar professores para ensiná-la. A indagação do apóstolo, pronunciada em outra ocasião, é igualmente aplicável aqui: “E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?” (Romanos 10:14 e 15).

Tempo de sinais

No capítulo anterior, vimos como foi descoberta a data para o término do período de 2300 dias; vimos também que estes dias se estenderiam até à “hora do seu juízo”. No trecho bíblico aqui apresentado, somos transportados ao tempo determinado por Deus no qual esta parábola, bem como a mensagem do “juízo”, deveriam ser proclamadas ao mundo. Após falar da grande “tribulação” que viria sobre Seu povo e que seria “abreviada”, o Salvador declarou:

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes

dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem (Mateus 24:29 e 30).

Notem: aqui não é dito que o último sinal mencionado é um sinal de Sua vinda; mas um sinal de que o Filho do homem é visto, podemos vê-Lo chegar. Os eventos que o texto menciona, sobre os quais devemos basear a fé de que sua vinda está próxima, são os sinais no sol, na lua e nas estrelas. Os outros eventos que se seguem acontecem em conexão com a Sua própria vinda nas nuvens do Céu. Imediatamente após o terceiro daqueles sinais – o das estrelas – vem o tempo em que Deus vai levantar professores para ensinarem que a vinda de Cristo está às portas.

Mas quando estes sinais deveriam ocorrer? A Bíblia declara que o sol deveria escurecer-se *imediatamente* após a tribulação (Mateus 24:29). Como Marcos registra, seria “naqueles dias, *após* a referida tribulação” (Marcos 13:24). Nosso Salvador havia dito que os dias seriam abreviados. Mediante o decreto de Maria Teresa, e os Atos de Tolerância desde 1773 a 1776, a perseguição contra o povo de Deus foi encurtada. Embora o poder perseguidor houvesse mantido controle do braço civil até 1798, suas perseguições se encerraram por volta de 1773. Ao compararmos estas declarações do Salvador, verificamos que o cumprimento do primeiro destes sinais ocorreria entre 1773 e 1798.

O dia e a noite escuros

Em 19 de maio de 1780, o sol foi escurecido de maneira sobrenatural. Não houve eclipse, pois na noite anterior a lua estava cheia. Não obstante, houve escuridão por todo o nordeste dos Estados Unidos das onze horas da manhã às onze horas da noite. Na ocasião, não apenas o sol escureceu, mas a lua recusou-se refletir a luz do sol. Foi uma escuridão que impediu o sol de brilhar sobre a lua. E como expressou Noah Webster, muitos anos depois: “Nenhuma explicação satisfatória foi apresentada para essa escuridão”.

Herschel, o astrônomo, declarou, a respeito desse dia escuro:

O Dia Escuro na América do Norte foi um desses maravilhosos fenômenos da natureza, sobre o qual sempre se lerá com interesse, mas que a filosofia não consegue explicar.

Os que descreveram a escuridão da noite de 19 de maio de 1780, disseram que, apesar de haver lua cheia, “se todos os corpos luminosos do universo tivessem sido removidos, a escuridão não teria sido mais completa.”

A queda das estrelas

O terceiro destes sinais, a queda das estrelas, se cumpriu no dia 13 de novembro de 1833. Naquela noite, ou melhor, cinco horas antes do amanhecer, houve uma chuva de meteoros que alguns compararam a fluxos de fogo descendo do céu; outros a compararam a centelhas saindo de grandes fogos de artifício. Este fenômeno atingiu toda a América do Norte, desde o Golfo do México, ao sul, até a Baía de Hudson, ao norte; das ilhas Sanduíche, a oeste, até a algumas centenas de milhas de Liverpool, ao leste. De onde quer se olhasse, era visto como um contínuo aguaceiro de estrelas, que caíam tão densas quanto flocos de neve em uma tempestade.

Acerca da chuva de estrelas ocorrida em 1833, citamos também o seguinte, do *Connecticut Observer* de 25 de novembro de 1833:

O editor do *Old Countryman* considera a questão das “estrelas cadentes” como algo muito sério. Ele assim afirma: “Declaramos que a chuva de fogo, que vimos na manhã da última quarta-feira, é um símbolo terrível, um fiel precursor, um sinal misericordioso do grande e terrível dia que os habitantes da Terra hão de presenciar, quando for aberto o sexto selo. O tempo é chegado, descrito não somente no Novo Testamento, mas também no Antigo Testamento; e seria impossível contemplar um quadro mais preciso de uma figueira lançando seus frutos, quando movida por um forte vento.”

A predição de Thomas Burnett

O povo havia sido ensinado por seus ancestrais a buscar um cumprimento literal deste sinal. Thomas Burnett, em sua “Teoria da Terra”, publicada em Londres, no ano de 1697, fez o seguinte comentário a respeito de Mateus 24:29:

Naquele dia, haverá, com absoluta certeza, toda sorte de meteoros fumegantes; e, entre outros, as chamadas estrelas cadentes que, embora sejam insignificantes quando consideradas isoladamente, se caíssem em grande número, como diz o profeta, como as folhas da videira ou os frutos da figueira, produziriam uma visão assombrosa. [...] Não devemos considerar estas coisas como tendências exageradas ou poéticas, mas como profecias sem disfarce, e coisas que realmente acontecerão.

O testemunho do professor Olmstead

O professor Olmstead, do Colégio Yale (Massachusetts), que foi chamado “O maior meteorologista da América”, fez a seguinte declaração a respeito da queda das estrelas de 13 de novembro de 1833:

A extensão da chuva de 1833 foi tão grande que atingiu uma parte considerável da superfície da Terra, desde o meio do Atlântico, ao leste, até o Pacífico, ao oeste; e da costa norte da América do Sul até regiões indefinidas entre os territórios Britânicos, ao norte. A exibição das estrelas cadentes não foi apenas visível, mas apresentou a mesma aparência em todos os lugares.

A respeito dessa exibição, que começou por volta das 11 horas da noite do dia 12 de novembro e continuou até cerca de 4 horas da manhã do dia 13, o professor declara:

Os que tiveram a sorte de testemunhar a exibição das estrelas cadentes, na manhã de 13 de novembro de 1833, provavelmente viram a maior exibição de fogos celestes registrada desde a criação do mundo, ou pelo menos entre os anais cobertos pelas páginas da história.

A chuva de estrelas também é vista na Europa

Em um livro publicado por Leonhard Heinrich Kelber [*Das Ende kommt*], em Stuttgart (Alemanha), no ano de 1835, descobrimos que este sinal foi repetido no lado europeu do Atlântico, no mesmo mês, porém alguns dias depois. Ele diz:

Em 25 de Novembro de 1833, houve uma agradável exibição de estrelas cadentes no continente europeu [...] em Minsterburg [na Silésia], as estrelas caíram como uma chuva de fogo. Elas foram acompanhadas de bolas de fogo, tornando a noite tão clara que as pessoas pensaram que suas casas vizinhas estivessem em chamas.

Ao mesmo tempo, em Prin (Áustria), houve uma queda de estrelas que atingiu mais de 500 milhas quadradas (800 quilômetros quadrados). Este acontecimento foi descrito por alguns como torrentes de fogo descendo do Céu. Alguns o chamaram de chuva de fogo. Os cavalos ficaram assustados com ela e caíram ao chão. Muitas pessoas adoeceram de medo.

Aplicação da parábola

Ao prosseguir na descrição profética, após o cumprimento do terceiro sinal (a queda das estrelas), nosso Salvador ordena: “Aprendeis, pois a parábola da figueira”. Esta linguagem não se aplica à geração que vivia quando foram pronunciadas estas palavras, mas à geração que veria estas coisas, não enquanto estivessem *ainda* se cumprindo, mas *já cumpridas*. Os eventos que anunciarão a proximidade da volta de Cristo não incluem o abalo dos céus, que ocorrerá quando Ele realmente for visto em Seu retorno. Os sinais de que Ele está próximo incluem este terceiro sinal, o das estrelas. O tempo determinado pelo Senhor para que o povo aprenda a lição da parábola da figueira se inicia, portanto, depois de 1833. Esse é o tempo no qual o Senhor determinou que o mundo fosse desperto para a grande verdade de que Sua vinda está às portas; de que Ele virá antes que passe essa geração que ouviu Sua parábola. Podemos perceber, portanto, como esta profecia demarca o momento em que a grande proclamação do advento deveria ser dada ao mundo.

Uma proclamação mundial

Em cumprimento desta predição, percebemos que, naquele momento e naquele lugar (1833), o Senhor levantava Seus mensageiros e ministros em várias partes do mundo, os quais, de 1833 a 1834, proclamaram que a vinda de Cristo estava próxima, “mesmo às portas”. Ensinaram a parábola da figueira, apontando para os sinais de Sua vinda, como Cristo os havia instruído a fazer. Esta mensagem, pelo ensino pessoal ou pela página impressa, chegou a todas as estações missionárias no mundo e a todos os portos da Terra.

O alcance da mensagem foi descrito de forma precisa pelo editor da *Voz da Verdade*, de Rochester (Nova Iorque), em uma edição de Janeiro de 1845:

O evangelho eterno, conforme descrito em Apocalipse 14:6 e 7, tem sido pregado a toda nação, tribo, língua e povo, dizendo em grande voz: “Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Apocalipse 14:7). Não há caso que possa ser mais comprovado com fatos do que este: de ser esta mensagem levada a toda nação e língua debaixo do Céu, nos últimos poucos anos, com a pregação da vinda de Cristo em 1843 (1843 no calendário judaico; 1844 no nosso calendário), ou muito em breve. Através de palestras e publicações, o clamor foi ouvido por todo o mundo, e as palavras chegaram até aos confins da Terra.

Algumas pessoas, desatualizadas quanto aos acontecimentos, consideraram que o movimento do segundo advento ficou limitado a certa área geográfica, supondo que a obra fosse algo ligado a Guilherme Miller e a algumas centenas de ministros com ele associados na porção Norte dos Estados Unidos. Pode ser uma surpresa, para tais pessoas, descobrir que o movimento na América, onde Miller e Himes foram líderes proeminentes, representou apenas uma pequena porção de um grande movimento que, como dito acima, chegou “aos confins da Terra”.

Início do movimento em vários países

Chegou o tempo determinado pelo Senhor para que esta proclamação fosse levada ao mundo todo. Em mais de doze diferentes partes da Terra, de forma quase simultânea, homens foram levantados, sem conhecimento da obra um do outro, e saíram para ecoar esta mensagem por todas as partes da Terra. As pessoas mencionadas no capítulo 4, que haviam recebido luz quanto ao término dos 2300 dias, com uma exceção – A. Campbell –, foram movidos a se empenhar na proclamação da mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14; isto também se deu pela atuação direta do Espírito de Deus, e não por transmitirem a luz entre si.

Comparado à Reforma

Se aplicarmos a este movimento a mesma regra que D’Aubigné aplicou à grande Reforma do século dezesseis, ele certamente receberá a mesma classificação como sendo a mensagem de Deus, no tempo de Deus. Da reforma, como um todo, o historiador declara:

A Alemanha não comunicou a verdade à Suíça, ou a Suíça à França, ou a França à Inglaterra. Todos esses países receberam-na de Deus, do mesmo modo que uma parte do mundo não transmite luz a outra parte; mas o mesmo sol é que a comunica, de forma direta, a toda a Terra. Cristo, *o sol nascente das alturas* [Lucas 1:78], infinitamente exaltado acima de toda a humanidade, foi, no período da Reforma, assim como no estabelecimento do cristianismo, o divino fogo que deu vida ao mundo. No século dezesseis, uma mesma doutrina foi logo estabelecida nos lares e igrejas das mais distantes e diversas nações. A razão é que o mesmo Espírito estava trabalhando por toda parte, produzindo a mesma fé.

A Reforma da Alemanha e da Suíça demonstram esta verdade. Zuinglio não teve qualquer comunicação com Lutero. Havia, sem dúvi-

da, um elo entre estes dois homens; mas precisamos buscá-lo acima da Terra. Aquele que, do Céu, concedeu a verdade a Lutero, também a revelou a Zuínglio. Deus foi o meio de comunicação entre eles. “Comecei a pregar o evangelho”, diz Zuínglio, “no ano do Senhor 1516; em outras palavras, num tempo em que o nome de Lutero jamais se havia ouvido em nosso país. Não aprendi a doutrina de Cristo por meio de Lutero, mas sim da Palavra de Deus. Se Lutero prega a Cristo, ele faz o que eu faço; isto é tudo” [*History of the Reformation*, Livro 8, cap. 1, par. 2, 3].

Referindo-se ao trabalho de Farel e Lefèvre, na França, o historiador declara:

A Reforma na França, portanto, não foi uma importação estrangeira. Teve seu nascimento em solo francês; germinou em Paris; suas primeiras raízes brotaram na própria universidade, que constituía o segundo poder na Cristandade Romana. Deus colocou os princípios dessa obra nos corações honestos de homens da região de Picardia e Delfinado, antes que ela tivesse início em qualquer outro país.

Vimos que a Reforma suíça foi independente da Reforma alemã. A Reforma francesa, por sua vez, foi independente de ambas. O trabalho começou de forma simultânea nestes países diversos, sem nenhuma comunicação entre eles, assim como, em uma batalha, todas as diferentes tropas que compõem o Exército se movem ao mesmo tempo, sem que uma tenha que dizer à outra para marchar, porque uma mesma ordem, vinda do Comandante Chefe, é ouvida por todos. O tempo estava cumprido, o povo estava preparado, e Deus iniciou a Reforma de Sua igreja em todos os países simultaneamente. Tais fatos demonstram que a grande Reforma do século dezesseis foi uma obra divina [Ibid., Livro 12, cap. 3, par. x].

D’Aubigné faz ainda a seguinte declaração sobre a Reforma na Inglaterra, encabeçada por Thomas Bilney, Fryth, Tyndale, e outros:

A Reforma na Inglaterra começou, portanto, independentemente de Lutero e Zuínglio, dependendo unicamente de Deus. Em todos estes países da cristandade, houve uma ação simultânea da palavra divina. A origem da Reforma em Oxford, Cambridge e Londres, foi o Novo Testamento Grego publicado por Erasmo. [Tyndale e Thomas Bilney retiraram-se de Cambridge em 1519.] Houve um tempo em que a Inglaterra se orgulhava dessa elevada origem da Reforma [*History of the Reformation*, Livro 18, cap. 2, par. 12].

A proclamação do advento iniciou-se de maneira semelhante à da Reforma, como descrita acima. Homens foram movidos, simultaneamente, porém em número de localidades na terra superior a quatro vezes os locais da Reforma, e isso sem conhecimento ou qualquer comunicação de sentimentos entre si; e começaram a proclamar as mesmas verdades das Escrituras, não apenas em *quatro países do mundo, mas em todo o mundo civilizado*.

O trabalho de Joseph Wolff

Nesse ponto, é interessante chamar a atenção do leitor aos fatos relativos à extensão da proclamação do advento:

Em 1831, Joseph Wolff, D.D., foi enviado da Grã-Bretanha como missionário para trabalhar entre os judeus da Palestina. De acordo com seu diário, até o ano de 1845, proclamou a iminente vinda do Senhor nas regiões da Palestina, no Egito, nas praias do Mar Vermelho, na Mesopotâmia, na Criméia, na Pérsia, na Geórgia, por todo o Império Otomano, na Grécia, na Arábia, na Turquia, em Bokhara, no Afeganistão, na Caxemira, no Hindustão, no Tibete, na Holanda, na Escócia, na Irlanda, em Constantinopla, em Jerusalém, em Santa Helena, a bordo de navio no Mediterrâneo, e na cidade de Nova Iorque, a todas as denominações. Declara haver pregado entre judeus, turcos, maometanos, persas, hindus, caldeus, sírios, sabeus, xeiques paxá, xás, aos reis de Organtsh [Khiva] e do Usbequistão, à rainha da Grécia, etc. [*Voice of the Church*, p. 343].

No Iêmen, região habitada pelos descendentes de Hobabe, sogro Moisés, Joseph Wolff viu um livro, a respeito do qual declara:

Os árabes deste local têm um livro chamado “Seera”, que trata da “Segunda vinda de Cristo, e Seu reino em glória” [*Wolff’s Mission to Bokhara*].

Nesse país, ele passou seis dias com os Recabitas, dos quais afirma:

Eles não bebem vinho, não plantam vinhas, não semeiam, vivem em tendas, e lembram das palavras de Jonadabe filho de Recabe. Com eles, estavam alguns dos filhos de Israel, da tribo de Dã, que residem perto de Terim em Hadramaute, que esperam, assim como os filhos de Recabe, a breve chegada do Messias nas nuvens do Céu.

Na descrição acima podemos perceber que, nesses 14 anos, o próprio Wolff havia proclamado que a vinda de Cristo estava às portas em mais de

vinte países diferentes. Durante o mesmo período, a doutrina era extensivamente agitada na Alemanha, especialmente no sul, entre os morávios.

A mensagem na Alemanha e na Rússia

Um escritor inglês, Mourant Brock, nos informa que “em Württemberg, havia um agrupamento de cristãos, contado em centenas, que esperava o breve advento de Cristo.” A doutrina foi proclamada em outras partes da Alemanha, por Hengstenberg, tido naquela época como o mais talentoso teólogo na Alemanha.

Na *Review and Herald* de 13 de Dezembro de 1892, o irmão L. R. Conradi, da Alemanha, afirma:

Bengel, na Alemanha, ascendeu em muitos corações o amor pelo aparecimento de nosso Senhor, o que levou milhares a estudar a palavra profética como nunca dantes. [...] A luz brilhou na Alemanha, e lá circularam várias publicações explicando os 2300 dias. Um despertar religioso foi desencadeado, especialmente em Württemberg; e como se despertou a perseguição, centenas de famílias foram para o sul da Rússia, e lá espalharam essa luz entre seus próprios conterrâneos, que haviam mudado para lá havia muitos anos. À medida que os pastores fechavam suas igrejas, a grande maioria deles mantinha suas “stunden”, ou “hora” de reunião, em casas particulares, e centenas de pessoas eram convertidas. Mesmo naquela época o sábado era discutido entre eles, mas por ninguém tomar a dianteira, ele foi abafado. Um fazendeiro russo foi convertido no “stunden”, começando o mesmo trabalho entre os russos. Isso resultou, finalmente, no grande movimento atual “Stundist”, cuja influência alcança os lugares mais longínquos da Sibéria e do Trans-Cáucaso.

Na *Review and Herald* de 31 de Julho de 1891, encontramos uma declaração do irmão Conradi sobre o irmão Schache, da Austrália, que, no momento ao qual se refere, morava na Silésia e trabalhava parte do tempo na missão doméstica do Padre Gosner, um notável evangelista alemão. Ele faz a seguinte declaração a respeito do livro de Kelber:

Depois de 1836, ou quando o cálculo de Bengel expirou, foi encontrada, no jornal do condado de Schweidnitz, uma observação referente a um livro de L. Heinrich Kelber, vinda da livraria do Sr. Sommerfeldt, sobre os grandiosos e alegres eventos que teriam lugar nos anos de 1843 e 1844. Eu não lembro o título exato do livro. Procuramos o dito livro, e o lemos com um número de pessoas interes-

sadas, a portas trancadas, no ano 1839-1840. O livro mostrava, com base em Daniel, no Apocalipse e em Mateus 24, que o fim estava bem próximo, e continha também uma tabela de cálculo, mostrando como se chegara à conclusão acima.

A mensagem na Grã-Bretanha

Em uma publicação inglesa intitulada *O Milênio*, declara-se que “setecentos ministros da Igreja da Inglaterra estavam proclamando o retorno do Redentor.” Entre os que proclamavam a doutrina do advento na Inglaterra, de 1840 a 1844, estavam alguns dos mais talentosos ministros daquele tempo. Destes, mencionamos os nomes de Bickersteth, Birks, Brooks, Brock, Habershon, Plyn, Fremantle, Nathan Lord, McNeil, Winters, Cummings, J. A. McCaul, D.D., Dr. Nisbett, Rev. A. Dallas, M.A. [em seu livro *Olhe para Jerusalém*, na pág. 114, aplica a parábola de Mateus 24 a esta geração), Burgess, Routon, Gunner, Barker, Bonham, Dealtry, etc.

A mensagem na Holanda

A doutrina do segundo advento foi proclamada na Holanda por Hentzepeter, considerado, naquele tempo, como o mais talentoso ministro no país. Era zelador do Museu Real, no Hague, indicado pelo rei. Em uma carta escrita ao editor do *Midnight Cry*, em Junho de 1844, ele declara que, sua atenção foi chamada ao assunto por um sonho muito impressionante. Investigou as Escrituras, e, no ano de 1830, publicou um panfleto demonstrando a doutrina. Em 1841, Hentzepeter publicou outro panfleto sobre o fim do mundo. Na mesma carta, declara que a primeira informação que recebeu sobre Guilherme Miller e outros que publicamente anunciavam a doutrina de que a vinda de Cristo estava próxima, foi em 1842, ao conversar com um senhor que viera da América para a Holanda.

A mensagem na Tartária

Desde 1821 a doutrina da vinda do Senhor já estava sendo crida e anunciada na Tartária. Nessa época, um missionário Irlandês foi enviado a este país, e um sacerdote Tártaro perguntou-lhe o seguinte: “Quando Cristo virá pela segunda vez?” Ele respondeu que nada sabia a esse respeito. O sacerdote expressou grande surpresa ao ouvir tal resposta de um missionário que supostamente deveria ensinar-lhes as doutrinas

bíblicas. Mencionou que achava ser possível a “todos que tivessem uma Bíblia, conhecer isso”. Então o sacerdote apresentou seu ponto de vista, declarando crer que Cristo viria por volta de 1844. Este fato é relatado na *Revista Irlandesa* de 1821.

A mensagem na América, na Índia e no Continente Europeu

No vol. 2, pg. 135 do *Advent Tracts* de 1844, Mourant Brock, da Inglaterra, diz:

Não é somente na Grã-Bretanha que a expectativa do breve retorno do Redentor tem sido acariciada, e a voz de advertência ouvida, mas também na América, na Índia e no continente Europeu. Na América, cerca de trezentos ministros da palavra pregam “este evangelho do reino”, ao passo que, em nosso país, cerca de setecentos da Igreja da Inglaterra ecoam o mesmo clamor.

A todos os portos marítimos da Terra

E. R. Pinney, de Seneca Falls (Nova Iorque), um consagrado ministro batista que dedicou sua vida à proclamação da doutrina do advento, em sua obra *Exposição de Mateus 24*, págs. 8 e 9, afirma:

Desde 1842, publicações sobre o segundo advento haviam sido enviadas a todas as estações missionárias na Europa, Ásia, África e América, a ambos os lados das Montanhas Rochosas. [...] Os comandantes de nossas embarcações e os marinheiros relatam que não há porto em que cheguem onde esta proclamação não os tenha precedido, e frequentes inquéritos a esse respeito são feitos por eles.

Três mil proclamam a mensagem

O pastor G. W. Mitchel, de Zanesville, Ohio, outro ministro que pessoalmente anunciou essa doutrina, contou-me, em Newark, Ohio, no dia 8 de Agosto de 1894, que, em uma conversa em McConnellsville, Ohio, em Setembro de 1844, Guilherme Miller lhe disse ter os

nomes e endereços de três mil ministros, em várias partes do globo, que estavam proclamando: “Temei a Deus e dai-lhe glória; pois é chegada a hora do seu juízo” (Apoc.14:7), sendo que a maior parte deles encontra-se na América do Norte e na Grã-Bretanha.

Guilherme Miller, ao descrever o vasto crescimento deste “clamor”, disse:

Um ou dois, em cada canto do globo, tem proclamado as novas, e *todos concordam* quanto ao *tempo* – Wolf (Ásia), Irving (Inglaterra), Mason (Escócia); Davis (Carolina do Sul); e, em nossa região, um número considerável está, ou, tem estado a, proclamar a mensagem [*William Miller’s Lectures*, p. 238, 1843].

A Voz de Elias, disseminada por Hutchinson

O irmão R. Hutchinson, em 1837, foi enviado da Inglaterra ao Canadá, como missionário Wesleyano, e se estabeleceu afinal em Montreal. Tinha um vasto conhecimento sobre os países estrangeiros. Nos anos de 1843 e 1844, publicou um periódico chamado a *Voz de Elias*, no qual tratava da doutrina do advento. Com pronto acesso a navios que viajavam para outros países, tendo o privilégio de enviar grande quantidade de seus jornais sem o custo da postagem, distribuiu-os, em grande quantidade, por todas as partes da Terra. Relata que os enviava liberalmente à Nova Escócia, Nova Brunsvique, Terra Nova, Inglaterra, Irlanda, Escócia, País de Gales, França, Alemanha, Constantinopla, Roma, e a todas as partes do reino Britânico e suas colônias.

Nas Ilhas Sandwich

No *Midnight Cry* de 12 de Outubro de 1843, havia uma carta da Sra. O. S. Burnham, de Kaloa, Ilha de Kauai, Ilhas Sandwich. Ela e seu esposo eram professores numa das escolas daquele local. Eles aceitaram a doutrina do advento, e passaram a proclamá-la na região, e, nas ilhas, um grupo de crentes estava adorando juntamente com eles.

A mensagem é comparada à de João Batista

Assim, vemos que a doutrina do advento foi proclamada com tal amplitude, de forma a cumprir o que havia sido predito nas Escrituras.

O profeta Isaías apresenta a mensagem que deveria anunciar o primeiro advento de Cristo:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do Senhor o disse (Isaías 40:3-5).

Esta profecia foi cumprida na obra de “João Batista [que pregava] no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 3: 1 e 2).

Este homem, sozinho, em seis meses de trabalho no país da Judéia, cumpriu esta maravilhosa predição. Enquanto esta profecia limitava o trabalho de João a um determinado tempo e lugar, não é assim com as profecias relacionadas à proclamação do segundo advento, pois o trabalho deveria ser feito com um “*alto clamor*”, abrangendo o mundo inteiro.

Baseado nos fatos apresentados, podemos perceber que a profecia acerca da mensagem do advento foi cumprida de forma precisa. Chegou o tempo determinado por Deus para que a parábola da figueira fosse ensinada, e a mensagem do primeiro anjo fosse anunciada pela primeira vez, e Ele levantou Seus mensageiros para anunciar o clamor a todas as nações, povos, e línguas.

Capítulo 6



A MENSAGEM E OS MENSAGEIROS

“Escreve a visão e torna bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não enganará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará” (Habacuque 2:2, 3, ACF).

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6 e 7).

Aqueles que participaram na proclamação do advento, reivindicaram que esta “visão” com seu tempo “determinado”, mencionada pelo profeta Habacuque, incluía as visões das profecias de Daniel e de João. Eles as representaram de forma tão clara, em seus esboços dos quadros proféticos, que os que lessem a interpretação poderiam de fato “correr” e transmitir a informação a outros.

Uma mensagem definida

A proclamação dada pelo povo Adventista não era meramente o anúncio feito por Paulo perante Félix, “Justiça, temperança e juízo *por vir*,” nem era ela a declaração feita por Martinho Lutero, após ter concluído a tradução da Bíblia, quando, pouco antes de sua morte, afirma-se haver dito: “Estou convencido de que o juízo não está muito longe; de fato, o Senhor mesmo não ficará ausente mais que trezentos anos.” Também não foi essa a declaração feita por João Wesley, ao dizer que “achava que o milênio

poderia começar em cerca de cem anos”. Os adventistas alegaram estar dando a mensagem simbolizada em Apocalipse 14:6, 7, que diz: “É chegada a hora do seu juízo”; e também o clamor de Apocalipse 10:6, que afirma: “Não haverá mais tempo”. Uma profecia assim não poderia cumprir-se anunciando um evento “*por vir*”, ou chegando “*em trezentos anos*,” ou mesmo “*em cem anos*”, mas num tempo definido, “é chegado”. Exatamente tal mensagem, com tal definição como a exigida pelas profecias acima, foi anunciada ao mundo inteiro pelo povo Adventista.

O Juízo na vinda de Cristo

Na época em que esta mensagem foi anunciada pela primeira vez, todas as denominações cristãs criam que o juízo ocorreria na segunda vinda de Cristo. Portanto, sob essas circunstâncias, crendo que seria assim, qualquer um que anunciasse a mensagem de que a hora do Juízo havia chegado, iria necessariamente proclamar a segunda vinda de Cristo. Em realidade, o que deu força à mensagem, comovendo poderosamente o povo, foi a proclamação de tempo definido. Primeiro, eles alegaram que o fim do mundo viria em algum momento durante o “ano Judaico” de 1843, e que isto era delimitado pelo período de tempo entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Após esse tempo haver passado, encontramos no *Midnight Cry* do ano de 1844, que o dia definido foi marcado para o término dos tempos proféticos. Este foi o décimo dia do sétimo mês judaico, correspondendo a 22 de outubro de 1844.

Calculando os 2300 Dias

A data “1843” tinha como base os dois mil e trezentos dias de Daniel 8. Alegava-se que, uma vez que estes “dias” eram ligados com profecias onde animais haviam sido escolhidos para representar reinos, os “dias” devem ser utilizados simbolicamente para representar anos, segundo a interpretação de tempo simbólico dada por Deus em Números 14:34 e Ezequiel 4:5, 6 [e 7 na Almeida Revista e Atualizada]. Também se alegava que as setenta semanas, ou “490 dias”, de Daniel 9 constituíam a primeira parte dos 2300 dias, e que os dois períodos começavam juntos. O evento dado em Daniel 9, que marcou o início das setenta semanas, foi a “saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém”. Esta ordem foi dada no sétimo ano de Artaxerxes Longimano, no ano 457 a.C., como registrado em Esdras 7.

Que esta era a verdadeira data para o início das setenta semanas foi demonstrado pelo fato de que, em apenas sessenta e nove semanas, isto é, “483 anos”, desde 457 a.C., chegando a 27 d.C., Cristo foi batizado por João e entrou para o seu ministério, dizendo: “O tempo está cumprido” (Marcos 1:14, 15, etc.). O início do ministério de Cristo no ano 27 d.C., sua crucificação três anos e meio a partir daquela data, “na metade da [septuagésima] semana”, o término da obra especial entre os judeus, no ano 34 d.C., e a rápida conversão de Saulo, o apóstolo para os Gentios, provaram que as setenta semanas terminaram naquela data, e, por conseguinte, que elas começaram em 457 a.C. Eles calcularam da seguinte maneira: 2300 menos 457 sobram 1843. Como os 457 anos foram antes de Cristo, somos levados ao término dos 2300 dias no fim de 1843.

Confissões de opositores

Tem sido dito, de forma verdadeira, que “confissões em favor da verdade vindas das fileiras dos adversários fornecem evidências da mais alta ordem”. Nenhum dos adversários da mensagem do advento jamais insinuou que o juízo investigativo do povo do Senhor era um evento que teria lugar antes da vinda de Cristo, mas raciocinavam nesta questão em harmonia com os adventistas. Para provar esta afirmação vamos citar dois oponentes proeminentes.

O Sr. N. Colver, pregando na Capela da Rua Marlboro, Boston, em 1842, em oposição aos adventistas, disse:

Se esses dias são anos, o mundo vai acabar em 1843; qualquer criança de escola consegue ver isso, pois, se os 490 terminaram com a morte de Cristo, os 2300 dias terminariam em 1843; e o mundo deve acabar, a menos que se possa demonstrar que algum outro evento deva ocorrer, e eu não consigo ver como isso pode ser feito.

O Professor Stuart, na mesma época, disse:

É um fato singular que a grande massa de intérpretes no mundo Inglês e Americano, durante muitos anos, tem ficado a desejar quanto a entender os *dias* designados em Daniel e no Apocalipse como a representação, ou símbolos, de *anos*. Tive dificuldades em rastrear a origem desta tendência geral, eu diria, quase universal.

Testemunho do professor Bush

O professor Bush disse: “Quem ataca o Sr. Miller na questão de *tempo*, o está atacando em seu ponto mais forte. Está correto quanto ao tempo, mas equivocado quanto ao evento a ocorrer”. Bush era adepto da crença de que o mundo inteiro se converteria antes da vinda de Cristo. Sua teoria era de que o milênio teria início em 1844.

Os ministros da fé no advento ensinavam, em seus discursos públicos, que a história mundial demonstrava que as várias nações estavam exatamente na condição simbolizada pela imagem de Daniel 2, quando a pedra deveria ferir a imagem nos pés e o Deus do céu estabeleceria Seu reino; também como no capítulo 7, quando “o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados aos santos do Altíssimo.” Eles também chamavam a atenção para o fato de que os sinais – físicos, políticos e morais – eram justamente os que a Bíblia predisse que seriam vistos quando o Senhor estivesse prestes a aparecer.

Prodígios nos céus

O Senhor, mediante o profeta Joel, diz: “Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor” (Joel 2:30, 31). Os adventistas criam e ensinavam que a aurora boreal dos últimos séculos (comumente chamada de luzes do norte) era o “fogo e colunas de fumaça” que cumpre a especificação do profeta. Segundo a mais fiel informação histórica (nos referimos à Enciclopédia Edinburg como testemunha), ela havia sido raramente vista antes desse período.

Assim, enquanto a mensagem da iminente vinda do Senhor estava sendo levada às partes mais remotas da Terra, apareceram sinais nos céus, que deram força à verdade e prenderam a atenção das pessoas.

Em 25 de janeiro de 1837, houve uma das mais magníficas exibições da brilhante aurora boreal, que imediatamente pareceu conduzir o pensamento de muitos à predição do profeta Joel, quanto ao que havia de preceder o grande dia do Senhor. A seguinte descrição do acontecimento apareceu no *Noticiário Comercial* de Nova Iorque, de 22 de outubro de 1839. Ela está plenamente de acordo com a cena que eu testemunhei em Victor, Condado de Ontário, em Nova Iorque:

A brilhante aurora de 1837

No entardecer de 25 de janeiro de 1837, houve uma notável exibição dos mesmos fenômenos [referindo-se à aurora boreal] em várias partes do país, segundo nossos leitores, certamente, irão lembrar-se. Onde quer que o chão estivesse coberto com neve, a cena se via grandiosa e “temerária” da maneira mais inédita. Em certo lugar, situado próximo a uma montanha, as pessoas que presenciaram a cena, informaram-nos que ela se assemelhava a “ondas de fogo rolando montanha abaixo,” e em geral, até onde ficamos sabendo, a neve cobrindo o chão tinha a aparência de fogo misturado com sangue, ao passo que no alto (como diz o apóstolo), “os céus, incendiados”, lembravam tanto a descrição profética dos últimos dias que muitos ficaram extasiados; as crianças que o contemplavam ficaram atemorizadas, e perguntavam se isto era a vinda do juízo; e mesmo os animais tremiam, manifestando bastante agitação.

Não foi somente na América que exibiu-se este sinal do profeta Joel. Como a doutrina da vinda do Senhor estava também ganhando publicidade na Grã-Bretanha, o mesmo sinal se manifestou no céu daquele país. O *Noticiário Comercial* de Nova Iorque, de 22 de outubro de 1839, traz as seguintes citações, provenientes de jornais Londrinos, sobre um notável fenômeno, testemunhado naquele país na noite de 3 de setembro:

A aurora de 1839

LONDRES, 5 de setembro [1839]. – Entre as dez horas da noite de quinta-feira e as três da madrugada de ontem, foi vista nos céus uma das mais fascinantes manifestações já observadas, nos últimos muitos anos, desses extraordinários fenômenos – as estrelas cadentes e as luzes do norte. A primeira indicação desse fenômeno singular aconteceu dez minutos antes das dez, quando uma luz avermelhada, aparentemente vapor, levantou-se da parte norte do hemisfério, e gradualmente estendeu-se ao centro do céu; por volta das dez horas ou dez e quinze, o céu todo, de leste a oeste, era uma grande lâmina de luz. Tinha aparência das mais alarmantes e era exatamente como a ocasionada por um terrível incêndio. A luz variava consideravelmente; hora pareceu decair, e imediatamente depois levantou-se com brilho intenso. Misturada com ela, via-se grande quantidade de fumaça, que rolava mais e mais; todo espectador parecia convencido de que isto era “um tremendo incêndio.”

A confusão na metrópole era muito grande; milhares de pessoas corriam em direção à terrível suposta catástrofe. Os carros das estações de bombeiros na Rua Baker, Rua Farringdon, Rua Watling, e Estrada de Waterloo, e também os das estações a oeste de Londres – de fato, todos os carros de bombeiros de Londres foram arrelhiados e cavalgaram para a suposta cena “de destruição” com energia mais que normal, seguidos por carruagens, cavaleiros, e grandes multidões. Alguns dos carros avançaram até a altura de High Gate e Halloway [cerca de seis quilômetros e meio] antes que o erro fosse descoberto. Esses prodígios duraram mais de duas horas, e, ao aproximar-se o amanhecer, o espetáculo se tornou magnífico.

Às duas da manhã, o fenômeno apresentou uma cena extremamente bela e bem difícil de descrever. Londres inteira estava iluminada de forma tão clara quanto ao meio-dia, e a atmosfera estava notavelmente clara. O hemisfério sul, nesse momento, embora sem nuvens, estava muito escuro; mas as estrelas, que eram inúmeras, brilhavam com grande beleza. O lado oposto do céu apresentava um contraste curioso, porém magnífico; estava extremamente claro, e a luz era muito brilhante; havia uma sucessão contínua de meteoros, que variava em esplendor – pareciam formados no centro do céu e se difundiam até que pareciam estourar. A impressão foi vibrante. Um grande número de pequenas estrelas eram atiradas por sobre o horizonte, e se lançavam com tanto ímpeto em direção à terra que os olhos mal podiam seguir-lhes o rasto; elas também pareciam explodir, lançando um vapor vermelho escuro por todo o hemisfério. As cores eram das mais magníficas.

Às duas e meia o espetáculo foi transformado em trevas, que, ao se dispersarem, apresentaram um arco-íris luminoso no zênite dos céus, e também em volta da borda de escuridão que pairava sobre a parte sul do país. Logo depois, colunas de luz prateada irradiavam partindo dele. Elas aumentaram maravilhosamente, intercalados com o vapor avermelhado que se formou ao mesmo tempo; e quando a atingiu a altura total, o espetáculo estava além de qualquer imaginação. Estrelas eram atiradas em todas as direções, continuando até às quatro, quando tudo se extinguiu.

Estranhos aspectos no sol

Enquanto os ativos pregadores estavam anunciando a verdade da vinda do Senhor, diversas maravilhas no céu foram vistas em várias partes do mun-

do. Por motivo de espaço, daremos apenas a descrição da aparência do sol em Norwich, na Inglaterra, em dezembro de 1843. Outra semelhante ocorreu em New Haven, Connecticut, em 9 de setembro de 1844, durante duas horas prévias e após o meio-dia, e foi testemunhada por milhares de pessoas.

Estranha aparência do sol

O pequeno círculo interior representa o sol. Tinha uma tonalidade laranja-clara. A parte exterior dos dois círculos, com distâncias desproporcionais do sol e em torno dele, se mostravam da mesma cor; mas, a parte interna desses círculos era de um amarelo vivo. O céu, na parte interna desses círculos, se mostrava de cor marrom-escuro, e os três grandes círculos passando pelo sol e por baixo dele, se afiguravam a uma luz distintamente brilhante.

Da ocorrência, na Inglaterra, lemos, em uma carta de E. Lloyd, de Londres, de 3 de janeiro de 1844, como se segue:

Houve um notável “sinal no sol”, visto pelos principais cidadãos de Norwich e seus arredores, tal como nunca visto antes na Inglaterra. Foi visto em dezembro passado, cerca do meio-dia, e durou duas horas. Causou grande alarme entre os moradores. Ocorreu logo antes que os irmãos Winter, Burgess e Routon inaugurassem sua missão naquela cidade. Parece que isso preparou caminho para a verdade, pois lá tiveram bastante sucesso.

A narrativa do fenômeno ocorrido em New Haven, Connecticut, é dada no *Midnight Cry* de 10 de outubro de 1844, sendo tomada do *Palladium* de New Haven de 10 de setembro de 1844. Na narrativa do *Cry*, o editor diz: “Nenhum filósofo foi capaz de apresentar alguma explicação para a causa deste fenômeno, que o tivesse satisfeito a si mesmo.”

Um relato desta manifestação que apareceu conectada ao sol em New Haven, Connecticut, a 9 de setembro de 1844, também foi publicada no *Courant* de Hartford de 12 de setembro de 1844, e diz o seguinte:

Os anéis ao redor do sol na segunda-feira, dia 9 de setembro de 1844, por duas horas antes e depois do meio-dia, parecem, de forma geral, ter sido observados por nossos cidadãos com bastante interesse, e despertaram uma curiosidade inteligente de saber mais a respeito de aparições desse tipo, e de suas causas.

O halo atual foi notável por sua duração, e proporcionou oportunidades favoráveis à observação. Perto do meio-dia, consistia principalmente de dois anéis completos, um tendo cerca de 45 graus de largura, circundando o sol em seu centro, e o outro cerca de 72 graus em largo, tendo o seu centro no zênite, enquanto que sua circunferência passava pelo sol. O círculo menor era acompanhado por uma eclipse do eixo maior, e de pequena excentricidade. Diretamente oposto ao sol, e 36 graus ao norte do zênite, o grande círculo foi interceptado por dois outros círculos de diâmetros semelhantes ou quase iguais, formando, no ponto de intersecção, um ponto brilhante, tal como naturalmente resultaria ao combinar-se a luz de três anéis luminosos. O anel que rodeava o sol exibiu as cores do arco-íris, frequentemente, com muito brilho e beleza. Os outros anéis eram brancos e mais fracos, por estarem mais distante do sol. Pequenas porções de círculos, no entanto, com matizes prismáticos [de arco-íris], apareceram em momentos variados, tanto no leste como no oeste. [...] Tal uniformidade de estrutura deve depender de *alguma lei* que regula a formação de halos, mas a essência desta lei não está totalmente clara. [...] Não houve muita dificuldade em conjecturar sobre a causa para a formação do anel que circunda o sol, uma vez que ela consiste de algo semelhante ao que produz o arco-íris; mas explicar a origem do anel que tem a sua circunferência no centro do sol, tem sido mais difícil.

Maravilhas cumprindo as predições das Escrituras

Podemos conhecer a aplicação que foi feita, tanto na Inglaterra como na América, destas maravilhas vistas no céu, ao ler o material intitulado “*Exposição do capítulo Vinte e quarto de Mateus*”, de Sylvester Bliss, publicado em Boston em 1843. Depois de citar alguns dos relatos que acabamos de mencionar, ele diz:

Assim, os “grandes sinais” e “coisas espantosas” preditos nas Escrituras da verdade, parecem estar todos cumpridos, bem como aqueles os quais o Salvador declarou que precederiam sua vinda.

Tão certo como a queda das folhas das árvores é uma indicação do verão, assim, com a mesma certeza, pelo cumprimento destes sinais, os cristãos devem saber que a vinda de Cristo está próxima, mesmo às portas. Não é uma mera permissão para sabê-lo, mas nosso Salvador lhes ordena sabê-lo (*Exposition of the Twenty-Fourth of Matthew*, p. 49-60. Sylvester Bliss, Boston, Massachusetts, 1843).

Os mensageiros

Tendo chamado a atenção para algumas das características principais da mensagem do segundo advento como inicialmente proclamada, pode ser de interesse considerar alguns que desempenharam um papel destacado na grande proclamação. Já mencionamos os nomes de muitos dos mais talentosos ministros da época, em terras estrangeiras, que anunciaram a mensagem. Ao chamarmos a atenção para alguns dos que lideraram nos Estados Unidos, a quem o Senhor encarregou da obra, ficará ainda mais evidente que a mão do Senhor estava de fato no movimento.

Guilherme Miller

Primeiro citaremos o caso de Guilherme Miller, que foi tão destacado nos Estados Unidos, que, para muitos, o movimento adventista é conhecido apenas como “*Milerismo*.”

Guilherme Miller nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em fevereiro de 1782. Em sua infância foram manifestadas evidências de capacidade e força intelectual descomunais. Uns poucos anos fizeram com que estas se tornassem mais e mais notáveis a todos que conviviam com ele. Possuía forte constituição física, ativo e naturalmente bem desenvolvido intelecto, e um irrepreensível caráter moral. Tinha desfrutado das limitadas vantagens da escola local por apenas poucos anos, antes que, de forma geral, se admitisse que suas realizações superavam às dos professores comumente empregados.

Miller casou-se em 1802, e se estabeleceu em Poultney, Vermont. Os homens com quem se associou após mudar para Poultney, aos quais muito devia quanto a favores mundanos, eram profundamente afetados com princípios céticos e teorias deístas. Não eram homens imorais, mas, como grupo, eram bons cidadãos, e, geralmente, de postura séria, humanitária e caridosa. No entanto, rejeitavam a Bíblia como o padrão de verdade religiosa e se esforçavam por tornar plausível sua rejeição, procurando auxílio nos escritos de Voltaire, Hume, Volney, Paine, Ethan Allen, e outros. Miller estudou essas obras cuidadosamente, e, com o passar do tempo, declarou-se um deísta. Ele próprio afirmou que sua vida no deísmo abrangeu um período de doze anos, a começar por volta de 1804.

Recebendo um encargo de capitão, entrou para o exército em 1810. Ao dele regressar, mudou-se, com sua família, para Low Hampton, Nova Ior-

que, a fim de começar ali a ocupação de fazendeiro em 1812. Nesse trabalho, possuía mais tempo livre para leitura. Descobriu que sua visão deísta não lhe dava qualquer garantia de felicidade após a vida presente. Para além do túmulo, tudo era escuro e sombrio. Cito aqui suas próprias palavras:

Aniquilação era uma ideia desanimadora e depressiva, e prestar contas seria destruição certa para todos. Os céus eram como bronze sobre minha cabeça, e o chão como ferro sob meus pés. *Eternidade! O que era? E a morte! Por que existia?* Quanto mais raciocinava, mais longe me achava da explicação. Quanto mais pensava, mais difusas eram minhas conclusões. Tentei parar de pensar, mas meus pensamentos não queriam ser controlados. Era verdadeiramente um miserável, porém não entendia *o porquê*. [...] Pouco depois, de forma repentina, o caráter do Salvador foi vividamente gravado em minha mente. Tive a impressão de que fosse possível existir um ser tão bom e compassivo, a ponto de, ele próprio, expiar nossas transgressões, e, assim, nos salvar de sofrer a punição do pecado. Imediatamente senti quão amável seria um ser assim; e imaginei poder lançar-me em seus braços e confiar em sua misericórdia.

Conversão de Guilherme Miller

Ele disse ainda:

Vi que a Bíblia revelava exatamente um Salvador como eu precisava, e fiquei perplexo em ver como um livro não-inspirado poderia desenvolver princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo caído. Fui constrangido a admitir que as Escrituras eram necessariamente a revelação de Deus. Tornaram-se o meu prazer; e, em Jesus, encontrei um amigo. [...] A Bíblia agora tornou-se meu principal estudo e, sinceramente, posso afirmar: estudei-a com grande prazer. Descobri que metade nunca me foi contada. Perguntei-me porque não havia visto antes sua beleza e glória, e maravilhei-me de que a pudesse haver rejeitado.

Miller descreveu sua maneira de estudar a Bíblia:

Decidi deixar de lado todas as minhas ideias pré-concebidas, comparar cuidadosamente passagem com passagem, e avançar no estudo maneira regular e metódica. [...] Sempre que encontrava qualquer parte obscura, era minha prática compará-la com todas as passagens paralelas; e, com a ajuda de *Cruden* [uma Concordância Bíblica], examinava todos os textos bíblicos em que fosse encontrada qualquer pa-

lavra relevante do texto obscuro. [...] Foi assim que prossegui com o estudo da Bíblia, pela primeira vez lendo-a de forma atenta, por um período de mais ou menos dois anos, e fiquei totalmente convencido de que ela é o seu próprio intérprete.

Enquanto estudava assim, convenci-me de que, se as profecias que se cumpriram no passado fornecem algum critério pelo qual se possa julgar a maneira de cumprir-se das que ainda estão no futuro, a crença popular num reino espiritual de Cristo – um milênio temporal antes do fim do mundo, e o regresso dos judeus – não é apoiada pela Palavra de Deus. [...] Encontrei claro ensino nas Escrituras que Jesus Cristo vai novamente baixar a este mundo, vindo nas nuvens do Céu, em toda a glória de seu Pai.

Senti um prazer em estudar as passagens as quais não tinha antes suposto poderem ser derivadas de seus ensinamentos. Comecei a estudá-las sem nenhuma expectativa de descobrir o tempo da vinda do Salvador, e, no início, mal pude acreditar no resultado a que havia chegado; mas a evidência me sobreveio com tal força que não pude resistir a minhas convicções. Fiquei quase estabelecido em minhas conclusões, e comecei a aguardar, vigiar, e orar pela vinda do Salvador.

Novamente ele diz:

Acreditei nisso; e, imediatamente, a fim de que o mundo pudesse crer e se preparar para encontrar o Juiz e Noivo em Sua vinda, o dever de publicar essa doutrina foi impresso em minha mente. Não preciso contar aqui em detalhes minhas longas e penosas provações. Basta dizer que, depois de um certo número de anos, fui compelido pelo Espírito de Deus, o poder da verdade e o amor pelas almas, a tomar minha cruz e proclamar estas coisas a um mundo moribundo e perecendo.

Miller, assim como os que foram comovidos por esta mensagem em outros países, pensou primeiro em cumprir sua missão escrevendo e publicando em gazetas populares e panfletos. Publicou primeiro seus pontos de vista no *Telégrafo de Vermont*, um periódico Batista, impresso em Brandon, Vermont. Isso aconteceu em 1831. Apresentou o assunto em público pela primeira vez em 1832. Acerca dessa reunião, disse ele: “O Senhor derramou sua graça sobre a congregação, e muitos creram para a salvação de suas almas.”

Em 1836, suas palestras foram impressas em algumas gazetas populares da época. No inverno de 1837-38, suas palestras foram publicadas em

forma de panfleto. Em 1838, um segundo panfleto, de 204 páginas, foi impresso, no qual Miller declarou que o poder Otomano *poderia* cair no ano de 1839 ou 1840. Suas primeiras palestras em qualquer cidade grande se deram em 1836. Pregou, então, nas cidades de Randolph, Lowell, Gratton, e Lynn, localizadas em Massachusetts.

Até 1840, Miller estava praticamente sozinho, como orador público, no tema do iminente advento de Cristo. Naquele ano, repentinamente, centenas uniram-se a ele na proclamação da mensagem. O que produziu essa grande mudança será mencionado no próximo. No inverno de 1839-1840, Miller pregou uma série de sermões em Exeter, New Hampshire. Ali conheceu o irmão Joshua V. Himes, que, naquela ocasião aceitou a fé, e, a partir de então, permaneceu lado a lado com o irmão Miller como editor e ardente pregador da grande mensagem do segundo advento.

Joshua V. Himes

Sobre este zeloso trabalhador nesse grande movimento, o melhor resumo que podemos fazer é citar as palavras de seu biógrafo, que diz:

Joshua V. Himes nasceu em Wickford, Rhode Island, em 19 de maio de 1805. Seu pai era bem conhecido comerciante com a Índia Ocidental, e se destacava como membro da Igreja Episcopal de São Paulo em Wickford. Sua mãe tinha uma personalidade agradável e um amor pelo Salvador, o qual transmitiu aos ouvidos dispostos de seu filho.

Tinha sido intenção do pai educar seu filho, Joshua, para o ministério da igreja à qual ele próprio pertencia, mas as circunstâncias o impediram. Deus tinha outra obra para aquele filho realizar, e estava ordenando as coisas, de forma a produzirem o resultado desejado. Em 1817 o pai enviou um valioso carregamento a comando do Capitão Carter, com Alexander Stewart como comissário de bordo. Tais homens se mostraram infiéis, e chegando a um porto da Índia Ocidental, venderam tanto o navio como a carga, e fugiram. Esse evento alterou todos os planos que haviam sido feitos para o futuro do jovem Joshua, que teria sido enviado à Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island. Em vez disso, em abril de 1821, foi levado para New Bedford, Massachusetts, e vinculado a William Knights, para aprender o ofício de fabricar gabinetes.

Chegando a sua nova casa, tomou com seriedade o trabalho do qual fora encarregado, com a determinação de se tornar um mestre em

seu ofício. Logo, porém, descobriu que seu ambiente religioso não estava totalmente a seu agrado. Diz assim: “Meu mestre era um Unitariano, e levou-me para sua igreja. O Reverendo Orville Dewey era o pastor. Era um converso recente da ortodoxia. Minha formação, sob a tutela do Bispo Griswold e do Reverendo William Burge, sacerdote da Igreja de São Paulo, em Wickford, e o fato de, diversas vezes, ter ouvido o eloquente Dr. Crocker da Igreja de São João, em Providence, Rhode Island, tornaram-me bastante incapaz de aceitar as eloquentes negações dos ensinamentos de Cristo e seus apóstolos feitas pelo Sr. Dewey.”

Não havendo, na época, nenhuma igreja Episcopal em New Bedford, ele decidiu participar da Primeira Igreja Cristã [não a dos Discípulos] e posteriormente se uniu àquele corpo de crentes. “Aqui”, diz ele, “achei a Bíblia aberta e a liberdade de pensamento, e fiz bom uso de ambas.” Esta igreja estava sob os cuidados pastorais do Reverendo Moisés Howe. O Reverendo Clough batizou Joshua V. Himes em 2 de fevereiro de 1823. Com um coração ardendo de zelo por seu Mestre, imediatamente começou, com dezoito anos de idade, a contar a história da cruz e a exortar o povo a arrepende-se. Declarou acerca de si mesmo:

“Logo me tornei um exortador, e recebi uma licença para exercitar o meu dom. [...] Trabalhei satisfatoriamente como aprendiz e fui aprovado. Mas, durante cinco ou seis anos, tive o hábito de trabalhar em excesso, e, assim, obtive um ou dois dias por semana para estudo e trabalho missionário em comunidades carentes, cujos frutos entreguei ao meu pastor.”

Em 1825 ele foi comissionado como missionário da associação das Igrejas Cristãs ao sul de Massachusetts. “Não havia nenhum plano ou meios para o sustento de missionários”, diz o irmão Himes, “e resolvi entrar nos negócios para me sustentar, e pregar o quanto pudesse.”

Em 1828, saiu de New Bedford, não com apreensões ou falta de energia, mas com vencedora determinação, indo para Plymouth, onde pregou a Palavra de Deus em escolas-caseiras, em espaços improvisados e onde quer que conseguisse uma audiência. Em 1829, deu seguimento a esse mesmo método de trabalho em Fall River até 1830, quando se mudou para Boston como pastor da Primeira e Segunda Igrejas Cristãs; e aqui permaneceu por trinta e três anos. Em 1839, converteu-se à causa do Advento, tal como explanada pelo famoso irmão Guilherme Miller. Entrou na nova causa com todo o entusiasmo que possuía, e

seu ministério era cheio de fogo e poder. Em 1840, iniciou a publicação da *Signs of the Times* [a revista Sinais dos Tempos], defendendo a causa em que se havia lançado de todo o coração. Todo o seu dinheiro, todo o seu trabalho, toda a sua energia foram devotados às necessidades da causa, e milhares de conversos foram ganhos.

Trabalho unido de Miller e Himes

De 1840 até o outono de 1844, a obra dos irmãos Miller e Himes foi, em grande medida, feita de maneira unida, ao irem de cidade em cidade no verão com sua gigantesca tenda e, no inverno, em igrejas e salões públicos. A grande força física do irmão Himes o preservou até adentrar os noventa e dois anos de idade. Suas faculdades mentais foram vigorosas até o fim. Em 28 de setembro de 1894, ele fez um discurso muito comovente a uma congregação de mais de três mil adventistas do sétimo dia num acampamento realizado em Lansing, Michigan. Pareceu falar tendo muito de seu antigo zelo e vigor. Isso foi realmente surpreendente, uma vez que havia três meses que esse homem completara noventa e um anos de idade e que, presentemente, estava sofrendo com uma doença incurável da qual veio a falecer no ano seguinte.

Os irmãos Miller e Himes, estavam, por assim dizer, na “frente de batalha” nesse movimento do segundo advento na América, e eram apenas dois dentre dezenas de pessoas que trabalhavam com eles na proclamação da doutrina do advento de Cristo, cujas características principais eram firmeza de propósito e genuína integridade. Estes homens eram, em grande parte, daquela classe, reconhecida pelo mundo como “homens que venceram por esforço próprio” – homens que se haviam desenvolvido pelo contato com as duras realidades da vida e aprendido a decidir-se quanto ao mérito de uma questão partindo de princípios e não de politicagem. Faziam parte daquela classe de pessoas nas igrejas que, segundo o irmão Miller, geralmente aceitavam a mensagem: “os membros mais piedosos, devotados e vivos.” Este fato foi confirmado pelos ministros das várias igrejas que declararam, após a separação final entre eles e os adventistas: “Ela [a doutrina] levou a *nata* do nosso rebanho.”

Outros destacados pregadores adventistas

Pode ser de interesse citar nominalmente a alguns dos homens que exerceram um papel destacado, juntamente com os irmãos Miller e Himes, no mo-

vimento durante aqueles anos iniciais. O primeiro a encabeçar a lista é Charles Fitch, de Cleveland, Ohio, o qual, em 1842, sugeriu a ideia de usarem diagramas para ilustrar as visões de Daniel e do Apocalipse. Essa originou-se com base em Habacuque 2:2, 3. Charles Fitch faleceu no dia 10 de outubro de 1844.

Dr. Josiah Litch, da Filadélfia – como veremos no próximo capítulo, foi movido pelo Senhor para proclamar uma verdade que, por ocasião de seu cumprimento, causou um aumento de interesse, rápido e repentino, na mensagem do advento.

Elon Galusha, de Lockport, Nova Iorque – notável ministro batista cujos escritos e pregações sobre o tema da breve vinda do Senhor causaram grande agitação naquela denominação.

E. R. Pinney, de Seneca Falls, Nova Iorque – outro consagrado ministro da Igreja Batista, cujos ministério e escritos foram um poder na obra. Ele bem poderia ser chamado de “O sal da terra”.

George Storrs, da cidade de Nova Iorque – antes de sua conversão à doutrina do advento, era um proeminente pregador de reavivamento. Seus escritos exerceram poderosa influência no sentido de levar o povo a uma maior consagração, de si mesmo e de suas posses, à obra; isto ocorreu especialmente nas últimas semanas das duas mil e trezentas tardes e manhãs. Foi ele que, após o desapontamento, trouxe à atenção dos adventistas o estado dos mortos e a punição futura.

O irmão Stockman, de Portland, Maine – mais um dedicado obreiro nos reavivamentos conduzidos por Guilherme Miller naquela cidade. Sua morte ocorreu algumas semanas antes do encerramento do ano judaico de 1843, época em que o povo Adventista esperava e aguardava a vinda do Senhor naquela ocasião.¹

Houve outros homens de destaque que, por falta de espaço, vamos apenas mencionar, tais como N. N. Whiting, que fez uma tradução do Novo Testamento para o Inglês, conhecida como *Tradução de Whiting*; S. S. Snow, F. G. Brown, Apollos Hale, L. D. Mansfield, George Needham, O. U. Fassett; George, Wesley, e Edwin Burnham (três irmãos), todos obreiros eficientes na mensagem.

¹ É fácil entender, como descrito no livro *Primeiros Escritos*, p. 17, o motivo pelo qual os irmãos Fitch e Stockman estavam ansiosos para saber o que havia acontecido após sua morte.

Capítulo 7



O RÁPIDO AVANÇO DA MENSAGEM

“Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra, e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes. [...] Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas” (Apocalipse 10:1-7).

Anjos: símbolos de mensageiros humanos

Como já demonstramos, a obra de pregar o evangelho foi confiada a homens, e o Senhor prometeu abençoar este instrumento “até o fim do mundo” (Mateus 28:19-20). Por conseguinte, o “anjo” dando esta mensagem deve simbolizar uma mensagem de *tempo* a ser pregada aos habitantes da terra. A mensagem é proclamada de um livro “*aberto*”, claramente indicando que ele antes esteve *fechado*. Estes mensageiros são bem estimados por Deus, pois o “arco-íris”, um símbolo de Sua aliança, está sobre eles; e eles estão vestidos com a luz da glória de Deus, e proclamam a mensagem com a autoridade do Criador de todas as coisas. Então, aqui temos uma mensagem de *tempo*, que no passado estava “selada”, mas que agora está sendo proclamada a partir de um livro “aberto”.

Nos capítulos anteriores, ficou evidente que Deus designou o momento exato de conceder luz quanto ao fim do grande período profético – os 2300 dias – chegando ao juízo investigativo; também provamos que a predição acerca da multiplicação do conhecimento foi precisamente cumprida ao se levantarem muitos a quem Ele havia revelado esta luz; mostramos que Ele marcou também o momento em que a “parábola da figueira” deveria ser *revelada*, suscitando mestres, na hora exata, que a proclamassem ao mundo. Com essa precisão, Deus marcou o momento em que a mensagem de tempo deveria crescer em intensidade até o seu *alto clamor*, e com a mesma precisão ela se cumpriu.

O alto clamor da primeira mensagem

O tempo exato em que o alto clamor desta proclamação deveria acontecer é uma questão interessante. Ele surge entre o soar da sexta e sétima trombetas, o que se evidencia, não apenas por sua localização no registro bíblico, mas pela própria mensagem, que diz: “nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.” Isto constitui evidência conclusiva de que o tempo anunciado nesta mensagem se estende até o soar da sétima trombeta.

O tempo do alto clamor

Ao soar do sétimo anjo, lemos assim: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário” (Apocalipse 11:19). No serviço do santuário terrestre, o compartimento onde a arca ficava – o Lugar Santíssimo – abria-se apenas uma vez por ano. Isso acontecia no dia da expiação, e tinha por finalidade apagar os pecados – *purificar o santuário*. O tempo referido pelos profetas em que esta obra de purificação, como realizada por Cristo, deveria ocorrer, é ao fim dos 2300 dias (Daniel 8:14). Também é dito que, ao soar do sétimo anjo, vozes no céu anunciam que é chegado o tempo de serem julgados os mortos (Apocalipse 11:18).

Este símbolo profético de Apocalipse 10, aponta o momento em que esta mensagem deve avançar “com grande voz”, e por fim, “como quando ruge um leão” (Apocalipse 10:3). De acordo com esta profecia, o *tempo* em que a mensagem deveria crescer até seu “alto clamor”, vai desde o fim da sexta trombeta até o fim dos 2300 dias – o fim do período profético que termina

na purificação do santuário. As quatro primeiras trombetas se cumpriram nas guerras dos godos, vândalos, hunos, etc., que dividiram Roma ocidental em dez partes ou reinos.

A quinta trombeta

A quinta trombeta revela a ascensão do islamismo, com sua gama de erros. Especialmente, porém, revela o período de “cinco meses”, ou 150 anos literais, a partir do momento que “tinham sobre eles um rei.” Em 27 de julho de 1299, Othman [também chamado Osman I], fundador do império otomano, invadiu o território da Nicomédia. A partir desse momento, os otomanos assediaram e “atormentaram” o império Romano Oriental até 27 de julho de 1449, ou seja, o exato período de 150 anos durante o qual soava a quinta trombeta. Nessa ocasião, os turcos vieram com seus exércitos contra a própria cidade de Constantinopla, fazendo uso de pólvora na batalha. Mediante um pesado canhão de artilharia, que o historiador Edward Gibbon disse requerer sessenta bois de tração para transportá-lo, dispararam grandes pedras contra os muros dessa cidade.

O término da sexta trombeta

Por este tempo, morreu João VIII Paleólogo, considerado pelos historiadores como o último imperador Bizantino. Constantino Decozes [Constantino XI Paleólogo] era o herdeiro legítimo do trono, mas diz-se que o medo que tinha de Amurath [Murad II], sultão turco que estava fazendo guerra contra ele, levou-o a pedir-lhe permissão para subir ao trono. Tal ato pareceria aos turcos quase uma renúncia ao trono. De fato, após breve tempo, os otomanos estavam de posse da cidade de Constantinopla e do império Romano Oriental. Assim, os turcos “mataram” (politicamente) o império ao qual eles, antes, haviam “atormentado”. Deviam continuar a “matança” por “uma hora, um dia, um mês e um ano” (Apocalipse 9:15).

Se considerarmos isso como um tempo profético – cada dia por um ano – quanto tempo isso representaria? Muito simples: um ano: 360 dias, ou anos; um mês: 30 dias, ou anos; e um dia: um ano; no total 391 dias, ou, literalmente, 391 anos. Sendo que uma hora é a vigésima-quarta parte de um dia [ou ano], simbolicamente seria a metade de um mês ou quinze dias [$360 \div 24 = 15$]. Portanto, o tempo total do reinado Muçulmano independente, no território Romano Oriental, é de 391 anos e 15 dias. Somando esse total à data de 27 de

julho de 1449, chegamos a 11 de agosto de 1840 como término do período de independência turca, conforme anunciado sob a sexta trombeta.

O Dr. Josias Litch prevê a queda do Império Otomano

Em 1838, o Dr. Josias Litch, da Filadélfia (Pensilvânia), havendo abraçado a verdade anunciada por Guilherme Miller, uniu-se à obra de propagar a publicidade da mensagem. Preparou artigos para publicação sobre o tema das sete trombetas do Apocalipse. Posicionou-se, de forma incondicional, defendendo que o soar da sexta trombeta terminaria e que o poder otomano iria cair no dia 11 de agosto de 1840; e que, ao mundo, isso demonstraria que um *dia* profético representa um *ano* de tempo literal.

Alguns dos irmãos, mesmo dentre os que acreditavam neste ponto como ele cria, temeram quanto ao que resultaria “caso isso não ocorresse” do modo que havia predito. Isso, porém, não o intimidou; pelo contrário, buscou fazer tudo o que podia para tornar pública sua compreensão acerca dos turcos. Os jornais circularam amplamente as afirmações que ele fez sobre o assunto. Clubes de céticos discutiam a questão em seus encontros e declaravam: “Aqui está um homem que ousa alguma coisa; se isso acontecer segundo ele afirma, será estabelecida, sem sombra de dúvida, sua alegação de que um dia em profecia simboliza um ano, e que os 2300 dias são 2300 anos, que terminarão em 1844.”

A publicação da palestra do Dr. Litch provocou uma agitação geral, e assim, milhares tiveram sua atenção chamada para acompanhar a resolução do conflito que se levantara entre Mehemet Ali, o paxá do Egito, e o sultão turco. Centenas diziam: “Se esta questão se encerrar segundo afirmou o doutor, isto estabelecerá o princípio de interpretação de tempo profético ‘*dia-ano*’, e nós nos tornaremos adventistas.”

O sultão turco faz guerra ao paxá do Egito

Por vários anos antes de 1840, o sultão esteve enredado em guerra contra Mehemet Ali, paxá do Egito. Em 1838, a encrenca entre o sultão e seu vassalo egípcio foi, por certo tempo, refreada, por influência de embaixadores estrangeiros. Em 1839, no entanto, as hostilidades reiniciaram, e prosseguiram, até que, em uma das batalhas, o exército do sultão foi totalmente destruído, e sua frota tomada por Mehemet e levada para o Egito. Tão completamente foi o sultão abatido, que, quando a guerra se iniciou novamente em agosto, ele só tinha duas naus de linha [navios pesados] e três fragatas, como dolorosas relí-

quias da, outrora, poderosa frota turca. Esta frota, Mehemet terminantemente recusou-se a ceder e devolvê-la ao sultão, e declarou que, se as forças aliadas se aventurassem a tomá-la, ele a queimaria. A questão permaneceu neste pé, até que, em 1840, Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia se interpuseram, e determinaram uma solução para o impasse, pois era evidente que, se nada fosse feito, Mehemet logo se assenhorearia do trono do sultão.

Intervenção das forças aliadas

O sultão aceitou a intervenção das forças aliadas, e assim fez uma rendição voluntária da questão às mãos deles. Uma conferência desses poderes foi realizada em Londres, estando presente o sheik, Effendi Bey Likgis, como embaixador Otomano. Elaborou-se um ultimato, para que fosse apresentado ao paxá do Egito, onde o sultão oferecia-lhe o governo hereditário e vitalício do Egito, e de toda a parte da Síria que se estende desde o Golfo de Suez até o lago de Tiberíades, juntamente com a província de Acre; ele, de sua parte, devia evacuar todas as outras partes dos domínios do sultão, ora por ele ocupadas, e devolver a frota otomana. Caso recusasse a oferta do sultão, os quatro poderes tomariam o assunto em suas próprias mãos, e usariam os meios que achassem necessários para levá-lo a termos.

Era evidente que, tão logo esse ultimato chegasse às mãos de Mehemet Ali, o assunto estaria eternamente fora do controle deste [do sultão], e a resolução de seu caso estaria nas mãos dos poderes estrangeiros.

A profecia cumprida: o fim da independência turca

O sultão enviou Rifat Bey em uma embarcação do governo a Alexandria para comunicar o ultimato ao paxá. Este foi posto em suas mãos, e por ele levado a cargo, no dia 11 de agosto de 1840! No mesmo dia, uma notificação foi enviada, pelo sultão, aos embaixadores dos quatro poderes, indagando que plano seria adotado, caso o paxá se recusa-se a cumprir os termos do ultimato; eles responderam que haviam feito os preparativos, e que ele não devia preocupar-se com qualquer eventualidade que pudesse surgir. Neste dia, o período de 391 anos e 15 dias, devotado à supremacia do poder otomano, terminou; e onde estava a independência do sultão? Desapareceu!

Desde aquela época até agora, o sultão teve de agir sob comando dos poderes e vê-los apoderarem-se de seu reino, que, pedaço a pedaço, foi desmembrado.

Despertado o interesse público na profecia

Este marcante cumprimento da profecia teve um tremendo efeito sobre a opinião pública. Intensificou o interesse das pessoas de ouvir sobre profecias já cumpridas e cumprindo-se. O Dr. Litch disse que, no espaço de poucos meses após 11 agosto de 1840, havia recebido cartas de mais de mil notáveis infiéis, alguns deles líderes de clubes, nas quais afirmavam que tinham desistido da luta contra a Bíblia, e aceitavam-na como revelação de Deus ao homem. Alguns deles converteram-se totalmente a Deus, e vários tornaram-se poderosos oradores no grande movimento do segundo advento. Alguns se expressaram da seguinte maneira ao Dr. Litch: “Dissemos que os expositores da profecia faziam menção das obsoletas páginas da história para fundamentar suas alegações de cumprimentos proféticos, porém, neste caso, temos fatos reais ante nossos olhos.”

Para ilustrar a forma em que, justamente ao final da sexta trombeta, a mensagem do Advento começou a avançar “em alta voz”, observemos um caso que me foi relatado por um dos protagonistas desta mensagem.

Em 1840, C. E. Williams, um grande fabricante de tendas e velas para navios, de Rochester (Nova Iorque), aceitou a mensagem e convidou os irmãos Miller e Himes para que viessem a Rochester a fim de pregar aos milhares de moradores daquela cidade. Eles, porém, responderam que não dispunham do valor necessário para conseguir um salão grande o suficiente para acomodar todas as pessoas. Ao que ele replicou: “Tenho uma tenda circular de 120 pés [37 metros] de diâmetro. Vou levantá-la, armá-la e tomar as devidas providências, *gratuitamente*. Venham e proclamem a mensagem.” “Eles vieram”, contou-me ele, “e a tenda não foi capaz de acomodar nem a metade dos que queriam ouvi-los; então coloquei uma emenda de 40 pés [12 metros], resultando numa tenda que media 160 x 120 pés [49 x 37 metros], a qual lotava diariamente; não obstante, centenas ficavam do lado de fora, todos muito ansiosos para ouvir a palavra.”

Centenas proclamando a mensagem

Para atender esse crescente interesse, fez-se uso de grandes tendas, e, durante o verão, realizaram-se reuniões nos bosques. Algumas das maiores igrejas e salões públicos foram utilizadas durante o inverno; todas lotadas, em sua capacidade máxima, com ouvintes interessados. Em vez do irmão Miller proclamar a mensagem “quase sozinho”, como havia sido antes de

1840, agora, cerca de trezentos se juntaram a ele em proclamar publicamente o término do período de 2300 dias, e em fazer soar o clamor: “Já não haverá mais tempo” e “é chegada a hora do Seu juízo”. Podemos ver que, ao chegar o tempo determinado por Deus para que a mensagem avançasse ao redor do mundo, Sua palavra se cumpriu e milhões foram movidos com o desejo de atender ao chamado.

O que aconteceu no movimento nos Estados Unidos aconteceu também em outros países. A partir de 1840, em vez de haverem uns poucos indivíduos espalhando suas publicações, dezenas saltaram à frente, por assim dizer, para proclamarem esse clamor. Na Inglaterra, apenas da Igreja Anglicana, haviam setecentos ministros proclamando a mensagem, sem contar outras dezenas de pessoas envolvidas na mesma obra. Em mais de vinte das principais nações da Terra, uma mensagem se espalhava com tamanho zelo, que levou os observadores a dizer: “Este povo está verdadeiramente levando isso a sério!”

Capítulo 8



A CEIA DAS BODAS DO CORDEIRO

“Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos. À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado” (Lucas 14:16, 17).

“Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro” (Apocalipse 19:9).

A ceia é a última refeição do dia. Nesta parábola, há três convites para a ceia. Porém não se deve confundir-la com o chamado para o “banquete” de Mateus 22:1-7. O “banquete” é uma refeição anterior. Os que levaram esse convite foram “ultrajados” e mortos, e até o filho do rei foi morto. O rei que havia enviado o convite “destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade” (Mateus 22:7).

Esta parábola, do chamado para o “banquete”, mostra o destino dos primeiros que rejeitaram o chamado, representando, de forma precisa, o que realmente aconteceu com os que rejeitaram o evangelho de Cristo, matando a Ele e a Seus apóstolos. O Senhor enviou exércitos contra essa nação, “destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade” – Jerusalém.

O convite para a Ceia

Já o convite para a *ceia*, sem dúvida, nos remete à “ceia das bodas do Cordeiro”. Uma bênção é pronunciada sobre os que a ela são convidados. Uma ceia de bodas ocorre após um casamento. O casamento do Cordeiro ocorre antes que Ele venha, pois, como já vimos, quando Cristo finalmente vier, irá “voltar [...] do casamento” (Lucas 12:36).

Assim, este convite para a festa de casamento parece ser a mesma coisa que a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 e a proclamação de

tempo do capítulo 10, segundo já mencionamos. Lucas registra que este primeiro convite é feito aos “convidados” (Lucas 14:17). Quem são estes “convidados”? Aqueles que ouviram e aceitaram o evangelho de Cristo. Estes, professam amar tanto a Cristo e a Sua segunda vinda, como se ela fosse a realização de suas esperanças. E por que o convite não deveria ser feito primeiro a eles? Era necessário que o evangelho fosse primeiramente pregado aos judeus, os quais possuíam as Escrituras e afirmavam estar esperando a vinda do Messias (Atos 13:45). Portanto, a mensagem da segunda vinda de Cristo foi primeiramente apresentada a Seus professos seguidores, os quais afirmavam amar Sua vinda.

O chamado aos que haviam sido convidados

O primeiro chamado à ceia, destinado aos que haviam sido “convidados”, precisava ser dado às igrejas. De fato, a proclamação da iminente vinda de Cristo, desde 1833 até à primavera de 1844, aconteceu *dentro das igrejas*, e, em grande parte, apoiada pelos ministros. A primeira publicação, feita por Guilherme Miller, sobre sua compreensão a respeito da iminente vinda de Cristo, foi feita num jornal Batista de Brandon, Vermont. Sua obra, bem como a de seus associados, até abril de 1844, foram realizados, principalmente, em igrejas ou em salões alugados por elas.

O irmão Himes descreve a obra de Miller, até a primavera de 1844, da seguinte forma:

Ele trabalhou em meio a todos os grupos e seitas, sem interferir em suas organizações ou disciplina, julgando que os membros das diferentes igrejas poderiam manter sua membresia, e, ao mesmo tempo, preparar-se para a vinda de seu Rei.

Falando de seu próprio trabalho, em união com o de Miller, afirmou: “A maioria dos pastores e igrejas que abriram suas portas para nós e para nossos irmãos, que estavam proclamando a doutrina do advento, colaboraram conosco até o ano passado”, isto é, 1844.

Portas abertas para a Mensagem

Acerca de seu trabalho, Miller declarou:

As portas me têm sido abertas para proclamar a doutrina da segunda vinda de Cristo em quase todas as denominações, de modo que só

pude atender a uma pequena fração dos chamados. [...] Em todos os lugares onde estive, aqueles que mais prontamente recebem as verdades apresentadas são os mais piedosos, dedicados e ativos membros das igrejas; enquanto que professores mundanos, fariseus, fanáticos, orgulhosos, arrogantes e egoístas zombam e ridicularizam a doutrina da segunda vinda de Cristo.

Da essência da mensagem do advento, pode-se afirmar o mesmo que foi dito por D'Aubigné a respeito da Reforma:

foi realizada em nome de um princípio espiritual. Declarava ter por professor, a Palavra de Deus; por salvação, a fé; por braços, o Espírito Santo; e, por esses mesmos meios, rejeitava todos os princípios mundanos.

Uma poderosa onda de reavivamentos

O caráter dos reavivamentos que sucederam à proclamação da mensagem do advento é assim descrito por L. D. Fleming, pastor da Igreja Cristã da rua Casco, de Portland, Maine:

O interesse despertado por suas palestras [referindo-se a Guilherme Miller] é do tipo mais ponderado e imparcial. Embora seja o maior reavivamento que já vi, não há quase nada de entusiasmo agitado. Parece assegurar a maior atenção da parte masculina da comunidade. O que produz este efeito é o seguinte: o irmão Miller simplesmente toma a espada do Espírito, desembainhada e nua, encosta seu lado afiado, sobre o coração desprotegido, e o corta! Isso é tudo. Diante desta poderosa arma, a infidelidade é derrubada, e o universalismo se murcha. Falsos fundamentos desaparecem, e os comerciantes de Babel se espantam. Parece-me que isso é o mais próximo que já se chegou dos reavivamentos apostólicos, dentre tudo o que tempos modernos já testemunharam.

Uma experiência em Richmond

Como ilustração da obra de reavivamento que acompanhou a pregação da doutrina do advento, iremos citar o relato de alguém que participou ativamente desse movimento. Ao falar de uma reunião trimestral realizada em Richmond (Maine), representando trinta igrejas Batistas Livres, ele diz:

Quando entrei no lugar de adoração, o pastor Rollins, que estava sentado ao lado do púlpito, na extremidade do salão, levantou-se e disse:

“Irmão White, sente-se aqui, ao meu lado.” Após o sermão, deram oportunidade para observações, e eu falei livremente sobre a vida cristã, e os triunfos dos justos por ocasião da segunda vinda de Cristo. Muitas vozes clamavam: “Amém! Amém!” e a maioria daquela grande congregação estava em lágrimas. [...] Próximo ao fim da reunião, depois de obter meu consentimento, o pastor Rollins se levantou e disse: “O irmão White, assentado à minha direita, vai pregar na igreja Reed, hoje à noite, sobre a segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Venham irmãos, e ouçam por si mesmos! Temos espaço suficiente para todos. Venham, irmãos, não irá prejudicar a nenhum de vocês ouvir sobre o assunto. [...] Ele bem sabia que a maioria de seus irmãos sairia de sua reunião na vila, e se deslocaria três milhas para me ouvir, e que sua reunião de comissão seria interrompida. E assim aconteceu. Três quartos dos ministros e quase todos os delegados partiram, e a reunião na igreja Reed estava lotada desde o início cedo. Meu assunto era Mateus 24. O Espírito de Deus concedeu-me grande liberdade. O interesse foi maravilhoso.

Ao concluir com um apelo aos cristãos em favor de total consagração e de que se preparassem, e aos pecadores de que buscassem a Cristo e se preparassem para a vinda do Filho do homem, o poder de Deus veio sobre mim, a ponto de precisar segurar-me ao púlpito com ambas as mãos. Foi uma hora solene. Ao contemplar a condição dos pecadores, perdidos sem Cristo, convidei-os com lágrimas, repetindo várias vezes: “Venha, ó pecador, e seja salvo quando Ele aparecer em Sua glória. Venha, pobre pecador, antes que seja tarde demais. Venha, ó pecador, ó pobre pecador, venha.”

O ambiente estava terrivelmente solene. Ministros e povo choravam, alguns em voz alta. Ao fim de cada apelo ao pecador, ouvia-se um gemido geral por toda a congregação. Eu havia estado em pé, explicando o capítulo e exortando, por mais de duas horas, e estava ficando rouco. Parei de falar, e chorei em voz alta por aquelas pessoas queridas, com uma profundidade de sentimento tal, conhecida apenas por aqueles a quem Deus chamou para pregar sua verdade aos pecadores. Eram nove horas, e dar liberdade a que outros falassem seria continuar a reunião até à meia-noite. Foi melhor encerrar com o profundo senso do presente, porém não antes que todos tivessem uma oportunidade de decidir ao lado do Senhor. Convidei, então, a que ficassem em pé, todos na congregação que quisessem unir-se a mim em oração, bem como aos que desejavam ser apresentados perante o trono de misericórdia, para que pudessem estar prontos para encontrar o Salvador

com alegria em Sua segunda vinda. Cada pessoa ali presente se levantou, segundo fui informado posteriormente por indivíduos que estavam em diversas partes do recinto. Após uma breve sessão de oração, a reunião terminou.

Na manhã seguinte, voltei à vila, acompanhado por, no mínimo, sete oitavos dos componentes da reunião trimestral Batista Livre. Todos contavam da maravilhosa reunião que tinham assistido na noite anterior.

Pedidos para levar a mensagem a outros lugares

No intervalo, os delegados e os ministros me convidaram para planejar com eles quanto às datas, nas quais eu poderia pregar para as congregações representadas naquela reunião trimestral que possuíam casas de culto espaçosas. Estávamos em meados de fevereiro; concluiu-se que não restavam mais que seis semanas em que a neve estivesse firme para viajar a trenó, onde as pessoas tivessem uma boa chance de ir às reuniões. Foram escolhidas, para o meu trabalho em seis semanas, doze das mais importantes localidades. Eu faria dez palestras e, portanto, precisaria pregar vinte vezes por semana. Restou-me apenas metade de um dia por semana, o qual descobri ser frequentemente muito necessário para viajar 25-30 quilômetros até o próximo local de reuniões (*Life Sketches of James and Ellen G. White*, p. 61-64).

Centenas de conversões

A pregação da doutrina do advento foi seguida de reavivamentos e centenas de conversões por toda parte, especialmente ao se aproximar o fim do ano judaico de 1843 (21 de março de 1844). Foi durante este inverno que eu, em minha vila natal, Victor (Nova Iorque), ouvi pela primeira vez sobre o assunto, e, com apenas doze anos de idade, aceitei, até onde entendia, a fé no segundo advento. Solene na verdade foi a impressão sobre o povo, não só em reuniões, mas em toda parte. Victor era naquele tempo apenas uma vila com cerca de duzentos habitantes, mas a região ao redor era densamente povoada. Como resultado dessa série de reuniões neste pequeno vilarejo, quinhentas conversões foram relatadas.

Testemunho do anuário metodista

Quanto à poderosa onda de reavivamentos que se seguiram à proclamação do advento, lemos no Anuário Metodista que, “durante esses quatro

anos (1840-1844), 256 mil conversões ocorreram na América.” O que aconteceu na América também aconteceu em outros países onde o chamado foi feito. “Um grande poder acompanhava a pregação, e pessoas se convertiam por toda parte.” Como o primeiro convite para a ceia do casamento foi direcionado às igrejas – “os que foram convidados” – estendeu-se, por intermédio delas, a todos os que quisessem vir e tomar parte na salvação preparada para o povo de Deus. Quer a mensagem fosse pregada, mencionada em oração ou cantada em “melodias do advento”, a poderosa atuação do Espírito de Deus acompanhava o trabalho.

Crianças pregando na Suécia

A essa altura, vamos notar o modo pelo qual o Senhor operou a fim de que a mensagem fosse proclamada em países onde se proibia pregar qualquer coisa contrária à “igreja estabelecida”? A Suécia era um deles. O Senhor usou ali criancinhas para iniciar a obra. A primeira dessas manifestações foi no verão de 1843, em Eksjö, no sul da Suécia. Certo dia, uma menina de apenas cinco anos de idade, que nunca tinha aprendido a ler ou cantar, começou a cantar, de maneira solene e correta, um longo hino Luterano. Em seguida proclamou com grande poder: “é chegada a hora do Seu juízo”, e exortou a família a se preparar para o encontro com o Senhor, pois ele viria logo. Aqueles, da família que não eram convertidos, clamaram a Deus por misericórdia e encontraram perdão. Esse movimento se espalhou de cidade em cidade, com outras crianças proclamando a mensagem. Esse mesmo movimento entre as crianças se manifestou, até certo ponto, na Noruega e na Alemanha.

“Sim! Eu tinha que pregar”

Em 1896, enquanto realizava reuniões em dezessete diferentes partes da Suécia, passei por vários locais onde as crianças haviam pregado em 1843, e tive a oportunidade de conversar com aqueles que haviam ouvido a pregação e com adultos que haviam pregado quando eram crianças. Perguntei a um deles: “Você pregou a mensagem do advento, quando era menino?” Ele respondeu: “*Preguei!* Sim, eu tinha que pregar. Não tive qualquer planejamento sobre o assunto. Um poder veio sobre mim, e falei o que esse poder me compeliu a dizer.”

Boquist e Walbom em Orebro, Suécia

Em Orebro Laen (condado) esta obra se espalhou até que pessoas mais velhas foram movidas para proclamar a mensagem. Então as autoridades civis, instigadas pelos sacerdotes da “igreja estabelecida”, prenderam dois meninos: Walbom, de dezoito anos de idade, e Ole Boquist, de quinze anos de idade, dizendo que fariam deles um exemplo público. Bateram em suas costas nuas, com varas de vidoeiro, e os levaram, sangrando, à prisão de Orebo. Quando as feridas sararam, tiraram-nos da prisão, exigindo: “Vocês vão parar de pregar essa doutrina?” Porém, embora os espancassem com varas uma segunda vez, reabrindo-lhes as feridas, a única resposta que lhes podiam arrancar era: “Vamos pregar o que o Senhor nos ordena pregar”. Pela intercessão de uma destacada senhora paroquiana em Orebro, o rei Oscar I ordenou às autoridades que libertassem àqueles meninos e não mais incomodassem a tais pessoas. Assim foi ganha, na Suécia, a vitória para a verdade.

Testemunho de Boquist

Na *Review and Herald* de 7 de outubro de 1890, há um interessante relato sobre a pregação das crianças, escrito pelo próprio O. Boquist. Ele diz o seguinte:

No ano 1843, ocorreu um movimento religioso entre o povo de Karl-skoga Parish, em Orebro Laen. Os líderes desse movimento foram crianças e jovens, os quais foram chamados de “*rapare*”. Estes pregaram com poder divino, e, com grande firmeza, proclamaram perante o povo que a hora do juízo de Deus havia chegado.

No outono do mesmo ano, eu, O. Boquist, então com quinze anos de idade, juntamente com um outro jovem, Erik Walbom, de dezoito anos de idade, ficamos tão fortemente influenciados por esse poder invisível que não podíamos de modo algum resisti-lo. Tão logo fomos tomados por esse poder celestial, começamos a falar ao povo e a proclamar, em alta voz, que a hora do juízo havia chegado, indicando-lhes a Joel 2:28-32 e Apocalipse 14:6, 7.

Crianças em visão

O povo me informou que aqueles que foram assim influenciados por esse poder divino, ficavam perdidos para tudo ao seu redor. Estavam realmente em visão de Deus, e falavam com um poder que exercia poder-

sa influência de convicção. Disseram que, sob tal influência, essas crianças falavam com a força e a dignidade de homens e mulheres adultos. Assim, aqueles que os viam eram levados a concluir que o Senhor os estava usando profeticamente para proferir estas verdades solenes. O escritor continua:

O povo se reuniu em grandes números para nos ouvir, e nossos encontros continuaram dia e noite, tendo como resultado um grande despertamento religioso. Jovens e velhos foram tocados pelo Espírito de Deus e clamaram ao Senhor por misericórdia, confessando os seus pecados diante de Deus e dos homens.

Mas quando o padre da igreja foi informado sobre isso, muitos esforços foram feitos para silenciar-nos e, assim, parar o entusiasmo religioso predominante. Contudo, todos os esforços foram em vão. O delegado foi então chamado para nos prender, e, durante seis semanas, fomos caçados, sem sucesso, na floresta para onde tínhamos fugido em busca de refúgio.

Finalmente, porém, fomos convocados a comparecer perante o pastor da igreja. Nosso número tinha aumentado tanto que quarenta rapazes e moças apresentaram-se à residência paroquial, onde foram submetidos a um longo julgamento. Com exceção de eu e Walbom, todos os outros foram autorizados a voltar para casa; nós, porém, fomos detidos e levados no dia seguinte para a prisão de Orebro, onde ficamos em companhia de ladrões na cela 14, como se tivéssemos cometido um grande crime.

Testemunho da irmã de Boquist

Em 22 de setembro de 1896, a irmã de Boquist, com setenta e dois anos de idade, participou de nossa reunião em Orebro, e contou-nos sobre a experiência de seu irmão, pois ela foi testemunha de seu açoitamento, prisão e libertação. Ela cantou perante nós o hino que Boquist e Walbom cantaram ao caminharem para fora da prisão em direção à ponte sobre o fosso que cercava aquele castelo do século dezesseis, utilizado como prisão em 1843. A força do movimento de 1843 acompanhou o testemunho e o cântico desse hino. Traduzido para o Português, o hino é assim:

Hino cantado por Boquist e Walbom

Ninguém pode alcançar o **descanso** eterno, Sem ter avançado com forte vigor; Ninguém pode alcançar esse radiante alvo, Sem ter avan-

çado com o coração e a alma. Sua luta insistente deve durar até o fim; Somente disto devem todas as nossas esperanças depender. Estreita é chamada a porta, e Apertado o caminho Mas a graça e a escolha são grátis a um e a todos; Mas tudo depende de avançar, avançar; Apenas assim se pode alcançar o porto.

Resiste, sim, resiste fortemente, ó minha alma! A tudo o que se interponha entre ti e teu alvo. Contra todo obstáculo lute. Fica firme! Fica estável! Para aqueles que avançam a coroa está preparada. Se queres provar as alegrias do Céu, Continua avançando por cada obstáculo. Apressa-te; Deixa, deixa, ó deixa as artimanhas do mundo todo, Aberta a tua bandeira de resistência!

Quando o mundo te chama “Vem conosco”, Não obedece, esse caminho leva à desgraça. O que o mundo pedir, recusa a qualquer custo, Se consentires, ó alma querida, perder-te-ás. Por amor de Cristo ofereço esse conselho: Esforça-te na força de Deus, esse é o preço da coroa. A cada obstáculo faze forte resistência; A coroa vale a luta, mesmo que longa.

O céu de glória vale toda a tua vida, Vale todas as tuas orações, saudades e toda a tua luta. Nenhum desapontamento pode existir naquele reino, A coroa vale todo o anseio que possas proporcionar. Portanto desperta, olha em volta cuidadosamente, Prepara-te para o soar da trombeta do juízo; Pois vestes nupciais, puras, brancas e completas, Serão requeridas de cada alma suplicante Que busca entrada naquela linda cidade; Portanto desperta e prepara-te.

Não podes ancorar naquele porto celeste, Nem entrar naquela terra “já antes preparada” A menos que tenhas a ofertada vida de fé; Pois isso a Escritura diz claramente. Somente a fé pode o pecador salvar, E da cruel sepultura te resgatar.

Então escuta, amado, e levanta-te de teu triste tombo; A graça de Deus é abundante e gratuita para todos. Acredita, arrepende-te e ouve o Salvador dizer, Em belas palavras: “Este, este é o caminho.” O mundo inteiro é convidado, venham todos, E apoderem-se de uma coroa neste lar.

O Senhor está disposto, ansioso para conceder Este presente a todos os que em seu caminho vão. Não fujas da luta, mas avança, E em breve, muito breve, a vitória será ganha. A mão de Deus busca a tua alma; Ele te dará descanso; Jesus está batendo, buscando o teu me-

lhor. Desperta! É o Espírito de Deus que perturba teu sono; Só serão salvos os que se guardarem vigília.

O menino pregador em Karlskoga

Ainda em Orebro, um senhor me contou algo que aconteceu em Karlskoga, local onde ele vivia em 1843. Disse assim:

Um menino de oito anos, que nunca tinha aprendido a ler, começou a pregar a mensagem, citando vários textos das Escrituras. O povo declarou: “Esse menino está transbordando de Bíblia.” Como isso aconteceu depois que o rei Oscar havia falado em favor dos perseguidos, o sacerdote daquele lugar não pôde levar o menino ao tribunal, a fim de deter seu trabalho. Pediu, porém, ao povo que lhe trouxessem o menino, a fim de que o pudesse desmascarar e expor publicamente sua ignorância quanto à Bíblia.

Diante de uma multidão de pessoas, o sacerdote abriu seu hinário e pediu ao menino que o lesse. O menino respondeu: “Não sei ler”, mas virando as costas para o padre, cantou, corretamente, o hino inteiro, enquanto o sacerdote contemplava o livro com espanto. O sacerdote disse ao rapaz: “Você parece saber tudo.” O menino respondeu: “Não. Nem sempre nos é permitido dizer tudo que sabemos.”

O sacerdote abriu o Novo Testamento e disse ao menino: “Leia aqui para mim”. O menino respondeu: “Não sei ler”. O padre perguntou: “Então o que você sabe da Bíblia?” Sua resposta foi: “Eu sei onde há um texto em que a palavra *e* aparece catorze vezes. O padre disse: “Não! Não há um texto assim na Bíblia.” O garoto disse: “Você pode ler para mim Apocalipse 18:13?” “Sim”, disse o padre. Enquanto lia, o povo contava, e, de fato, a palavra *e* estava lá catorze vezes exatas, entre as quais se mencionava a “escravidão de almas humanas.” O povo exclamou: “Vejam! *Vejam!* o menino sabe mais de Bíblia que o padre!” Muito contrariado, o sacerdote deixou o assunto de lado e não mais incomodou o povo.

Assim, da boca de crianças, o Senhor confirmou Sua palavra, e, por meio desse maravilhoso método, fez chegar sua verdade aos ouvidos de um povo cujas leis proibiam a pregação de qualquer doutrina, salvo a da “religião estabelecida”.

Dons do Espírito associados à mensagem

Não foi somente na Suécia que o Senhor falou ao seu povo por meio dos dons de Seu Espírito, em conexão com o movimento do advento. Na

Escócia, na Inglaterra, e também na América, o Senhor tem instruído seu povo mediante revelações especiais.

Visões de William Foy

No ano de 1842, vivia em Boston, Massachusetts, um homem bem educado e eloquente orador chamado William Foy. Era batista, mas estava preparando-se para ser ordenado como ministro episcopal. O Senhor, graciosamente, deu-lhe duas visões no ano de 1842 – uma em 18 de janeiro e outra em 4 de fevereiro. Essas visões apresentaram claras evidências de serem genuínas manifestações do Espírito de Deus. Era convidado de um lugar a outro a fim de pregar nas igrejas, e não somente por episcopais, mas também por batistas e por outras denominações. Ao pregar, sempre usava as vestimentas de clérigo, tais como as usadas pelos ministros daquela igreja em suas cerimônias religiosas.

As visões do senhor Foy eram relacionadas com a iminente vinda de Cristo, as viagens do povo de Deus à cidade celeste, a nova terra e a gloriosa condição dos remidos. Possuidor de um bom domínio da linguagem e aguçado poder descritivo, criava uma sensação aonde fosse. Viajou, a convite, de cidade em cidade, contando as maravilhas que havia visto. Para acomodar as multidões que se reuniam para ouvi-lo, reservavam-se grandes salões, onde anunciava a milhares o que lhe havia sido mostrado sobre o mundo celestial, o encanto da Nova Jerusalém e das hostes angélicas. Ao falar acerca do terno e compassivo amor de Cristo para com os pobres pecadores, exortava os não convertidos a buscarem a Deus e muitos respondiam a seus gentis convites.

A visão dos três degraus

A obra do senhor Foy continuou até 1844, próximo ao fim dos 2300 dias. Foi favorecido com mais uma manifestação do Espírito Santo – uma terceira visão, à qual não compreendeu. Foi-lhe mostrado o trajeto do povo de Deus rumo à cidade celeste. Viu uma grande plataforma, ou degrau, onde multidões estavam reunidas. De vez em quando, alguém caía desta plataforma e desaparecia, de quem se lhe dizia: “Apostatado”. Viu, então, o povo subir a um segundo degrau, ou plataforma, e alguns também dali caíram e desapareceram. Por último, apareceu uma terceira plataforma, que se estendia até às portas da cidade santa. Um grande grupo se uniu com os que haviam avançado para esta plataforma. Uma vez que ele esperava que o Senhor

Jesus viesse muito brevemente, não conseguiu reconhecer o fato de que uma terceira mensagem se seguiria à primeira e segunda mensagem de Apocalipse 14. Por conseguinte, a visão era para ele inexplicável, e ele parou de pregar publicamente. Em 1845, após o encerramento do período profético, ouviu uma outra pessoa relatar a mesma visão, com a explicação de que “a primeira e a segunda mensagens haviam sido dadas, e de que uma terceira se seguiria.” Logo depois, o senhor Foy ficou doente e morreu.

Tendo presentes tais manifestações do poder de Deus em conexão com a proclamação de que sua vinda estava “às portas”, juntamente com o júbilo de milhares de pessoas que se voltavam do pecado para servir ao Senhor, esperando por sua vinda, o povo ficou duplamente certo de que esta era realmente a mensagem de Deus ao mundo.

Porém, o dia 21 de março de 1844 chegou e passou, e o Senhor não veio. Contudo, os fiéis e consagrados tinham convicção de que se haviam movido em harmonia com a mente do Senhor e de que, no devido tempo, tudo seria esclarecido.

Capítulo 9



O TEMPO DE TARDANÇA

“Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram sábias, e cinco, tolas. As tolas, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram consigo azeite nas vasilhas, com suas lâmpadas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram” (Mateus 25:1-5).

Cristo é o noivo nessa parábola (Marcos 2:18-20). Uma vez que o tema de Mateus 24 e 25 é a vinda do Senhor, essa ida ao encontro do noivo, portanto, precisa representar uma ação, da parte do povo de Deus, para encontrar-se com Cristo em Sua vinda. A Palavra de Deus é a lâmpada (Salmos 119:105). Todas as virgens haviam levado suas lâmpadas. A loucura de uma parte delas foi terem apenas a teoria da verdade, sem aquela consagração sincera ao Senhor que desenvolveria as graças do Espírito no coração do crente. Esta obra é representada na parábola pelo “azeite nas vasilhas.” A tardança do noivo deve representar algum desapontamento por parte dos que saíram na expectativa de encontrar seu Senhor.

A quando se aplica a parábola?

A palavra “então”, com a qual se inicia a parábola, fornece-nos uma pista quanto ao momento de seu cumprimento. A parábola aparece logo depois do que havia sido declarado no capítulo anterior, mas não após a segunda vinda do Senhor, porém após a parábola da figueira haver sido proclamada, anunciando a vinda de Cristo “às portas” e que chegara a geração que não passará antes que o próprio Cristo apareça nas nuvens do céu. Ela também se aplica a um momento em que alguns dos servos, a quem havia sido confiada a mensagem, diriam em seu coração: “Meu

senhor tarda em vir” e começariam a “espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios” (Lucas 12:45).

Espancando os seus companheiros

Estes têm sido “companheiros” de serviço, harmoniosamente proclamando a mesma mensagem. Mas, agora, parte deles abandona o que haviam ensinado e passa a “espancar” seus companheiros, os quais estão dando o “sustento a seu tempo” (Mateus 24:45) – anunciando a preparação necessária para o iminente encontro com o Senhor. Eles “ferem” da mesma maneira que haviam sugerido ferir Jeremias. O povo disse: “vinde e firamo-lo com a língua, e não atendamos a nenhuma das suas palavras” (Jeremias 18:18). Assim estes servos começaram a ensinar de modo a impedir a obra dos servos “fiéis”. A esta mesma classe também é dito:

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti (Apocalipse 3:3).

A parábola das virgens aplica-se a um tempo em que os conservos estão se desviando da mensagem da iminente vinda do Senhor e começam a “espancar”. Além disso, eles também começam a “comer e beber com ébrios”, ou seja, unem-se em festejar com aqueles que desejam satisfazer seus apetites. Destes tais diz Salomão:

Não estejas entre os bebedores de vinho nem entre os comilões de carne. Porque o bebedor e o comilão caem em pobreza; e a sonolência vestirá de trapos o homem (Provérbios 23:20, 21).

A primeiro desapontamento

Pode-se então questionar: “O que, na experiência do movimento do advento, correspondeu a estas declarações?” Houveram acontecimentos que se harmonizaram plenamente com a profecia. Os que proclamavam a mensagem, até abril de 1844, trabalharam em meio às igrejas e os ministros das várias denominações uniram-se a eles em seus esforços. Assim, todos eles eram “conservos” ou “companheiros.”

Os que anunciavam a mensagem, ensinavam que os 2300 dias de Daniel 8:14 terminariam no ano judaico de 1843 – nosso ano de 1844. Proclamavam que a hora do juízo Divino viria ao fim desse período. Naquela

época, todas as denominações do país acreditavam que o dia do juízo teria início por ocasião da segunda vinda de nosso Senhor. Assim, facilmente vemos que os adventistas criam que o Senhor viria no fim daquele período profético, o qual deveria terminar próximo a 21 março de 1844, o último dia do ano natural judaico de 1843. Eles consideravam o último dia de março ou dia primeiro de abril de 1844, como o momento em que o Salvador poderia vir.

O surgimento dos servos maus

Quando o último dia de março chegou, passou, e o Senhor não veio, os que haviam trabalhado com os mensageiros do Senhor, e, todavia, não tinham, de coração, feito uma consagração total à mensagem, voltaram-se contra ela, e começaram a opor-se à obra, fazendo tudo ao seu alcance para dificultar o caminho dos que continuavam ensinando a doutrina da iminente vinda do Senhor e a mensagem da hora do Seu juízo. Disseram em seus corações: “Meu senhor tarda em vir” (Lucas 12:45). Com seus lábios passaram a ensinar que o mundo inteiro deveria ser convertido antes que o Senhor viesse e que todos os judeus deveriam retornar à Palestina e estabelecer o serviço do templo em Jerusalém antes que viesse o Messias. Alguns chegaram a ensinar que a vinda de Cristo era uma “vinda espiritual”, que acontecia por ocasião da conversão e também com a morte de Seu povo.

Dando o “sustento a seu tempo” (Mateus 24:45)

Enquanto estes maus servos assim se voltavam contra seus companheiros de trabalho, aqueles servos que ainda permaneciam firmes na fé congregavam os fiéis em salões e bosques, dando-lhes o “sustento a seu tempo”, isto é, mostrando-lhes que, da mesma forma que antes de seu desapontamento, os sinais dos tempos e as profecias cumpridas declaravam que a vinda de Cristo estava próxima, “às portas” (Mateus 24:33).

Festas nas igrejas

Enquanto faziam isso, iniciou-se nas igrejas protestantes algo que antes era nelas desconhecido – eventos na igreja com o propósito de banquetear e divertir. Todos que quisessem eram convidados a participar com eles das suas guloseimas.

A primeira vez que tivemos notícia de algo assim na América foi no mês de maio de 1844, logo após o desapontamento. O ocorrido foi assim: Enquanto Guilherme Miller, em um salão em Rochester, Nova Iorque, instrua e exortava várias centenas de adventistas, dizendo-lhes: “Estamos no tempo de tardança de Mateus 25; mantenham firme a sua fé; em breve teremos mais luz nesse assunto”, foi convocado um “festival” no porão de uma das maiores casas de reunião em Rochester. Uma multidão compareceu, tanto de membros de igreja quanto de incrédulos, e enquanto o diretor de uma certa faculdade de Teologia divertia a multidão, ridicularizando a Guilherme Miller, vendia-se a eles ostras, sorvetes, doces, e, por 25 centavos, um pequeno panfleto que esse homem havia preparado. O livreto foi chamado de *Uma Exposição do Milerismo*.

Menos de duas semanas depois, outra denominação, na mesma cidade, convocou uma “festa” num salão público, cobrando 25 centavos pela entrada, e convidando a todos os que quisessem para vir e participar com elas das suas ostras, sorvetes, bolos e doces. Foi assim que tiveram início essas festas modernas das igrejas, que se tornaram, posteriormente, em “sociais da malquice”, “sacos surpresa”, “pescaria de brindes”, “abelhas beijantes” [estande onde se pagava para beijar as meninas] e assim por diante. Esse negócio de festa na igreja cresceu de tal modo que, na atualidade, uma igreja que não tiver ao menos sua própria cozinha, despensa e salão de refeições, é considerada como fora do padrão. Este estado de coisas teve início no “tempo de tardança”, conforme indicado na parábola.

O próprio Miller conta o que se passou em Rochester, nas seguintes palavras:

Um dos Doutores em Divindade em Rochester, o senhor X, da igreja Y, escreveu um panfleto contra o Milerismo, chamou seus senhores e senhoras à casa de Deus, fez um grande banquete de ostras e outros “piqueniques”, à moda Belsazar, beberam seu café e chá, comeram finas iguarias e venderam seus sorvetes e doces, e seu panfleto que opunha a segunda vinda do querido Salvador.

Na noite anterior à minha partida, outro reverendo deu uma festa de piquenique em uma casa ou salão público e vendeu, como o outro, seus ingressos, sorvetes e doces. Fiquei feliz ao saber que algumas das igrejas de diferentes seitas não aprovaram tais festas babilônicas, e espero, de coração, não se dê que todas essas igrejas separadas sejam encontradas “a comer e beber com ébrios”, quando Cristo vier. Surpreende-me que estes senhores reverendos não se vejam no espelho da Palavra de

Deus; e recomendo-lhes a leitura de Lucas 14:12-14; Mateus 24:48-51; Lucas 13:25-28; 2 Pedro 2:13; Judas 1:10-21. Estes são, certamente, os últimos tempos.

Se Miller tivesse visto o que as igrejas têm se tornado desde então, com suas festas de arrecadação, “bolos de anel surpresa, abelhas-beijantes por 10 centavos, shows de jumentos, sociais da maluquice, loterias santas,” e outros jogos de azar, etc., ele teria recuado em santo horror.

O tempo de tardança

Os adventistas encontraram consolo no fato bíblico de que, quando fosse feito o anúncio da iminente vinda do Senhor, haveria, em conexão com ele, um “*tempo de tardança*”. Entendiam isto nas palavras de nosso Salvador encontradas em Mateus 25:5, 6 e Habacuque 2:1-3.

Quanto à atitude que tinham na primavera de 1844, citamos o *Midnight Cry* de 9 de maio de 1844:

Tendo passado o ponto do aparente término dos períodos proféticos, encontramos-nos numa situação, na qual Deus havia previsto que seus filhos se encontrariam ao fim da visão, para a qual fez provisão, por intermédio do profeta Habacuque, quando diz: “Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que ele me dirá e o que responderei quando for reprovado”, ou, como diz na *margem* “quando debaterem comigo”. “Então o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão e torna bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, mas ao fim [dos períodos proféticos] falará, e não mentirá; mesmo se ela tardar [além do aparente final], espera-a, porque certamente virá, [na plenitude dos tempos proféticos, além dos quais] não tardará” (Habacuque 2:1-3).

Pela referência de Paulo a esse texto em Hebreus 10:36-39, é evidente que essa admoestação se refere ao tempo presente: “Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir, virá, e não tardará. Ora, o justo viverá pela fé; e, se alguém recuar, minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que retrocedem para a perdição, mas daqueles que crem para a salvação da alma.”

Creemos estar nesse período tardança do noivo – ao qual o reino dos céus é comparado – predito pelo Salvador em Mateus 25:5, quando “aquele servo mau [tendo havido uma aparente falha quanto ao tempo] disser em seu coração: Meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se” (Lucas 12:45). “Virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera” (Lucas 12:46).

Creemos estar agora no período de tempo referido por Pedro, quando “para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme”, e durante o qual “introduzirão, dissimuladamente, here-sias destruidoras” (2 Pedro 2:1, 3). Estes, diz Pedro, haveriam de existir, assim como houveram falsos profetas quando as Escrituras estavam sendo escritas. Portanto, assim como os da casa de Israel afirmaram: “Os dias se prolongam e perece toda a visão” (Ezequiel 12:22), assim deve haver uma época de aparente demora, em que os escarneedores de 2 Pedro 3:4 perguntariam: “Onde está a promessa da sua vinda?” e se vangloriariam de que “todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.”

Creemos que foi em referência a tal tardança da visão que o apóstolo Tiago disse: “Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor”, “Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; pois a vinda do Senhor está próxima.” E “Eis que o juiz está às portas” (Tiago 5:7-9).

E cremos no capítulo doze de Lucas, antecipando a passagem do tempo esperado, sobre a qual nos advertiu nosso Salvador: “Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas lâmpadas. Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento; para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram” (Lucas 12:35, 36). *Esperar* implica em se haver excedido o tempo, pois, durante ele, não necessitamos *esperar*. Portanto, nosso Senhor acrescenta: “Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor, quando vier, os achar vigiando.”

Se Deus quiser, continuaremos a proclamar: “Eis que vem o noivo! Saí ao seu encontro!” (Mateus 25:6), e também, “É chegada a hora do seu juízo” (Apocalipse 14:7). Creemos que não falharemos em clamar em alta voz, para o mundo e para a igreja, a fim de que despertem de suas canções de “paz”, e ouçam as gloriosas melodias da misericórdia divina. É nosso desígnio continuar esperando e vigiando pela vinda do Senhor, crendo que está iminente.

Vindicando a obra dos adventistas

Podemos ter uma boa ideia de como os adventistas viam sua obra antes de 21 de março de 1844, e logo após aquela data, ao lermos a seguinte citação retirada de um artigo intitulado “Vindicação”, no *Advent Herald* de 13 de novembro de 1844, publicado por Joshua V. Himes, Sylvester Bliss e Apollos Hale:

Não fomos precipitados em adotar nossas posições. Temos certeza de haver buscado a verdade de forma honesta e sincera. Obedecemos à ordem de nosso Salvador de examinar as Escrituras. Não confiamos em nossa própria sabedoria, mas dirigimo-nos a Deus em busca de instrução e orientação, esforçando-nos para nos colocar sobre Seu altar, confiando que Ele iria dirigir nossos passos no caminho certo. Examinamos todos os argumentos apresentados contra nós com um desejo sincero de conhecer a verdade e ser guardados do erro, mas temos de confessar que as diversas e variadas posições de nossos adversários apenas nos confirmaram em nossa compreensão. Vimos que, quer estivéssemos certos ou errados, nossos adversários *não podiam estar certos*; pois nem sequer concordavam entre si. Seus argumentos eram tão frágeis e infantis que tinham necessidade de continuamente desfazer o que eles mesmos haviam construído; e, por seus pontos de vista opostos e contraditórios, demonstraram que, independente de como considerassem *nossas* opiniões, não confiavam nas opiniões uns dos outros. Além disso, não houve um só ponto, dentre os mais fundamentais de toda a nossa posição, que não fosse apoiado por um ou mais dos que tentavam refutar a vinda imediata do Senhor. Embora a tradução literal das Escrituras sustentasse nossa posição, nossos adversários se esforçaram em vão para provar que as Escrituras não devem ser compreendidas literalmente – muito embora todas as profecias cumpridas, o foram, literalmente, nos mínimos detalhes.

A explicação do desapontamento

Mas o tempo determinado – o ano judaico de 1843 – passou, e ficamos desapontados por não vermos o rei na sua formosura. Todos os nossos opositores honestamente supunham que cada ponto distintivo de nossa crença havia sido refutado, e, que deveríamos, como pessoas honestas, abandonar toda a nossa posição. Foi, portanto, com surpresa que nos viram ainda agarrados à nossa esperança, e ainda esperando nosso Rei.

Porém nós, em nosso desapontamento, não vimos nenhuma razão para o desânimo. Percebemos que as Escrituras indicavam que haveria um tempo de tardança, e que, enquanto a visão tardasse, devíamos esperar. Também vimos que o período podia não estar totalmente encerrado com o fim do ano, mesmo supondo que nossa cronologia estivesse correta; eles somente poderiam se cumprir em algum momento no ano em curso; mesmo assim, admitimos franca e plenamente, perante o mundo, que havíamos nos equivocado quanto ao ponto definido ao qual olhávamos com tanta confiança. Mas mesmo estando assim equivocados, podemos ver a mão de Deus na questão. Podemos ver que Deus usou essa proclamação como um alarme para o mundo, e também como um teste para a igreja, colocando Seu povo numa atitude de expectativa. Chamou aqueles que estavam dispostos a sofrer por amor do Seu nome. Revelou a quem o anúncio da vinda do Senhor representava novas de grande alegria, e a quem era ela como um desagradável ruído aos ouvidos. Revelou ao universo quem receberia com alegria a vinda do Senhor, e quem O rejeitaria em Seu segundo advento, como os judeus o rejeitaram no primeiro. Consideramos tudo isto como um passo na realização do propósito de Deus, neste “dia de Sua preparação”, de modo a levar avante um povo que busque somente a vontade do Senhor, para que possam estar preparados para Sua vinda.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO APÓS MARÇO DE 1844

Expomos a seguir um breve histórico do movimento adventista, após 21 de março de 1844, encontrado na *Signs of the Times* de 31 de outubro de 1844:

Após haver expirado o ano judaico de 1843, a grande massa de adventistas adotou a crença de que, doravante, não mais tínhamos como calcular tempos específicos com qualquer grau de certeza. Criam que nos encontrávamos onde nossa cronologia apontava – o fim de todos os períodos proféticos, ao término dos quais se esperava o advento – e que, enquanto tivéssemos que esperar durante uma possível variação cronológica entre nosso tempo e o tempo de Deus, criam não podermos ter qualquer pista adicional quanto ao momento exato. Todos haviam tomado suas lâmpadas e saído ao encontro do noivo, mas este havia demorado além do tempo (1843) em que era esperado. Durante esta tardança da visão, parecia ser a determinação de todos *esperar* por ela, crendo que não lhe era possível ser atrasada, podendo ocorrer a qualquer momento. No entanto, logo ficou muito evidente que multidões estavam fazendo planos para o futuro, que não fariam, se

acreditassem que o Senhor viria ainda nesse ano. Ficou evidente que haviam adormecido quanto ao senso de percepção do aparecimento imediato do Senhor. Em outras palavras, pensaram que Ele poderia vir a qualquer dia, ou que poderia demorar um pouco, tempo durante o qual poderiam desfrutar de um descanso reparador. Ora, aconteceu exatamente como o Salvador declarou que aconteceria: “tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram” (Mateus 25:5).

Chamada a atenção para o Outono de 1844

Desde maio de 1843, o irmão Miller já havia chamado nossa atenção para o sétimo mês do sagrado ano judaico, como a ocasião da observância [cerimonial] dos tipos que apontam para o segundo advento. No outono passado, antecipamos esta circunstância com muito interesse. Após ele haver passado, o irmão Samuel Snow adotou plenamente a opinião de que, de acordo com os tipos [cerimoniais], o advento do Senhor, quando ocorrer, precisa ocorrer no décimo dia do sétimo mês; mas, não estava seguro quanto ao ano. Mais tarde, percebeu que os períodos proféticos, na verdade, somente terminariam neste ano (1844). Ele, então, se firmou no seguinte: que por volta do dia 22 de outubro (o décimo dia do sétimo mês judaico neste ano) testemunharíamos o advento do Senhor da glória. Pregou sobre isso em Nova Iorque, Filadélfia e outros lugares durante a primavera e verão passados, e, embora muitos adotassem seus pontos de vista, nenhuma manifestação extraordinária de seus efeitos foi vista até por volta de Julho.

Colheitas abandonadas nos campos

No início da estação, alguns de nossos irmãos do norte de New Hampshire tinham ficado tão impressionados com a convicção de que o Senhor viria antes do próximo inverno, que não cultivaram seus campos. Em meados de Julho – que era o entardecer da meia-noite do dia-ano judaico (tarde-manhã, contando a partir da lua nova de abril, o início desse ano judaico) – outros que haviam semeado seus campos e plantado suas lavouras ficaram tão impressionados com a sensação de que o Senhor viria de imediato, que não poderiam, de forma coerente com sua fé, colher o que haviam plantado. Alguns, indo a seus campos para cortar o mato, não puderam prosseguir e, atendendo a seu senso do dever, deixaram a safra no campo sem colher, para mostrar sua fé por suas obras, e, assim, condenar o mundo. Isto rapidamente se estendeu pelo norte da Nova Inglaterra.

O Juízo que acontece antes do Advento

Ao mesmo tempo, nossos irmãos em Maine tinham adotado a ideia de que o juízo deveria ocorrer antes do advento. Criam que aconteceria simultaneamente com a colheita e que não apenas ocorreria por ocasião do fim do mundo, mas que se daria num período imediatamente antes desse fim. De acordo com isso, chegaram à conclusão de que nos encontrávamos no período do juízo, de que a linha divisória estava sendo traçada e que os servos de Deus estavam sendo selados em suas frentes; este selamento, ao se cumprir, representaria o sinal para que os quatro anjos soltassem os quatro ventos da terra, os quais eles mantêm seguros (Apocalipse 7:1).

Despertamento à meia-noite

Em meados de Julho, a bênção de Deus, na recuperação dos que se haviam apostatado, começou a acompanhar a proclamação de *tempo*, e, os que haviam adotado qualquer das duas ideias mencionadas acima, manifestaram marcante mudança de comportamento e um súbito despertar do sono, como estava previsto: “à meia-noite ouviu-se um clamor: Eis que vem o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.” A partir de julho estes movimentos tiveram lugar em diversas partes da Nova Inglaterra, distintos uns dos outros; mas foram todos acompanhados da bênção de Deus na recuperação de muitos cujas lâmpadas tinham quase se apagado, bem como na santificação de seus santos. Na reunião campal de Exeter, todas essas influências se reuniram em um grande movimento que rapidamente se espalhou por todos os grupos adventistas do país.

Capítulo 10



O CLAMOR DA MEIA-NOITE

“À meia-noite, ouviu-se um grito: Eis que vem o noivo! Sai ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas” (Mateus 25:6, 7).

Já falamos do *tempo de tardança* trazido à tona nesta parábola das “dez virgens”, e agora daremos atenção especial à parte introduzida pelo texto acima, designada pelo povo Adventista como o “clamor da meia-noite.” Um escritor proeminente sobre o assunto, em um periódico chamado *Midnight Cry* [Clamor da Meia-noite], de 3 de outubro de 1844, diz:

Mas como chegamos a esta noite de tardança? Foi porque iniciamos a contagem da visão [dos dois mil e trezentos dias] na *primavera*, em vez de no *outono*, de 457 a.C. Faltaram seis meses e alguns dias para que pudéssemos atingir o porto destinado. Isto nos lançou, durante seis meses, na noite de tardança.

Outro escritor, Samuel Snow, no *Midnight Cry* de 22 de agosto de 1844, falando dos dois mil e trezentos dias, disse:

A contagem começou com a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém. O decreto foi feito primeiramente por Ciro, renovado por Dario, e finalizado por Artaxerxes Longímanso no sétimo ano do seu reinado. Foi promulgado e entrou em vigor no Outono do ano 457 a.C., quando Esdras, tendo chegado a Jerusalém pela boa mão do Senhor, restabeleceu a nação judaica, nomeou magistrados e juizes e iniciou a construção do muro (ver Daniel 9:25; Esdras 7:21-26; 9:9; Neemias 1:3; 2:12-17).

Como o tempo da visão era de dois mil e trezentos anos completos, isso requeria a totalidade do ano 457 e a totalidade do ano 1843 para se completarem os dois mil e trezentos anos. Como o decreto não saiu até o sétimo

mês do ano 457 a.C., conseqüentemente o período não terminaria até o sétimo mês do ano de 1844. Como a observância do décimo dia do sétimo mês parecia ser o evento que marcava o início do período, demonstrou-se, portanto, de forma conclusiva, que, no décimo dia do sétimo mês (no calendário judaico) – o nosso 22 de outubro de 1844 – terminariam os dois mil e trezentos dias, chegando o tempo de ser purificado o santuário. Todas as evidências usadas para defender o término do período em 1843, aplicavam-se, com igual força, ao cálculo que levava à data de 1844, acompanhado da certeza de que haviam descoberto o que parecia ser uma infalível solução para a causa de seu desapontamento. A maneira pela qual os adventistas proclamaram o “verdadeiro clamor da meia-noite”, como era então chamado, não pode ser melhor ilustrada do que citando os escritos daqueles que, na época, destacadamente se empenharam nessa obra.

“Saí ao seu encontro”

No *Midnight Cry* de 3 de outubro de 1844, houve um artigo escrito por George Storrs, intitulado: “Saí ao seu encontro”, no qual ele disse:

Com sentimentos tais como nunca antes experimentei, pego minha caneta para escrever. *Sem dúvida alguma*, em minha mente, o *décimo dia do sétimo mês*, irá testemunhar a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo nas nuvens do céu. Estamos a *poucos dias* desse evento – um momento terrível para os despreparados, mas glorioso para os que estão prontos.

“Eis que vem o Noivo” neste ano; “saí ao seu encontro.” Já fizemos tudo o que podíamos em favor das igrejas nominais e de todos os ímpios, exceto naquilo em que este clamor os possa afetar. Agora, nossa obra é despertar as “virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo”. Onde nos encontramos agora? “Se a visão *tardar*, espera-a”. Por ventura não tem sido essa a nossa resposta desde Março ou Abril passados? – Sim. O que aconteceu, *tardando* o Noivo? – As virgens foram tomadas de sono e adormeceram, não é mesmo? As palavras de Cristo não falharam; e “a Escritura não pode falhar.” Será inútil fingir que estivemos despertados; temos estado dormindo, e não quanto ao *fato* da vinda de Cristo, mas quanto ao tempo. Entramos no *tempo de tardança*; não sabíamos por “quanto tempo” tardaria, e foi nesse ponto adormecemos. Alguns de nós, em nosso sono, já declaramos: “Não fixem *outra* data!” e assim, seguimos dormindo. Agora, o problema está em como nos despertar. Senhor, socorre-nos, pois vão é

o socorro do homem. Fala, *tu*, Senhor. Tomara que o “Pai” possa agora “tornar conhecido” *o tempo*.

A meia-noite da mensagem

Qual a duração do tempo de tardança? – Meio ano. Como você sabe? – Porque nosso Senhor afirmou: “à *meia-noite*”, enquanto tardava o noivo. A visão era de “duas mil e trezentas tardes e manhãs”, ou dias. Uma “tarde”, ou *noite*, é a metade de um daqueles dias proféticos, e, portanto, representa *seis meses*. Essa é a extensão total do tempo de tardança. O forte clamor quanto ao *tempo*, ora anunciado, começou por volta de meados de Julho e espalhou-se com grande velocidade e poder, sendo seguido de uma manifestação do Espírito tal qual eu nunca havia testemunhado quando o clamor era referente a “1843”. Agora é literalmente: “*Sai ao seu encontro*”. Há um abandonar de *tudo* tal qual eu nunca sonhei poder ver. Quando este clamor se apodera do coração, agricultores abandonam suas fazendas com suas colheitas. Há forte pranto com lágrimas e um consagrar de tudo a Deus tal qual eu nunca testemunhei. Há uma confiança nesta verdade, como nunca foi vista em tamanho grau no clamor anterior, e uma glória que leva aos prantos, tocante, que excede todo o entendimento, exceto para aqueles que a experimentaram.

Nessa verdade presente, eu, mediante a graça, me atrevo a arriscar *tudo*, e imagino que ceder à dúvida, nesse ponto, seria ofender a Deus e trazer sobre mim mesmo “repentina destruição”. Estou convencido de que, agora, “quem quer que procure salvar a sua vida”, onde este clamor tenha sido claramente anunciado, cedendo à ideia de que “*e se não vier?*”, ou por medo de aventurar-se nessa verdade, “perderá sua vida”. Ela requer a mesma fé que levou Abraão a oferecer Isaque, Noé a construir a arca, Ló a sair de Sodoma, os filhos de Israel a aguardar durante a noite toda por sua saída do Egito, Daniel a ir para a cova dos leões, ou os três hebreus para a fornalha de fogo. Temos nos iludido com a ideia de que chegaríamos ao reino sem um teste de fé, mas estou convencido de que não será assim. Esta mais recente verdade provê um tal teste, e ninguém vai se aventurar nela, exceto os que se atrevem a ser contados como tolos, loucos, ou qualquer outra classificação que sodomitas antediluvianos, uma igreja morna, ou virgens adormecidas estejam dispostos a lançar sobre eles. Clamo mais uma vez: “Fuja por sua vida”, “Não olhe para trás;” “Lembre-se da mulher de Ló”.

A rocha plana de Storrs

No *Midnight Cry* de 10 de outubro de 1844, houve um artigo, escrito por George Storrs, intitulado: “A Conclusão”, mas, chamado pelos adventistas, “A Rocha Plana de Storrs”:

Como estaremos prontos para aquele dia? – Creia na verdade de Deus, aventure-se nela com uma fé sólida, que dá glória a Deus. Devemos viver no mesmo estado de espírito, na mesma consagração total a Deus, na mesma morte para o mundo, que viveríamos se soubéssemos que iríamos morrer naquele dia.

Não consigo ilustrar melhor o que quero dizer do que imaginando uma grande rocha plana no meio do oceano. Um príncipe glorioso e muito poderoso promete que, em determinado momento, enviará um esplêndido navio a fim de conduzir, a um país glorioso, todas as pessoas que ali encontrar, que demonstrarem haver crido totalmente em sua palavra. Muitos se aventuram a ir até à rocha. Alguns, quando estão seguros na rocha, cortam a corda, e os barquinhos com que ali chegaram são levados pela correnteza para longe deles, e não mais mantêm em vista a esses barquinhos, mas aguardam a chegada do navio. Eles não têm qualquer dúvida quanto à confiabilidade da promessa, e arriscam tudo por ela. Outros creem ser suficiente o fato de haverem alcançado a rocha. Mas veem a necessidade de serem “precavidos”, e não correrem um risco tão elevado.

Antes do momento em que se esperava a chegada do navio, soaram as seguintes palavras: “Seja-vos feito segundo a *vossa fé*”. Chegou o dia. Os prudentes, possivelmente, pretendem cortar a corda de seus barcos, a fim de deixá-los flutuar e ir embora, caso vejam o navio se aproximando. Ele é visto. Agora, porém, é tarde demais para soltar os barcos sem que sejam notados. Além disso, a mesma prudência que tinham, agora, lhes ordena deixar seus barcos à deriva até que estejam *certos* de que não estão equivocados quanto ao navio que se aproxima. Porém agora, ele está tão próximo que não podem sequer cortar as cordas sem serem vistos.

O navio chega à rocha. “Que prova existe de que vocês confiaram totalmente na promessa de que o navio viria?” – “Soltamos nossos barcos e eles flutuaram para longe de nós; isso tornou impossível que voltássemos à terra. E realmente teríamos perecido se o navio não tivesse vindo, pois, por esta rocha, nenhum outro navio jamais passa.” “Isso é suficiente”, clama o comandante do navio; “*subam a bordo*; essa confiança não será desapontada.”

Aqueles que mantiveram seus barcos amarrados à rocha, agora aglomeraram-se ao redor, tentando embarcar no navio. O comandante pergunta: “Que significam esses barcos que vejo amarrados à rocha, ou cujas cordas só foram cortadas quando apareci à vista?” Eles respondem: “Achamos que deveríamos ser *prudentes*, de modo que, *caso* o navio não viesse, teríamos algo com que retornar à terra.” “Então, vocês fizeram provisão para a carne,” clama o comandante, “não fizeram? E assim duvidaram das minhas palavras? *Seja-vos feito segundo vossa fé*. As evidências estão contra vocês. Fizeram provisão para voltar, e agora, devem colher os frutos de sua incredulidade.” “Assim, eles não puderam entrar por causa da incredulidade.” Oh, terrível situação de desespero!

Cortem suas cordas já, irmãos; deixem seus barcos se perderem de vista; sim, apressem-se, antes que “apareça o sinal do Filho do homem.” Então, será tarde demais. Arrisquem-se *agora*, e arrisquem *tudo*. Oh, meu coração sofre por vocês; não se demorem, empurrem esse barco ou vocês estarão perdidos; “todo aquele que procurar salvar a sua vida perdê-la-á,” declarou Jesus Cristo, nosso Senhor e Juiz. Apressem-se, então, mais uma vez eu rogo a vocês, apressem-se! Abandonem cada barco pelo qual vocês planejam escapar e voltar à terra “*caso* ele não venha”. Esse “*caso*” vai arruinar vocês. Esta é a última prova e tentação. Façam como o fez nosso Senhor com a última tentação do diabo. Ele disse: “Retira-te, Satanás”, e, então, diabo o deixou, e “eis que vieram anjos e o serviram”. Assim será com vocês quando obtiverem esta vitória.

Rápida obra do clamor da meia-noite

Podemos ter uma noção correta, quanto à rapidez, poder e efeito da mensagem do “clamor da meia-noite”, nas seguintes palavras de N. Southard, editor do jornal já anteriormente mencionado, o *Midnight Cry*. Na cópia datada de 31 de outubro de 1844, ele declara:

A princípio, a ideia de tempo definido encontrou oposição geral, mas parecia haver um poder irresistível acompanhando sua proclamação e submetendo-lhe tudo que estivesse à frente. Esse poder varreu a terra com a velocidade de um furacão, atingiu corações, em lugares diversos e distantes, quase simultaneamente e de um modo que unicamente pode ser explicado pela suposição de que Deus estava nele. Produziu, em toda parte, o mais profundo exame de coração e humilhação de alma perante os altos Céus. Causou um desprendimento das afeições das coisas deste mundo, uma cura de contendas e ressentimentos, uma confissão

de faltas, um quebrantamento diante de Deus com súplicas por perdão e aceitação, vindas de corações penitentes e quebrantados. Causou humilhação-própria e prostração da alma, como nunca antes se havia visto. Ocorreu exatamente como Deus, por intermédio do profeta Joel, determinou que sucederia, quando estivesse às portas o grande dia do Senhor – produziu um rasgar do coração e não das vestes, um retorno ao Senhor com jejuns, lágrimas e lamentações. Como declarado Deus através de Zacarias, um espírito de graça e de súplicas foi derramado sobre seus filhos; olharam para Aquele a quem haviam traspassado, e houve um grande pranto na terra, cada família à parte, e suas mulheres à parte; e, os que buscaram ao Senhor, afligiram suas almas perante Ele.

Movidos por um poder sobrenatural

Ainda acerca desta comovente proclamação, ele declara:

Pareceu-nos ter sido tão independentes do agente humano que éramos levados a considerá-la como um cumprimento do “clamor da meia-noite” após a tardança do Noivo, e do sono das virgens adormecidas quando estas deviam levantar-se e acender suas lâmpadas. A última obra parece ter sido realizada, pois, nunca houve um momento em que os respectivos grupos adventistas estivessem em um estado tão bom de preparação para a vinda do Senhor.

Abandono das posses mundanas

Sob a comovente proclamação da doutrina do advento, muitos venderam suas posses, utilizando seus recursos para sustentar a obra dos oradores públicos, disseminando artigos e folhetos impressos, ou providenciando suprimentos aos necessitados – dando ao mundo a melhor prova de sua sinceridade e zelo, ao passo que, aqueles que se agarravam a seus bens terrestres, não fazendo qualquer sacrifício especial em favor da causa, foram julgados pelos mundanos como pessoas que, em realidade, não criam no que professavam. A título de ilustração, dou aqui dois exemplos, um de cada lado da questão.

Uma plantação de batatas

O primeiro exemplo é de um dos fiéis que vivia em New Ipswich, New Hampshire, chamado Hastings, que tinha um enorme campo de batatas excelentes, as quais não colheu. Seus vizinhos estavam preocupados com elas e se ofereceram para colhê-las e colocá-las no celeiro *gratuitamente*, se ele o

permitisse, “pois,” eles disseram, “você pode precisar delas.” “Não!” disse o Sr. Hastings, “eu vou deixar que essa plantação de batatas pregue sobre minha fé no breve aparecimento do Senhor.”

Naquele outono, como registrado no *Eagle* de Claremont, New Hampshire, no *True Sun* de Nova Iorque e em vários outros jornais públicos, a safra de batatas foi quase totalmente perdida devido a uma “peste nas batatas.” No *Sun*, foi escrito assim:

Como é doloroso saber que toda a safra dessa valiosa raiz foi destruída pela peste. Um correspondente de um jornal da Filadélfia diz que a safra da batata daquele Estado está arruinada. O único local de onde se ouve pouca queixa é do Maine, mas, mesmo ali, a safra não pôde escapar da doença.

Uma vez que a estação outonal foi branda e as batatas do Sr. Hastings permaneceram enterradas até novembro, nenhuma delas apodreceu. Consequentemente, restou-lhe um abundante suprimento para si e para seus desafortunados vizinhos, os quais lhe haviam sido tão solícitos no Outubro anterior, e que, na primavera, foram obrigados a comprar suas sementes, alegrando-se por pagar por elas um preço bom. Aquilo, que supunham ser uma calamidade para o Sr. Hastings, foi transformado por Deus em uma bênção terrena, não apenas para ele, mas também para seus vizinhos.

O homem que negou sua fé

O segundo exemplo aconteceu onde eu morava. Havia um certo membro que sempre falava muito, nas reuniões, acerca da vinda do Senhor no outono de 1844. Possuía um patrimônio considerável e, entre outras coisas, tinha uma manada de porcos na idade certa para serem vendidos no mercado durante a primavera. Um tio meu, que não tinha pretensões religiosas, e cujo negócio era a compra e venda de gado, dirigiu-se a esse professo adventista para comprar-lhe os porcos, mas descobriu que ele não queria vendê-los, pois os estava guardando até “feira de porcos”, que ocorreria na próxima primavera. O tio veio falar com meu avô, que era um crente adventista, e disse: “Aquele homem não acredita no que professa.” “Por quê?” perguntou meu avô; ao que o tio respondeu: “Porque ele diz que Jesus está voltando, e que o mundo chegará ao fim nesse outono, mas ele quer guardar seus porcos para a próxima primavera. Ele não precisa dizer nada, pois não acredita em uma palavra sequer de tudo isso.”

Recursos oferecidos tarde demais

Houve alguns que retiveram seus recursos, continuamente resistindo à convicção de que deveriam usá-los no avanço da obra, até que foi tarde demais para investi-los. Então, essas pessoas procuraram os envolvidos em publicar a mensagem, insistindo, mesmo com a lágrimas, para que aceitassem seu dinheiro. A resposta, porém, foi: “Tarde demais! Já pagamos por todo o material impresso que seremos capazes de circular antes do fim. Contratamos várias máquinas de impressão para funcionarem dia e noite; não queremos mais dinheiro.” Uma testemunha ocular me relatou haver visto algumas pessoas depositarem milhares de dólares sobre a mesa do editor da *Voz da Verdade*, e, em angústia de espírito, implorarem-lhe que tomasse o dinheiro e o usasse. A resposta foi: “Tarde demais! Não queremos seu dinheiro agora! Não podemos usá-lo!” Então, perguntaram: “Será que ele não pode ser doado aos pobres?” A resposta foi a mesma: “Já fizemos provisão para o suprimento imediato de todos quantos poderíamos alcançar.” Em angústia de espírito, essas pessoas levaram embora seu dinheiro, declarando que haviam trazido sobre si mesmos a desaprovação de Deus por sua falta de fé e pela cobiça que os levou a negar seus recursos à causa de Deus, quando esses eram necessários e teriam sido usados com prazer.

Guardiões nomeados

O caráter e os princípios daqueles que deixaram seus campos sem serem colhidos e abandonaram suas oficinas, a fim de fazer circular a página impressa ou conversar e orar com o povo, não duvidavam de que esses homens e mulheres acreditassem em cada palavra que diziam, e, aliás, eram acompanhados por um tal poder que os sinceros de coração não podiam resistir nem contradizer suas palavras. Dessa forma, milhares vieram a crer na verdade, a buscar e a encontrar a misericórdia de Deus.

Porém, os escarnekedores e mundanos declarados, decidiram que essa obra de espalhar as publicações adventistas devia ser interrompida. Declararam que esses adventistas, que selecionavam uma vila ou toda uma cidade, indo de casa em casa com esta doutrina do advento e negligenciando seus negócios e suas famílias, deviam estar fora de si e, portanto, deviam ser cuidados por guardiões. As evidências alegadas, de que os fiéis não estivessem bem, mentalmente falando, representaram provas insuficientes de insanidade (uma vez que esta era simplesmente uma obra em favor da salvação de

seus semelhantes; porém, não haviam provas de que suas famílias estavam sofrendo devido ao abandono de seus negócios). Conseqüentemente, apenas poucas pessoas foram colocadas sob a tutela de guardiões. No entanto, a julgar pela balbúrdia que seus oponentes fazem, ao referirem-se a este fato, pode-se imaginar que houveram muitos casos; porém, em toda minha obra como um pastor adventista, cobrindo um período de mais de cinquenta e seis anos, encontrei apenas dois casos de “Mileritas” que foram colocados sob tutores. Uma breve referência a esses casos pode ser apropriada nessa altura.

Seu próprio guardião

O primeiro desses casos ocorreu no Estado de Nova Iorque, a menos de trinta quilômetros de onde eu morava. Certo homem aceitou a doutrina adventista; seu patrimônio chegava a 100.000 dólares. Ele doou cerca de metade deste montante para sua esposa e filhos, que não compartilhavam com ele da mesma fé. O restante, considerou como seu, para usar como melhor entendesse. Por ele haver aplicado uma parte na causa adventista, seus filhos levantaram objeções e buscaram aconselhamento com um juiz, solicitando que nomeasse um guardião para seu pai. Após o juiz lhes inteirar quanto aos deveres e direitos de um guardião, no gerenciamento da propriedade, pediu-lhes que escolhessem o guardião desejado. Tendo discutido entre si por alguns instantes, concluíram que não conheciam nenhum homem a quem se atrevessem a confiar a propriedade, e relataram ao juiz que haviam escolhido o pai como seu próprio guardião. O juiz virou-se para o homem e disse: “Sr. X, seus filhos escolheram a você como a pessoa adequada para gerenciar sua própria propriedade. Suas ocupações continuam exatamente as mesmas que antes de você ser trazido ao tribunal.” – Embora eu esteja bem familiarizado com essa pessoa e com os fatos envolvidos, não tenho a liberdade de revelar-lhe o nome.

Uma situação ridícula

O outro caso foi o do Sr. Stockbridge Howland, de Topsham, Maine. Esse era um dos melhores mecânicos em toda aquela região do país, um trabalhador perito na construção de moinhos e pontes. No movimento do “clamor da meia-noite”, o Sr. Howland percorreu, a cavalo, por vários municípios, espalhando, de casa em casa, impressos e folhetos do advento, para o grande desgosto de seus opositores e zombadores, que se queixavam de

que ele, nessa distribuição de folhetos, negligenciava seus negócios. Portanto, prontamente asseguraram a nomeação de um guardião, que encontrou mais serviço a fazer do que esperava, pois, o Sr. Howland enviou-lhe todos os cobradores de impostos, e, de fato, qualquer um que lhe trouxesse contas a serem pagas; “pois”, disse ele, “não sou considerado competente para fazer qualquer negócio”. Pouco tempo depois, o município decidiu construir uma ponte sobre o rio Kennebec, – uma ponte que suportasse a furiosa torrente das águas e do gelo flutuante na época das cheias da primavera. Os comissários do condado e os membros da Câmara Municipal decidiram que Stockbridge Howland era o homem certo para o trabalho. Quando vieram com as especificações e um contrato para que ele construísse a ponte, ele respondeu, ironicamente: “Senhores, vocês terão que consultar meu guardião. Vocês sabem que não sou considerado competente para cuidar de meu próprio negócio, e vocês me vem pedir para construir uma ponte!” A situação estava um tanto ridícula demais para homens sensatos e a tutela rapidamente acabou. Basta mencionar que seus perseguidores, posteriormente, fizeram o mais humilde pedido de desculpas pelo curso injusto e inoportuno que haviam tomado.

Capítulo 11



A MENSAGEM DO SEGUNDO ANJO

“Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (Apocalipse 14:8).

“Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lucas 14:21).

O Senhor, por intermédio de seus ministros, sacudiu o mundo com a mensagem: “É chegada a hora do seu juízo”. Nessa mensagem, todo Seu professo povo poderia haver se unido, se assim desejassem. Constituiu o primeiro chamado para a “ceia” do casamento. Havia sido feito “aos convidados” (Lucas 14:17). Como foi recusado, mediante várias desculpas, um segundo chamado foi feito, correspondendo à mensagem do segundo anjo (Lucas 14:21, Apocalipse 14:8). Mediante esse apelo, o Senhor separou um povo para avançar, até o fim dos tempos, com a crescente luz de sua verdade.

O segundo chamado para a ceia das bodas

A segunda mensagem – que se seguiu à proclamação acerca da hora do juízo – diz, “Caiu, caiu Babilônia, a grande cidade, porque deu de beber a todas as nações do vinho da ira de sua prostituição.” E o segundo chamado para a ceia, diz: “Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos”. Em cada uma dessas passagens o professo povo do Senhor é chamado de “cidade”. Por suas crenças conflitantes e confusas, são chamados de “Babilônia”. Em outra passagem, referindo-se aos últimos dias, vemos que, logo antes da vinda do Senhor, seu povo é chamado a sair de “Babilônia”:

Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável. [...] Sai dela, povo meu, para não serdes participantes dos seus pecados, e para que não recebais das suas pragas (Apocalipse 18:2-4).

“Lembra-te do que tens ouvido”

Na carta à Igreja de Sardes, lemos:

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti (Apocalipse 3:3; para uma exposição completa das sete igrejas, consulte *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*).

A igreja de Sardes parece ter surgido pela Reforma Protestante, após a Era Escura da obra de “Jezabel”, a igreja apóstata. Foi dito à igreja de Sardes que ela havia sido uma igreja *viva*; porém, quando ouviu e rejeitou a doutrina da vinda do Senhor, colocou-se sob o risco de ser surpreendida por esse evento como por um “ladrão à noite”. O apóstolo Paulo, em 1 Tessalonicenses 5:1-5, declara que essa será a condição daqueles que clamam “Paz e segurança”, quando estiver próxima a vinda do Senhor. Os que seguem a luz da verdade são chamados “filhos do dia”; para eles, o Senhor não virá como um ladrão.

Na descrição profética das sete igrejas, vemos que a queda da Igreja de Sardes é imediatamente seguida por Filadélfia – como indicado em seu nome, a igreja do *amor fraterno*. Tais eram, de fato, os 50.000 fiéis que, pela mensagem do segundo anjo, foram congregados das várias igrejas e unidos, em um vínculo de amor fraterno, sobre a grandiosa verdade da iminente vinda de Cristo.

Como a segunda mensagem foi proclamada

O *Midnight Cry* de 12 de setembro de 1844 contém uma afirmação, feita pelo irmão J. V. Himes, a respeito da mensagem do segundo anjo e das circunstâncias que levaram à sua proclamação. A carta é datada de McConnellsville, Ohio, 29 de agosto de 1844. Ele diz:

Quando iniciamos a obra com o irmão Miller, em 1840, já havia nove anos que estivera pregando, nos quais havia permanecido quase sozinho. No entanto, esforçara-se contínua e eficazmente a fim de desper-

tar os professos cristãos para a verdadeira esperança do povo de Deus e para a preparação necessária para a vinda do Senhor; bem como em despertar todas as classes de não conversos a fim de que pudessem perceber sua condição perdida e a necessidade imediata de arrependimento e conversão a Deus, como preparo para encontrar o Noivo, em paz, na sua vinda. Tais foram os grandiosos objetivos de sua obra. Não fez qualquer tentativa de converter pessoas para se unirem a determinada denominação ou grupo religioso.

Quando fomos convencidos da verdade quanto à proximidade do advento, e, publicamente, abraçamos a doutrina, tínhamos uma mesma crença e procedemos de uma só maneira em meio às variadas denominações onde, na providência de Deus, fomos chamados a trabalhar. Informamos aos ministros e igrejas de que não era nosso dever separá-las, dividi-las ou confundi-las. Tínhamos um claro objetivo: “clamar”, anunciando que o juízo estava “às portas”, convencendo as pessoas a que se preparassem para este evento. [...] Os ministros e membros que se beneficiaram de nossa obra, sem, porém, sinceramente abraçarem a doutrina, perceberam que, ou avançavam com a doutrina, ao pregá-la e sustentá-la, ou, na crise que se aproximava, teriam problemas com os membros decididos e determinados. Portanto, tomaram a decisão de opor-se à doutrina, resolvendo-se, de um modo ou de outro, a abafar o assunto. Como consequência disso, nossos irmãos e irmãs, que entre eles estavam, foram postos numa posição muito probante. A maioria deles amava sua igreja e não podia nem pensar em deixá-la. Mas após serem ridicularizados, oprimidos e, de diversas maneiras, roubados de seus antigos privilégios e alegrias, à medida que o sustento a seu tempo soava a seus ouvidos, de sábado a sábado, foram logo curados de suas preferências eclesiásticas, levantaram-se na majestade de sua força, sacudiram o jugo e soaram o clamor: “Sai dela, povo meu.”

Uma probante posição

Esta situação nos colocou em uma probante posição, pelo seguinte: (1) estávamos bem no fim do tempo profético, em que supúnhamos que o Senhor iria reunir todo o seu povo *em um só corpo*, e, (2) sempre havíamos pregado uma doutrina diferente; e, agora que as circunstâncias haviam mudado, seria considerado desonestidade de nossa parte se nos uníssemos no clamor de separação e ruptura de igrejas que haviam recebido, tanto a nós como a nossa mensagem. Assim, hesitamos e permanecemos agindo segundo nosso primeiro proceder, até que a igreja e os ministros levaram o assunto tão longe que fomos obrigados,

no temor de Deus, a tomar uma posição de defesa da verdade e dos filhos de Deus que estavam sendo pisoteados.

Procedemos segundo o exemplo dos apóstolos

“Durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao reino de Deus. Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos, passando a discorrer diariamente na escola de Tirano” (Atos 19:8, 9). Unicamente depois que “alguns deles se mostraram empedernidos”, “falando mal do Caminho [a vinda do Senhor] perante a multidão” é que nossos irmãos persuadidos a sair e separar-se das igrejas. Não podiam tolerar esse “falar mal” praticado pelos “maus servos”; e, as igrejas que se atreviam a fazer uso de opressão e “maledicência” para com aqueles que buscavam a “bendita esperança”, eram, por eles, consideradas nada menos do que as filhas da mística Babilônia. Declararam-nas assim e, então, entraram na liberdade do evangelho. E, conquanto, possa não haver, entre nós, um consenso geral sobre o que constitui Babilônia, estamos de acordo quanto à necessidade de separar-nos imediata e definitivamente de todos que se opõem à doutrina da iminente vinda e reino de Deus. Julgamos ser este um caso de vida ou morte. Permanecermos conectados com entidades que falam de maneira negligente, ou que se opõem à vinda de Senhor, significaria morte. Deixarmos todas as tradições humanas, apoiarmo-nos sobre a Palavra de Deus e esperarmos diariamente pelo aparecimento do Senhor significa vida. Portanto, desejamos, agora, dizer a todos que estão de alguma forma enredados no jugo da escravidão, “Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor, e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei, e serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Coríntios 6:17, 18).

Oposição inexplicável

Guilherme Miller assim descreve o conflito que, na época, existia entre as igrejas e os adventistas:

É antinatural e inexplicável que as igrejas cristãs excluam essa doutrina e os seus membros, devido a esta bendita esperança. Sei que algumas das igrejas batistas afirmam não os haverem excluído por sua fé, mas por se haverem reunido com crentes adventistas. Se, portanto, não foi pela fé que eles têm em um Salvador vindouro, porque

então sou excluído de seus púlpitos, mesmo jamais tendo feito parte de qualquer igreja, exceto a Batista? É um falso pretexto. Mas esse argumento não pode ser usado pelos metodistas e presbiterianos; pois eles acreditam na mista comunhão. Então por que nos excluem? Ouvi que alguns foram excluídos por “cantar” melodias sobre o segundo advento; outros por insanidade, quando toda a insanidade que se demonstrou neles era esperarem por Cristo. Oh Deus, “perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem.”

Storrs fala sobre a atitude das igrejas

George Storrs fala da atitude das igrejas para com os adventistas da seguinte maneira:

Qual delas não está, agora, dizendo: “Estou assentada como rainha?” E qual delas não está satisfazendo-se com a ideia de que, algum dia, irá conquistar o mundo, que há de ser submetido a sua fé? Qual delas permitirá a *pacífica* permanência, entre elas, de alguém que, declarada e destemidamente, confessar sua fé na proximidade do advento? Por acaso não são essas as condições para permanecer nelas sem ser incomodado: que você se “abstenha totalmente” de expressar *publicamente* sua fé na vinda do Senhor ainda este ano, não importa quais sejam suas convicções sobre o assunto, nem quão essencial você considere clamar, “Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo?”

O testemunho de Mansfield

L. D. Mansfield, escrevendo de Oneida, Nova Iorque, no dia 21 de março de 1844, assim testifica:

Deus está agindo na mente de seus queridos filhos que aguardam o Senhor do céu, guiando-os, não somente a atender ao anjo que “tem o evangelho eterno para pregar, dizendo: É chegada a hora do seu juízo”, mas também a obedecer à ordem subsequente: “Sai dela, povo meu!” Estou mais convencido que nunca de que, as organizações religiosas atuais, constituem uma grande parte daquela Babilônia que deve ser derrubada com violência, e que nunca jamais será achada. [...] Parece-me, contudo, que, em algumas das organizações, a semelhança com o chifre pequeno é mais marcante. Alguns exemplos ilustrarão o assunto.

A manifestação do espírito de turba

Um irmão que havia trabalhado com muito êxito nessa região, proclamando a vinda do Senhor, comprometeu-se a realizar uma palestra em determinado lugar num dado momento. O Senhor guiou de tal maneira que ele se encontrava a 25 quilômetros do local de encontro, mas estava presente um ministro, liderando uma multidão, com piche e penas, com a finalidade de lançá-las sobre esse servo do Deus Altíssimo. Este mesmo ministro iniciou uma prolongada reunião logo em seguida, mas era frio e gelado, como as geleiras do norte – nenhuma alma se despertou ou converteu. Finalmente o ministro afirmou crer que ele mesmo “deveria responder ao apelo.”

Um líder de classe nesta aldeia declarou a seus alunos, após haver-mos iniciado aqui nossas reuniões, que, se alguém entrasse em sua casa, dizendo crer que Cristo viria este ano, ele poria a pessoa para fora de suas portas.

Um dever para com as igrejas

Neste momento vamos apresentar um testemunho de um discurso à conferência de crentes adventistas, reunidos em Boston, Massachussets, datado de 31 de maio de 1844 e assinado por Guilherme Miller, Elon Galusha, N. N. Whiting, Apollos Hale, e J. V. Himes. Eles dizem:

Podemos, também, falar um pouco acerca de nosso dever para com as igrejas. O perigo aqui, como em muitos outros casos, parece-nos estar nos extremos. O primeiro tipo de perigo é permitir à autoridade da Igreja, com a qual nos associamos, nos fazer calar, em tal questão de dever. Não temos nenhuma dúvida que milhares trouxeram, sobre si mesmos, condenação perante de Deus, por ceder às reivindicações não-bíblicas de suas igrejas nesse assunto; se tais pessoas tivessem sido convictas e fiéis, estariam agora em uma condição muito mais segura e mais útil, embora também pudessem ser chamados a sofrer.

O segundo tipo de perigo é o de dar lugar a um espírito de vingança contra as igrejas, por sua injustiça para conosco, e de travar uma guerra indiscriminada contra todas essas organizações. Quanto ao dever dos adventistas, em relação às igrejas com as quais possam estar associados, se alguém nos perguntasse, não poderíamos dar qualquer regra de aplicação genérica. Devem agir no temor de Deus, como as circunstâncias do caso exigirem.

Devíamos, porém, estar resolvidos a cumprir nosso dever, testemunhando da verdade em todas as ocasiões adequadas e convenientes. Se ofendermos as igrejas, mediante nosso proceder, e elas ameaçarem nos expulsar, caso não permaneçamos em silêncio (apesar de que, se vermos como algo apropriado dissolver nossa relação com a igreja de forma amigável, essa possa ser a melhor forma), *cumpramos nosso dever*, e, quando formos expulsos, sejamos pacientes em sofrer a injúria, dispostos, com nosso Mestre, a sair para fora da porta, levando seu opróbrio.

Nessas referências mencionadas com respeito à conduta das igrejas, em relação àqueles que estavam proclamando a mensagem do segundo anjo, percebe-se facilmente que, como primeira consequência de proclamarem este segundo chamado para a “ceia”, os que foram reunidos em um único rebanho espiritual são chamados de “aleijados”, “coxos” e “cegos” – uma forte sugestão dos maus tratos que receberam ao serem “castigados” por seus “conservos” de quem se haviam separado.

A escolha de um povo distinto para receber novas verdades

Claramente podemos notar o propósito do Senhor em congregar um povo distinto, sob a proclamação da mensagem do segundo anjo – o segundo chamado para a “ceia” – e o “clamor da meia-noite”. Verdades preciosas para os últimos dias precisavam ser descobertas e proclamadas – uma obra que não mais poderia ser feita por igrejas “presas a seus credos”, do que poderia ser dado ao mundo o anúncio do evangelho pela igreja apostólica enquanto retivesse uma ligação com as facções judaicas. Deus fez um chamado para que se separassem naquela época [Atos 13:46] e fez também um chamado aos crentes do advento a fim de que se separassem dos que os queriam manter presos a seus credos.

Os seis sermões de Storrs

Logo após sair de entre as igrejas, o rebanho adventista recebeu luz sobre o assunto da punição futura, conforme exposto num panfleto de George Storrs, intitulado: *Seis Sermões*. Neles, tomou a posição de que o homem, por natureza, é mortal; que os mortos permanecem inconscientes durante o intervalo entre a morte e a ressurreição; que a punição final dos ímpios será completa aniquilação; que a imortalidade é um dom de Deus, e é recebida unicamente pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Milhares de adventistas aceitaram essa doutrina da natureza do homem, mas não foram todos que a aceitaram. Essa rejeição, contudo, não introduziu entre eles qualquer desordem, pois esses pontos eram considerados simplesmente como questão de opinião, e não um teste de postura moral; por conseguinte, os esforços conjuntos, a fim de alertar ao mundo acerca da vinda de Cristo, não foram quebrados. Provocou, porém, a ira das igrejas contra eles.

Incapazes de refutar os seis sermões

O pastor metodista da cidade onde eu vivia, que se havia unido na pregação da doutrina adventista em 1843, tendo recebido o livreto *Seis Sermões*, leu-os, e admitiu, perante os membros de sua igreja, que era incapaz de refutar essa doutrina; mas ao constatar que muitos membros de sua igreja a estavam aceitando, advertiu os outros a que não lessem o tal livro, pois “creriam na doutrina se o lessem.” No mês de setembro de 1844, após este pastor haver retornado da conferência anual, levantou-se diante de seu púlpito e renunciou publicamente a doutrina do advento, humildemente pedindo perdão à igreja até mesmo por haver convidado os palestrantes para pregarem ali.

Interrogados por heresia

Esta ação do ministro foi logo seguida por um esforço em acusar, como hereges, os crentes no advento, mas como eles foram autorizados a defender sua causa baseados na Bíblia, nenhuma vitória foi conquistada pela igreja. Vários foram excluídos desta igreja porque sua conduta não estava em harmonia com suas normas, e muitos outros se retiraram devido à exclusão de membros cuja fé não pôde ser demonstrada contrária às Escrituras. Assim, a doutrina do advento foi, para sempre, excluída da igreja onde centenas haviam encontrado o Salvador e alcançado a felicidade em Deus.

O que aconteceu em minha cidade natal também foi decretado em centenas de outras igrejas por todo o país. Os que foram assim tratados, por seus antigos irmãos, encontraram grande consolo nas palavras do profeta Isaías:

Ouvi a palavra do Senhor, os que tremeis da sua palavra: Vossos irmãos, que vos odeiam e que para longe vos lançam por causa do meu nome, disseram: Que o Senhor seja glorificado; mas ele aparecerá para a vossa alegria, e eles serão envergonhados (Isaías 66:5).

Revelada a ira dos ímpios

Ao aproximar-se o dia em que se esperava o Senhor, os crentes se tornaram mais intensos em sua obra; e os ímpios se enfureceram e zombaram ainda mais, como se nota pela seguinte declaração, feita pelo editor do *Midnight Cry*, de 31 outubro de 1844:

O efeito que esse movimento produziu sobre os ímpios, contribuiu grandemente para nos firmar na ideia de que Deus estava nele. No momento em que os filhos de Deus se reuniam para prostrar-se e humilhar-se perante Ele, e preparar-se para sua vinda – algo bem conveniente para um grupo de pecadores, os quais somente seriam salvos pela graça – os ímpios manifestaram a maior maldade. Embora não houvéssimos anunciado nossas reuniões, a não ser em nossos próprios periódicos, nem houvéssimos convidado ao público a que viesse, os filhos de Belial se aglomeraram nelas, causando muita perturbação. Na noite de sábado, dia 12 [12 de outubro de 1844], não tivemos reunião na tenda, a fim de que o zelador pudesse ter a chance de limpar o local para o domingo. Mas a turba invadiu o local, e nos negou até mesmo esse direito. O Prefeito, porém, sem que o solicitássemos, prontamente interferiu e os expulsou.

Em nossas reuniões no domingo seguinte, depois que a tenda estava cheia, uma grande multidão ocupou a rua em frente ao local, muitos deles enfurecidos pelo fato de que alguém pudesse crer na vinda do Senhor. À noite, por conta da agitação da multidão, não tivemos reunião; mesmo assim, a turba lotou a rua antecipadamente, mas a interferência imediata do prefeito, com seus eficientes policiais, limpou a rua, após haver detido algumas pessoas. Só dá para comparar o comportamento dessa multidão com aquele tido pela multidão que cercou a casa de Ló, na véspera da destruição de Sodoma. [...] Esse movimento, de parte deles, foi tão repentino, vasto e coordenado, que sua manifestação no primeiro dia do sétimo mês judaico fortaleceu-nos em nossa opinião de que este devesse ser o mês.

Escarnecedores usam vestes de ascensão

Em 22 de outubro de 1844 – dia em que os dois mil e trezentos dias se encerravam – em Paris, Maine, enquanto os fiéis estavam reunidos na Casa de Culto, empenhados em solenes súplicas a Deus na expectativa de que o Senhor viesse naquele dia, os escarnecedores se reuniram em torno da casa, cantando canções em forma de paródia. Dois desses arruaceiros colocaram

longas túnicas brancas, subiram ao telhado, entoaram cânticos e zombaram daqueles que, reunidos no local, oravam aguardando a vinda do Senhor.

É provável que a circulação dos falsos boatos sobre adventistas usando vestes de ascensão tenha se originado aí; pois apesar das publicações adventistas terem oferecido recompensas de até 500 dólares por um caso autêntico em que um adventista tenha colocado vestes de ascensão em 1844, esperando, assim, pela vinda do Senhor, caso algum foi jamais apresentado.

Visão de Hazen Foss, 1844

Nesta época, vivia em Poland, Maine, um jovem com o nome de Hazen Foss, que firmemente acreditava que o Senhor viria no décimo dia do sétimo mês. Era uma pessoa de boa aparência, maneiras agradáveis e muito estudo. Poucas semanas antes do término do “clamor da meia-noite,” o Senhor se aproximou e deu-lhe uma visão, em que foi-lhe mostrada a jornada do povo adventista para a cidade de Deus, bem como os perigos que corriam. Foram-lhe dadas algumas mensagens de alerta, as quais deveria transmitir; recebeu, também, um vislumbre das dificuldades e perseguições que se seguiriam, como consequência de sua fidelidade em transmitir o que lhe havia sido mostrado. Ele, assim como o senhor Foy, viu três degraus mediante os quais o povo de Deus se poria completamente no caminho para a cidade santa. Pelo fato de crer firmemente na vinda do Senhor “em alguns poucos dias” (como no hino que cantavam), a parte da visão relacionada aos três degraus no caminho lhe pareceu inexplicável; e, sendo naturalmente de um espírito orgulhoso, evitou a cruz e recusou-se a transmiti-la. A visão foi repetida pela segunda vez, e, em acréscimo, foi-lhe dito que, se ele ainda se recusasse a transmiti-la, a responsabilidade seria retirada dele, e posta sobre um dos mais fracos dos filhos do Senhor, um que fielmente transmitiria o que Deus revelasse. Ele recusou novamente. Então, foi-lhe dada uma terceira visão, onde lhe foi dito que ele havia sido liberado, e a carga havia sido colocada sobre um dos mais fracos dentre os fracos, que cumpriria a ordem do Senhor.

Foss fracassa em relatar sua visão

O jovem se alarmou com isso e decidiu relatar o que havia visto, marcando uma ocasião para fazê-lo. O povo se ajuntou a fim de vê-lo e ouvi-lo. Ele contou, de maneira bem detalhada, sua experiência, discorrendo sobre como havia se recusado a transmitir o que o Senhor lhe havia revelado e qual

seria o resultado de sua recusa. “Agora”, disse ele, “vou relatar a visão”. Mas, oh!, era tarde demais! Ele ficou em pé, diante do povo, mudo como uma estátua, e, finalmente, disse na mais profunda agonia: “Não consigo lembrar uma palavra sequer da visão.” Apertando as próprias mãos em angústia, disse: “Deus cumpriu sua palavra. Ele retirou de mim a visão”, e, em grande angústia de espírito, disse: “Sou um homem perdido.” A partir desse momento, perdeu sua esperança em Cristo e entrou em um estado de desespero. Nunca mais participou de uma reunião Adventista e não tinha nenhum interesse pessoal em religião. Em muitos aspectos, seu comportamento era, no mínimo, o de alguém privado da suave influência do Espírito do Mestre, alguém “entregue a seus próprios caminhos, a ser farto com seus próprios feitos.” Nesse estado de espírito, ele morreu, em 1893.

A visão de Foss é relatada por outra pessoa

Cerca de três meses após ele haver falhado em lembrar sua visão, ouviu, de um aposento ao lado, uma visão sendo transmitida por outra pessoa. A reunião fora realizada numa residência onde se encontrava. Insistiram com ele para que participasse dela, mas ele recusou fazê-lo. Declarou que essa visão era tão semelhante à que ele havia tido como se duas pessoas estivessem relatando uma mesma coisa. Assim é que se tornou conhecido o que ele havia visto e havia sido incapaz de lembrar ao tentar transmiti-lo. Posteriormente, quando ele viu a pessoa que contara a visão, afirmou: “Esse é o instrumento sobre quem o Senhor colocou a responsabilidade.”

Terrivelmente desapontados

O décimo dia do sétimo mês, no calendário judeu (22 de outubro de 1844), finalmente chegou. Milhares e milhares olhavam para este momento como concretizando a realização de suas esperanças. Nenhuma provisão terrena haviam feito para além dessa data. Nem mesmo haviam nutrido a ideia: “E se não vier”, mas planejaram seus afazeres terrenos como o teriam feito caso houvessem suposto que, naquele dia, seria encerrado o período natural de suas vidas. Havia alertado e aconselhado os ímpios a fugirem da ira vindoura, e, muitos destes, *temiam* que a mensagem pudesse revelar-se verdadeira. Havia conversado e orado com os familiares, e tinham dito adeus aos que não haviam entregado o coração a Deus. De fato, haviam dito adeus a todas as coisas terrenas, com toda a solenidade de alguém que se considera

prestes a comparecer, face a face, perante o Juiz de toda a terra. Assim, com uma ansiedade de tirar o fôlego, reuniram-se em seus locais de culto, esperando, a qualquer momento, ouvir “a voz do arcanjo e a trombeta de Deus”, e ver o céu, em chamas, com a glória de seu Rei vindouro.

As horas passaram lentamente e, quando, finalmente, o sol se pôs no horizonte ocidental, o décimo dia do sétimo mês judaico terminou. As sombras da noite, uma vez mais, espalharam seu negro manto sobre a terra. Porém, juntamente com a escuridão, sobreveio, ao coração dos crentes adventistas, uma tristeza mortal de tamanha magnitude, que só pode encontrar paralelo na tristeza dos discípulos de nosso Senhor, quando, solenemente, dirigiram-se de volta para casa, na noite após a crucifixão e sepultamento dAquele a quem, pouco antes, haviam escoltado como Rei, em Sua entrada triunfal em Jerusalém.

Capítulo 12



O DESAPONTAMENTO E O LIVRINHO AMARGO

“Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes perante muitos povos, nações, línguas e reis. Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram” (Apocalipse 10:10, 11; 11:1).

Na linguagem bíblica, “comer” um livro representa aceitar a verdade a fim de comunicá-la a outros, como se vê em Ezequiel, onde mostrou-se ao profeta “o rolo de um livro”, e foi-lhe dito: “Come este rolo, vai e fala à casa de Israel”. Depois de comer o rolo, ele diz: “Eu o comi, e na boca me era doce como mel” (Ezequiel 3:1-3).

O profeta Jeremias usa essa mesma ilustração: “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração” (Jeremias 15:16). Por meio desta linguagem, aprendemos que a “doçura” do livro, enquanto é comido, representa a alegria e a satisfação experimentada por aqueles que se alimentam da palavra do Senhor.

O livrinho doce que ficou amargo

O livro mencionado em Apocalipse 10, que era doce como o mel para quem o comia, mas, após ser comido era “amargo” (outras traduções dizem: “logo que eu o digeri, no meu estômago ficou pícrico” [uma preparação muito desagradável e amarga de álcool, aloés e resina de mirra]), era o livro pelo qual o anjo anunciou, com a autoridade dAquele que fez o céu, a terra e o mar, que “já não haverá mais tempo.” Assim, comer deste livro deve repre-

sentar a alegre aceitação da proclamação de tempo profético. A repentina amargura experimentada pelos que o haviam comido, deve representar o triste contraste que sentiram quando o tempo, mencionado no livro, expirou, e eles se acharam extremamente decepcionados em suas expectativas.

A proclamação de tempo: doce como o mel

A proclamação do tempo, em 1844, realmente representou boas novas para os que creram, os quais, sem dúvida, esperavam então um eterno livramento de todos os males, desgraças e sofrimentos deste mundo pecaminoso. O pensamento de que, em poucas semanas, eles seriam glorificados, imortalizados e estariam na cidade de ouro de Deus, em presença de seu Rei, era, de fato, inspirador. Como expresso por alguém que passou por essa experiência:

Os que, sinceramente, amam a Jesus, podem apreciar os sentimentos das pessoas que aguardaram, com intenso interesse, a vinda de seu Salvador. [...] Nós nos aproximamos dessa hora com uma calma solemnidade. Os verdadeiros crentes descansavam em uma doce comunhão com Deus – uma garantia da paz que desfrutariam na brilhante vida futura. Aqueles que experimentaram tal esperança e confiança jamais se esquecerão daquelas preciosas horas de espera.

A probante situação dos que, no décimo primeiro dia do sétimo mês [23 de outubro], ainda se encontravam neste negro mundo de lutas e tentações – no qual deveriam enfrentar desprezo, escárnio e zombaria, daqueles a quem, poucas horas antes, haviam exortado a que se preparassem para encontrar seu Senhor – encontra uma notável semelhança com o caso de Maria, quando “permanecia junto à entrada do túmulo, chorando” e, sendo abordada pelos anjos com a pergunta: “Mulher, por que choras?”, disse-lhes: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram” (João 20:13).

Desapontados, porém não desencorajados

Os que passaram por esta probante cena relataram-na assim:

Ficamos perplexos e decepcionados, porém não renunciamos nossa fé. Sentimos que havíamos cumprido nosso dever; tínhamos vivido de acordo com nossa preciosa fé; estávamos desapontados, mas não desencorajados. Tivemos necessidade de uma infundável paciência, pois os escarneadores eram muitos. Éramos frequentemente saudados por insinuações maldosas acerca de nosso desapontamento passado. “Vocês ainda não subiram; quando acham que vão?” Esses e outros sar-

casmos semelhantes eram frequentemente desafogados sobre nós, por nossos conhecidos mundanos e mesmo por alguns professos cristãos, que aceitavam a Bíblia, mas fracassaram em aprender suas grandes e importantes verdades. A mortalidade ainda se nos apegava; os efeitos da maldição estavam ao nosso redor. Foi difícil retomar os enfadonhos cuidados da vida, os quais imaginávamos haver deposto para sempre.

Desapontados como os discípulos

Os sentimentos dessas pessoas, se comparados com a alegria e regozijo que haviam experimentado algumas poucas horas antes, devem ter parecido a eles como a dolorosa amargura da mistura pícrica. Assim como as massas certamente o fizeram após a crucifixão de Cristo, o mundo agora supôs que os crentes renunciariam sua fé e juntar-se-iam em escárnio por sua suposta insensatez. Para seu espanto, porém, rapidamente perceberam que o amor pela vinda do Senhor não seria facilmente erradicado da afeição dos que, verdadeiramente, se haviam consagrado a Deus.

“Nunca me assentei na roda dos que se alegram”

O curso seguido e os sentimentos desses zelosos servos são bem definidos nas palavras do profeta Jeremias, em que diz:

Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos Exércitos. Nunca me assentei na roda dos que se alegram, nem me regoziquei; oprimido por tua mão, eu me assentei solitário, pois me tens enchido de indignação. Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida me dói e não admite cura? Serias para mim como um mentiroso, como águas que enganam? (Jeremias 15:16-18).

Tiago White falando sobre o Desapontamento

Uns poucos trechos dos que passaram pelo desapontamento, e, no entanto, mantiveram suas esperanças, nos darão uma boa noção da situação. O primeiro é do irmão Tiago White, que trabalhou com muito sucesso em 1843 e 1844. Ele diz:

O desapontamento, após a passagem do tempo, foi amargo. Crentes verdadeiros haviam abandonado tudo por Cristo, e haviam sentido sua presença como nunca dantes. Supunham ter dado seu último aviso ao mundo, e se haviam separado, em certa medida, da multidão incrédula

e escarnecedora. Tendo sobre si a benção divina, sentiam-se mais ligados a seu tão-esperado Mestre e a seus santos anjos, do que a aqueles de quem se haviam separado. O amor de Jesus encheria-lhes a alma e radiara de cada face, e, com desejos inexprimíveis haviam orado: “Vem, Senhor Jesus, e vem logo,” mas ele não veio.

Contudo, Deus não abandonou a seu povo. [...] E com um excepcional poder de conforto, passagens tais como as seguintes feitas aos hebreus, vieram à mente e coração daqueles provados expectantes: “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá, e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Hebreus 10:35-39). Os pontos de especiais neste trecho das Escrituras são os seguintes:

1. Os destinatários estão em perigo de lançar fora sua confiança em algo fizeram acertadamente.
2. Haviam feito a vontade de Deus, e foram postos numa situação de provação, onde era necessária paciência.
3. Os justos, neste momento, precisavam viver pela fé, e não por ficarem questionando quanto a haverem ou não cumprido a vontade de Deus, mas fé naquilo, por cujo intermédio, haviam cumprido a vontade de Deus.
4. Aqueles que não suportassem a prova da fé, mas abandonassem sua confiança na obra pela qual fizeram a vontade de Deus, assim retrocedendo, tomariam o caminho expresso para a perdição (*Life Sketches*, p. 107-109).

Comentário de N. Southard, editor do *Midnight Cry*

No *Midnight Cry* de 31 de outubro de 1844, cerca de dez dias após o encerramento dos dois mil e trezentos dias, o seguinte trecho foi publicado pelo editor:

Tendo em vista todas as circunstâncias envolvidas neste movimento, os benditos resultados que produziu na mente dos filhos de Deus e

o ódio e maldade exibidos por seus inimigos, devemos considerá-lo como o verdadeiro “clamor da meia-noite”. E se tivermos alguns dias para testar nossa fé, ainda estará em harmonia com a parábola das dez virgens; pois quando todas se levantaram e prepararam suas lâmpadas, haveria, ainda, um tempo em que as lâmpadas das virgens loucas iriam estar se extinguindo. Isso somente poderia acontecer depois da passagem do dia décimo, pois até aquele momento suas lâmpadas ainda brilhariam. Este dia, portanto, precisaria passar, para que as loucas abandonassem sua fé, como precisaria ocorrer em 1843, relativo ao tempo de tardança. Um pequeno atraso, portanto, não é motivo de desapontamento, mas mostra como Deus é preciso no cumprimento de sua palavra. Apeguemo-nos, portanto, firmemente à profissão de nossa fé, sem vacilar; pois quem fez a promessa é fiel.

Comentário de Joseph Marsh, editor da *Voz da Verdade*

Na *Voz da Verdade* de 7 de novembro de 1844, lemos:

Alegremente admitimos estarmos equivocados quanto à natureza do evento que esperávamos ocorrer no décimo dia do sétimo mês; mas ainda não podemos admitir que nosso grande Sumo Sacerdote, nesse dia, não tenha realizado tudo aquilo que o tipo [o ritual típico] justificaria que esperássemos. Agora cremos que Ele o realizou.

Em 1844, os adventistas esperavam que, no décimo dia do sétimo mês, se encerrassem os dois mil e trezentos dias, e que, ao completar Cristo, nesse dia, sua obra sacerdotal, voltaria à terra para abençoar a seu povo. Em estudo posterior, porém, demonstrou-se que, em realidade, o que ocorreu nesse dia foi o início de Sua obra de purificação o santuário celestial e não a conclusão de seu ofício como Sacerdote. [Naquela época, ninguém sequer suspeitava da existência de um santuário no céu.] Em vez de considerarem a purificação do santuário como sendo parte da obra sacerdotal de Cristo, haviam alegado que a purificação do santuário representava a purificação da Terra pelo fogo, por ocasião da vinda de Cristo. Se acaso, naquele momento, isso não englobasse a terra toda, envolveria pelo menos a purificação da terra de Canaã.

Entendia-se que o santuário representasse a Terra

Essa ideia foi apresentada num artigo de George Storrs, no *Clamor da meia-noite* de 25 de abril de 1844. Ele pergunta:

Que é o santuário a ser purificado? No passado, eu imaginava que envolvesse a terra toda; e ainda creio que seja uma parte dela. Mas que parte? Essa pergunta me esforcarei por responder.

Após referir-se à promessa feita a Abraão, à confirmação da mesma a Isaque e a sua renovação a Jacó, Storrs, então, menciona o cântico de Moisés, composto por Miriam após a travessia do Mar Vermelho. Neste cântico, encontram-se as seguintes palavras:

Tu o introduzirás e o plantarás no monte da tua herança, no lugar que aparelhaste, ó Senhor, para a tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as tuas mãos estabeleceram (Êxodo 15:17).

Se o leitor comparar cuidadosamente o texto acima com o registro de seu cumprimento feito pelo salmista, vai perceber que não diz ser o Santuário, nem mesmo a própria terra da Palestina. Davi, referindo-se ao modo pelo qual o Senhor guiou os filhos de Israel, declara: “Levou-os até os limites de seu santuário, até ao monte que a sua destra adquiriu” (Salmos 78:54). No cântico junto ao Mar Vermelho, diz-se, da terra de Canaã, que era o lugar que Ele havia preparado para “habitar, no santuário.” Portanto, nesta citação de Salmos, o Monte Moriá, onde o santuário foi construído, só é chamado de “o limite do seu santuário.” Mas neste mesmo salmo é dito:

Escolheu, antes, a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava. E construiu o seu santuário durável como os céus e firme como a terra que fundou para sempre (Salmos 78:68, 69).

A purificação do santuário foi interpretada como sendo a purificação da Terra

No artigo acima referido, após citar a suposta prova de que a Terra, ou pelo menos a região da Palestina, fosse o santuário, o irmão, então, faz a pergunta: “Como se dará a purificação do santuário?” Nas palavras do profeta Miquéias, ele responde:

Porque eis que o Senhor sai do seu lugar, e desce, e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo (Miquéias 1:3, 4).

Com a ideia, comumente aceita na época, de que a terra era o santuário, o leitor pode facilmente perceber a razão pela qual os adventistas supunham,

com absoluta certeza, que ao fim dois mil e trezentos dias o Senhor viria e purificaria a terra da maneira descrita por Miquéias. Em toda a oposição levantada contra os adventistas, nenhum de seus adversários sequer insinuou que a purificação da Terra pelo fogo não fosse o evento que representaria a purificação do santuário, ao fim dos dois mil e trezentos dias.

Os discípulos se desapontaram, mas cumpriram a profecia

Esta não é a única situação em que pessoas fizeram a vontade de Deus, cumpriram a Escritura, e, contudo, ficaram desapontadas em suas expectativas simplesmente por não compreenderem o caráter do evento a ocorrer. Foi assim com os discípulos de Cristo. Estando Ele montado sobre o jumentinho, por ocasião da entrada triunfal em Jerusalém, seus discípulos clamaram, em memória das palavras do profeta:

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta (Zacarias 9:9) [ver João 12:16].

Era tão necessário que houvesse então tal aclamação que, se eles se calassem, as pedras clamariam [Lucas 19:40]. Os discípulos supunham que Cristo iria subir, imediatamente, ao trono de Davi, como um rei temporal [“Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel” – Lucas 24:21], e, por isso, clamavam: “Bendito seja o reino de nosso pai Davi, que vem em nome do Senhor” [Marcos 11:10]. Quanta aclamação haveria nessa ocasião se houvessem entendido que, em menos de uma semana, Cristo estaria morto, no sepulcro de José, rodeado pela guarda romana? Quanto render “glória” a Deus e quanta consagração haveria entre os adventistas em 1844, se houvessem entendido que a purificação do santuário, ao fim do tempo profético, duraria por uma sucessão de anos, antes que o Senhor viesse?

Nenhum erro na contagem dos 2300 dias

Ao revisarem cuidadosamente a contagem do período, não encontraram nenhum erro; porém o Senhor não veio e a terra não foi purificada por fogo. Qual era o significado? Tinham certeza que o Senhor estivera com eles naquele grande movimento, mas agora estavam perplexos. Sua confiança em Deus permanecia inabalável. Sabiam que Ele não iria abandoná-los. De alguma maneira a luz seria enviada. A probante questão perante eles aparece

nas palavras de Jeremias já citadas: “Serias para mim como um mentiroso, como águas que enganam?” Sua fé não acalentava essa dúvida, pois lembravam-se das palavras do Senhor, por meio do profeta Habacuque, acerca da visão, de que “ao fim falará, e não mentirá” (Habacuque 2:3). A declaração escrita pelo editor do periódico *A Voz da Verdade*, a qual já mencionamos, esclarece sua posição:

Mas ainda não podemos admitir que nosso grande Sumo Sacerdote, nesse dia, não tenha realizado tudo aquilo que o tipo justificaria que esperássemos.

Descobre-se luz acerca do santuário

Hiram Edson, de Port Gibson, Nova Iorque, disse-me que, no dia seguinte à passagem do tempo, em 1844, quando estava orando atrás das pilhas de cereais amontoados num campo, o Espírito de Deus se apossou dele de maneira tão poderosa que quase foi lançado ao chão. Com isso, veio a seguinte impressão: “o santuário a ser purificado está no céu.” Ele comunicou este pensamento a O. R. L. Crosier e, juntos, cuidadosamente investigaram o tema. No início de 1846, uma elaborada exposição sobre o assunto do santuário, duma perspectiva Bíblica e escrita pelo Sr. Crosier, foi impressa no *Day Star*, um periódico então publicado em Canandaigua, Nova Iorque. Esse extenso manuscrito deu a entender que o trabalho de purificação do Santuário consistia na finalizadora obra de Cristo como nosso Sumo Sacerdote, começando em 1844 e terminando pouco antes de Ele voltar sobre as nuvens do céu como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Igrejas em busca de seus antigos membros

O décimo dia do sétimo mês havia passado e as igrejas pensaram que, facilmente, recuperariam seus perdidos membros, que se haviam separados delas durante o “clamor da meia-noite” e a mensagem do segundo anjo. Mas aqui elas se decepcionaram grandemente, como se pode ver na seguinte resposta a suas importunações para que seus ex-membros retornassem a suas antigas organizações. Essa resposta foi publicada no *Clamor da Meia-noite* de 26 de dezembro de 1844:

Mas onde estão os fatos? Eles bem sabem que, na grande maioria dessas igrejas, os temas predominantes são, “a conversão do mundo”, “o milênio” e “o retorno dos Judeus à Palestina, antes do ad-

vento pessoal do Salvador. Aqueles que voltam atrás para escutar as canções de ninar de doutrinas tão não-bíblicas e ilógicas como estas, o fazem de olhos abertos; tal atitude de sua parte será um verdadeiro “voltar atrás”.

Tendo-se tornado “livres”, no sentido Bíblico, é muito mais seguro “avançar” do que “voltar” ou “retroceder”, especialmente num momento como este, quando a coroa de glória está tão perto de ser entregue aos fiéis em Cristo Jesus.

A atitude adotada pelas igrejas de adiar a vinda do Senhor, defendendo doutrinas não-bíblicas como as mencionadas acima, fizeram lembrar os adventistas as seguintes palavras do profeta Ezequiel: “Filho do homem, eis que os da casa de Israel dizem: A visão que tem este é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão mui longe.” Ligada a esse verso encontra-se a resposta usada pelos adventistas: “Portanto dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Não será retardada nenhuma das minhas palavras; e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor Deus” (Ezequiel 12:27, 28).

“É necessário que ainda profetizes”

Aqueles que “comeram” o livro e anunciaram o “tempo”, julgavam haver concluído sua obra em favor do mundo. Por isso veio a declaração de que necessitavam, novamente, profetizar a nações, línguas e reis. Outra parte dessa obra, até então desconhecida, devia realizar-se agora. Precisavam apresentar ao povo a verdadeira natureza do Santuário de Deus no céu, e de seu serviço sacrificial. A ordem para medir o santuário faz-se necessária, a fim conhecer-se o tipo de evento que deveria ocorrer ao fim do tempo profético, provendo uma explicação às palavras: “e o santuário será purificado.”¹

Note que o anjo dessa proclamação de tempo, vem do céu, e, antes que sua obra seja concluída, ordena, novamente, que seja o povo ensinado. Assim, a mensagem que deve explicar a questão do santuário e levar confiança aos desapontados – fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, uma espécie de “vara” ou “cajado”, ou seja, uma norma, pela qual o povo possa testar sua postura moral perante Deus – precisa apresentar fortes evidências de que sua origem é celestial e não humana.

¹ Como não são apresentados algarismos nessa medição, é o caráter, e não as dimensões, que está sendo medido.

O preconceito barrou o acesso ao povo

O preconceito que existia contra a doutrina adventista era uma barreira quase intransponível no acesso ao povo. Seria inútil tentarmos ensiná-los novamente, sem apresentarmos clara e positiva luz quanto à causa do desapontamento. Os próprios crentes adventistas necessitavam ser inspirados novamente por uma incumbência celestial, antes de poderem ensinar ao povo de forma apropriada. Mas como seria isso feito? Poderia acontecer por mera sabedoria humana? Ficariam satisfeitos, por simples lógica humana, os que haviam experimentado a profunda obra do Espírito de Deus, nesse recente movimento? Nada menos que uma obra tal como a da “mensagem do terceiro anjo” (Apocalipse 14:9-12) os poderia livrar de suas perplexidades. Essa obra, passo a passo e à medida que podiam receber, foi devidamente inaugurada, sendo acompanhada das mais convincentes provas de sua origem celeste.

Como ovelhas sem pastor

O grande grupo adventista, de certo modo, estava como ovelhas sem pastor; milhares dos quais, poucas semanas antes, haviam-se separado de todas as igrejas e credos, e, agora, não tinham qualquer organização humana que se responsabilizasse por seu bem-estar espiritual. Não possuíam conselheiros terrenos em quem pudessem confiar; unicamente em Deus haviam posto sua confiança.

Estavam, porém, seguros de uma coisa, e, isso, para eles, era como uma firme âncora – a proclamação do tempo estava correta. [Mesmo sob a mais minuciosa análise quanto ao cálculo dos 2300 dias, não puderam encontrar qualquer erro, nem foi algum encontrado até hoje.] No entanto, como povo, encontravam-se numa posição em que, a menos que Deus os guiasse e mantivesse, estariam suscetíveis a aceitar explicações falsas, ou perder a “paciência” e abandonar a fé em sua experiência passada. Alguns assim fizeram; enquanto outros, com os olhos da fé fixos no Amado de suas almas, perguntaram sinceramente:

Guarda, a que hora estamos da noite? Guarda, a que horas? Respondeu o guarda: Vem a manhã, e também a noite; se quereis perguntar, perguntai; voltaí, vinde (Isaías 21:11, 12).

J. N. Andrews falando sobre o Desapontamento

O irmão J. N. Andrews, sendo um dos que passaram por essa experiência em 1844, fala do desapontamento da seguinte forma:

Mas os que esperavam o Senhor em 1843 e 1844 ficaram desapontados. Para muitos, esse fato é razão suficiente para rejeitar todas as evidências da questão. Reconhecemos que nos desapontamos, mas não podemos aceitar que este forneça razão suficiente para negar a mão de Deus nessa obra. A igreja judaica se desapontou quando, ao fim do ministério de João Batista, Jesus apresentou-se como o Messias prometido. Os discípulos que haviam crido foram mais tristemente desapontados quando aquele a quem esperavam que libertasse Israel foi preso e assassinado por mãos ímpias. E, após Sua ressurreição, quando os discípulos esperavam que Ele restaurasse o reino a Israel, não puderam evitar o desapontamento ao perceberem que Ele voltaria para o Pai e que seriam deixados a enfrentar tribulações e angústias por um longo tempo. Mas o desapontamento não prova que as mãos de Deus não estejam orientando seu povo. Deve levá-los a corrigir seus erros, mas não a abandonar a sua confiança em Deus. Foi por causa do desapontamento no deserto que os filhos de Israel negaram, tantas vezes, a direção divina. Eles nos servem como advertência, a fim de que não caíamos, seguindo o mesmo exemplo de incredulidade (*The Three Angels of Revelation 14:6-12*, pág. 36).

A verdade tem um batismo impopular

Parece ser o plano de Deus colocar importantes verdades num canal impopular, onde aceitá-las e obedecê-las constituirá uma cruz [Mateus 16:24]. Isto é verdade especialmente nesses últimos dias. Pedro, referindo-se ao tempo em que o fim de todas as coisas estará “às portas”, quando o “julgamento” deverá “começar pela casa de Deus”, declara:

Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus. Da parte deles, ele é blasfemado, mas da vossa, glorificado (1 Pedro 4:7, 17, 12-14).

Quando a verdade recebe seu batismo de impopularidade, aceitá-la exige mais graça do que simplesmente seguir a fé das massas. Os que são hipócritas e fingidos não veem grande incentivo em aceitar uma verdade que exige ação, como a de remar rio acima “contra vento e maré”. Assim, a verdade torna-se um teste para os fiéis, verdadeiramente honestos, sinceros e conscienciosos.

Já havíamos anteriormente mostrado que a profecia do movimento adventista requeria um desapontamento. Ele veio; e assim, pela providência de Deus, a aceitação dessa mensagem teve a sua cruz.

Capítulo 13



SINAIS DE QUE DEUS ESTAVA DIRIGINDO

“Ou se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo, com provas, e com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão poderosa, e com braço estendido, e com grandes espantos, segundo tudo quanto o Senhor, vosso Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos. A ti te foi mostrado para que soubesses que o Senhor é Deus; nenhum outro há, senão ele” (Deuteronômio 4:34-35).

Foi assim que o Senhor operou ao tomar um povo, dentre uma nação pagã, a fim de levá-los onde pudesse *declarar-lhes* Sua lei, entregando-a a eles esculpida em tábuas de pedra. Estas maravilhas não foram realizadas com o fim de satisfazer-lhes a curiosidade; mas para que pudessem estar certos de que Aquele que, “no Egito, fizera coisas portentosas; maravilhas na terra de Cam, tremendos feitos no Mar Vermelho”, [Salmos 106:21-22] e, do cimo do Monte Sinai, falara com eles em meio a chamas e fumaça, não era outro senão o Deus vivo e verdadeiro, o Criador de todas as coisas.

A sarça ardente e o chamado de Moisés

O próprio Moisés não poderia fazer com que os israelitas abandonassem o Egito simplesmente dizendo: “Enquanto eu estava cuidando do rebanho no deserto, senti pena de vocês por estarem cativos e, agora, desci para libertá-los do Egito, como planejei fazer quando matei o egípcio, pouco antes de fugir para a terra de Midiã.”

Foi necessária uma sarça ardente que não se consumia e uma voz audível dentre as chamas para convencer o próprio Moisés de que ele era quem deveria “tirar seu povo do Egito.” Dessa surpreendente maneira é que ele recebeu seu chamado, sua alta e santa vocação, uma revelação que, pronta-

mente, chamaria a atenção de seus irmãos, preparando-lhes a mente para o que deveria seguir-se, levando-os, assim, a aceitar a Moisés, a comando de Deus, como seu líder.

Se já houve um tempo, após a ressurreição de Cristo, no qual Seus seguidores, contritos e desapontados, tiveram a necessidade de serem consolados por Sua presença e palavras de ânimo, foi naquele quando alguns quebrantados e perseguidos crentes mantinham-se firmes, por meio de inabalável fé, logo após o “clamor da meia-noite” de 1844. Se alguma vez, Deus, em Sua misericórdia, se comunicou diretamente com os aflitos, certamente isso se daria em tal tempo, e para com tal povo.

É prometida a presença do Senhor

Aquele que não tem limitações em Sua forma ou modo de agir, e que concedeu os dons do Espírito à Sua igreja “quando Ele subiu às alturas”, [Efésios 4:8-15] prometeu estar com Seus seguidores na pregação do evangelho “até a consumação dos séculos”.

Em todas as épocas o Senhor tem estado pronto para demonstrar Seu poder e dons por meio daqueles que o buscam diligentemente. Disse Ele, ao dar a comissão evangélica:

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados (Marcos 16:17, 18).

Dons do Espírito durante a Reforma Protestante

Houve maravilhosas demonstrações do poder de Deus e do dom de profecia durante a Reforma do século dezesseis e em épocas posteriores. D’Aubigné fala das profecias de João Huss. Charles Buck, em suas *Anedotas Religiosas*, conta das profecias de George Wishart, em 1546. João Wesley, em seus escritos, menciona as profecias de Jonathan Pyrah e seu cumprimento. O pastor J. B. Finley, em sua autobiografia, fala de uma notável visão e cura que se deu nele mesmo, no verão de 1842. O *Christian Advocate* (Metodista) publicou um interessante relato de uma notável visão e seus resultados, dada ao Doutor Bond, daquela igreja, durante o seu ministério. Para os que buscavam humildemente ao Senhor, todos esses foram sinais de que Ele não

havia mudado, e de que ainda falaria a Seu povo mediante o dom profético.

A Igreja Remanescente precisava ter o Espírito de Profecia

Há claras e específicas indicações nas Escrituras de que Deus irá manifestar os dons do Espírito e, especialmente, o dom de profecia, entre os que se acharem aguardando a Sua vinda. O primeiro texto, ao qual chamamos a atenção, se encontra na primeira carta aos Coríntios, e diz:

Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Coríntios 1:4-8).

Em Apocalipse lemos sobre o “remanescente”, isto é, a última igreja do evangelho: “Irou-se o dragão contra a mulher [igreja] e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17). O que é o “testemunho de Jesus”, perguntamos, o qual a última Igreja precisa *possuir*, e que, ao ser confirmado, prepara o caminho para a manifestação de todos os dons do Espírito? Encontramos uma resposta para essa questão no testemunho do anjo a João, na ilha de Patmos:

Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que têm o *testemunho de Jesus*; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia (Apocalipse 19:10).

Essa definição, dada pelo anjo, revela que o “espírito de profecia”, manifestado numa igreja que aguarda a Cristo, prepara o caminho para todos os outros dons e que a guerra feita contra a igreja “remanescente” ocorre por ela possuir esse dom em seu meio.

O testemunho de Paulo acerca dos dons

A primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses revela que o dia do Senhor – o dia final do juízo executivo – virá sobre as multidões “como um ladrão à noite,” porém não irá tomar desprevenidos os fiéis filhos de Deus,

pelo fato de serem eles “filhos da luz e filhos do dia”. Entre as suas admoestações ao povo que está *vigiando*, Paulo declara: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as *profecias*. Examinai tudo, retende o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:5, 19-21).

Da palavra grega *propheteias*, aqui traduzida como *profecias*, Greenfield, em seu *Léxico Grego*, diz: “O exercer do dom de profecia, nesse sentido, 1 Tessalonicenses 5:20.” Os léxicos de Parkhurst, Robinson, e Liddell e Scott também concordam com isso. Este, portanto, é um claro testemunho de que o verdadeiro dom de profecia estará presente na igreja que aguarda a segunda vinda de Cristo. A admoestação não é para desprezar o dom, mas para *prová-lo*; e ao encontrar sua *genuína* manifestação, “retê-lo” (1 Tessalonicenses 5:21).¹

O cumprimento da promessa

Vimos, até aqui, como o Senhor começou a manifestar o dom de profecia durante a proclamação da mensagem do primeiro e segundo anjos. Esse dom tem sido mais plenamente desdobrado desde o término dos dois mil e trezentos dias. Deus escolheu Seu próprio instrumento para esse fim, elegendo, como Seu agente, alguém que não só havia entregado tudo a Ele, mas cuja vida ficou por um fio, “o mais fraco dos fracos” [como mostrado a Hazen Foss. Ver página 156]. Dois meses após a passagem do tempo, Ellen G. Harmon, de Portland, Maine, que, na época, tinha apenas dezessete anos de idade, começou a receber revelações de Deus.

Devido à oportunidade que tive de conversar com pessoas que, por ocasião da primeira visão, viviam em Portland, e também conheci a Sra. Haines, em cuja casa Ellen teve sua primeira visão, vou relatar os fatos como me foram transmitidos por essas pessoas.

Naquela época, Ellen se encontrava numa condição de saúde muito crítica. Por várias semanas, mal tinha sido capaz de falar mais alto que um sussurro. Um médico decidiu que seu problema era consumo hidrópico [um tipo de tuberculose]. Declarou que o pulmão direito estava deteriorado, e o esquerdo, consideravelmente doente; e que o coração havia sido afetado. Disse crer que ela não teria senão um curto tempo de vida, e que podia cair

¹ Para uma compreensão completa do testemunho da Bíblia acerca da perpetuidade dos dons espirituais, consulte o livro *Dom Profético na Igreja Evangélica*, um livreto de 120 páginas, a ser obtido em qualquer uma de nossas editoras.

morta a qualquer momento. Era com grande dificuldade que respirava ao estar deitada. À noite, só obtinha descanso quando era escorada na cama em uma posição quase sentada. Frequentes ataques de tosse e hemorragias dos pulmões haviam grandemente reduzido sua força física.

A primeira visão de Ellen

Na ocasião em que teve sua primeira visão, Ellen estava hospedada na casa da Sra. Haines. Era pela manhã, e estavam realizando o culto familiar. Havia cinco pessoas presentes, todas irmãs na fé. As outras já haviam orado e Ellen estava orando em voz baixa, quando o poder de Deus desceu de maneira maravilhosa, influenciando poderosamente todos os presentes. Por um momento ela se perdeu para tudo o que passava ao seu redor – estava em visão.

Na reunião seguinte, Ellen relatou aos crentes em Portland o que lhe havia sido mostrado. Tiveram plena confiança de que isso procedia de Deus. Na ocasião, haviam cerca de sessenta pessoas em Portland que confirmaram a obra como sendo do Senhor. O poder que acompanhava a visão, bem como seu relato, só poderia vir de Deus. Um sentimento solene de interesses eternos estava continuamente sobre ela, e parecia estar cheia de uma profunda reverência pelo fato de que alguém tão jovem e frágil como ela houvesse sido escolhida como um instrumento de Deus para comunicar luz a Seu povo. Declarou que, durante a visão, parecia estar cercada por anjos radiantes nas gloriosas cortes celestiais, onde tudo é alegria e paz, e que foi uma mudança triste despertar para a realidade insatisfatória desta vida mortal.

Resumo da primeira visão

O seguinte sumário de sua primeira visão, como relatou aos crentes em Portland, nos fornece algumas ideias quanto à natureza de todas as suas visões:

Enquanto orava, o poder de Deus se apoderou de mim como nunca havia sentido antes. Fui cercada de luz e subia cada vez mais alto, afastando-me da terra. Virei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: “Olhe novamente, e olhe um pouco mais para cima.” Então eu ergui meus olhos, e vi um caminho estreito e apertado, que se estendia acima do mundo. Nesse caminho, o povo do Advento estava viajando para a cidade, que se encontrava em sua extremidade oposta. Tinham uma brilhante luz colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me

disse ser o “clamor da meia-noite.” Ela brilhava em toda extensão do caminho, proporcionando-lhes claridade para seus pés, para que assim não tropeçassem. Se conservavam o olhar fixo em Jesus, que Se achava precisamente diante deles, guiando-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe e esperavam nela ter entrado antes. Então Jesus os animava, levantando Seu glorioso braço direito, e de Seu braço saía uma luz que incidia sobre o povo do advento, e eles clamavam: Aleluia! Outros temerariamente negavam a existência da luz atrás deles e diziam que não fora Deus quem os guiara tão longe. A luz atrás deles desaparecia, deixando-lhes os pés em densas trevas; de modo que tropeçavam, tirando os olhos do alvo, perdendo de vista a Jesus, e caíam do caminho para baixo, no mundo tenebroso e ímpio. Logo ouvimos a voz de Deus, semelhante a muitas águas, a qual nos anunciou o dia e a hora da vinda de Jesus. Os santos vivos reconheceram e entenderam a voz, ao passo que os ímpios julgaram ser ela um trovão ou terremoto. Ao declarar Deus a hora, derramou sobre nós o Espírito Santo, e nosso rosto começou a resplandecer e a brilhar com a glória de Deus, como aconteceu com o de Moisés, ao descer do monte Sinai (*Primeiros Escritos*, p. 14, 15).

A condição de Ellen White durante as visões

Antes de continuarmos o emocionante relato desta maravilhosa manifestação do Espírito de Deus, vou expor alguns fatos relativos às visões. A primeira vez que vi Ellen White (que antes de casar-se chamava-se Ellen Harmon) foi em outubro de 1852. Naquele dia eu a vi numa visão que durou mais de uma hora. Desde então, tive o privilégio de vê-la em visão cerca de cinquenta vezes. Tenho estado presente enquanto médicos a examinaram durante a visão, e considero um prazer testemunhar do que vi e conheci. Creio que, quanto a isto, uma narração de fatos não pode ser descuidadamente deixada de lado a fim de se apegar a suposições aleatórias de pessoas que nunca a viram nesta condição.

Quando ela entra em visão, dá três arrebatadores gritos de “Glória!” que ecoam e ressoam, o segundo, e, especialmente, o terceiro, sendo mais fraco, porém mais emocionante que o primeiro, com a voz semelhante à de alguém bem longe de você, já quase não dando para ouvir. Por cerca de quatro ou cinco segundos, parece cair como uma pessoa em um desmaio, ou alguém que perdeu a força. Então, parece ser instantaneamente preenchida de força sobre-humana, às vezes levantando-se de uma só vez sobre seus

pés e andando pela sala. Há frequentes movimentos das mãos e dos braços, apontando à direita ou à esquerda, conforme sua cabeça se volta. Todos esses movimentos são feitos da forma mais graciosa. Em qualquer posição que sua mão ou seu braço são colocados, é impossível para qualquer um movê-los. Seus olhos estão sempre abertos, mas ela não pisca; a cabeça fica levantada, e ela olha para cima, não com um olhar vago, mas com uma expressão agradável, apenas diferindo de sua expressão normal por parecer estar olhando atentamente para algum objeto distante. Ela não respira, mas seu pulso bate regularmente. Sua fisionomia é agradável, e a cor de seu rosto, corado, como em seu estado natural.

Comparada com a de Daniel

Sua condição quanto à respiração, perda de força, e ser fortalecida quando o anjo de Deus a toca, está em perfeito acordo com a descrição feita pelo profeta Daniel, sobre sua própria experiência em visão, quando diz:

Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. [...] Como, pois, pode o servo do meu senhor falar com o meu senhor? Porque, quanto a mim, não me resta já força alguma, nem fôlego ficou em mim. Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; e disse: Não temas, homem mui amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste (Daniel 10:8, 17-19).

DEPOIMENTOS DE TESTEMUNHAS OCULARES

M. G. Kellogg (médico)

Quanto à condição de Ellen White, no momento em que está visão, algumas declarações de testemunhas oculares podem ser de grande valor. A primeira é de M. G. Kellogg, M.D, em referência à primeira visão recebida em Michigan, em 29 de maio de 1853, numa reunião realizada em Tyrone, Condado de Livingston. Ele diz:

A irmã White permaneceu em visão por cerca de vinte minutos ou meia hora. Ao entrar em visão, todos os presentes pareciam sentir o poder e a presença de Deus, e alguns de nós realmente sentimos o Espírito de Deus repousando sobre nós com poder. Estávamos ocupados em oração e em rever os irmãos, sábado de manhã, por volta das nove

horas. O irmão White, meu pai, e a irmã White haviam orado, e eu estava orando no momento. Não tinha havido agitação, nem manifestações. No entanto, havíamos rogado fervorosamente a Deus para que abençoasse a reunião com Sua presença, e que abençoasse a obra em Michigan. Quando a irmã White deu aquele triunfante brado de “Glória! Glória! Glória!”, que vocês já ouviram tantas vezes ao ela entrar em visão, o irmão White se levantou e informou à plateia que sua esposa estava em visão. Após explicar como suas visões aconteciam e que ela não respirava durante as mesmas, ele convidou qualquer um que desejasse fazê-lo a vir à frente e examiná-la. O Dr. Drummond, um médico, que também era um pregador Adventista do Primeiro Dia, que (antes de vê-la em visão) havia declarado que suas visões tinham origem no mesmerismo, e que ele mesmo poderia dar-lhe uma visão, veio à frente, e, após cuidadoso exame, ficou muito pálido, e declarou: “*Ela não respira!*”

Tenho certeza de que ela não respirava enquanto em visão naquela ocasião, nem em nenhuma das várias outras que teve, estando eu presente. O momento em que ela sai da visão é tão marcante quanto o momento em que entra em visão. A primeira indicação que tínhamos de que a visão havia terminado era ela começar a respirar novamente. Sua primeira inspiração era profunda, longa e plena, o que demonstrava que seus pulmões estavam totalmente vazios. Após a primeira respiração, vários minutos se passavam antes que ela respirasse pela segunda vez, enchendo os pulmões exatamente como da primeira; havia uma pausa de dois minutos; então uma terceira, após a qual a respiração voltava ao normal. Assinado, M. G. Kellogg, M.D, Battle Creek, Michigan, 28 de dezembro de 1890.

F. C. Castle

A seguinte declaração é de alguém que testemunhou Ellen White sendo examinada por um médico no momento em que ela estava em visão em Stowe, Vermont, no verão de 1853. Ele diz:

Um médico estava presente, e examinou-a segundo lhe ditavam sua sabedoria e conhecimento, com o fim de encontrar a causa da manifestação. Colocou uma vela acesa próximo aos olhos dela, os quais estavam abertos; nem sequer um músculo do olho se moveu. Em seguida, examinou-lhe pulso, e também seu fôlego, e não havia respiração. O resultado foi que ele se convenceu de que isso não se poderia explicar mediante princípios naturais ou científicos. Assinado, F. C. Castle.

D. H. Lamson

Os depoimentos a seguir referem-se a um exame feito enquanto Ellen White estava em visão, numa reunião realizada na casa do irmão Tiago White, em Monroe Street, Rochester, Nova Iorque, em 26 de junho de 1854:

Na época eu tinha dezessete anos. Parece que quase posso ainda ouvir os vibrantes brados de “Glória!” que ela deu. Então, baixou de volta ao chão, não como caindo, mas como que afundando suavemente, e foi apoiada pelos braços de um dos presentes. Dois médicos se aproximaram, um idoso e um jovem. O irmão White estava ansioso de que eles examinassem a irmã White minuciosamente, e eles o fizeram. Um espelho foi trazido, e, um dos médicos, enquanto ela falava, segurou-o bem em frente à boca dela; mas logo desistiram da tentativa, dizendo: “Ela não respira”. Então examinaram-lhe cuidadosamente os lados, enquanto ela falava, buscando alguma evidência de respiração profunda, mas não a encontraram. Quando encerraram esta parte do exame, ela pôs-se de pé, ainda em visão, segurando uma Bíblia ao alto, passando de verso a verso, citando-os corretamente, embora estivesse olhando para cima em direção contrária ao livro.

Ela teve uma visão acerca das sete últimas pragas. Viu, então, a vitória dos santos, e pareço poder ouvir os brados de triunfo que ela deu. De bom grado testifico sobre estes fatos. Assinado: Irmão D. H. Lamson, Hillsdale, Michigan, 8 de fevereiro de 1893.

Sra. Drusilla Lamson

Acerca desse mesmo exame feito pelos médicos, um depoimento adicional nos é dado pela Sra. Drusilla Lamson, viúva do primo do pastor Lamson e enfermeira-chefe do Sanatório de Clifton Springs, Nova Iorque. Falando da reunião de 26 de junho de 1854, ela diz:

Lembro-me da reunião onde o exame foi feito; onde testaram aquilo que o irmão White tinha declarado por tantas vezes: que a irmã White não respirava enquanto em visão; porém não consigo me lembrar do nome do médico que estava presente. [...] Deve ter sido o Dr. Fleming, pois, às vezes, ele era o médico que chamavam para consultas. Agora, porém, ele já é falecido. Posso afirmar isto: que *o teste foi feito, e nenhum sinal de respiração pôde ser visto no espelho*. Assinado, Drusilla Lamson, Clifton Springs, Nova Iorque, 9 de março de 1893.

Há ainda um outro testemunho de alguém que estava presente na reunião referida acima:

David Seeley

Isto é para certificar que eu li os depoimentos de David Lamson e da Sra. Drusilla Lamson citados acima, relativos ao relatório do médico que examinou Ellen White, estando ela em visão, em 26 de junho de 1854. Eu estive presente naquela reunião e testemunhei o exame. Concordo com o que é declarado pelo irmão e irmã Lamson, e diria ainda que *foi* o Dr. Fleming e um outro médico mais jovem que fizeram o exame. Depois que Ellen White se levantou, como eles afirmaram, citando textos das Escrituras, Dr. Fleming pediu que lhe trouxessem uma vela acesa. Ele colocou essa vela tão próxima dos lábios de Ellen White quanto possível sem queimá-la, diretamente em frente à posição onde haveria movimento de ar, caso ela respirasse. Não houve a menor oscilação da chama. Então, o médico afirmou enfaticamente: *“Isso resolve de uma vez por todas essa questão: no corpo dela não há fôlego.”* Assinado, David Seeley, Fayette, Iowa, 20 de agosto de 1897.

O Sr. e Sra. A. F. Fowler

As seguintes afirmações referem-se a um exame feito enquanto Ellen White estava em visão no Waldron’s Hall, Hillsdale, Michigan, em fevereiro de 1857. Um médico de Hillsdale com cinquenta anos de prática, chamado Dr. Lord, fez um exame muito minucioso, sobre o qual apresento os seguintes depoimentos:

Estávamos presentes quando (em fevereiro de 1857) a irmã E. G. White teve uma visão no Salão Waldron, em Hillsdale. O Dr. Lord examinou-a e disse: “O coração está batendo, mas não há fôlego. Ela está viva, mas não há movimentação dos pulmões; não sou capaz de explicar essa condição”. Assinado, A. F. Fowler, Sra. A. F. Fowler, Hillsdale, Michigan, 1 de janeiro de 1891.

C. S. Glover

Apresentamos aqui um segundo testemunho acerca da mesma visão:

Estive presente quando a irmã White teve a visão, referida acima, no Waldron’s Hall, em Hillsdale. Além da declaração mencionada acima, ouvi o médico dizer que o estado da irmã White, enquanto em visão,

estava “além de seu conhecimento.” Ele também disse: “Nisso há algo sobrenatural.” Assinado, C. S. Glover, Battle Creek, Michigan, 19 de janeiro de 1891.

O Sr. e Sra. Carpenter

Aqui há um terceiro testemunho sobre o mesmo caso:

O seguinte é para certificar de que estávamos presentes no Waldron's Hall, em Hillsdale, Michigan, em fevereiro de 1857, quando Ellen White teve uma visão e, nessa condição, foi examinado pelo Dr. Lord; ouvimos a sua declaração pública a respeito desse caso, conforme referida acima pelo irmão e irmã Fowler. Assinado, W. R. Carpenter, Eliza Carpenter, Noblesville, Indiana, 30 de agosto de 1891.

D. T. Bourdeau

Notaremos a seguir um teste aplicado a Ellen White enquanto ela estava em visão em Buck's Bridge, Condado de St. Lawrence, Nova Iorque:

Em 28 de junho de 1857, vi, pela primeira vez, a irmã Ellen G. White tendo uma visão. Eu não acreditava nas visões; mas um incidente, entre outros que poderia mencionar, convenceu-me de que suas visões eram de Deus. Para que eu pudesse ficar satisfeito quanto a ela respirar ou não, coloquei, primeiro, minha mão sobre seu tórax, por tempo suficientemente longo para perceber que seus pulmões não inflavam mais do que os de um cadáver. A seguir, coloquei minha mão sobre sua boca e tapei-lhe as narinas com meu polegar e o indicador, de modo que era impossível para ela inalar ou exalar o ar, mesmo que ela quisesse. Eu a mantive assim cerca de dez minutos – tempo suficiente para ela se sufocar em circunstâncias normais. Esse teste não a afetou em nada. Desde que testemunhei este fenômeno maravilhoso, nunca mais me senti inclinado a duvidar quanto à origem divina de suas visões. Assinado, D. T. Bourdeau, Battle Creek, Michigan, 4 de fevereiro de 1891.

Um médico médium espírita testando a visão

Vou mencionar outro exame médico que testemunhei em Parkville, Condado de St. Joseph, Michigan, em 12 de janeiro de 1861.

Ao fim de um sermão proferido por Ellen White a uma grande congregação que se havia reunido numa igreja Adventista, a bênção de Deus repou-

sou sobre ela de forma notável, e ela foi tomada em visão enquanto estava em seu assento. Ali presente estava o Dr. Brown, um homem fisicamente forte e robusto, um médium espírita. Ele havia afirmado que suas visões eram o mesmo que mediunidade espírita, e que se ela recebesse uma visão num local onde ele estivesse presente, ele poderia trazê-la de volta em um minuto. Foi feito um convite para qualquer um que desejasse fazê-lo, de ir à frente e examiná-la, a fim de se certificar a respeito de sua condição quando em visão. O médico veio à frente, mas antes que ele chegasse à metade de sua análise, ficou mortalmente pálido, tremendo como uma vara verde. O irmão Tiago White disse: “O doutor pode nos informar quanto à condição dela?” Ele respondeu: “Ela não respira,” e rapidamente se dirigiu à porta. Os que estavam perto porta e que sabiam de sua vanglória, disseram: “Volte, e faça como você declarou que faria; faça com que a mulher saia da visão.” Muito agitado, ele agarrou a maçaneta da porta, mas não lhe permitiram abri-la até que aqueles que estavam próximos da porta perguntassem: “Doutor, qual é a condição?” Ele respondeu: “*Só Deus sabe; deixem-me sair desta casa*” e então saiu.

Era evidente que o espírito que o influenciava como médium não estava mais confortável, na presença do poder que controlava Ellen White em visão, do que ficaram os endemoninhados nos dias do Salvador, que perguntaram: “Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (Mateus 8:29).

Existe uma semelhança entre esse acontecimento e aquele registrado na experiência do profeta Daniel. Quando o Espírito do Senhor tomou a Daniel em visão, os caldeus que estavam presentes, pagãos que não conheciam o Espírito de Deus, ficaram muito apavorados e “fugiram e se esconderam” (Daniel 10:7).

Ellen Harmon é convidada a relatar suas visões

Numa reunião realizada na casa de seu pai, cerca de uma semana após sua primeira visão, Ellen Harmon teve uma segunda visão, na qual foi instruída a relatar a outros o que lhe havia sido revelado. Ela ficou muito perplexa para saber como poderia atender a essa ordem dada pelo Senhor. Sua saúde era tão fraca que ela passava, de fato, por dores corporais, e, aparentemente, tinha pouco tempo de vida. Tinha apenas dezessete anos de idade, era pequena e frágil, não estava acostumada à sociedade, e por natureza era tão tímida e reservada, que lhe era doloroso conhecer estranhos. Orou fervorosamente por vários dias, e até tarde da noite, para que esta responsabili-

dade fosse removida e colocada sobre alguém mais capaz de suportá-la. Mas a luz do dever não se alterou, e as palavras do anjo soavam continuamente: “Conte a outros o que eu revelei a você”.

Neste estado mental de perplexidade, Ellen Harmon assistiu outra reunião realizada na casa de seu pai. Nesta reunião, o grupo inteiro se uniu em fervorosa oração em favor dela, e mais uma vez ela se consagrou ao Senhor, e sentiu-se disposta a ser usada para a glória dEle. Enquanto orava, dissipou-se a densa escuridão que a envolvia; e, como ela declarou posteriormente, uma luz brilhante, como uma bola de fogo, veio em sua direção, e, quando caiu sobre ela, foi-lhe tirada a força, e ela pareceu estar na presença de Jesus e dos anjos. Novamente foi repetido: “Conte a outros o que eu revelei a você”. Ela pediu encarecidamente que, se fosse seu dever ir e declarar o que o Senhor lhe havia mostrado, então que fosse ela guardada de exaltação. Assim, um anjo disse que sua oração fora atendida, e que se ela estivesse em perigo de exaltar-se, seria afligida com enfermidade. O anjo lhe disse: “Se você transmitir a mensagem com fidelidade, e perseverar até o fim, você vai comer do fruto da árvore da vida, e beber do rio da água da vida.”

A visita de Ellen Harmon a Poland, Maine

Havia sido mostrado a Ellen Harmon que ela deveria ir a Poland, Maine, e contar sua visão. No dia seguinte à essa terceira visão, de forma inesperada para todos, seu cunhado dirigiu até à porta da casa do pai dela e se ofereceu para levá-la a Poland. Lá, ela conduziu uma reunião na qual relatou a visão. Hazen Foss (ver p. 156), em desespero, não pôde ser convencido a comparecer ao culto, mas, com o ouvido encostado na porta pelo lado de fora, ouviu-a contar sua visão e disse: “A visão que ela está relatando é tão parecida com aquilo que me foi mostrado, como se duas pessoas estivessem descrevendo a mesma coisa.” Na manhã seguinte, inesperadamente, ele encontrou Ellen Harmon e aconselhou-a a ser “fiel em suportar a responsabilidade e em relatar os testemunhos que o Senhor lhe desse, e que não seria abandonada por Deus.” Para outros, ele declarou: “Esse é o instrumento sobre quem o Senhor colocou esta responsabilidade.” Ele certamente deveria saber, pois havia visto tal pessoa na visão em que lhe foi dito que a responsabilidade fora “retirada” dele.

Na época, a obra de Ellen Harmon era ir de um lugar para outro nos estados da Nova Inglaterra, relatando o que lhe havia sido mostrado. Em

alguns casos, era-lhe dito, em visão, para onde devia ir, e também quais dificuldades iria encontrar. Suas mensagens eram, principalmente, repreensões àqueles que estavam aderindo à doutrina do advento espiritual de Cristo, e encorajamentos a que todos se apegassem à experiência do passado.

Ela diz acerca de sua experiência:

Alguns se abstiveram totalmente de trabalho, e excluíram todos aqueles que não recebessem a opinião deles sobre este ponto. [...] Deus revelou-me esses erros em visão, e enviou-me aos seus filhos errantes para lhos declarar; mas muitos deles rejeitavam a mensagem totalmente, e me acusavam de conformidade com o mundo. Por outro lado, os adventistas nominais me acusavam de fanatismo, e eu fui falsamente representada, e, por alguns, até perversamente representada, como sendo líder do fanatismo, ao qual, em realidade, eu estava trabalhando para extinguir (*Primeiros Escritos*, p. 72).

Veremos mais, a esse respeito, no próximo capítulo.

Capítulo 14



A PORTA FECHADA

*“E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta”
(Mateus 25:10).*

A vinda do Esposo apresentada nesta parábola não é a vinda de Cristo à terra, mas ao casamento. O casamento é um evento que ocorre antes da vinda do Senhor. No Evangelho segundo Lucas, está registrado da seguinte forma:

Cingido esteja o vosso corpo, e acesas, as vossas candeias. Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento; para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram (Lucas 12:35, 36).

Recebendo um reino chamado casamento

A vinda do esposo ao casamento é representada em Daniel 7:13-14, quando Cristo vem ao Pai para receber o seu reino. Nos tempos antigos, a vinda de um rei à sua capital, para receber seu trono e seu reino, era chamada de casamento. Este evento – o recebimento da capital como uma noiva – era celebrado com a pompa e a ostentação de um casamento real. Assim, quando Cristo recebe do Pai seu reino no céu, é dito que ele se casa com sua noiva, a Nova Jerusalém (Apocalipse 21:9), e, na parábola, isso é chamado de “casamento”.

Após o encerramento dos 2.300 dias, em 22 de outubro de 1844, o povo do Advento, que havia comparado os eventos pelos quais haviam passado com os fatos relacionados a um casamento oriental, declarou: “Cristo foi para o casamento.” Quando receberam luz mais clara acerca do tipo de evento que teve lugar no fim dos 2300 dias, sua fé acompanhou a Cristo na

obra que Ele dera início; assim, pela fé, “entraram com ele para as bodas.”

“Eu voltarei”

Numa visão dada em 1845 a Ellen Harmon, na qual Cristo passava do primeiro para o segundo compartimento no santuário celeste, encontramos as seguintes palavras:

“Esperem aqui; eu vou a meu Pai, para receber o reino; mantenham as suas vestes sem manchas e, daqui a pouco, voltarei das bodas e lhes receberei para mim mesmo.” Em seguida, chegou onde Jesus estava uma carruagem de nuvens, com rodas como labaredas de fogo e rodeada por anjos. Ele entrou na carruagem e foi levado para o santíssimo, onde o Pai se assentava (Primeiros Escritos, p. 55).

Misericórdia após o fechamento da porta

A porta fechada, nessa parábola, parece referir-se a um evento que ocorre antes da vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu; porque *depois* que a porta é fechada, as outras virgens vêm e batem, e são exortadas a “vigiar”, porque não sabem o dia nem a hora da Sua vinda. Assim, essa porta é fechada *depois* que as virgens prudentes entram com o noivo para o casamento.

Pela linguagem utilizada nesta parábola das virgens, parece que, mesmo após a entrada para o casamento, as virgens “tolas” ainda têm a oportunidade de realizarem uma preparação aceitável para o encontro com o Noivo. Recebem a ordem de “vigiar”. Vigiar e aguardar são aspectos ligados à verdadeira preparação para o encontro com o Senhor. Temos a impressão, portanto, de que a misericórdia não é retirada quando a porta desta parábola é fechada.

Esta não é a porta de Lucas 13:25-28

No passado, erros foram cometidos ao confundir a porta de que fala esta parábola com a porta mencionada em Lucas 13:25-28, onde se lê: “Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, ele vos responderá: Não sei donde sois. [...] Apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora.” Pela linguagem aqui usada, é evidente que, quando esta porta for fechada, o

destino dos que forem lançados fora estará decidido. O reino de Deus terá então chegado; pois eles *estarão vindo* os salvos *no reino*. Pelo contrário, na parábola das virgens, o Senhor ainda não havia chegado em Seu reino, mas tinha ido ao Pai a fim de receber Seu reino.

A porta fechada no serviço do santuário

Aqueles que, após o encerramento dos 2300 dias – em 22 de outubro de 1844 – acompanharam, pela fé, a Cristo em Sua obra, viram que, ao chegar o dia da expiação no serviço do santuário terrestre, o sumo sacerdote fechava a porta do compartimento externo e abria a porta que dava para o santíssimo, para ali realizar sua obra de apagar os pecados confessados no santuário. Compreenderam, pois, que, semelhantemente, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, havia fechado a porta do compartimento externo do santuário celestial, e aberto o compartimento no qual foi vista “a arca do seu testemunho” (Apocalipse 11:19).

Quem estava errado?

Nesta época, havia alguns entre os crentes adventistas que ainda não tinham recebido luz clara a respeito da ministração de Cristo no santuário celestial; ainda não haviam tido sua atenção direcionada à mensagem do terceiro anjo. Estes erraram ao confundirem a porta exterior do santuário celeste, com a porta fechada, descrita em Lucas 13:25-28. No entanto, estes não eram adventistas do *sétimo dia*. Tentaremos esclarecer os seguintes pontos: *quem* eram eles, *como* se originou aquela doutrina, e *quais* circunstâncias levaram a tais conclusões.

O testemunho na quinta e sexta igrejas do Apocalipse é dado em referência aos que se haviam separado das igrejas nominais, sob a proclamação da mensagem do advento, e também àqueles de quem estes se haviam separado. A advertência a Sardes, a quinta igreja, diz assim: “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei sobre ti como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti” (Apocalipse 3:3). Essa linguagem deixa evidente que seus destinatários ouviram a proclamação da vinda do Senhor. Eles tinham professado recebê-la, mas estavam, agora, prestes a negá-la.

A igreja de Filadélfia

A igreja de Filadélfia, o sexto período da igreja cristã, é mencionada na sequência. Esta igreja representa o povo que havia sido reunido sob a proclamação da primeira e segunda mensagens de Apocalipse 14. A esta igreja o Senhor diz: “Eis que venho sem demora; conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Apocalipse 3:11). As seguintes palavras também são dirigidas a eles:

Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: Conheço as tuas obras; eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar; pois tu tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome (Apocalipse 3:7, 8).

O que é a porta fechada nesta parábola?

O que se deve entender por porta *aberta* e *fechada* nos textos que acabamos de citar? Cremos que uma resposta satisfatória pode ser encontrada na explicação a seguir: enquanto alguns dentre os adventistas haviam recebido luz avançada e estavam ensinando que o Salvador havia, em Sua ministração, passado do primeiro para o segundo compartimento do santuário celeste, e apresentavam corretamente a questão da porta aberta e fechada a quem quisesse ouvir, outra classe se opunha a esta verdade e estava tentando estabelecer sua fé na doutrina de que a porta aberta estava fechada, e a porta fechada, aberta. Ao fazer isso, eles estavam fechando o caminho, ou dificultando o trabalho dos servos do Senhor aqui na terra. As portas do santuário celeste são abertas e fechadas pelo poder de Cristo – “Aquele que abre, e ninguém fecha”. Na carta à igreja de Filadélfia, os que se mantêm firmes, que guardam a palavra e não negam o Seu nome, ganham uma vitória que abre uma porta que ninguém pode fechar. Esta, sem dúvida, diz respeito à porta de acesso às pessoas, a qual os homens, aparentemente (como veremos), haviam efetivamente fechado; mas como um reconhecimento da firmeza que demonstraram, o Senhor coloca diante dos fiéis uma “porta aberta” que *ninguém pode fechar*.

Uma porta de proclamação

Há muitos exemplos nas Escrituras nos quais uma *porta* é usada nesse sentido. Paulo, escrevendo aos Coríntios, diz: “Porque uma porta grande e

oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários” (1 Coríntios 16:9). Novamente, em sua segunda carta aos Coríntios, ele diz:

Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor, não tive, contudo, tranquilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito (2 Coríntios 2:12, 13).

Ele também fez um pedido aos Colossenses:

Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado (Colossenses 4:2, 3).

Nesses textos, parece que as oportunidades para a proclamação da verdade são chamadas de *portas abertas*; pelas palavras dirigidas à igreja Filadélfia, parece que, no momento em que essas pessoas foram chamadas para sair, havia homens que estavam fazendo grandes esforços para fechar a porta da proclamação que lhes era contrária. Como a igreja de Filadélfia atravessou a provação, agarrando-se à “palavra” e ao “nome” de Deus, Sua palavra para eles era de que Ele colocaria diante deles uma porta aberta, a qual nenhum homem poderia fechar.

Situação após 22 de outubro de 1844

Tendo o caso diante de nós como declarado nas palavras proféticas, vamos analisar a situação de forma retrospectiva, de como os eventos se desenrolaram. Já havíamos mencionado que, até abril de 1844, as igrejas estavam abertas para a proclamação da mensagem do advento, e os pedidos por obreiros eram mais numerosos do que a disponibilidade de pregadores. Após o desapontamento, na primavera de 1844, aqueles que não haviam abraçado a doutrina em sinceridade, tornaram-se seus oponentes. Quando, no verão de 1844, foram dadas a mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14 e o “clamor da meia-noite” [de Mateus 25], levantou-se a mais amarga perseguição contra aqueles que ainda ousavam depositar sua fé na breve vinda do Senhor. Estes oponentes procuraram, por vários meios, suprimir o assunto e, de todas as formas possíveis, dificultar o trabalho daqueles que ainda proclamavam que “é chegada a hora do seu juízo”. Acerca desta oposição, Guilherme Miller declarou: “[ela] é a mais antinatural e inexplicável”. Perto do fim dos dois mil e trezentos dias a oposição era tão determinada

que George Storrs disse a respeito dela: “Já fizemos tudo o que podíamos em favor das igrejas nominais e de todos os ímpios, exceto naquilo em que este clamor os possa afetar”.

Após o término desse período profético, devido ao fato de que a oposição e o escárnio exercidos pelos ímpios foram duplicados e triplicados, Guilherme Miller, referindo-se a essa situação, afirmou:

Temos feito nossa obra de alertar pecadores e buscar despertar uma igreja formal. Deus, em sua providência, *fechou a porta* (*Advent Herald*, 11 de dezembro de 1844).

Endurecimento generalizado dos pecadores

Essa atitude do mundo escarnecedor não só endureceu os pecadores contra a doutrina do advento, mas o próprio testemunho dos que estavam nas igrejas nominais foi esse:

Quando nos lembramos de quão “poucos e espaçados” casos de verdadeira conversão existem, e da insolência e obstinação dos pecadores, quase sem precedentes, exclamamos como que involuntariamente: “Esqueceu-Se Deus de ser misericordioso? Ou está fechada a porta da graça?” (Circleville, *Religious Telescope*, 1844).

De um outro obreiro lemos ainda mais sobre a situação após o fim do período profético:

Era praticamente impossível obter acesso aos descrentes; o desapontamento em 1844 havia de tal maneira confundido a mente de muitos que estes não queriam ouvir qualquer explicação sobre o assunto (Ellen G. White, *Review and Herald*, 20 de novembro de 1883).

Todas as portas de acesso aos incrédulos foram fechadas

Tal condição pareceu, por ora, *fechar a porta* de acesso a quem quer que fosse, exceto àqueles que ainda se apegavam a sua fé e esperança na breve vinda de Cristo. Como a *porta da proclamação* parecia totalmente *fechada*, e os adventistas perceberam que havia uma *porta fechada* na parábola que se aplicava à sua experiência, pode-se facilmente ver como eles chegaram à conclusão de que não havia mais misericórdia para os pecadores: ou, como alguns o expressaram, “a porta da graça foi fechada”, especialmente os que achavam que a porta fechada nesta parábola e a porta fechada em Lucas 13

referiam-se à mesma porta. Se o povo terminantemente se recusasse a ouvir, endurecendo assim o coração, como poderiam ser convertidos?

Por quem foi primeiro pregada a falsa porta fechada?

Surge, então, a seguinte questão: Quem começou a ensinar a doutrina de que “não havia mais misericórdia para os pecadores”? *Quem* nela creu e *quem* a rejeitou? Em resposta à questão, chamamos a atenção para o relatório de uma visita feita por J. V. Himes, na primavera de 1845, ao Estado de Maine. Ele diz:

O irmão José Turner e alguns outros tomaram a posição de que nos encontrávamos no grande sábado – que os seis mil anos haviam terminado – e, conseqüentemente, nenhum adventista deveria fazer qualquer trabalho manual. Trabalhar agora, segundo imaginavam, certamente resultaria em sua *destruição final*.

Enquanto aguardavam nesta situação de ociosidade em referência ao trabalho manual terreno, uma nova luz, como imaginavam, brilhou na mente do irmão Turner, isto é, que o *noivo* HAVIA VINDO – que ele viera no décimo dia do sétimo mês do último ano judaico – que o casamento havia ocorrido então – que todas as virgens, em certo sentido, entraram com ele para o casamento, e a *porta fora fechada!* Ninguém destes podia se perder, e ninguém do lado de fora podia ser salvo. Assim, todas as questões espirituais deste gigantesco mundo estavam encerradas (Relatório da obra do irmão Himes em Maine, noticiado no *Morning Watch*, Nova Iorque, 6 de junho de 1845).

Quem se posicionou decisivamente contra essa falsa teoria?

Foi em Paris, Maine, que irmão Turner começou a ensinar sua doutrina de que “não havia mais misericórdia” e, por um curto período de tempo, muitos o seguiram, naquela região do país. Pelo fato de haver um tão grande fechar das portas de acesso ao povo não-adventista, muitos, professando abertamente essa fé ou não, naturalmente se aceitaram o ponto de vista de Turner nessa questão.

Para que o termo “adventistas” não seja mal-compreendido, vamos denominar este grupo como “adventistas do primeiro dia”. Muitos deste grupo estavam aceitando as ideias do Sr. Turner. Ainda não haviam visto ou ouvido falar da verdade sobre o sábado, nem da mensagem do terceiro anjo. São estes a quem Ellen White se refere em uma de suas publicações:

Após a passagem do tempo de espera, em 1844, os adventistas ainda acreditavam que a vinda do Salvador estava muito próxima; criam que haviam chegado a uma crise importante, e que a obra de Cristo, como intercessor do homem perante Deus, havia cessado. Havendo dado a advertência acerca da proximidade do juízo, sentiram que sua obra em favor do mundo estava feita e perderam o senso de responsabilidade de alma pela salvação dos pecadores, ao passo que o escárnio ousado e blasfemo dos ímpios lhes parecia evidência adicional de que o Espírito de Deus fora retirado dos que haviam rejeitado Sua misericórdia. Tudo isto os firmava na crença de que o tempo de graça havia terminado, ou, como diziam, “havia-se fechado a porta da graça”. Como já dissemos, os adventistas, por um curto espaço de tempo, se uniram na crença de que a porta da graça estava fechada (*O Grande Conflito*, p. 429).

Nessa citação, Ellen White relatou a posição assumida pelos adventistas do primeiro dia. Ela não deu a mínima insinuação de que essa fosse sua crença pessoal. Como acabamos de ver, essa doutrina foi primeiro ensinada por José Turner, em Paris, Maine. Ali Ellen White (que então se chamava Ellen Harmon) conheceu a José Turner, no início da primavera de 1845 e, ouvindo-o declarar a sua doutrina de que “não mais havia trabalho manual para os adventistas, e que não mais havia misericórdia para os pecadores”, ela o informou claramente de que ele estava “ensinando uma falsa doutrina; ainda havia misericórdia para os pecadores, e para os que não haviam conscientemente rejeitado a verdade”.

Opondo-se à teoria de que “findara a misericórdia”

J. N. Andrews, que vivia em Paris, Maine, em 1844 e 1845, e que estava totalmente familiarizado com o rumo tomado pelo povo de lá, bem como por José Turner, o qual pregava que não mais havia misericórdia para os pecadores, descreve a posição sobre o assunto tomada na ocasião por Ellen Harmon:

Em vez de as visões os levarem a adotar este ponto de vista, elas corrigiram aqueles que ainda o mantinham (Carta de J. N. Andrews, setembro de 1874).

Ellen Harmon fez uma segunda visita a Paris, Maine, no verão de 1845. Acerca desta visita, vou citar o que escreveu a Sra. Truesdail, que, na época, residia em Paris. Ela diz:

Durante a visita de Ellen Harmon a Paris, Maine, no verão de 1845, eu lhe contei alguns detalhes sobre uma querida amiga minha, cujo pai

a havia impedido de assistir às nossas reuniões; assim, ela não havia rejeitado a luz. Sorrindo, ela respondeu: “Deus nunca me mostrou que não haja salvação para essas pessoas. Trata-se apenas daqueles que receberam a luz da verdade que lhes foi apresentada e conscientemente a rejeitaram” (Carta da Sra. Truesdail, datada de 17 de agosto de 1875).

Ela também conta de uma terceira visita de Ellen Harmon a Paris, em 1846, como segue:

Outra reprovação da falsa teoria

Outra ocasião digna nota foi uma visão dada em 1846, em Paris, Maine. Foi revelado a Ellen Harmon que, quando Satanás não conseguia impedir que os sinceros de coração cumprissem todo o seu dever, ele exerceria sua habilidade a fim de empurrá-los para além do dever. Uma irmã bem intencionada estava declarando às igrejas que Deus as havia rejeitado por haverem rejeitado a mensagem enviada do céu para salvá-las. Foi mostrado a Ellen Harmon que não havia verdade na mensagem dada por aquela irmã, pois muitos nas igrejas ainda abraçariam a verdade; que os anjos bons ainda trabalhariam pelas almas nessas igrejas e, quando o fizessem, eles [os anjos] deixariam essa irmã com sua mensagem [ou seja, a mensagem de que “findara a misericórdia”], do lado de fora das portas (Carta da Sra. Truesdail, datada de 27 de janeiro de 1891).

Não se contradiz!

Devido ao fato de existirem alguns que são muito zelosos ao tentar provar que Ellen White, no passado, propagou a teoria de que “não há mais misericórdia para os pecadores” e, no entanto, ensina agora o contrário, vou apresentar os depoimentos daqueles que estiveram familiarizados com sua obra, em 1845, acerca de seus esforços para a conversão dos pecadores. A seguinte declaração é de Ira Abbey, de Brookfield, Condado de Madison, Estado de Nova Iorque:

Entre os anos de 1846 a 1850, o irmão e a irmã White vinham à nossa casa, empenhando-se com zelo em favor das crianças e daqueles que não haviam rejeitado a verdade. Eles trabalhavam em favor dos inconversos, e jamais recorde ter ouvido a irmã White dizer que não havia esperança para os apóstatas e para os que não tinham rejeitado a verdade (Carta de Ira Abbey, datada de Março de 1885, citada na *Review and Herald* de 7 de abril de 1885).

Testemunho dos adventistas do primeiro dia

Deixemos que a seguinte carta testifique acerca do que os adventistas do primeiro dia da Nova Inglaterra sabem a respeito da doutrina extremista da porta *fechada*:

Nos dias 5 a 9 de agosto de 1891, realizei um debate com o irmão Miles Grant, em Brookston, uma cidade com cerca de 30.000 habitantes. O debate aconteceu na grande tenda, e foi presidido pelo Sr. John Barbour, ex-presidente da Câmara Municipal. Essa cidade está localizada a cerca de trinta e dois quilômetros de Boston. O debate foi sobre a questão do sábado, mas o Sr. Grant tentou introduzir no debate o envolvimento da irmã White nesta obra. Ele declarou que a ela “havia sido mostrado que a o tempo de graça havia passado, e que não mais havia misericórdia para os pecadores.”

Em resposta, informei-lhe que quase todos os adventistas do primeiro dia, em determinado momento, haviam tomado essa posição antes de nos havermos separado deles, e que, em vez de Ellen White favorecer essa posição de alguma maneira, uma das primeiras coisas que lhe foram mostradas foi que esta posição era “falsa”, e que ainda *há* misericórdia para os pecadores. Eu disse: “Foi assim que aconteceu, e o irmão Grant sabe que foi assim”. Assim que me falei dessa forma, vários dos adventistas do primeiro dia [grande parte dos que estavam presentes na tenda pertenciam a esse grupo], que estavam diante de mim, balançaram a cabeça afirmativamente, concordando de modo enfático com esta declaração. Basta-me dizer que o irmão Grant não tocou mais naquele ponto durante o debate. Assinado: George E. Fifield, South Lancaster, Massachusetts, 6 de dezembro de 1895.

Ellen White sempre buscou a salvação dos pecadores

Os seguintes fatos fornecem provas adicionais de que Ellen White tem trabalhado pela conversão dos pecadores desde 1844 até o presente momento: ela e o irmão White realizaram uma reunião na casa de Albert Belden, em Rocky Hill, Connecticut, começando em 20 de abril de 1848. Nesta reunião, trabalharam em favor de alguns que eram mundanos. O irmão White e sua esposa manifestaram um interesse especial por essas pessoas. Acerca disso, apresentaremos o testemunho de uma dessas pessoas que foi batizada pelo próprio irmão White. John Y. Wilcox, escrevendo de Kensington, Connecticut, em 22 de fevereiro de 1891, diz:

Fui trazido para a verdade por ocasião das reuniões realizadas no aposento inacabado da casa do irmão A. Belden, em Rocky Hill, Connecticut. Recebi a luz da verdade presente pelo trabalho do irmão e irmã White. Logo depois, fui batizado pelo irmão White. Se não fosse pelo incentivo e pela força que deles recebi, não sei se eu jamais ousaria pensar ou sentir que era aceito pelo Senhor. Eles estavam profundamente interessados em mim, e empenharam-se por me ajudar.

O irmão White descreveu aquela reunião em uma carta a Stockbridge Howland, de Topsham, Maine:

O irmão Bates apresentou os mandamentos de forma muito clara, e sua importância foi ressaltada mediante poderosos testemunhos. A palavra pregada resultou no estabelecimento dos que já se achavam na verdade, e de despertar aqueles que ainda não estavam completamente decididos.

A obra em favor dos pecadores de Oswego, Nova Iorque

Em 1849, o irmão Tiago White e sua esposa trabalharam em Oswego, Nova Iorque. Nessas reuniões, Hiram Patch e uma Srta. chamada Benson, que estavam prestes a se casar, converteram-se a Deus e à verdade presente.

Novamente, em março de 1850, foram realizadas reuniões em Oswego. Na revista *The Present Truth* [A Verdade Presente] de abril, o irmão White escreveu, referindo-se a essas reuniões:

Uma obra muito interessante está acontecendo entre os filhos dos remanescentes na cidade. A salvação deles tem sido o tema principal em nossas reuniões nos últimos dois sábados, e Deus tem nos abençoado maravilhosamente. A verdade tem tido um bom efeito sobre nós, assim como sobre nossos filhos. Na noite do último primeiro dia da semana, tivemos uma reunião especialmente em benefício deles, e o Espírito do Senhor foi derramado em nosso meio. Todos as crianças se prostraram diante do Senhor, e pareceram sentir a importância de guardar os mandamentos, e principalmente o quinto, e de buscar a salvação por meio de Jesus Cristo. Essa foi uma das reuniões mais interessantes que já testemunhei.

Na *Present Truth* de novembro de 1849, o irmão White publicou um relato de uma série de pessoas que foram convertidas e batizadas; e no último volume dessa publicação, em 1850, há um relato de uma reunião realizada em Waitsfield, Vermont, e da presença de Heman Churchill, que havia acabado de ser *convertido* do mundo. No artigo, ele é chamado de “irmão”. Como isso aconteceria, se não houvesse mais misericórdia para os pecadores?

Depoimento de 21 testemunhas

Neste contexto, podemos relatar um depoimento assinado em 1888 por 21 pessoas, cada uma das quais fora parte do movimento do advento em 1844, e estava familiarizada com o surgimento da mensagem do terceiro anjo. Elas todas já estavam na mensagem desde antes de 1851, e a maioria estivera ligada aos adventistas do sétimo dia quase desde a origem da mensagem:

Nós, abaixo assinados, estando bem familiarizados com o movimento do advento, por ocasião da passagem do tempo em 1844, e tendo também abraçado a verdade da mensagem do terceiro anjo já em 1850, decidimos alegremente assinar nossos nomes na seguinte declaração a respeito da doutrina da porta fechada, a qual era defendida pelos crentes na mensagem do terceiro anjo desde seu surgimento até a última data mencionada e daí por diante.

[Os adventistas] acreditavam, em harmonia com Apocalipse 3:7, 8, e outras passagens, que ao final dos 2300 dias de Daniel 8:14, Cristo encerrou Sua obra no primeiro compartimento do santuário celestial, e transferiu Seu ministério para o santíssimo, adentrando na obra do juízo, assumindo, neste respeito, uma nova relação para com o plano de salvação. Assim, temos aqui uma porta aberta [do segundo compartimento] e uma porta fechada [do primeiro compartimento].

Criam que aqueles que tiveram clara luz acerca da mensagem do primeiro anjo, e, contudo, se posicionaram contra ela, opondo-se-lhe amargamente, foram rejeitados por Deus. Porém, *não* criam que aqueles que não receberam a luz, ou que não haviam atingido uma idade em que fossem responsáveis por suas próprias decisões, prévio a 1844, se buscassem a Deus com sinceridade de coração, seriam rejeitados.

Embora cressem, juntamente com Guilherme Miller e a grande massa de adventistas, *imediatamente* após a passagem do tempo [em 1844], que o sua obra em favor do mundo estava feita, e que o Senhor viria *muito* em breve, contudo, depois que a luz sobre o santuário e a terceira mensagem esclareceram a causa de seu desapontamento, *não* criam que a misericórdia estivesse esgotada quanto à salvação dos que haviam rejeitado a luz.

Assinado: J. B. Sweet, South Saginaw, Michigan; Samuel Martin, Westrindge, New Hampshire; Ira Abbey, North Brookfield, Nova Iorque; Sra. R. B. Abbey, North Brookfield, Nova Iorque; Sra. Diana Abbey, North Brookfield, Nova Iorque; Sra. L. B. Abbey, North Brookfield,

Nova Iorque; Heman S. Guerney, Memphis, Michigan; Ann E. Guerney, Memphis, Michigan; William Gifford, Memphis, Michigan; Sra. Maria S. Chase, Battle Creek, Michigan; S. M. Howland, Battle Creek, Michigan; Sra. F. H. Lunt, Battle Creek, Michigan; Sra. Melora A. Ashley, Battle Creek, Michigan; Sra. Caroline A. Dodge, Battle Creek, Michigan; Sra. Sarah B. Whipple, Battle Creek, Michigan; Sra. Urias Smith, Battle Creek, Michigan; Sra. Paulina R. Heligass, Moline, Kansas; R. G. Lockwood, St. Helena, Califórnia; Sra. R. G. Lockwood, St. Helena, Califórnia; Rúben Loveland, North Hyde Park, Vermont; Sra. Belinda Loveland, North Hyde Park, Vermont.

Uma visão mal-compreendida

Esforços têm sido feitos para interpretar uma visão dada a Ellen White em Topsham, Maine, em 24 de março de 1849, como se ensinando esta doutrina errada – a de que não mais havia misericórdia para os pecadores. Esta visão foi dada na época em que as “batidas de Rochester” (Espiritismo) estavam sendo introduzidas. Ellen White viu que os misteriosos sinais e maravilhas, bem como as falsas reformas, aumentariam e se espalhariam. Estas reformas não eram reformas do erro para a verdade, mas de mal a pior; pois aqueles que professavam haver recebido uma mudança de coração, só haviam vestido sobre si uma roupagem religiosa, que encobria a iniquidade de um coração perverso. Alguns pareciam estar verdadeiramente convertidos, sendo, por isso, habilitados a enganar o povo de Deus; contudo, se seus corações pudessem ser vistos, pareceriam tão negros como antes. (Ela não afirmou que reformas do erro para a verdade jamais aconteceriam, mas que o tipo de reforma que lhe fora mostrado, onde utilizavam influência humana, era de mal a pior).

Então ela disse:

Meu anjo assistente ordenou-me que olhasse as agonias de alma em favor dos pecadores como era costume haver. Olhei, mas nada vi, pois o tempo para a sua salvação havia passado (*Primeiros Escritos*, p. 45).

Alguns defenderam a ideia de que esta visão ensinava que não mais havia misericórdia para os pecadores. Nós, porém, perguntamos: Como pode ser esse o caso, uma vez que Ellen White se opôs a essa doutrina desde que José Turner pregou-a pela primeira vez, na primavera de 1845, e, ao longo de todo esse tempo, tem ela trabalhado intensamente pela conversão e salvação de pecadores?

No *Suplemento à Experiência e às Visões*, publicado em 1853, Ellen White declara:

As “falsas reformas” aqui referidas devem ser ainda mais plenamente vistas. A visão se relaciona mais particularmente com os que têm ouvido e rejeitado a luz da doutrina do advento. Eles são entregues a poderosos enganos. Não terão “as agonias de alma pelos pecadores”, como anteriormente (*Primeiros Escritos*, p. 45; ver nota de rodapé).

Os opositores afirmam saber mais acerca do que Ellen White viu nessa visão do que ela própria. Consideremos a visão, por um momento, segundo a versão apresentada pelos opositores, isto é, que ela estava vendo a condição em que os pecadores se encontravam, em vez daquela em que se encontravam os pregadores. Se for assim, ela estava olhando *para* os pecadores, buscando encontrar “as agonias de alma *em favor* dos pecadores,” mas nada viu. Quem já encontrou as agonias de alma *pelos* pecadores simplesmente olhando *para* um pecador? Perguntamos, porém: o que dizer das pessoas, mencionadas no testemunho acima, que estavam simplesmente usando a influência humana e a hipnose para ganhar conversos, e, no entanto, chamavam isso de obra do Espírito de Deus? Será que estes opositores, tão ávidos por demonstrar que Ellen White ensinou a teoria extremista da porta “fechada”, estão prontos para admitir que estes pregadores eram pessoas santas, ganhando genuínos conversos?

É evidente, para qualquer pessoa sincera, que a classe de pessoas aqui referida era aquela que professava possuir essa agonia de alma, enquanto havia rejeitado a luz e a verdade, usando, então, o hipnotismo para ganhar conversos. Estes não podiam possuir uma genuína agonia de alma pelos pecadores, quando eles próprios estavam sujeitos à condenação, pois “o tempo para a *sua* salvação havia passado” [isto é, o tempo para a salvação deles próprios, os que professavam ter a agonia de alma pelos pecadores].

Baseados na visão de Ellen White de 24 de março de 1849, algumas pessoas tentaram forçar a conclusão de ter ela ensinado que não mais havia misericórdia para os pecadores; mas nós já demonstramos que, em 1845, em Paris, Maine, ela ensinou que havia misericórdia para todos os que não rejeitaram a luz e a verdade consciente e intencionalmente. Em uma visão dada na mesma localidade, em 1846, foi mostrado que o Senhor tinha “um povo nas igrejas que não havia rejeitado a verdade”. Para aqueles indivíduos que pensavam de forma diferente, foi dada uma repreensão, declarando que

os anjos de Deus ainda iriam trabalhar por tal povo, e, quando o fizessem, aqueles que os estavam acusando seriam deixados fora.

Novamente, em abril de 1848, o irmão White e sua esposa estavam trabalhando em Rocky Hill, Connecticut, pela conversão de pecadores. Tudo isso prova que a visão de 24 de março de 1849 está em harmonia com aquela dada em Paris, Maine, em 1846, e com o curso de ação adotado por estes servos de Deus, em abril de 1848.

Um falso pregador é derrotado

Esta visão foi publicada pela primeira vez em Connecticut, no ano de 1849. Um pastor estava trabalhando com bastante determinação para garantir conversos, até mesmo professando ter o dom de línguas. Ele se estava esforçando para ganhar influência sobre o pequeno grupo de observadores do sábado em Rocky Hill. A uma delas ele chamava de “uma querida santa do Senhor”. Estando presente esse pastor, Ellen White teve uma visão mostrando o carácter enganador do seu trabalho, e que essa “querida santa” estava tomando um curso em desarmonia com o sétimo mandamento. Essa “santa” senhora negou a acusação, e o ministro fez um forte apelo, buscando obter simpatia em favor da “pobre santa do Senhor”, como ele a chamava. Na noite seguinte, essa jovem mulher teve um ataque de cólera-morbo e pensou que iria morrer. Ela pediu que chamassem Ellen White e confessou ser verdade aquilo que havia sido revelado acerca dela; confessou ser culpada daquilo que Ellen White havia relatado. Dessa maneira, esse falso obreiro fracassou em enganar este grupo, e o carácter de sua obra foi desmascarado, rapidamente encerrando seus esforços naquele lugar.

Outro falso pregador em Oswego, Nova Iorque

A fim de fornecer mais um exemplo do princípio apresentado no testemunho acima, e para mostrar que o irmão White e sua esposa ainda trabalhavam, em 1849-50, pela conversão dos pecadores, relatamos os seguintes fatos, que me foram contados por Elias Goodwin e outros dos mais antigos membros da igreja em Oswego, Estado de Nova Iorque:

Havia, na época (1849), residindo ali, um jovem chamado Hiram Patch. Ele estava noivo de uma jovem com quem logo depois se casou. Eles não eram convertidos, mas estavam assistindo à reunião realizada pelo irmão White e sua esposa, e quase foram persuadidos a se tornarem cris-

tãos. Neste período, um reavivamento foi iniciado em uma das igrejas em Oswego, não pelo pastorado, mas por um notório membro leigo, tesoureiro das finanças do condado. Esse homem parecia muito zeloso e professava ter grande preocupação pelos pecadores. Ele contorcia as mãos enquanto orava pelos não-conversos, aparentando grande angústia pela condição perdida que se encontravam.

O Sr. Patch e sua noiva foram a essas reuniões de reavivamento, e estavam em dúvida quanto ao que decidir. Estavam presentes numa ocasião em que Ellen White teve uma visão, na qual lhe foi apontado Oséias 5:6, 7, onde está escrito: “Estes irão com os seus rebanhos e o seu gado à procura do Senhor, porém não o acharão; ele se retirou deles. Aleivosamente se houveram contra o Senhor, porque geraram filhos bastardos; agora, a Festa da Lua Nova os consumirá com as suas porções.” Foi mostrado a ela que, aqueles que estavam realizando este reavivamento, não estavam retos para com Deus, e não tinham qualquer verdadeira preocupação de alma pelos pecadores.

Previendo o fracasso

Então ela disse ao Sr. Patch:

Foi-me dito que lhe dissesse que, neste caso, a declaração do texto será cumprida literalmente. Espere um mês, e você conhecerá por si mesmo o caráter das pessoas que estão envolvidas no reavivamento, que professam ter uma preocupação tão grande pelos pecadores.

O Sr. Patch disse, “Vou esperar.”

Dentro de quinze dias após ser dada a visão, o tal tesoureiro, que alegou tal angústia da alma pelos pecadores, em sua agonia fingida, estourou um vaso sanguíneo em seu estômago, e precisou ser acamado devido à perda de sangue. As atividades de seu escritório tiveram que ser assumidos pelo xerife do condado, que, juntamente com um dos policiais, verificou o saldo registrado no talão do tesoureiro e, em seguida, contou o dinheiro, em preparo para assumir a direção do negócio, quando percebeu que havia um déficit, no valor de mil dólares.

Para o xerife e o policial, parecia impossível que um homem tão zeloso naquele reavivamento pudesse ser culpado de haver roubado o dinheiro. Pensaram que ele tivesse feito um pagamento nesse valor e se esquecido de marcá-lo corretamente no talão; ou, talvez, ele o houvesse depositado

no banco, sem, porém, aparecer na conta da caixa-forte. Em todo o caso, precisavam pedir dele uma explicação satisfatória, mas deviam fazê-lo com cautela, pois, se o dinheiro estivesse com ele, sem dúvida faria um esforço para ocultá-lo. Combinaram, então, que um deles chegaria primeiro e se esconderia no galpão aos fundos da casa, a fim de vigiar a porta de trás, caso houvesse alguma manifestação, e, enquanto isso, o xerife entraria pela porta da frente. Quando o xerife se aproximou da casa e entrou pela porta da frente, pôde ver o vestido de uma mulher que estava saindo pela porta de trás. O outro homem, que se havia escondido no barracão, viu a mulher ir rapidamente a um montinho de neve, cavar um buraco, depositar algo nele, cobrir com a neve e retornar à casa.

O xerife se achegou ao leito do tesoureiro e, após indagar sobre sua saúde, deu uma indireta acerca das perplexidades que haviam surgido no escritório, sugerindo que ele provavelmente pudesse explicar o embaraço financeiro. O homem, bastante agitado, levantou as mãos ao céu e, invocando a Deus como testemunha, declarou nada saber acerca do dinheiro. Imediatamente entrou a esposa, querendo saber qual era o problema, e porque seu marido estava tão agitado. O homem respondeu: “Eles acham que temos o dinheiro que lhes pertence.” A mulher, então, levantou as mãos da mesma maneira, invocando a Deus como testemunha de que não estavam com o dinheiro, e de que, além disso, nada sabiam acerca dele. Assim que ela terminou a frase, o policial, que, após ela entrar em casa, saiu apressadamente de seu esconderijo e se dirigiu ao monte de neve, interferiu, com as seguintes palavras:

Senhora, o que é isso aqui? Eu pude vê-la sair correndo de casa e depositar isso no monte de neve. E aqui está ele, o saco de dinheiro que faltava, com a seguinte inscrição marcada: 1.000 dólares.

Como seria de esperar, o reavivamento imediatamente desmoronou. O Sr. Patch e sua prometida, após se informarem sobre o caráter do pregador dirigindo aquele reavivamento, tomaram sua posição em favor da verdade e uniram-se aos adventistas do sétimo dia como estimados membros até o dia de sua morte.

É evidente que esta visão foi dada para o interesse e especial benefício dos inconversos, resultando na conversão dos pecadores, embora seu uso imediato fosse para com aqueles que eram, eles mesmos, pecadores e rejeitados pelo Senhor por sua hipocrisia. “Aleivosamente se houveram contra

o Senhor”. Professando sentir grandes agonias de alma pelos pecadores, só geraram “filhos bastardos”.

Uma obreira hipócrita em Camden, Nova Iorque

Um dos lugares visitados pelo irmão White e sua esposa durante o inverno de 1849-1850 foi a cidade de Camden, Nova Iorque, cerca de 64 quilômetros de Oswego. Eles ainda residiam ali. Acerca desta reunião Ellen White declara:

Antes de partirmos, foi-me mostrado o pequeno grupo que ali professava a verdade, e, dentre eles, vi uma mulher que professava muita piedade, mas que era uma hipócrita e enganava o povo de Deus (*Life Sketches*, p. 129).

Em janeiro de 1884, enquanto trabalhava no Estado de Nova Iorque, fiquei sabendo dos seguintes detalhes adicionais, por meio do Sr. Preston, que morava em Camden por ocasião da conferência acima mencionada, e com quem o irmão White e sua esposa permaneceram durante a reunião:

Esta mulher ensinava ideias extremistas no assunto de santificação, dizendo que havia um estado de perfeição a ser atingido onde a pessoa estaria totalmente acima da lei de Deus; alegava ter chegado a esse estado perfeito. Estava trazendo aflição à mente de alguns do nosso povo em Camden com esta doutrina acerca da santidade. Foi revelado à irmã White que, apesar de toda essa pretensão à santidade, o coração dessa mulher estava negro pelo pecado, e sua vida era corrupta.

Enquanto nesta localidade, a irmã White recebeu outra visão, em presença dessa mulher que aparentava sentir grande angústia de alma pelos inconversos. Porém, a irmã White lhe informou que essa angústia não se travava de uma genuína agonia de alma pelos pecadores, em razão de que o próprio modo de vida levado por ela era tal que ela mesma não estava em retidão aos olhos de Deus. “Então,” disse Preston, “o que é denominado de *visão de Camden* aplica-se, especial e definitivamente, ao caso dessa mulher, e não à condição dos pecadores em geral, e essa foi nossa compreensão na época.”

Após Ellen White relatar a sua visão, a mulher se levantou e disse: “Deus conhece o meu coração; e se você pudesse vê-lo, saberia que é puro e limpo”. Assim, a reunião foi encerrada. Entretanto, não muito tempo depois, a mulher ficou gravemente doente, e achou que iria morrer.

Eu preciso ver a irmã White; tenho uma confissão a fazer a ela. Eu lhe havia dito que eu era uma mulher boa e pura. É mentira. Sou uma mu-

lher perversa. Este homem com quem vivo não é meu marido. Deixei um bom marido na Inglaterra, e uma criança pequena, e fugi com esse homem. Nós nunca nos casamos. Tenho professado ser uma médica e vendido medicamentos que jurei no tribunal haverem me custado 1 dólar por garrafa, e, no entanto, apenas me custaram 12 centavos por garrafa. Também jurei que a vaca que vendemos para um homem pobre nos custou 30 dólares, quando custou apenas 20 dólares (O relato feito pelo Sr. Preston, a respeito da reunião de Camden, confirma a afirmação encontrada em *Life Sketches*, p. 129-130, fornecendo, porém, detalhes adicionais).

Não é aos pecadores em geral, mas a tais hipócritas fingidos como os mencionados nos casos acima, que as palavras de Ellen White acerca das “agonias de alma pelos pecadores” se aplicam. Considerando estes fatos que apresentamos, os quais revelam que a doutrina de “não mais haver misericórdia” para os pecadores foi totalmente condenada desde a primeira vez que foi pregada na primavera de 1845; e considerando também que Ellen White tem trabalhado intensamente pela conversão dos pecadores desde 1845, quem pode honestamente acreditar que, em 1850, quando sua obra intitulada “Experiência e Visões” foi publicada, ela buscava ensinar que “não mais havia salvação para os pecadores”?

Um homem de “não mais misericórdia”

Até mesmo em 1848, restavam ainda, aqui e ali, indivíduos que declaravam não mais haver misericórdia para os pecadores. Mas eles não eram adventistas do sétimo dia. Um dos que defendiam esta ideia, chamado Sweet, morava na cidade de Rochester, Nova Iorque. Imediatamente após eu haver feito uma profissão pública de fé, tendo sido batizado entre os adventistas do primeiro dia, assisti a reuniões de tenda em Canandaigua, Nova Iorque, conduzida pelo irmão J. C. Bywater e George W. Burnham. O senhor Sweet estava presente, e expressou sérias dúvidas quanto à autenticidade de minha experiência religiosa, porque ele “pensava não mais ser possível, agora, que pecadores se convertessem.”

Capítulo 15



MAIOR LUZ E MAIORES MARAVILHAS

“Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados” (Hebreus 10:32, 33).

O período desde o desapontamento em 1844 até o momento em que recebemos clara luz acerca do santuário e da mensagem do terceiro anjo, foi de grande provação. Os adventistas que ainda perseveravam, afirmando estar correta sua compreensão profética, a qual haviam crido no movimento anterior, foram de fato “expostos como em espetáculo” perante aqueles que supunham ser a mensagem um fracasso total. Por esse motivo, esses fiéis tornaram-se alvo de grande censura. Entretanto, podiam suportá-la alegremente, enquanto, pela fé, permanecessem firmes no Senhor, e partilhassem da presença do Espírito Santo.

Dois pontos especiais de ataque

Satanás procurou tentar o povo Adventista em dois pontos especiais. O primeiro deles era fazer com que aqueles que estavam firmes na crença de que o tempo profético terminara, adotassem a crença de que a segunda vinda de Cristo era uma vinda *espiritual*, e que, de alguma forma, ela havia ocorrido ao fim dos 2300 dias. O segundo desses pontos de tentação era fazer com que aqueles que acalentavam dúvidas em seu coração, acerca de sua experiência anterior, desistissem de tudo. Portanto, enquanto, por meio das Escrituras, a verdade era gradualmente desdobrada a respeito do santuário e da mensagem do terceiro anjo, nesse ínterim, mediante do dom profético, as mensagens dadas pelo Espírito de Deus confirmavam o movimento an-

terior – declarando ser este “uma luz brilhante” posta por Deus no início da jornada a fim de iluminar todo o caminho até a cidade – e apontavam para as evidências Bíblicas de que o segundo advento de Cristo precisava ser literal e pessoal, e, assim, não poderia ser o evento ocorrido ao fim dos “2300 dias”.

Manifestações maravilhosas

Se, nestes últimos dias, for da vontade de Deus se comunicar com Seu povo por intermédio de visões, será que não deveríamos esperar que, na própria manifestação da visão, hajam claras indicações de que ela venha de Deus? Assim, nas visões que Ellen White recebeu, as indicações quanto a sua origem divina são bem evidentes. Como já mostramos no capítulo 13, o próprio fenômeno observado no decorrer da visão é simplesmente milagroso. Entretanto, existem muitas maravilhas adicionais, as quais você descobrirá nessa leitura, que foram exibidas em conexão com as visões iniciais dadas a Ellen White. E, de fato, como poderíamos esperar que não houvessem tais evidências ligadas a um dom desta natureza, o qual foi dado por Deus com o fim de atrair a atenção das pessoas, levando-as a dizer como Moisés: “Irei ali e verei essa grande maravilha”? A simples declaração feita por uma menina pobre, frágil e doente, aparentemente à beira da sepultura, afirmando que o Senhor lhe concedera uma visão, teria sido insuficiente para produzir um interesse tal. As maravilhosas manifestações que as acompanharam, despertaram o interesse em relação às visões, e pediu-se à jovem que viajasse de lugar em lugar, anunciando aquilo que Deus lhe ordenara comunicar a outros.

Demonstrações notáveis na terceira visão.

Vou aqui mencionar alguns fatos a respeito de sua terceira visão, a qual ocorreu na casa de seu pai, mencionada no capítulo 13, página 183, como me foi relatada pelo pai, mãe, e irmã de Ellen White, bem como pela Sra. Sarah Belden, e outros.

No aposento onde a visão foi dada, encontrava-se sobre a cômoda uma grande Bíblia de família. Era um exemplar de uma edição impressa em Boston por Joseph Teale em 1822. O livro media 45 x 28 centímetros, com 10 centímetros de espessura, e pesava pouco mais de 8 quilos. Enquanto em visão, ela se levantou, tomou esta pesada Bíblia em seu braço esquerdo, o livro estando aberto, e segurou-o de forma perpendicular a seu corpo; e, então, durante mais de meia hora, com a mão direita, virou de texto em texto,

e indicou várias passagens bíblicas, as quais repetiu, enquanto seus olhos estavam olhando para o alto, e em direção oposta à da Bíblia. Sua irmã Sarah (que, posteriormente, casou-se com Stephen Belden), ou, às vezes, alguma outra pessoa presente, conferiu cada texto a que o seu dedo apontava, e percebeu claramente que, em todos os casos, ela estava repetindo o texto sobre o qual seu dedo repousava. Sua mãe, a Sra. Harmon, disse que Ellen, em seu estado natural, “seria incapaz, devido à falta de força, de erguer da cômoda esta pesada Bíblia; mas durante a visão, segurou-a, aparentemente, com a mesma facilidade com que seguraria uma Bíblia de bolso.”

Aqui, realmente, houve um prodígio! Uma menina delicada, pesando apenas 32 quilos, segurando uma Bíblia, por mais de meia hora, numa posição em que um homem forte não poderia fazê-lo por dois minutos; além disso, passando de um texto a outro, os quais, a cada instante, revelavam ser exatamente aqueles que ela estava repetindo, enquanto que seus olhos estavam voltados para cima e em direção oposta à da Bíblia; e, por último, uma voz sendo emitida por uma pessoa que não movimenta os pulmões ou o corpo, a qual repete corretamente os textos bíblicos apontados. Isso certamente está acima da acusação de haver sido produzido por intervenção humana, ou de ser um efeito da doença. Aqueles que contemplaram essa maravilha consideraram o fato como uma clara manifestação do Espírito dAquele que falou do meio da sarça ardente. Tais manifestações, como essas ocorridas na terceira visão de Ellen Harmon, onde quer que fossem anunciadas, levavam provas convincentes de que um poder mais do que finito estava presente nas visões.

A visão Topsham

Logo após este acontecimento, o grupo de adventistas de Topsham, que dista cerca de 50 quilômetros a nordeste de Portland, Maine, após ouvir de como Deus estava usando Ellen Harmon, convidou-a para visitá-los. O convite foi aceito e ela visitou a Topsham pela primeira vez. As reuniões adventistas naquele tempo eram realizadas na casa do Sr. Curtiss. A Sra. Frances Lunt (anteriormente chamada Srta. Frances Howland), de Oakland, Califórnia, deu-me o seguinte relato, datado de 19 de janeiro de 1890:

Eu, juntamente com a família de meu pai, participamos das reuniões da irmã Harmon em Topsham, em 1845, e durante essas reuniões ela teve uma visão. Foi a primeira vez que a vimos em visão. Uma dessas Bíblias antigas [a Bíblia de família Teale, pesando 8 quilos] era de

propriedade do irmão Curtiss. Essa grande Bíblia foi pega da cômoda pela irmã Harmon enquanto estava em visão, e textos da Escritura foram apontados por ela ao virar folha por folha, enquanto seus olhos estavam olhando para cima, em direção oposta ao livro. Os textos por ela repetidos eram ou palavras de instrução, de encorajamento ou de reprovação. Outra peculiaridade ligada à manifestação naquele momento era a posição do livro. Com sua mão aberta, segurava o livro num ângulo de 45 graus; e ninguém mais foi capaz de segurar qualquer livro em ângulo semelhante, sem que logo escorregasse das mãos; mas a irmã Harmon segurou esta Bíblia naquele ângulo por vários minutos, tão firmemente como se estivesse grudada à sua mão, enquanto passava de um para outro no aposento.

Depoimento da Sra. Truesdail

Outro relato a respeito dessa mesma visão vem da Sra. M. C. Truesdail, de Trenton, Missouri, datado de 27 de janeiro de 1891. Ela declara:

Eu tinha quinze anos de idade em 1845. Estive presente por ocasião da primeira visita da irmã Harmon a Topsham, onde recebeu uma visão na casa do irmão Curtiss. Nessa visão, ela pegou a grande Bíblia da família e segurou-a em uma posição que ninguém dos demais conseguiu segurar sem que o livro deslizesse.

A irmã Harmon esteve em visão por mais de duas horas. Foi a mais maravilhosa manifestação do poder de Deus que já testemunhei; e já a tenho visto em visão mais de doze vezes. Estas eram sempre ocasiões profundamente solenes e de autoexame, mas esta a todas excedeu. Oh! Como nós tremíamos enquanto a Majestade do Céu nos instruíamos por meio de Seu frágil instrumento; enquanto ela lia para nós passagens tão reconfortantes e adequadas à difícil situação em que nos encontrávamos, tais como: Hebreus 2:2, 3; Tiago 5:7, 8; Hebreus 10:35, 39; 1 Pedro 1:7; Lucas 12:32-37, além de muitas outras, enquanto ela segurava tão alto, a grande Bíblia de família, que eu fui obrigada a subir numa cadeira para poder ler os textos que ela apontava. Não imagino que a irmã Harmon tivesse mais que cinco centímetros de altura a mais do que eu.

Tais manifestações convenceram os que eram sinceros de coração de que algum poder sobrehumano controlava aquele humilde instrumento, e chamados começaram a chegar, das várias regiões da Nova Inglaterra, para que ela os visitasse e desse seu testemunho.

É pecado o trabalho manual?

Pouco depois desse acontecimento, Ellen Harmon foi instruída em visão a visitar a Paris, Maine, onde se encontravam alguns indivíduos que acreditavam ser pecado efetuar trabalho manual. O pastor Stephens, de Woodstock, Maine, liderava nesse erro, exercendo forte influência sobre os outros. Ele, anteriormente, havia sido um pregador metodista, e era considerado um humilde e fiel cristão. Havia conquistado a confiança de muitos pelo zelo que demonstrava em favor da verdade e pela vida aparentemente santa que levava, o que fez com que alguns acreditassem que ele era especialmente dirigido por Deus. O Senhor lhe enviou uma repreensão por meio de Ellen Harmon. Informou-o de que estava contrariando a Palavra de Deus ao abster-se do trabalho, forçando seus erros sobre outros, e condenando a todos que não os aceitassem. Este pastor rejeitou a todas as evidências dadas pelo Senhor para convencê-lo de seu erro, recusando-se a reconhecer suas faltas. Seguiu suas próprias impressões, fazendo cansativas viagens, caminhando grandes distâncias, em cujo trajeto recebia apenas maus tratos, e considerava que, em tudo isso, estava sofrendo por amor de Cristo. Havia deixado de lado sua própria razão e juízo.

Com respeito ao testemunho dado por Ellen Harmon e o desfecho desse caso, quero mencionar uma carta recebida da Sra. M. C. Truesdail, que, na época, residia em Paris, Maine. Após dar alguns detalhes em harmonia com o que citamos acima, ela declara:

Todos fizeram confissões, exceto seu líder, Jesse Stephens. A irmã Harmon alertou-o no sentido de que, a menos que ele se humilhasse, confessando seus erros, em breve terminaria sua carreira. Todos compreenderam essa mensagem como uma predição de que ele, de alguma forma, cometeria suicídio.

A seguir o desfecho de seu caso:

Após seu pequeno rebanho deixá-lo, ficou deprimido, e logo depois perdeu a razão, recusando-se a comer qualquer coisa preparada pelos ímpios. Ele não soube do meu regresso de Massachusetts, quando levei seu jantar. Perguntou-me, enquanto estendia sua mão esquelética através de uma pequena abertura na janela: “Foi Deus quem lhe enviou com isso, irmã Marion?” Percebendo minha hesitação em responder, recusou-se provar a comida. Sua lastimável condição, confinado a um pequeno quarto em casa de seu irmão (o qual era descrente), fez-me

lembrar da advertência que, tão gentilmente, lhe havia sido enviada do céu, à qual tão obstinadamente rejeitara. Dois dias após esta triste visita foi ele levado de volta à sua família, onde logo pôs fim a sua vida com suicídio, fazendo uma corda com seus lençóis (Carta da Sra. M. C. Truesdail, 27 de janeiro de 1891).

O cumprimento de uma predição

No verão de 1845, a convite de Otis Nichols, Ellen Harmon visitou Massachusetts, sendo acompanhada por sua irmã Sarah. Elas passaram a morar com a família do Sr. Nichols. Ele e sua esposa as conduziam de carruagem a diversos lugares a fim de realizarem reuniões, nas quais Ellen Harmon dava seu testemunho. Dessa maneira, pôde ela visitar Boston, Roxbury, e Carver. Por ocasião de sua segunda visita a Boston, Massachusetts, algo muito interessante aconteceu.

Havia, em Boston e seus arredores, um grupo de fanáticos que também considerava o trabalho como pecado, e cuja principal mensagem era: “Vendei os vossos bens e dai esmola.” Afirmavam estar no jubileu, no tempo em que a terra deveria descansar e que os pobres deveriam ser sustentados sem trabalho. Sargent, Robbins, e algumas outras pessoas compunham a liderança do grupo. Denunciavam as visões como sendo do diabo, pelo fato de que seus próprios erros eram revelados. Usavam de grande severidade para com todos os que não acreditassem como eles.

Enquanto Ellen Harmon e sua irmã estavam visitando a casa do Sr. Nichols, os líderes Sargent e Robbins vieram de Boston a fim de pedir dele um favor, declarando que haviam vindo fazer-lhe uma visita e passar ali a noite. O Sr. Nichols declarou estar feliz por terem vindo, pois as senhoritas Sarah e Ellen Harmon estavam ali; e queria que eles as conhecessem. Imediatamente os dois mudaram de ideia e não houve como persuadi-los a entrar na casa. O Sr. Nichols, então, perguntou-lhes se Ellen poderia apresentar sua mensagem em Boston para que, primeiro, eles a ouvissem e, depois, julgassem. “Sim”, disseram eles, “venham a Boston no próximo sábado [do inglês: “sabbath”, referindo-se ao domingo, porque ainda não haviam recebido o verdadeiro sábado]; queremos ter o privilégio de ouvi-la.”

O Sr. Nichols relatou-me esse acontecimento em 1858, enquanto nos encontrávamos em sua casa, em Dorchester. Afirmou que havia feito todo o cálculo para ir a Boston com sua carruagem, na manhã de sábado, a fim de

levar Ellen Harmon para a reunião proposta. Naquela noite, porém, durante o culto familiar, foi ela tomada em visão. Após voltar da visão, declarou: “Irmão Nichols, amanhã não irei a Boston; o Senhor me revelou que devo ir a Randolph. Ele tem uma obra para eu fazer ali.” O Sr. Nichols tinha grande cuidado quando dava sua palavra de honra. Havia prometido levá-la para Boston no dia seguinte e ansiosamente perguntou: “Que farei, pois dei minha palavra de honra a Sargent e Robbins?” “Não se preocupe com isso”, disse Ellen, “o Senhor me ordenou ir a outro lugar.” “Bem”, disse o Sr. Nichols, “Não consigo entender.” “O Senhor me revelou que entenderemos quando chegarmos lá”, declarou Ellen. “Bem”, disse o Sr. Nichols, “não há como você chegar lá, a menos que a levemos; só não sei como vou explicar essa questão aos irmãos em Boston.” O Sr. Nichols também informou-me que,

durante a visão, a irmã Harmon pôde ver a hipocrisia daqueles irmãos; foi-lhe revelado que não haveria reunião em Boston naquele sábado; que Sargent, Robbins, e outros opositores, iriam reunir-se no sábado com um grande grupo em Randolph (a 20 quilômetros de Boston) e que teríamos de enfrentá-los ali, em sua reunião no sábado; que, ali, teria ela uma mensagem a dar-lhes, a qual convenceria os de coração honesto e sem preconceito, quanto a serem suas visões provenientes de Deus ou de Satanás.

Em vez de ir para Boston e, em seguida, Randolph, percorrendo uma distância de vinte e duas milhas, eles foram direto para Randolph, chegando lá na hora da reunião. Ali, encontraram os mesmos que haviam concordado de encontrá-los em Boston. Então, o Sr. Nichols disse: “Agora eu entendo.”

Esta tentativa de Sargent e Robbins de se esquivarem do testemunho de Ellen Harmon e a maneira pela qual ela foi direcionada a encontrá-los teve grande influência sobre a mente de alguns que ali estavam. Apresento aqui a descrição dada pelo Sr. Nichols, acerca dessa reunião:

Manifestações notáveis

A irmã Ellen foi tomada em visão em meio a extraordinárias manifestações, e prosseguiu falando em visão, até por volta do pôr-do-sol, com voz clara, a qual podia ser bem entendida por todos os presentes. Sargent, Robbins, e French estavam muito irritados, bem como agitados de ouvir a irmã Ellen falar enquanto em visão, a qual declaravam ser do diabo; eles gastaram toda influência e força física que tinham na tentativa de destruir o efeito exercido pela visão. Juntos cantavam

muito alto, e em seguida, alternadamente, falavam e liam a Bíblia em voz alta, para que Ellen não pudesse ser ouvida. Prosseguiram nisso até findarem suas forças, e tremeram as suas mãos de modo que não conseguiam ler a Bíblia, mas em meio a toda essa confusão e barulho, a voz clara e penetrante de Ellen falando em visão, foi distintamente ouvida por todos que ali estavam. Estes homens prosseguiram em sua oposição enquanto puderam falar e cantar, muito embora de alguns de seus próprios amigos os repreendessem, pedindo-lhes para parar. Robbins, porém, declarou, “Vocês estão inclinados perante um ídolo: estão adorando um bezerro de ouro.”

O Sr. Thayer, em cuja casa se haviam reunido, não estava totalmente convencido de que a visão era do diabo, como Robbins o afirmava. Queria testá-la de alguma forma. Tinha ouvido que as visões, dadas pelo poder satânico, eram detidas ao abrir-se a Bíblia e colocá-la sobre a pessoa em visão. Assim, perguntou a Sargent se este poderia testá-la dessa maneira, porém, este recusou fazê-lo. Então, o Sr. Thayer tomou a Bíblia de família, grande e pesada (suas páginas de tamanho carta – 22 x 28 centímetros), a qual era raramente utilizada e que estava sobre a mesa, abriu-a e colocou-a contra o tórax de Ellen, que estava em visão, sentada, com as costas inclinadas contra a parede no canto da sala. Imediatamente após a Bíblia ser posta sobre ela, Ellen se levantou e dirigiu-se ao meio da sala, segurando, com uma das mãos, a Bíblia aberta, e, levantando-a tão alto quanto possível e com o olhar voltado para cima, declarou solenemente: “O testemunho inspirado de Deus,” ou algo assim. E então, enquanto a Bíblia estava aberta em uma das mãos, e seus olhos direcionados para cima, e não em direção à Bíblia, ela continuou por um longo período a virar as páginas com a outra mão, e a colocar seu dedo sobre certas passagens, e a proferi-las corretamente e em tom solene. Muitos dos presentes conferiram essas passagens, sobre as quais seu dedo apontava, para ver se ela as declararia corretamente, uma vez que os olhos dela, nesse mesmo momento, olhavam para cima. Algumas das passagens referidas constituíam juízos contra os ímpios e blasfemadores, e outras eram admoestações e instruções em relação a nossa condição atual.

A mais longa visão (superior a 6 horas)

Ela continuou nesse estado durante a tarde toda, até o pôr-do-sol, momento esse em que saiu da visão. Quando, em visão, Ellen ficou em pé, segurando em sua mão a pesada Bíblia aberta, e andando pela

sala, declarando as passagens da Escritura, Sargent, Robbins e French foram silenciados. Durante o resto da tarde eles ficaram perturbados, juntamente com muitos outros; mas fecharam os olhos, e enfrentaram a situação sem fazer qualquer confissão quanto ao que sentiam (*Spiritual Gifts*, Vol. 2, p. 77-79).

O casamento de Ellen Harmon

Em 30 de agosto de 1846, Ellen Gould Harmon e o irmão Tiago Springer White uniram-se em matrimônio, e, juntos, trabalharam para o avanço da mensagem. Durante o ano de 1847 sua obra limitou-se principalmente ao Estado de Maine e de Massachusetts.

No primeiro sábado de abril, Ellen White recebeu uma visão muito interessante em casa de Stockbridge Howland, de Topsham, sendo geralmente este o local em que as reuniões eram realizadas naquela época. Esta é a visão mencionada no livro *Primeiros Escritos* [p. 32], onde lhe foi mostrado o santuário e seus utensílios, o tempo de angústia, os santos fugindo das cidades, os ímpios que os cercavam, o livramento trazido pela voz de Deus, o jubileu, a vinda do Senhor no carro de nuvens, etc. É interessante observar alguns de seus movimentos corporais, durante essa visão.

Muitas Bíblias usadas em uma visão

A Sra. Frances Lunt (filha do Sr. Howland), no dia 19 de janeiro de 1890, relatou-me o seguinte:

Na sala onde as reuniões eram realizadas, havia uma mesa com diversos tipos de livros sobre ela, e, dentre estes, várias Bíblias de tamanho comum. Enquanto em visão, Ellen White ficou em pé, foi até a mesa, pegou uma das Bíblias sem tocar em qualquer outro livro e, mantendo-a aberta, com a mão esquerda, acima da cabeça, apontava, com o dedo indicador da mão direita, para o texto da Escritura que repetia, enquanto permanecia em frente da pessoa a quem esse texto fora designado. Após colocar o livro aberto sobre o peito dessa pessoa, retornava à mesa, e, tomando outra Bíblia, repetia, da mesma maneira, um outro texto da Escritura, colocando a Bíblia aberta sobre o peito da pessoa a quem se dirigia. Este ato foi repetido com cerca de meia dúzia de pessoas. Depois disso, ela graciosamente assentou-se numa cadeira, enquanto seus olhos, durante todo o tempo, estiveram olhando para cima e em direção oposta ao livro.

Referindo-se a esta ocasião, a Sra. Truesdail declara:

Estive presente [em Abril de 1847] quando a irmã White foi até a mesa e pegou Bíblia após Bíblia dentre os livros que ali estavam, colocando a Bíblia sobre o peito da pessoa para quem ela tinha um texto bíblico. Isso foi feito enquanto seus olhos estavam voltados para o céu. Nessa ocasião, ela segurava a Bíblia acima de sua cabeça enquanto falava a mim; e então, colocou a Bíblia sobre meu peito. A passagem que me foi dada era: 2 Coríntios 6:17 (Carta da Sra. M. C. Truesdail, 27 de janeiro de 1891).

A Sra. Frances Lunt, em uma carta que escreveu, fornece o nome de três pessoas que estavam presentes nesta ocasião, e sobre quem as Bíblias foram postas, enquanto Ellen White lhes declarava o texto de cada um. Dentre estes nomes, está o da Sra. Truesdail.

Primeiros esforços entre os adventistas

Sob a direção do dom de profecia, a obra de Ellen Harmon, desde janeiro de 1845 até a primavera de 1846 – totalizando quase dezoito meses – centralizou-se aos “crentes” na iminente vinda de Cristo, aqueles com os quais se havia associado anteriormente. No período intermediário decorrido entre o término dos 2.300 dias (em 22 de outubro de 1844) e o momento em que compreenderam a razão do desapontamento bem como da natureza do evento ocorrido, houve perigo de que os crentes se deixassem levar por ideias errôneas ou desistissem completamente de sua experiência passada. A mensagem que ela lhes deu foi: “O movimento passado era de Deus. Mantenham firme a sua fé. O Senhor ainda tem uma obra para Seu povo. Estudem a Bíblia. Examinem a palavra e encontrarão a luz”.

Essa instrução está em harmonia com o propósito do Senhor. Ele sempre planejou que, no momento certo, a mensagem especial para Seu povo devesse vir à luz através de Sua Palavra, e, então, o dom de profecia viria “secundariamente,” a fim de confirmar e edificar os crentes.

Um notável exemplo deste fato é encontrado no caso de Cornélio, como registrado no livro de Atos. Um anjo de Deus lhe apareceu e deu-lhe uma visão em sua própria casa. O anjo bem conhecia as verdades do Evangelho e poderia tê-las ensinado a Cornélio, mas ele foi enviado para servir a alguém que era herdeiro da salvação, dando-lhe uma visão. O anjo assegurou-lhe que sua devoção e consagração foram aceitas pelo Senhor. Não pregou, no

entanto, o evangelho a Cornélio, mas simplesmente disse-lhe que chamasse a Pedro, o qual estava hospedado com Simão, o curtidor, em Jope. Pedro veio, e anunciou a Cornélio o evangelho de Cristo a partir das Escrituras.

A posição correta do dom de profecia

Neste ponto, vale a pena notar a ordem de desenvolvimento dos dons, estabelecida por Deus em Sua Palavra. Paulo se refere a ela em sua carta aos Coríntios, onde diz: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas” (1 Coríntios 12:28).

Ao considerar a declaração do apóstolo, com respeito à relação desses dons na obra do evangelho, percebemos prontamente a razão pela qual esta sequência deve ser seguida. Ao comparar os dons, Paulo afirma: “De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que creem” (1 Coríntios 14:22). A ordem do Senhor é que Sua mensagem especial para o mundo seja anunciada a partir de Sua Palavra. Assim, Ele leva as pessoas a examinar as Escrituras e a avançar, na qualidade de apóstolos encarregados das mensagens do Senhor, proclamando-as a partir da Bíblia, a qual tem resistido ao teste do tempo. Conforme os crentes começam a surgir, o dom de profecia vem “secundariamente”, cumprindo sua parte “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho da obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4:12).

Capítulo 16



A MENSAGEM DO TERCEIRO ANJO

“Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:9-12).

A mais solene advertência da Bíblia

Esta é a mais solene advertência que a Bíblia contém e, certamente, a história mundial não traz nenhum registro de que esta mensagem tenha sido ouvida no passado. Já provamos que as mensagens do primeiro e o segundo anjos, que aparecem anteriormente nessa narrativa, pertencem à geração atual, estabelecendo, de forma ainda mais convincente, a ideia de que a mensagem do terceiro anjo não pertence às gerações passadas.

O irmão J. V. Himes afirmou em 1847:

O capítulo 14 [de Apocalipse] apresenta um surpreendente clamor, *que ainda há de ser anunciado*, como um alerta à humanidade nessa hora de forte tentação (versículos 9-11). Uma declaração de ira tão terrível como esta não pode ser encontrada no livro de Deus. Será que não implica uma forte tentação, pelo fato de exigir uma advertência tão terrível? (Joshua V. Himes, *Statement of Facts Demonstrating the Rapid and Universal Spread and Triumph of Roman Catholicism*, p. 112).

Abriu-se o santuário e foi vista a arca

J. N. Andrews afirmou acerca desta mensagem:

A abertura do lugar Santíssimo no santuário do céu, por meio da qual é vista a arca, é um evento que ocorre sob o soar do sétimo anjo. Assim como o ministério de nosso Sumo Sacerdote é transferido para esse compartimento no fim dos 2300 dias, entendemos que a abertura do templo é marcada pelo término desse período, como representado pela proclamação do primeiro anjo. O fato de nosso Sumo Sacerdote entrar no lugar Santíssimo para ministrar perante a arca de Deus, chama a atenção da igreja para os mandamentos de Deus contidos naquela arca. A luz dos mandamentos de Deus resplandecido do santuário celestial desde aquela época [do fim dos 2300 dias].

A mudança do sábado

É um fato incontestável de que o quarto mandamento, há alguns séculos, foi mudado do dia de repouso do Senhor para o festival pagão do domingo. Essa alteração foi feita em flagrante contradição das Escrituras Sagradas, que em toda parte reconhecem o *sétimo* dia como o único sábado do Senhor de ocorrência semanal. Essa mudança foi realizada pelo grande apóstata, de quem Daniel profetizou que cuidaria em mudar os tempos e a lei. Esse poder é essencialmente o mesmo da besta que seria adorada por todo o mundo. É um fato de profundo interesse que este mandamento, que tem sido pisado por tanto tempo, esteja, agora, sendo recuperado, e o povo de Deus esteja começando a guardá-lo juntamente com os outros nove. Graças sejam dadas a Deus, pois Ele está preparando os remanescentes para o conflito final que terão com o dragão e para que entrem, pelas portas, na cidade santa (Apocalipse 12:17, 22:14, Almeida Antiga). A vindicação do quarto mandamento em oposição ao sábado da apostasia [o domingo], e a pregação de todos os mandamentos de Deus é um impressionante testemunho de que o presente é o período da paciência dos santos, e da advertência do terceiro anjo (J. N. Andrews, *The Three Angels of Revelation 14:6-12*, p. 131, 132).

Temos ressaltado nos capítulos anteriores, as mensagens do primeiro e segundo anjos, as quais foram cumpridas na grande proclamação da segunda vinda, chegando a 22 de outubro de 1844. A passagem bíblica com que introduzimos o capítulo atual diz: “Seguiu-os o terceiro anjo”, isto é, ele veio em seguida do primeiro e do segundo. Talvez seja apropriado, neste contexto, chamar a atenção para o surgimento da mensagem do terceiro anjo.

Os primeiros adventistas observadores do sábado

Durante o “clamor da meia-noite”, em 1844, o Senhor começou a direcionar a mente de Seu povo para a guarda do sábado do sétimo dia. Essa doutrina, entre os adventistas, surgiu da seguinte maneira: Raquel Preston, batista do sétimo dia, mudou-se para Washington, New Hampshire, onde havia uma congregação de adventistas. Ela aceitou a doutrina adventista e, por seu trabalho missionário, levou aquela igreja de cerca de quarenta membros a aceitar o sábado do quarto mandamento (Rachel Preston morreu em Vernon, Vermont, 1º de fevereiro de 1863, aos 59 anos de idade). Isso causou uma investigação deste assunto. No *Midnight Cry* de 5 de setembro de 1844, está escrito o seguinte:

Muitas pessoas têm a mente profundamente preocupada acerca de uma suposta obrigação de observar o sétimo dia.

Essa declaração apareceu num editorial, no qual se fez um débil esforço para estabelecer as reivindicações da observância do domingo. O assunto teve continuidade na edição de 12 de setembro de 1844, onde encontramos uma importante declaração, causando que muitos começassem a fazer um estudo sério e atento sobre o tema:

O sétimo dia, o único dia determinado na lei

Na semana passada, fomos levados à seguinte conclusão: *Não há nenhuma porção específica de tempo que os Cristãos sejam obrigados por lei a separar como tempo sagrado.* Se essa conclusão estiver incorreta, pensamos, então, que *o sétimo dia* seja o *único dia* para a observância do qual haja qualquer *lei*.

O artigo de T. M. Preble

Como grupo, a atenção dos adventistas foi chamada para a questão do sábado por meio de um artigo de T. M. Preble, datado de 13 de fevereiro de 1845, e publicado no *Hope of Israel*, Portland, Maine, em 28 de fevereiro de 1845. Após apresentar as reivindicações do sábado bíblico, e a evidência de que foi mudado para o domingo pela grande apostasia, Preble ressalta:

Assim, vemos o cumprimento de Daniel 7:25, o chifre pequeno mudando os “tempos e as leis”. Por conseguinte, parece-me que todos os que guardam o primeiro dia como sábado, são observadores do do-

mingo do Papa e violadores do sábado de Deus (J. N. Andrews, *History of the Sabbath*, p. 506, edição de 1887).

J. B. Cook sobre a questão do sábado

Logo após isso, apareceu na imprensa um artigo de J. B. Cook, no qual demonstrou não haver nenhuma evidência bíblica para a guarda do domingo como o sábado, e terminou com essa sucinta frase:

Assim, *todo* o vento é facilmente retirado das velas dos que navegam, talvez inconscientemente, sob a bandeira sabática do Papa.

Embora a observância do sábado por estes dois homens tenha sido de curta duração, haviam começado a rolar uma bola de neve que poderia ser facilmente detida. As frases, “observadores do domingo do Papa,” “violadores dos mandamentos de Deus,” e “navegando sob a bandeira sabática do Papa,” estavam na boca de centenas de pessoas ansiosas por conhecer a verdade sobre o assunto. Dessa maneira, prendeu-se a atenção do irmão José Bates, de Fairhaven, Massachusetts, e ele aceitou o sábado em 1845.

José Bates aceita o sábado

A experiência de José Bates foi assim: ao ouvir sobre um grupo de pessoas, em Washington, New Hampshire, que guardava o sábado, ele desejou visitar essa igreja, e ver o que isso significaria. Ao visitá-los, e estudar o assunto com o grupo, viu que estavam corretos, e imediatamente aceitou a luz acerca do sábado. Voltando a New Bedford, Massachusetts, encontrou-se com um irmão muito ilustre, na ponte entre New Bedford e Fair Haven, que o abordou desse modo: Capitão Bates, quais são as novidades? O irmão Bates respondeu: A novidade é que o sétimo dia é o sábado do Senhor, nosso Deus. Bem, disse o homem, Eu vou voltar para casa, ler a minha Bíblia e considerar o assunto. Ele assim o fez, e quando se encontraram novamente, esse irmão havia aceitado a verdade sobre o sábado e o estava guardando.

O primeiro livro sobre o sábado

O irmão Bates começou imediatamente a pregar sobre essa verdade em vários Estados. Logo percebeu que um livro, ou mesmo um folheto, sobre o assunto do sábado poderia servir de grande ajuda em seu trabalho, e ele foi levado, pelo Espírito de Deus, a escrever e publicar algo acerca desse assun-

to. Mas a grande questão era: como publicar sem dinheiro? Tudo o que ele possuía era um xelim de Iorque (moeda inglesa equivalente a 12 centavos e meio de dólar na época). Pode ser de interesse ler o relato de sua experiência acerca desse incidente da forma que ele me contou em 1855.

2 quilos de farinha

José Bates me informou que, enquanto orava diante de Deus, resolveu-se de escrever aquele livro, e teve forte impressão de que o caminho seria aberto para publicá-lo. Assim, a fim de começar a escrevê-lo, assentou-se à escrivaninha, com a Bíblia e uma Concordância abertas perante si. Uma hora depois, a Sra. Bates entrou no aposento e disse: “José, não tenho farinha suficiente para completar a fornada”. Além disso, ela mencionou alguns outros pequenos itens de que necessitava. “Quanta farinha lhe falta?”, perguntou o Capitão Bates. “Cerca de dois quilos”, foi sua resposta. “Sem problema”, respondeu ele. Após ela sair do aposento, ele se dirigiu a um mercado próximo, comprou os 2 quilos de farinha, bem como os outros artigos, trouxe-os para casa e assentou-se, novamente, junto à escrivaninha. Poucos instantes depois, a Sra. Bates entrou e, vendo os artigos sobre a mesa, exclamou: “De onde vem essa farinha?” “Por que?”, disse o capitão, “não é suficiente? Você disse que queria 2 quilos”, “Sim”, disse ela, “mas onde você a conseguiu?” “Eu a comprei,” disse ele; “Não é essa a quantia que você queria para fazer a fornada?” “Sim,” continuou a Sra. Bates, “mas *você*, Capitão Bates, um homem que já pilotou navios saindo de New Bedford em direção a todas as partes do mundo, será que *você* foi capaz de sair e comprar 2 quilos de farinha?” “Sim, não era a quantidade que você precisava para completar a fornada?” “Sim,” disse a Sra. Bates, “mas você comprou 2 quilos de farinha?”

11.000 dólares gastos para a verdade

Outra provação aconteceu em seguida. Quando o Capitão Bates abandonou o mar, vendeu sua cota do navio por 11.000 dólares, mas agora ele havia gastado tudo no avanço da causa da verdade. Até essa data, a Sra. Bates não sabia de sua real situação financeira, mas o Capitão Bates sentiu que agora deveria informá-la sobre isso, então, calmamente disse: “Esposa, eu gastei nesses itens os últimos centavos que tinha.” Soluçando amargamente a Sra. Bates perguntou: “Que vamos fazer?” O capitão se levantou e, com toda a dignidade de um capitão dirigindo seu navio, disse: “Vou escrever

um livro; vou fazê-lo circular e espalhar pelo mundo a verdade do sábado.” “Bem,” disse a Sra. Bates em meio a lágrimas, “de que vamos viver?” “O Senhor abrirá o caminho,” foi a resposta sorridente do Capitão Bates. “Sim,” disse a Sra. Bates, “o Senhor irá abrir o caminho! Isso é o que você sempre diz,” e, irrompendo em lágrimas, saiu do aposento.

Suprimento inesperado

Depois de meia hora de trabalho, o Capitão Bates sentiu a impressão de que devia ir ao correio, pois lá haveria uma carta para ele. Dirigiu-se ao correio e, de fato, viu que havia ali uma carta a ele endereçada. Naquela época o preço da postagem de cartas era de 5 centavos; e o pré-pagamento era opcional. O remetente da carta, por alguma razão, havia deixado de pagar a postagem. E, mais uma vez, o Capitão Bates ficou humilhado, ao ser obrigado a contar para o agente postal, o Sr. Drew, a quem ele conhecia bem, que não poderia pagar pela postagem, pois estava sem dinheiro. Mesmo assim, fez-lhe esse pedido: “Você me permitiria ver de onde vem essa carta?” “Leve-a,” disse o agente postal, “e pague-me em outra oportunidade.” “Não,” disse o Capitão Bates, “não irei sair do correio com esta carta até que a postagem seja paga.” Segurando a carta em suas mãos, disse: “Tenho a impressão de que há dinheiro nessa carta,” e voltando-se para o agente postal, perguntou-lhe: “Você poderia abri-la, por favor? Caso haja dinheiro dentro dela, você pode descontar dele o valor da postagem; e se não houver, eu não a lerei.” O chefe de correio atendeu ao pedido, e eis que continha uma nota de 10 dólares! Ele constatou, ao lê-la, que a carta era de uma pessoa que disse ter ficado tão impressionada por Deus de que o irmão Bates estivesse precisando de dinheiro, que apressou-se a enviar-lhe. Na pressa, provavelmente, esqueceu-se de pagar a postagem.

Depois de pagar pela carta, o Capitão Bates dirigiu-se ao mercado, comprou um barril de farinha por 4 dólares, além de batata, açúcar, e outros artigos necessários. Ao dar as instruções quanto ao local de entrega, disse:

Provavelmente a dona da casa dirá que a entrega não é dela, mas não preste qualquer atenção ao que ela disser; deixe a mercadoria na varanda da frente.

Saindo dali, foi a uma gráfica e fez arranjos para a publicação de um livreto de aproximadamente 100 páginas, com o acordo de que, assim que o manuscrito fosse fornecido, os publicadores deveriam datilografá-lo o mais

rápido possível, enviando-lhe a provas. Ele iria pagar pelo trabalho tão logo recebesse o dinheiro, e os livros não seriam retirados da gráfica até que as faturas estivessem todas pagas.

O Capitão Bates bem sabia que ninguém lhe devia qualquer dinheiro, mas sentiu ser seu dever escrever aquele livro, confiante de que o Senhor impressionaria os corações para que lhe enviassem o dinheiro quando fosse necessário. Após comprar papel, canetas, etc., dando tempo para que as compras do mercado chegassem em casa primeiro, foi até a esquina da rua de sua casa. Ao ver que as compras já estava lá, entrou em casa pela porta dos fundos e assentou-se novamente junto a sua escrivaninha. A Sra. Bates entrou e disse entusiasmada: “José, olhe ali fora, na varanda da frente! De onde vêm essas compras? Um entregador veio aqui e queria descarregá-las. Eu disse a ele que a compra não era minha, mas ele descarregou mesmo assim.” “Bem,” disse o Capitão Bates, “acho que não há problema.” “Mas,” disse a Sra. Bates, “de onde veio isso?” “Bem,” disse o Capitão, “o Senhor o enviou”. “Sim,” disse a Sra. Bates, “o Senhor o enviou; é o que você sempre diz.” Ele, então, entregou a carta para sua esposa, dizendo: “Leia-a, e você saberá de onde vem isso.” Depois de ler a carta, ela novamente saiu chorando, mas com um choro bem diferente do primeiro; e ao retornar, humildemente pediu perdão por sua falta de fé.

Chegou o dinheiro para pagar pelo livro

Como o trabalho de escrever e imprimir avançava, o Capitão Bates recebia dinheiro, de tempo em tempo, pelo correio ou de outra forma, às vezes, de pessoas que nunca havia conhecido. Assim que recebia o dinheiro, passava-o para os impressores, e o inseria no talão de fatura. Finalmente, chegou o dia em que os livros estavam todos impressos, e, por meio de uma fonte inesperada pelo irmão Bates, a dívida restante foi paga. Assim, a circulação dos livros não sofreu nem um dia sequer de atraso.

O pagamento da última fatura

H. S. Gurney, de Memphis, Michigan, contou-me, em Março de 1884, a história do pagamento da última fatura. Disse ter recebido 100 dólares, na mesma manhã em que o livro do irmão Bates fora terminado, referentes a uma dívida já caduca, de alguém que tinha declarado que nunca lhe pagaria. Recebendo esse dinheiro, considerou um privilégio empregar parte dele

pagando a última fatura do livreto sobre o sábado escrito pelo irmão Bates. “Mas,” disse o Sr. Gurney, “o irmão Bates, até o dia de sua morte, não soube *quem* havia pagado o restante da dívida do livro.” Essa experiência do irmão Bates em imprimir a verdade sobre o sábado pareceu dizer a nosso povo, desde o início da publicação da verdade sobre a questão do sábado: “Prosigam nessa obra, e vocês poder esperar que a providência de Deus abra o caminho, à medida que vocês avançam.”

As dúvidas do irmão Bates com relação às visões

A seguinte declaração, resumida do livro *Life Sketches*, mostrará como se deu a união do dom de profecia e da reforma do sábado:

Enquanto visitava a cidade de New Bedford, Massachusetts, em 1846, Ellen Harmon conheceu o irmão José Bates. Logo no início, ele havia abraçado a fé adventista e era um ativo trabalhador na causa. Era um verdadeiro cavalheiro cristão, cortês e amável. Ele tratou Ellen Harmon com tanta ternura, como se ela fosse sua própria filha. Na primeira vez que a ouviu falar, manifestou profundo interesse, e após ela haver terminado seu discurso, ele se levantou e disse:

Sou um incrédulo Tomé. Não acredito em visões. Mas se eu pudesse crer que o testemunho relatado pela irmã, hoje à noite, foi, de fato, a voz de Deus para nós, seria o homem mais feliz da terra. Meu coração está profundamente comovido. Creio que a palestrante é sincera, mas não consigo explicar acerca de lhe terem sido mostradas as maravilhosas coisas que nos relatou.

Ellen aceita o sábado

O irmão Bates guardava o sábado e enfatizava sua importância. Ellen, naquela época não percebia a importância disso, e pensava que o irmão Bates estivesse cometendo um erro ao demorar-se sobre o quarto mandamento mais do que sobre os outros nove. Contudo, o Senhor deu a ela uma visão do santuário celestial. O templo de Deus, no céu, foi aberto, e foi-lhe mostrada a arca de Deus, coberta pelo propiciatório. Dois anjos, um em cada extremidade da arca, estavam com suas asas abertas sobre o propiciatório, e seus rostos voltados para ele. Seu anjo acompanhante lhe informou que isso representava toda a hoste celestial olhando, com temor e reverência, para a lei de Deus que havia sido escrita pelo dedo de Deus. Jesus levantou a cobertura

da arca e ela pôde ver as tábuas de pedra, nas quais os dez mandamentos estavam escritos. Ellen ficou surpresa ao ver o quarto mandamento no centro dos dez preceitos, com um suave halo de luz que o circundava. O anjo disse:

Esse é o único dos dez que aponta o Deus vivo como criador dos céus e a terra, e tudo o que neles há. Quando os fundamentos da terra foram lançados, foi, então, também lançado o fundamento do sábado.

Foi-lhe mostrado que, se o verdadeiro sábado tivesse sido guardado, nunca teria havido um infiel ou um ateu. A observância do sábado teria guardado o mundo da idolatria.

O quarto mandamento foi pisoteado; por isso, somos chamados a reparar a brecha que foi feita na lei e a defender o sábado que tem sido pisado aos pés. O homem do pecado, o qual se exaltou acima de Deus, e cuidou em mudar os tempos e as leis, efetuou a mudança do sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana. Ao fazer isso, ele abriu uma brecha na lei de Deus.

Imediatamente antes do grande dia de Deus uma mensagem é enviada a fim de advertir o povo a que retorne à lealdade para com a lei de Deus, a qual o anticristo quebrou. Pelo ensino e pelo exemplo deve a atenção do povo ser chamada para a brecha na lei. Além disso, foi-lhe também revelado que o terceiro anjo de Apocalipse 14, o qual proclama os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, representa o povo que recebe essa mensagem e ergue a voz em advertência ao mundo para que guarde os mandamentos de Deus e a Sua lei como a menina dos olhos, e que em resposta a esse aviso muitos abraçarão o sábado do Senhor (*Life Sketches*, p. 95, 96).

A experiência de Ellen Harmon e do irmão Bates estava em harmonia com o método de trabalho adotado por Deus. Tanto a atenção de Ellen como de Tiago White foi chamada para a questão do sábado através do irmão Bates, que lhes apresentou, usando as Escrituras, as reivindicações da imutável lei de Deus. Embora Ellen tivesse sido abençoada com manifestações especiais provenientes de Deus por cerca de 18 meses, nada sobre esse assunto lhe fora previamente apresentado. Agora, o tempo de Deus havia chegado, à medida que os crentes eram despertados para guardar a Sua lei, de lhes transmitir luz por meio do dom de profecia, e, portanto, por Sua própria maneira de agir, a mensagem do terceiro anjo, “os mandamentos de Deus, e o testemunho de Jesus Cristo,” foram unidos.

Início da mensagem do terceiro anjo

A partir desse momento a mensagem do terceiro anjo, em conjunto com as dos outros dois anjos, começou a ser proclamada. A verdade sobre o sábado, em ligação com a arca de Deus e a crescente luz acerca do santuário, confirmaram o que havia sido previamente revelado – que o movimento adventista anterior foi fidedigno, e existiu por ordem do Senhor. Agora, podiam compreender melhor que antes, o significado dos “três degraus a caminho da cidade de Deus.”

O irmão Bates aceita as visões como provenientes de Deus

Em novembro de 1846, houve uma conferência em Topsham, Maine, e o irmão Bates estava presente. Nessa reunião Ellen White, que havia casado com o irmão Tiago White, conforme previamente o indicamos, recebeu uma visão, que resultou em que o irmão Bates ficasse plenamente convicto de que as visões eram de origem divina. Ele havia viajado no oceano durante cinquenta anos, passando por todos os cargos, desde camareiro até capitão e proprietário de navios. Segundo me informou, seu conhecimento sobre astronomia era tão grande que era capaz de dizer, com bastante acerto, sua localização no mar, quanto à latitude e longitude, simplesmente observando os astros. Alguém assim naturalmente se interessaria em falar sobre astronomia.

Em nossa conversa, ele me contou sobre como se havia convencido da origem divina das visões. Disse que em determinada ocasião tinha procurado conversar com Ellen White a respeito das estrelas, mas logo percebeu que ela não sabia nada de astronomia. Na realidade, pelo que ela lhe havia dito, nem sequer se lembrava de haver lido qualquer livro sobre o assunto. Não sentia inclinação para conversar sobre o tema e logo mudou de assunto, falando sobre a nova terra, e o que lhe fora mostrado em visão a respeito dela.

Os “céus abertos”

No ano anterior, Lord Rosse, num periódico chamado *Illustrated London News*, publicou, no dia 19 de abril de 1845, uma matéria de grande interesse para os astrônomos a respeito das maravilhosas descobertas que fez por meio de seu enorme telescópio – especialmente um panorama do que os astrônomos chamam de “buraco no céu”. Certa noite, durante a conferência de Topsham referida acima, Ellen White teve uma visão na casa do Sr. Curtiss, em presença do irmão Bates, que estava ainda indeciso com relação

às manifestações. Ela começou a falar sobre as estrelas, dando uma brilhante descrição dos cintos de coloração rosada que viu por sobre a superfície de algum planeta, e acrescentou: “Estou vendo quatro luas.” “Oh,” disse o irmão Bates, “ela está vendo Júpiter!” Em seguida, tendo feito movimentos como se viajasse pelo espaço, começou a descrever os cinturões e anéis em sua beleza sempre variável, e disse: “Estou vendo sete luas” (Na primeira edição deste livro [*The Rise and Progress of Seventh-day Adventists*, de 1892], está escrito que ela viu oito luas de Saturno. Esta mudança foi feita após os manuscritos para revisão terem saído de minhas mãos. Mais luas tanto de Júpiter como de Saturno já foram descobertas). O irmão Bates exclamou, “Ela está descrevendo Saturno.” Em seguida, ela disse: “Estou vendo seis luas,” e nesse instante começou a descrição dos “céus abertos,” com sua glória, descrevendo-o como abrindo para a uma região ainda mais iluminada. O irmão Bates disse que a descrição que ela deu superava, em muito, qualquer relato dos céus abertos que ele já havia lido de qualquer autor.

Enquanto ela falava, ainda em visão, ele se levantou, e exclamou: “Oh como eu gostaria que Lord John Rosse estivesse aqui essa noite!” O irmão White perguntou-lhe: “Quem é Lord John Rosse?” “Oh,” disse o irmão Bates, “ele é um grande astrônomo Inglês. Eu queria que ele estivesse aqui pra escutar o que essa mulher diz sobre astronomia, e para ouvir essa descrição dos ‘céus abertos.’ Isso está à frente de tudo que eu já li sobre o assunto.” A partir daquela noite o irmão Bates ficou plenamente satisfeito de que as visões estavam fora do conhecimento e controle de Ellen White. Esse fato, juntamente com o caráter das reprovações e instruções que eram dadas o convenceram de que as visões eram de Deus.

Esse fenômeno nos céus, assim descrito por Ellen White naquela visão, é algo raramente mencionado por escritores astrônomos. Em seu livro *Systema Saturnium*, publicado em 1659, Christiaan Huygens, o descobridor do fenômeno, dá a seguinte descrição:

Uma gloriosa luz na espada de Órion

Na espada de Órion há três estrelas muito próximas. Em 1656, enquanto eu observava com um telescópio a mais centralizada destas estrelas, em lugar de uma única estrela, doze estrelas podiam ser vistas. Três delas quase tocavam umas às outras, e, juntamente com outras quatro, brilhavam através de uma nebulosa, de forma que o espaço

ao redor delas parecia muito mais brilhante do que o resto do céu, o qual estava totalmente limpo e parecia completamente negro, tendo o efeito como uma abertura no céu, através da qual podia-se ver uma região mais brilhante.

William Herschel diz sobre essa abertura no céu:

Se seu diâmetro, a esta distância, subtender um ângulo de 10°, que quase o faz, sua magnitude deve ser totalmente inconcebível. Calcula-se que deva ter dimensão de dois trilhões de vezes a do sol.

Mais brilhante que o sol

Thomas Dick, o filósofo, assim falou sobre essa brilhante nebulosa:

Se fôssemos colocados tão próximos dela como metade da distância até a estrela mais próxima, distante como é, em tal ponto no espaço, exibiria um esplendor aproximado ao do sol; e para seres a distância muito mais próxima, ela preencheria uma grande parte do céu, e teria um esplendor inexprimível. Mas o propósito final de tal objeto, em todos os seus aspectos e relações, talvez se desenvolva durante as futuras eras de uma infundável existência; e, como muitos outros objetos no distante espaço da criação, ele produz na mente um ardente desejo por contemplar as cenas esplendidas e misteriosas do universo um pouco mais desdobradas (*Dick's Sideral Heavens*, p. 96).

O irmão Bates, na conclusão de um artigo sobre o assunto, afirma:

Vemos, assim, por todos os testemunhos apresentados (e poderíamos mencionar muito mais, se fosse necessário), que aqui há, no céu, um fenômeno muito maravilhoso e inexplicável: uma *lacuna* no céu de mais de onze bilhões e trezentos e quatorze milhas em circunferência [11.000.000.314]. Diz o celebrado Huygens, “Nunca vi algo assim entre o restante das estrelas fixas – uma visualização desimpedida para outra região mais iluminada.”

Outro testemunho na visão dos planetas

Mais uma vez citamos a Sra. Truesdail, que estava presente na ocasião em que foi dada a referida visão. Ela diz:

A irmã White estava com a saúde debilitada, e, enquanto orações eram oferecidas em seu favor, o Espírito do Senhor desceu sobre nós. Logo notamos que ela estava inconsciente para as coisas terrenas. Esta

foi sua primeira visão sobre o mundo estelar. Após contar em voz alta as luas de Júpiter, e, logo após, as de Saturno, ela nos deu uma bela descrição dos anéis deste último. Disse então: “Os habitantes são um povo alto e majestoso, bem diferente dos habitantes da terra. O pecado nunca entrou aqui.” Era evidente, pelo sorriso estampado no rosto do irmão Bates, que suas dúvidas passadas, com relação à origem das visões de Ellen, estavam rapidamente desaparecendo. Todos sabíamos que o Capitão Bates era um grande amante da astronomia, pois frequentemente localizava muitos corpos celestes para nos instruir. Quando, após a visão, a irmã White lhe disse, em resposta às suas perguntas, que ela nunca havia estudado ou obtido conhecimento de qualquer maneira nesse sentido, ele se encheu de felicidade e alegria. Louvou a Deus e expressou sua crença de que essa visão, acerca dos planetas, foi dada para que ele nunca mais duvidasse (Carta da Sra. Truesdail, datada de 27 de janeiro de 1891).

Cavalo domado imediatamente

Pouco depois dessa reunião em Topsham, outro surpreendente incidente ocorreu em conexão com as visões, o qual vou relatar segundo me foi contado pelo irmão Bates:

O irmão White estava usando um potro parcialmente domado e uma carroça de dois bancos, que foi construída sem para-brisa, mas com um degrau na frente e um degrau de ferro nos eixos. Necessitava de extremo cuidado ao guiar o potro, pois, caso as rédeas ou qualquer outra coisa tocasse seus flancos, poderia instantaneamente começar a coicear e precisava ser mantido com as rédeas continuamente esticadas para evitar que saísse correndo. Eles estavam se dirigindo à casa dos donos desse potro, e, como o irmão White estava acostumado a montar potros não-domados, pensou que não haveria qualquer problema com esse. Se soubesse, contudo, que em suas manifestações frenéticas o potro já havia matado duas pessoas, uma delas esmagada contra as pedras à beira da estrada, ele poderia ficar menos confiante.

Nessa ocasião havia quatro pessoas na charrete: o irmão White e sua esposa no banco da frente, e o irmão Bates e Israel Damon no banco de trás. Enquanto o irmão White tomava o máximo cuidado para manter o cavalo sob controle, Ellen White estava falando acerca da verdade quando o poder de Deus desceu sobre o grupo e ela foi tomada em visão, estando assentada na charrete. No momento em que ela gritou “Glória!”, entrando em visão, o potro repentinamente parou, ficando perfeitamente imóvel e baixou a ca-

beça. Simultaneamente, Ellen White se levantou, ainda nessa condição, e, olhando para o alto, passou por cima da parte frontal da charrete, descendo sobre os eixos e apoiando-se com as mãos sobre o quadril do potro. Então irmão Bates gritou para o irmão White: “O potro vai matar essa mulher a coices.” Ao que o irmão White respondeu: “O potro agora está sob o controle de Deus. Não quero interferir.” O potro permaneceu tão calmo quanto um cavalo velho. O barranco à beira da estrada tinha uns 2 metros de altura e havia um gramado do outro lado da cerca. Com seus olhos ainda direcionados para o alto e sem olhar para baixo uma vez sequer, Ellen White subiu no barranco e passou para o campo gramado. Então, andou dum lado para o outro por alguns minutos, falando e descrevendo as belezas da nova terra. Após isso, com sua cabeça na mesma postura, desceu o barranco, veio até a carruagem, subiu nos degraus com suas mãos no quadril do potro, pisando nos eixos e depois de volta na carruagem. No momento em que ela se assentou no banco retornou da visão, e, naquele instante, o cavalo, sem qualquer indicação do condutor, começou a andar seguindo viagem.

Enquanto Ellen White estava fora da charrete, o irmão White pensou em testar o cavalo, para saber se estava realmente domado ou não. Primeiro, apenas o tocou com o chicote. Em outras ocasiões, o cavalo teria respondido com um coice, mas agora não havia movimento algum. Em seguida, deu-lhe uma boa pancada, depois mais forte, e mais forte ainda. Contudo, o potro não deu qualquer atenção às pancadas, mas parecia tão inofensivo quanto os leões cujas bocas foram fechadas pelos anjos, quando Daniel passou a noite na cova dos leões. “O lugar era solene,” disse o irmão Bates, “e era evidente que o mesmo Poder que produziu as visões, havia, momentaneamente, subjugado a natureza selvagem do potro.”

Se essa visão era simplesmente o resultado de alguma enfermidade corporal de Ellen White, surge naturalmente a questão: “Será que o cavalo também havia sido afetado?”

O testemunho de Israel Damon

Apresento aqui as seguintes declarações, confirmando o relato dado pelo irmão Bates:

Cerca de vinte anos atrás, logo após eu haver começado a guardar o sábado, Israel Damon contou-me os detalhes de quando a irmã White teve a visão enquanto ele, o irmão Bates, o irmão White e esposa

estavam viajando na charrete, guiados por um potro rebelde. Li hoje a descrição do acontecimento mencionado acima, escrito pelo irmão Loughborough, e está precisamente de acordo com o que o irmão Damon me contou. Assinado, R. S. Webber, Battle Creek, Michigan, 9 de fevereiro de 1891.

O testemunho do irmão Bates sobre as visões

O irmão Bates narra sua própria experiência nas seguintes palavras:

Embora eu nada pudesse ver neles que militasse contra a palavra, ainda assim me senti alarmado e extremamente provado, e, por um longo período, relutei em acreditar que isso [as visões] era qualquer coisa além do que algo produzido por um prolongado estado de debilidade do corpo dela.

Por esse motivo, busquei oportunidades em presença de outros, em ocasiões em que a mente dela parecia livre de excitação (fora das reuniões), para questionar e fazer uma interrogação cruzada com ela e como seus amigos que a acompanhavam, especialmente sua irmã mais velha, para chegar, se possível, à verdade. Durante as várias visitas que, desde então, ela fez a New Bedford e Fairhaven, por diversas vezes eu a vi em visão, tanto em nossas reuniões como também em Topsham, Maine; e os que estavam presentes durante algumas dessas empolgantes cenas bem sabem com que interesse e intensidade eu escutava cada palavra e vigiava cada movimento, para detectar fraude ou influência do mesmerismo. E agradeço a Deus pela oportunidade que tive, juntamente com outros, de testemunhar essas coisas. Agora posso falar confiantemente por mim mesmo. Eu acredito que o trabalho é de Deus, e é dado a fim de confortar e fortalecer seu povo “disperso,” “despedaçado,” e “desgarrado” desde o término de nossa obra [...] em Outubro de 1844. O confuso estado de “Ei-lo aqui!” ou “Lá está!” desde aquele tempo tem causado extrema perplexidade ao sincero e disposto povo de Deus, e extrema dificuldade aos que não eram capazes de explicar os diversos textos conflitantes que lhes eram apresentados. Confesso que recebi luz e instrução sobre muitas passagens que, anteriormente, não conseguia entender de maneira clara. Creio ser ela uma filha de Deus abnegada, honesta, e disposta (Tiago White, *A Word to the Little Flock*, p. 21, New Brunswick, Maine, maio de 1847).

A autora não “obtem os pontos de vista” de suas visões “de ensinamentos ou estudos antecedentes.” Na época em que recebeu sua primeira visão, em Dezembro de 1844, ela e todo o grupo em Portland,

Maine (onde seus pais então residiam), tinham desistido do “clamor da meia-noite” como se houvesse ficado no passado. Foi então que, numa visão, o Senhor lhe mostrou o erro em que ela e o grupo em Portland haviam caído. Ela, então, relatou sua visão ao grupo, e eles reconheceram que sua experiência do sétimo-mês foi obra de Deus (Idem., p. 22).

Como as três mensagens foram consideradas em 1847

As seguintes declarações do irmão Tiago White, escritas em abril de 1847, nos mostram como as três mensagens foram então consideradas:

Todos os grupos de crentes no segundo advento concordam que o anjo apresentado nos versículos seis e sete desse capítulo [Apocalipse 14], representa a mensagem do advento para a igreja e para o mundo. [...] A obra do segundo anjo era mostrar para o povo adventista que Babilônia havia caído. E, uma vez que grande parte deles não tinha conhecimento desse fato até que o poder do “clamor da meia-noite” os despertou apenas a tempo para que escapassem das igrejas antes que o décimo dia chegasse, segue-se que, desde o sétimo mês de 1844, a mensagem do terceiro anjo era, e continua sendo, um alerta para que os santos “perseverem” e não voltem atrás, nem “recebam” as marcas das quais o grupo de virgens se havia livrado durante o clamor do segundo anjo.

E será que a verdadeira mensagem para o povo de Deus, desde o sétimo mês de 1844, não tem sido justamente um alerta assim? Certamente que sim. [...] O décimo-segundo verso diz: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” Onde você os viu, João? Ora, “*aqui*”, durante a mensagem do terceiro anjo. Uma vez que o tempo de perseverança e espera tem ocorrido desde o sétimo mês de 1844, e, o grupo que guarda o sábado, etc., surgiu desde aquela época, é evidente que vivemos no tempo da terceira mensagem angélica (Idem., p. 10, 11).

Capítulo 17



A VERDADE AVANÇA EM MEIO A DIFICULDADES

“Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e escuridão.” Ezequiel 34:12

Os que, até então (1847), haviam aceitado a mensagem do terceiro anjo, eram pobres em bens deste mundo e, conseqüentemente, tinham pouco a contribuir, financeiramente, na propagação da mensagem. O irmão White, sua esposa e o irmão Bates, perceberam a importância do trabalho pessoal entre os irmãos dispersos, bem como a necessidade de preparar material escrito para colocar nas mãos do povo, como forma de levá-lo ao conhecimento da verdade. O irmão Bates, ao viajar para as diferentes localidades, obteve grande auxílio na apresentação do assunto do sábado pelo folheto que havia preparado no assunto e por sua circulação pelo correio. Ele trabalhou com a extrema perseverança.

O sacrifício de uma jovem em favor da verdade

Certa vez, sem dinheiro para pagar a passagem, o irmão Bates estava para ir a pé de Massachusetts a New Hampshire. Recebeu, então, uma carta de uma jovem que havia sido contratada como empregada doméstica a 1 dólar por semana, para que pudesse obter meios para contribuir com a causa. Após uma semana de trabalho, sentiu-se tão impressionada de que o irmão Bates estava precisando de dinheiro que foi ao patrão e pegou um adiantamento de salário, para que pudesse enviar-lhe 5 dólares. Com essa soma, ele pagou sua passagem para New Hampshire em transporte público. Realizou ótimas reuniões por onde passou, e muitas almas aceitaram a verdade.

Usando móveis emprestados

A fim de demonstrar o espírito de sacrifício que motivava os primeiros pioneiros desta mensagem, consideremos a seguinte declaração de Ellen White sobre sua situação, no inverno entre 1857-1858. Eles moravam em uns aposentos na espaçosa casa de S. Howland, de Topsham, Maine, onde estabeleceram seu lar usando móveis emprestados:

Éramos pobres e passamos momentos de aperto. Meu marido trabalhava carregando pedras na estrada de ferro, e isso corroeu a pele de seus dedos, resultando em sangramento em muitos lugares. Tínhamos resolvido que não seríamos dependentes, mas que nos sustentaríamos, para podermos ter algo com que ajudar a outros. Contudo, não havíamos prosperado. Meu marido trabalhou muito, mas não pôde obter o que lhe era devido por seu trabalho.

O irmão White cortando lenha

Meu esposo deixou a estrada de ferro, e, com seu machado, entrou na floresta para cortar lenha. Com uma dor constante em seu lado, trabalhou desde a madrugada até o anoitecer para ganhar cerca de cinquenta centavos por dia. Ele não conseguia dormir devido à intensidade da dor. Logo recebemos cartas de irmãos em diversos Estados convidando-nos para visitá-los; mas, como não tínhamos recursos para viajar para fora do Estado, nossa resposta era que o caminho não estava aberto diante de nós.

Recebemos uma carta do irmão Chamberlain, de Connecticut, instando-nos a participar de uma conferência naquele Estado. Decidimos ir, se conseguíssemos obter os recursos. Meu esposo ajustou as contas com seu patrão e constatou que este lhe devia dez dólares. Com metade disso eu comprei artigos de vestuário que eram muito necessários e, então, remendei o casaco do meu esposo, até mesmo juntando os remendos, tornando-se difícil dizer qual era o pano original nas mangas. Sobrou-nos cinco dólares para levar-nos a Dorchester, Massachusetts. Nosso baú continha quase tudo o que possuíamos na terra. Entretanto, desfrutávamos de paz de espírito e de uma consciência limpa, as quais valorizávamos acima dos confortos terrestres.

Passamos na casa do irmão Nichols, e, antes de partirmos, a irmã Nichols entregou cinco dólares a meu esposo, que serviram para pagar nossa passagem a Middletown, Connecticut. Éramos forasteiros nessa

cidade, e jamais tínhamos conhecido qualquer irmão daquele Estado. Restavam-nos apenas cinquenta centavos. Meu esposo não se atreveu a usá-los no aluguel de uma carruagem, mas lançou o baú sobre uma pilha de tábuas e saímos em busca de alguém de mesma fé. Logo encontramos o irmão Chamberlain, que nos levou para sua casa.

Conferência em Rocky Hill, Connecticut

Esta conferência foi realizada em Rocky Hill, sendo que a sala de reunião era um aposento grande e inacabado, na casa do irmão Belden. O seguinte trecho, extraído de uma carta escrita pelo irmão White para S. Howland, fornece alguns detalhes interessantes sobre a reunião:

Em 20 de abril [1848], o irmão Belden enviou sua charrete a Middletown para nos buscar e também aos irmãos dispersos nessa cidade. Chegamos em sua casa [Rocky Hill] perto das quatro da tarde, e, poucos minutos depois, chegaram o irmão Bates e Gurney. Naquela noite, tivemos uma reunião com cerca de 15 pessoas. Na sexta de manhã, os irmãos foram chegando até contarmos cerca de cinquenta pessoas. Nem todos estavam completamente firmados na verdade. Nossa reunião foi muito interessante naquele dia. O irmão Bates apresentou os mandamentos em uma luz clara e sua importância foi reforçada mediante poderosos testemunhos. A palavra teve efeito em estabelecer os que já estavam na verdade e despertar os que não estavam totalmente decididos (*Life Sketches*, p. 108).

Convidado para o condado de Oswego, Nova Iorque

Como resultado da circulação entre os adventistas do panfleto preparado pelo irmão Bates, pessoas de outros Estados começaram a guardar o sábado. Hiram Edson, de Port Gibson, Nova Iorque, enviou uma carta convidando o irmão White, sua esposa e outras pessoas, para participar de uma conferência de guardadores do sábado em Volney, condado de Oswego, em agosto de 1848. Informou que a maioria dos irmãos era pobre e não podia prometer que fariam muito no sentido de custear as despesas. Como resultado de seu trabalho no campo de feno, o irmão White havia recebido 40 dólares. Parte disso foi gasta na compra de roupas, as quais eram muito necessárias, e o restante foi usado para pagar-lhes a viagem de ida e volta a Volney.

Esta conferência, a oeste de Nova Iorque, foi realizada na casa do Sr. Arnold construída da cocheira. Havia cerca de trinta e cinco pessoas pre-

sentes, todas que puderam ser reunidas naquela região do Estado, mas dificilmente duas delas estavam de acordo. Cada um lutava por sua própria opinião, declarando-a estar de acordo com a Bíblia. Todos estavam ansiosos em propagar seus pontos de vista e pregá-los. Foram informados, porém, que o irmão White e sua esposa não haviam percorrido uma distância tão grande afim de ouvi-los, mas sim para lhes ensinar a verdade. O Sr. Arnold cria que os mil anos de Apocalipse 20 estavam no passado, e que os cento e quarenta e quatro mil mencionados no Apocalipse eram os que haviam ressurgido lá na ressurreição de Jesus.

O Sr. Arnold se opõe às ordenanças

Quando os emblemas da morte de nosso Senhor foram postos perante este grupo, estando eles prestes a recordar Seus sofrimentos, o Sr. Arnold se levantou e disse que não tinha fé no que eles estavam prestes a fazer; que a ceia do Senhor era uma continuação da páscoa, e devia ser observada apenas uma vez por ano.

Estas estranhas diferenças de opinião trouxeram um grande peso sobre Ellen White. Ela bem sabia que o Sr. Arnold estava em erro e sentiu grande aflição pesar-lhe sobre a mente, pois parecia que Deus havia sido desonrado. Alguns temiam que ela estivesse morrendo, mas os irmãos Bates, White, Chamberlain, Gurney e Edson oraram por ela, e o Senhor, misericordiosamente, ouviu as orações de seus servos e ela reviveu. A luz do céu repousou sobre ela, e ela logo se perdeu para as coisas terrenas. Enquanto nesse estado, foi-lhe mostrado alguns erros dos que estavam presentes, bem como a verdade, em contraste com estes erros, revelando que esses pontos de vista discordantes, os quais eles alegavam estar de acordo com a Bíblia, estavam unicamente de acordo com suas próprias opiniões a respeito da Bíblia, e que eles precisavam abandonar seus erros e unir-se na mensagem do terceiro anjo. A reunião terminou de maneira gloriosa; a verdade triunfou. Aqueles que mantinham estas estranhas diversidades de opinião confessaram seus erros, unindo-se na verdade presente da mensagem do terceiro anjo, e Deus os abençoou grandemente.

Visão em que a Bíblia foi usada de maneira maravilhosa

O próximo relato desta reunião vem de Alexander Ross, em 4 de janeiro de 1884, o qual foi um dos trinta e cinco indivíduos presentes. Ele conta:

A irmã White, enquanto em visão, levantou-se e tomou a Bíblia da família em sua mão esquerda; o livro era de tamanho normal. Enquanto a segurava aberta, no alto, sem olhar para ela, com sua mão direita passava de texto em texto e, apontando para o versículo, ela o recitava. Eu estava olhando vários dos textos para ver se ela citava aquele ao qual apontava. Ou eu ou algum outro dos que ali estavam checamos todos os textos. Em todos os casos, ela não apenas repetiu o texto para o qual apontava, mas o fez enquanto seus olhos estavam olhando para cima, em direção oposta à Bíblia. Foram esses versos mencionados por ela que derrubaram as falsas teorias dos observadores do sábado reunidos em Volney, em agosto de 1848, e nos uniram na verdade.

De fato, deve ser difícil convencer a alguém que não renunciasse aos erros de doutrina corrigidos sob tais circunstâncias, com trechos claros citados da Bíblia, e nesta maneira tão notável. Este grupo de observadores do sábado no condado de Oswego, depois de serem seus erros assim corrigidos e eles se unirem na verdade, saíram daquela reunião afim de espalhar a luz a outros. Os resultados, sem dúvida, davam evidência de serem dirigidos por Deus. Satanás está sempre pronto a dividir, distrair e dispersar, por qualquer meio que puder empregar. “Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos” (1 Coríntios 14:33, ACF).

Milagres de cura

Após a conferência que acabamos de nos referir, foram realizadas reuniões no condado de Madison, Port Gibson, Port Byron, e na cidade de Nova Iorque. Em seguida, houve uma reunião geral em Connecticut. Em alguns desses lugares o Senhor se aproximou muito de seus servos, e o poder restaurador do Grande Médico desceu sobre os doentes em resposta às fervorosas orações de seu povo, à medida que seguiam a regra estipulada na Epístola de Tiago (Tiago 5:14, 15). Até mesmo pessoas desenganadas pelos médicos foram curadas de suas doenças. Incidentes dessa natureza têm acontecido muitas vezes desde 1845.

Os pioneiros resistem a dificuldades

O irmão White, na *Review and Herald* de 5 de fevereiro de 1880, referindo-se a esses dias iniciais, declarou:

Em nossa obra inicial, passamos fome por falta de alimentação adequada, e frio por falta de roupa adequada. Nos privamos até mesmo

das necessidades diárias para poupar dinheiro para a causa de Deus. *Ao mesmo tempo*, nos desgastávamos terrivelmente, a fim de realizar a grande quantidade de trabalho que parecia necessária em escrever, editar, viajar e pregar de Estado em Estado.

O ano de 1848 foi memorável, não só na história do adventismo, mas politicamente. As verdades da mensagem do terceiro anjo estavam bem definidas, e o caminho estava se abrindo em diversas direções para o avanço da obra. Naquele momento, os acontecimentos no mundo moral e político estavam assumindo uma forma calculada para despertar novamente a atenção dos estudantes das profecias. Não havia somente grande confusão entre as nações do Velho Mundo, mas em Hydesville, condado de Wayne, Nova Iorque, começaram as manifestações do espiritismo moderno, que os estudantes da Bíblia declararam tratar-se dos “espíritos de demônios, [...] [que] se dirigem aos reis do mundo com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso.”

Confusão entre as nações em 1848

No dia 21 de fevereiro de 1848, enquanto os cortesãos de Luís Filipe, da França, se reuniam em torno dele, ele declarou: “Jamais estive mais firmemente estabelecido no trono do império do que nesta noite.” No crepúsculo da noite seguinte, vestindo uma “jaqueta de marinheiro” e disfarçado de charreteiro, ele fugiu para fora dos muros da cidade de Paris, buscando refúgio por sua própria segurança. A causa desta grande mudança repentina parece haver resultado de uma ação de sua parte favorecendo a usurpação papal, a qual ofendeu seus súditos e seus soldados. Naquele dia, ele havia concluído, na cidade de Paris, uma grande revista militar do exército francês; e, enquanto suas armas estavam ensarilhadas, ele retornou ao palácio quando, de repente, um menininho pulou em cima de um canhão, acenando uma bandeira tricolor, gritando: “FORA COM O PAPA! FORA COM O PAPA!” À medida que os soldados uniram-se ao clamor, a coisa percorreu as fileiras rapidamente, de um lado para o outro, ganhando força à medida que avançava, até que um novo brado se uniu ao primeiro: “E FORA COM O REI!” Em poucas horas, toda a cidade de Paris vivia uma cena de terrível desordem. Os soldados, com armas na mão, acompanhados por uma turba, estavam correndo em direção ao palácio real. Ao ser informado do tumulto o rei apressou-se para fugir disfarçado.

Nações em alvoroço

A comoção e agitação da França se espalhou rapidamente para outros países. A Prússia, Hanôver, Sardenha, Sicília, Nápoles, Veneza, Lombardia, Toscana e Roma abraçaram o mesmo espírito amotinado. Dentro de três meses toda a Europa estava em comoção, e mais de trinta reinos e impérios estavam na maior desordem. Tronos eram queimados nas ruas, reis e imperadores fugiam e se escondiam por medo de perder a vida. Políticos previam que haveria uma revolução geral dos governos mundiais.

Muitos dos ministros adventistas que ainda não haviam ouvido a mensagem do terceiro anjo viram esta confusão e imaginaram ser ela o ajuntamento das nações para “a peleja do grande dia do Deus Todo-Poderoso” (Apocalipse 16:13-15).

Descoberta a mensagem do selamento

Naquele exato momento, por meio das Escrituras, os adventistas do sétimo dia estavam concluindo que o sábado do quarto mandamento era o *senal*, ou *selo*, do Deus vivo e que havia chegado a hora para a proclamação da *mensagem do selamento* de Apocalipse 10:1-4. Estavam planejando formas e meios para anunciar esta mensagem às pessoas. Enquanto os adventistas do sétimo dia estava se preparando para esta obra, os adventistas do primeiro dia diziam: “Vocês estão *atrasados* com sua *mensagem do selamento*, pois a peleja do grande dia e a própria vinda do Senhor já estão sobre nós.”

De repente, o tumulto se acalmou

Mais ou menos três meses depois, a revolta entre as nações se acalmou; no entanto, não foi devido a estarem resolvidos os seus problemas, mas de forma que os próprios jornalistas não conseguiam explicar. Horace Greeley, no *Tribuno* de Nova Iorque, faz uma declaração a respeito desse levante:

Foi uma grande surpresa para todos nós o que iniciou, tão repentinamente, essa confusão entre as nações, mas é uma surpresa ainda maior o que a deteve.

Senador Choate fala sobre a situação no velho mundo

Chegamos a 1851, onde encontramos o senador Choate, num discurso perante o Congresso dos Estados Unidos, referindo-se à situação predomi-

nante no Velho Mundo. Disse ele:

O que aquele estado e aspecto exatamente é, em que sombras, nuvens e trevas parecem pairar sobre nós, vocês entendem bem; quão totalmente instável. Pareceu-me como se as prerrogativas das coroas, os direitos dos homens e os ressentimentos acumulados de milhares de anos estivessem prestes a desembainhar a espada para um conflito em que o sangue fluísse, como na visão apocalíptica, “até os freios dos cavalos”, e nos quais uma raça inteira de pessoas havia de passar; em que o grande sino do tempo houvesse de soar mais uma hora; em que a própria sociedade fosse testada por ferro e fogo, quer seja ele da natureza e do Deus da natureza ou não.

O “testemunho” de 18 de novembro de 1848

Os que afirmavam que o alvoreço entre as nações em 1848 iria terminar com a vinda do Senhor ficaram tristemente desapontados. Mas o que se passou com os adventistas do sétimo dia que, em vez disso, afirmavam que era chegada a hora em que o “selo do Deus vivo Deus” deveria ser apresentado ao povo? Para responder a essa questão, citamos um trecho de um panfleto publicado pelo irmão José Bates no mês de janeiro de 1849. Referindo-se a uma circunstância ocorrida no dia 18 de novembro de 1848, ele afirmou:

Um pequeno grupo de irmãos e irmãs se havia congregado para uma reunião em Dorchester, perto de Boston, Massachusetts. Antes do início da reunião, alguns de nós estávamos examinando certos pontos da mensagem do selamento; haviam diferenças de opinião acerca do significado correto da palavra “subia”, etc., e sobre se havíamos feito da publicação da mensagem um objeto de oração na conferência de Topsham [Maine] que ocorrera pouco antes, e a forma de publicação não parecia suficientemente clara, portanto, resolvemos unanimemente levarmos tudo isso perante Deus. Depois de passarmos algum tempo em oração fervorosa por luz e instrução, Deus concedeu à irmã White a seguinte visão.

Citaremos as palavras como foram pronunciadas por ela, enquanto em visão:

Palavras faladas na visão

Onde brotou a luz? Permita que teu anjo nos ensine onde a luz irrompeu. Começou pequena, quando concedeste uma luz após outra. O testemunho e os mandamentos estão ligados entre si, não podem ser

separados; os dez mandamentos vêm em primeiro lugar, de Deus. Ele se agradou muito quando Sua lei começou a ganhar força, e os lugares devastados começaram a ser reconstruídos. Da fraqueza, ela tornou-se forte ao ser pesquisada Sua palavra. O teste sobre ela foi de um breve momento. É o selo! Está surgindo! Vai subindo, começando com o nascer do sol. Como o sol, primeiro friamente, vai aquecendo e envia seus raios. Quando aquela verdade surgiu, possuía apenas pouca luz, mas esta tem aumentado. Oh, que poder há nestes raios! Ela cresce em força. O peso e a luz da maior magnitude estão nesta verdade, pois ela dura eternamente, quando a Bíblia não é necessária. Surgiu lá no oriente; começou com uma pequena luz, mas seus raios são para a cura. Oh, quão poderosa é essa verdade; é a mais elevada desde que adentram a boa terra, mas vai aumentar até que sejam feitos imortais. Começou desde o nascer do sol, mantém seu curso como o sol, mas nunca se põe.

Os anjos estão segurando os quatro ventos. É Deus que restringe os poderes. Os anjos *não* soltaram, pois os santos não estão todos selados. [...] Quando Miguel se levantar, esta angústia estará sobre toda a terra. Ora, eles estão prontos para soprar. Foi posto uma freio porque os santos não estão selados. Sim, publique as coisas que tens visto e ouvido, e a bênção de Deus irá acompanhar. Veja! Esse *despontar* se dá em *força*, e se torna mais e mais brilhante. (*A Seal of the Living God*, p. 24-26).

Após sair desta visão, Ellen White disse a seu esposo:

Tenho uma mensagem para você. Você deve começar a imprimir um pequeno periódico e enviá-lo ao povo. Que seja pequeno no início; mas à medida que as pessoas lerem, lhe enviarão meios para imprimi-lo, e será um sucesso desde o começo. Desse pequeno começo, foi-me mostrado que seria como raios de luz que circundaram o mundo.

Questionável, de um ponto de vista humano

Estas previsões, acerca do *surgimento* e *propagação* da verdade do sábado, foram feitas em 1848. Naquele momento, analisando a situação de um ponto de vista humano, *racionalmente* se diria: “Esta previsão não pode jamais se cumprir.” Alguém comentou com um de nossos trabalhadores, logo após a previsão ser feita: “Vai demorar 144.000 anos para realizar o que vocês propõe.” “O quê?!” diriam eles, “três pregadores – o irmão White e sua esposa, e o irmão Bates – todos sem dinheiro, com menos de cem adeptos,

todos desprovidos de dinheiro, saindo com algumas centenas de exemplares de um panfleto de oitenta páginas sobre a questão do sábado, para soar uma mensagem de alerta a todo o mundo! *Pretensão ridícula!* Enquanto os que pensavam assim diziam: *“Impossível!”* a fé na mensagem e o testemunho de sucesso garantido diziam: “Em nome do Deus de Israel isso *será* feito! E, confiando na Sua força, isso *precisa* ser feito!”

Como o primeiro periódico adventista do sétimo dia foi impresso

Do momento em que foi dado o testemunho acerca da obra de publicação, muitas orações foram proferidas pelos observadores do sétimo dia, para que o Senhor abrisse o caminho para a impressão de um “pequeno periódico”. A grande necessidade era de dinheiro para garantir a publicação do primeiro número. No mês de junho de 1849, o irmão White teve a oportunidade de cortar quarenta acres de forragem, com uma foice de mão, a setenta e cinco centavos por acre; e assim, foi capaz de produzir o primeiro número do pequeno periódico. Pode ser apropriado, neste momento, inserir um fac-símile da primeira página do pequeno panfleto. O leitor pode ver, na primeira coluna, as palavras do irmão White, onde diz: “Só agora o caminho foi aberto para iniciar o trabalho.” Pode-se ver que foi o auto-sacrifício dele que “abriu o caminho”.

Relato de Ellen White sobre os primeiros periódicos

Ellen White fez a seguinte declaração a respeito do início da obra editorial:

Meu esposo começou a publicar um pequeno panfleto em Middletown, a 13 quilômetros de Rocky Hill, Connecticut, e, com frequência, fez essa distância a pé, ida e volta, embora, na época, estivesse mancando. Quando trouxe a primeira edição do escritório de impressão, todos nós nos prostramos ao redor, pedindo ao Senhor, com corações humildes e muitas lágrimas, que derramasse suas bênçãos sobre os débeis esforços de seu servo. Ele, então, endereçou o panfleto a todos aqueles que imaginava que o leriam, e levou-o para o correio em uma bolsa feita de carpete. Cada edição era levada de Middletown para Rocky Hill e, antes de serem preparados para os correios, eram postos perante o Senhor e fervorosas orações, misturada com lágrimas, eram elevadas a Deus, para que sua bênção acompanhasse os mensageiros

silenciosos. Logo chegaram cartas trazendo recursos para publicar o periódico e as boas novas de que muitas almas estavam abraçando a verdade (*Life Sketches*, p. 260).

A predição de apoio à publicação do periódico se cumpre

É com sentimentos mais profundos do que o mero interesse que apresentamos a primeira página do primeiro periódico publicado pelos adventistas do sétimo dia. O volume completo da revista *Present Truth* consistia em onze panfletos de oito páginas, com duas colunas em cada. O texto na página media 12 x 20 centímetros. Os números 1-4 foram impressos em julho, agosto e setembro, em Middletown, Connecticut. Os números 5-9 foram impressos em Oswego, Nova Iorque, e são datados de dezembro de 1849, março, abril e maio de 1850. O número 11 é datado de novembro de 1850, e foi impresso em Paris, Maine. No número 6, o irmão White disse:

Durante a publicação dos primeiros quatro números, recebemos mais do que o suficiente em dinheiro para pagar pelos panfletos. Este foi usado para pagar nossas despesas nas reuniões que temos assistido.

Durante o ano de 1849, sob a influência desses panfletos e dos esforços pioneiros do irmão Bates, muitos aceitaram a mensagem em Vermont, Michigan, e outros Estados.

Em contraste com a situação nada promissora da obra em 1848, vamos considerar alguns fatos como existiam em 1905. Assim, seremos melhor habilitados a julgar o resultado final desta causa, vendo quem estava certo: aqueles que se opunham ao início humilde da mensagem, ou o Deus do céu, que falou através de sua serva do “*aumento*” em força da obra do “*selamento*”.

Progresso na obra de publicação

Esta verdade está, agora, sendo proclamada e publicada em cerca de quarenta das principais línguas do mundo. Em vez de três ministros, existem mais de 600, contando aqueles que são ordenados e os licenciados, além de centenas de outros que trabalham como médicos, obreiros bíblicos, professores e médicos missionários. A literatura da denominação é apresentada em mais de cinquenta revistas diferentes, que são impressas em cerca de vinte editoras localizadas na Europa, Ásia, África, América do Norte e do Sul, ilhas do Pacífico e Austrália. Nestas editoras são publicados mais de

mil e cem livros, folhetos e panfletos variados. Para obter uma cópia de cada um, com a assinatura das revistas por um ano, seria necessário cerca de 340 dólares. Em vez de apenas cem adeptos, há cerca de 100.000 que estão se regozijando nesta verdade. Verdadeiramente esta mensagem, assim como o sol, está “despontando”, e podemos afirmar, usando o linguajar do testemunho de 1848, “Oh, que *poder* há nestes raios!”

A condição das nações

Enquanto a mensagem tem assim avançando, qual tem sido a condição das nações? Desde aquela época, nos jornais públicos, muitas vezes temos sido convidados a pronunciar declarações sobre a guerra geral que, em breve, deve ocorrer na Europa. Embora tenha havido alguns conflitos aqui, e um surto acolá, o “tufão” mundial é retido; aos “quatro ventos” não é permitido soprar de uma vez, “até que os servos de Deus sejam selados”. É evidente para todos que os elementos de conflito e guerra existem, mas não explodem porque são mantidos sob controle.

Henry Ward Beecher, não muito tempo antes de sua morte, referiu-se à ideia de manter tão grandes exércitos na Europa como se isso “extraísse o sangue de antemão, por temer que fosse derramado.” A situação existente entre as nações, com seus rancores e hostilidades, e a atitude ameaçadora de uma para com a outra, ele comparou a uma “paralisia completa”, causada por um grupo de homens apontando punhais no peito um do outro, sem que ninguém se atrevesse a dar o golpe, por medo de também ser golpeado. “Contudo”, disse ele, “alguns deles em breve encontrarão o momento favorável para atacar e então virá a guerra universal”.

Comparação do arsenal de guerra

Desde 1848, foram construídos instrumentos de guerra que, se comparados com os *melhores* que haviam então, faria com que parecessem hoje meros brinquedos. A “Associação da Paz” da América, ao fazer o seu convite aos serviços da paz no domingo da Paz – 15 de dezembro de 1895 – afirmou:

Na atualidade, enquanto existe um avanço decidido no desenvolvimento social, há, por outro lado, uma preparação para a guerra entre as nações maior do que nunca.

O General Miles fala sobre os preparos para a guerra

O General Nelson A. Miles, em um discurso para a Assembleia em Washington, D.C., 12 de janeiro de 1904, disse:

Nesta era esclarecida de progresso, e de uma civilização inteligente e refinada, seria gratificante acreditar que os encargos e os perigos da guerra têm diminuído; no entanto, por estranho que possa parecer, nunca houve um tempo, na história do planeta, em que tanta riqueza fosse desperdiçada no preparo para a guerra, nem no qual tantos milhões de homens treinados, qualificados e disciplinados, munidos com as armas mais destrutivas, fossem retirados das avenidas da indústria pacífica, quanto no tempo presente.

Mas o turbilhão da guerra ainda se pospõe, enquanto a *obra de selamento* continua.

Capítulo 18



PROVIDÊNCIA DE DEUS NA OBRA DE PUBLICAÇÕES

“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa” (Oseias 6:3).

A té o mês de junho de 1849, a obra do irmão White e esposa, e do irmão Bates, estava confinada aos Estados da Nova Inglaterra. Nesta época, a Srta. Clarissa Bonfoey, de Middletown, Connecticut, se agregou à família White. Pouco tempo antes, sua mãe havia morrido, deixando-lhe todas as coisas necessárias para um pequeno lar. Assim, o irmão White pôde, novamente, estabelecer um lar; e fez isso em uma parte da casa do Sr. Belden, em Rocky Hill, Connecticut.

O começo do espiritismo moderno

Em 24 de março de 1849, uma assembleia geral foi realizada em Topsham, Maine. Naquele sábado, Ellen White recebeu uma visão cujo assunto era da maior importância. Talvez, uma compreensão geral da situação de então proporcionará uma melhor apreciação pela visão.

No fim de março de 1848, em Hydesville, condado de Wayne, Nova Iorque, começaram os “ruídos misteriosos”, ou, o que mais tarde se tornou conhecido como “batidas dos espíritos”. Isto ocorreu pela primeira vez na casa da família Fox. Na parte final do verão, esta família mudou-se para Rochester, Nova Iorque, onde, no saguão Coríntio, foram feitas manifestações públicas e as meninas foram submetidas a exames minuciosos, por comissões compostas de homens e mulheres selecionados, para tal propósito, dentre os melhores cidadãos. Embora a maioria das pessoas encarasse as batidas como uma farsa ou algum truque ou artifício, os mais crédulos mal imaginavam que isso chegaria a grandes proporções.

Previsões relativas ao espiritismo

Na visão mencionada acima, Ellen White viu que as batidas misteriosas, em Rochester e em outros lugares, eram o poder de Satanás e que tais coisas se tornariam mais e mais comuns; que seriam revestidas com roupagem religiosa para tranquilizar os que haviam sido enganados, transmitindo-lhes ainda maior segurança, e para atrair a mente do povo de Deus, se possível, a estas coisas, fazendo-o duvidar da instrução dada pelo Espírito Santo.

Porém poucos, naquele tempo, tinham qualquer noção de que o Espiritismo se alastraria pelo mundo, como se havia então previsto, ou que algum dia iria admitir ser uma religião, organizada regularmente com igrejas e pastores.

Predição cumprida

O cumprimento da profecia, porém, é óbvio, se considerarmos sua membresia, declarada como representando 10.000.000 apenas nos Estados Unidos. Quanto a sua roupagem religiosa, lemos o seguinte na *Review and Herald*, Washington, DC, de 12 de novembro de 1903:

Na recente convenção da Associação Nacional dos Espíritas, realizada nesta cidade, adotou-se um novo ritual. Medidas foram tomadas para a “ordenação” de pastores ou ministros, e um grupo de crentes no Espiritualismo foi reconhecido como “igreja”. Isso se pode ver na seguinte seção deste novo ritual:

“Nenhum pastor ou ministro deve ser estabelecido sobre uma igreja ou sociedade sem antes haver sido formalmente empossado no cargo pelo que, desde os primórdios da história religiosa, tem sido conhecido como o serviço de ordenação. Ninguém pode se tornar um candidato à ordenação até que tenha recebido um chamado para pastorear alguma igreja ou sociedade, ou tenha sido nomeado missionário pela Associação Espírita de algum Estado, incorporada no Estado em que está localizada como um organização religiosa, ou pela Associação Nacional Espírita dos Estados Unidos da América. Todos os candidatos ao pastorado ou à obra missionária devem ter pelo menos três anos de plena comunhão com alguma igreja ou sociedade espírita, e, por pelo menos dois anos, ter uma licença de pregador experimental emitida por uma Associação Estadual ou Nacional. Pastores estabelecidos por menos do que um ano civil serão inelegíveis para a ordenação”.

O irmão White em Oswego, Nova Iorque

Sendo que a obra de publicações estava localizada em Oswego, Nova Iorque, o irmão White mudou-se de Connecticut para ali no outono de 1849. Neste lugar, em 3 de novembro do mesmo ano, ele realizou uma conferência para os membros crentes. A respeito de seu trabalho subsequente Ellen White declara:

Decidimos, então, que era nosso dever trabalhar no Estado de Nova Iorque. Meu esposo sentiu que precisava escrever e publicar. Alugamos uma casa em Oswego, tomamos emprestado os móveis de nossos irmãos e organizamos a vida doméstica. Ali meu esposo escrevia, publicava e pregava. Era-lhe necessário manter sempre a armadura, pois, com frequência, tinha de lutar com professos adventistas que defendiam o erro, os quais pregavam o tempo definido, e buscavam introduzir preconceito, em todos quantos pudessem, contra nossa fé (*Life Sketches*, p. 128).

Publicada a revista *Second Advent Review*

No Outono de 1850, considerou-se oportuno mudar novamente; consequentemente, o irmão White mudou-se para Paris, Maine, onde o primeiro volume da *Second Advent Review and Sabbath Herald* foi publicado de modo quinzenal, composto por treze números, cada um contendo oito páginas de duas colunas, cujo tamanho era 18 x 26 centímetros. O primeiro número foi datado do Novembro seguinte, e o último número, de 9 de junho de 1851.

O tamanho ampliado do jornal sobre a *Verdade Presente* era um ótimo indicador para a expansão proporcional da verdade, o aumento de obreiros na causa e de patrocinadores da obra. Já que a distribuição do periódico era gratuita, era de se esperar que os simpatizantes da causa ajudassem em sua publicação, e eles realmente o fizeram. Embora a comunidade de crentes fosse composta principalmente por pessoas de condições financeiras reduzidas, estas contribuíam segundo o Senhor lhes fazia prosperar e, conforme sua capacidade, ajudaram a avançar a caravana da verdade.

J. N. Andrews começa a pregar

Nessa mesma época, J. N. Andrews, que morava em Paris, Maine, iniciou seu trabalho público como ministro do evangelho e escritor de temas religiosos. Na *Review* de maio de 1851, publicou um artigo de cinco pá-

ginas sobre o tema das três mensagens [angélicas]. Nesse artigo, aplicou a profecia da besta de dois chifres, relatada em Apocalipse 13, aos Estados Unidos. Com base apenas na força da profecia, assumiu a posição de que a obrigação da guarda do domingo, em lugar do sábado, seria o ponto em que, finalmente, nesta nação, seria estabelecida a união entre igreja e estado. Seu argumento se baseava unicamente na profecia e, uma vez que nenhum movimento, naquela época, apontava de maneira expressiva em favor do estabelecimento do domingo como dia de guarda, a declaração mais forte que podemos encontrar nesse sentido é uma do Dr. Durbin, extraída do *Jornal e Advogado Cristão*, que dizia:

Quando o cristianismo *se torna* a vida moral e espiritual do Estado, o Estado fica obrigado, por meio de seus magistrados, a impedir a violação aberta do santo Sábado [referindo-se ao domingo – do inglês: Sabbath], como medida de autopreservação.

Vendendo fazendas para ajudar no trabalho

Foi nessa época que homens como Hiram Edson, de Nova Iorque, e Cyrenius Smith, de Jackson, Michigan, foram levados a vender suas fazendas, cada uma valendo 3.500 dólares, e alugar fazendas para seu próprio uso, a fim de que tivessem meios para ajudar nos diversos empreendimentos que surgiriam na propagação da mensagem.

Mudança da obra de publicações para Saratoga

Em 1851, o irmão White mudou de Paris, Maine, para Saratoga Springs, Nova Iorque, e novamente aqui, com móveis emprestados, montou sua casa e publicou o segundo volume da *Advent Review*, com o primeiro número datando de 5 de agosto do mesmo ano. Este volume consistiu de catorze números, e foi publicado quinzenalmente. O último número foi publicado em 23 de março de 1852. O nome do periódico sofreu uma leve alteração, passando de *Second Advent Review*, como no Vol. 1, para *Advent Review and Sabbath Herald*, nome que ainda mantém no seu 82º volume. O tamanho da revista aumentou para três colunas, oito páginas, a página impressa medindo 21 x 30 centímetros.

Será visto, pelo aumento de tamanho do que foi e ainda é a revista denominacional, que todas as mudanças foram para melhor, mostrando um moderado grau de prosperidade e fornecendo marcante evidência que a obra do terceiro anjo “tinha vindo para ficar”.

A publicação em Rochester – Possuindo uma prensa manual

Em 6 de maio de 1852, o primeiro número do Volume 3 da *Advent Review and Sabbath Herald* foi publicado em Rochester, Nova Iorque, e foi impresso em uma prensa que, com seus tipos, era de propriedade dos adventistas do sétimo dia. Hiram Edson tinha adiantado uma soma para comprar uma prensa manual modelo Washington, com os tipos e os materiais necessários para suprir o escritório. Ficou acertado de que ele receberia seu dinheiro de volta à medida que chegassem doações dos amigos da verdade. Aquela prensa manual permaneceu no escritório da *Review and Herald* em Battle Creek, Michigan, até ser consumida pelo fogo em 30 de dezembro de 1902. Na época, era considerada a melhor impressora de prova [livro impresso para testes] do escritório. No número 12, Vol. 3, de 14 de outubro de 1852, foi feito um anúncio de que o custo de estabelecimento do escritório com a prensa e os materiais era de 652,93 dólares, e o que se havia recebido para tal propósito, até essa data, totalizava 655,84 dólares. Dessas 12 edições da revista, foram impressos e distribuídos gratuitamente 2.000 exemplares de cada.

Começa a *Youth's Instructor* [Revista Jovem Adventista]

Em agosto, começou, no escritório da *Review*, a publicação da *Youth's Instructor*, uma revista mensal. Agora ela é semanal, e cada número possui quatro vezes mais conteúdo do que continha naquela época.

Urias Smith se une ao escritório

Em 1853, o irmão Urias Smith começou a trabalhar no escritório da *Review and Herald*, onde ocupou uma posição de responsabilidade por cinquenta anos. Naquele ano foi declarado pela primeira vez na *Review and Herald* que, se alguém desejasse comprar nossas publicações, poderia fazê-lo pagando o preço de custo. Para todos os demais, o material impresso era gratuito, já que o déficit era coberto pelas doações de pessoas de coração generoso e disposto. Em 1854, foi anunciado que o preço da *Review* quinzenal seria de 1 dólar por ano. Nesse mesmo ano, em uma reunião na tenda realizada no condado de McComb, Michigan, no mês de julho, foi feita uma tentativa de vender nossas publicações. Durante essa reunião, foram vendidos livros totalizando 50 dólares. O irmão White, falando dessa tentativa, escreveu na *Review*: “Isso mostra que nossos livros podem ser vendidos.”

Fundo de 500 dólares para publicação

Na *Review* de 12 de outubro e 24 de dezembro de 1854, foram feitos apelos para conseguir um fundo de 500 dólares, de modo que o escritório pudesse prover aos ministros panfletos para serem distribuídos gratuitamente em conexão com seu trabalho, e também para que houvesse um

fundo de emergência de 500 dólares para o escritório, a fim de que a *Review* pudesse ser publicada regularmente a cada semana, em vez de, ocasionalmente, pular alguma semana por falta de fundos.

J. P. Kellogg e Henry Lyon vendem suas fazendas

Foi neste período que J. P. Kellogg, de Tyrone, e Henry Lyon, que vivia perto de Plymouth, Michigan, venderam suas fazendas, cada uma valendo aproximadamente 3.500 dólares, com o único propósito de obter meios para usar no avanço da obra; e assim, mais dois irmãos em Michigan, em um momento oportuno, se prontificaram com recursos e corações dispostos a apoiar onde a ajuda fosse mais necessária. O primeiro se dedicou à fabricação de vassouras, em Jackson, Michigan, enquanto que o segundo mudou-se para Battle Creek e trabalhou no ofício da carpintaria para sustentar sua família.

Todos os nossos artigos e livros por 3 dólares

No final do Volume 4, em junho de 1855, podia-se obter a *Review* e o *Instructor* por um ano, além de um conjunto completo de todos os panfletos, folhetos, e um hinário, como se usava então – vinte e seis panfletos e folhetos – pela quantia de 3 dólares. O preço estabelecido do *Instructor* era de vinte e cinco centavos por doze números.

Pedido de que o escritório da Review seja transferido para Michigan

No mês de abril de 1855, o irmão White e sua esposa visitaram Michigan novamente e realizaram reuniões em vários lugares. Nos dias 28 e 29 do mesmo mês, realizou-se uma conferência em Battle Creek, na qual os irmãos da cidade votaram convidar o irmão White a transferir o escritório da *Review* de Rochester para Battle Creek. Dan Palmer, Cyrenius Smith, J. P. Kellogg e Henry Lyon concordaram em fornecer 300 dólares cada, sem juros, somando 1.200 dólares, para comprar um terreno e construir um es-

critório de publicações. Assim, adquiriram um terreno na esquina sudeste das ruas West Main e Washington, e ali construíram um prédio de madeira de dois andares, com dimensões de 6 x 9 metros, com pilares de 6 metros.

Primeira sala de reuniões em Battle Creek

Naquela mesma estação a primeira sala de reuniões dos adventistas do sétimo dia em Battle Creek foi erigida, medindo 5,5 x 7,3 metros. Este modesto edifício, coberto de alto a baixo com tábuas e ripas, localizava-se perto da esquina noroeste das ruas Van Buren e Cass.

Nosso primeiro escritório de publicações

O primeiro número da *Review* publicado em Battle Creek, num escritório de propriedade dos adventistas do sétimo dia, foi datado de 4 de dezembro de 1855. O preço do periódico foi então estabelecido a 1 dólar por volume contendo vinte e seis números; mas foram solicitadas doações para enviar a revista gratuitamente às pessoas pobres que fossem dignas. A partir deste momento, os irmãos Waggoner e Cottrell foram colunistas quase constantes da *Advent Review*.

Na *Review* de 18 de dezembro de 1855, a Comissão editorial fez uma declaração que pode soar estranha para os atuais trabalhadores do escritório. Dizia assim:

Não vemos porquê os que trabalham no escritório não deveriam receber uma compensação merecida pelos seus serviços. O editor ganha apenas metade do que poderia ganhar em outro lugar.

Deve-se mencionar que os salários da época não chegavam a metade do que são hoje, e que a “metade” a que se referiu na época, não passava de um terço ou um quarto do que o escritório paga hoje por trabalho semelhante. Os trabalhadores do escritório, na época, doavam metade do valor de seus serviços para que o evangelho da verdade presente pudesse ser publicado.

Apelo por uma prensa a motor

Na *Review* de 19 de março de 1857, foi sugerido pela primeira vez que havia a necessidade de uma prensa a motor para a impressão das revistas, folhetos e livros. Conforme relatado em 2 de abril, tomou-se a decisão de comprar uma prensa Adams, e sete pessoas prometeram contribuir com 100

dólares cada para adquiri-la. Na edição seguinte, declarou-se que a prensa e o motor custariam cerca de 2.500 dólares e que as contribuições já haviam atingido 1.700 dólares.

Em um editorial do irmão White, na *Review* de 13 de agosto de 1857, encontra-se esta animadora declaração:

Nosso escritório está livre. Temos um fundo geral de livros de 1.426 dólares, agora investido em livros. A nova prensa motorizada está em operação e opera muito bem, e há uma boa probabilidade de que, em breve, será operada a vapor, e com tudo pago. Nossos programas de tenda estão muito melhor sustentados do que anteriormente.

Primeiro relatório de venda de livros

Em 29 de outubro de 1857, foi relatado na *Review* que a venda de livros referente aos dois anos anteriores havia sido de 1.287,91 dólares, sendo este o primeiro relatório do tipo feito até então. Indicava que houve progresso na causa, constituindo, portanto, numa fonte de encorajamento, pois mostrava que a verdade estava ganhando força, e “como correntes de luz, estava circundando o mundo.”

Escritório da *Review*: um cofre seguro

Na *Review* de 13 de agosto de 1858, foi divulgada, pela primeira vez, a ideia de que nosso povo fizesse do escritório um local de depósito de seus recursos excedentes. Aqueles que não tinham uma utilidade imediata para seu dinheiro poderiam fazer do escritório um depósito, retirando o dinheiro, sob solicitação, a qualquer momento em que dele tivessem necessidade. Com isso, dariam ao escritório o benefício de usá-lo. Quando esta sugestão foi posta em prática, proporcionou à obra independência financeira ainda maior.

Desde aquela época até hoje (1905), ninguém jamais perdeu um dólar sequer do valor que havia assim sido emprestado a nossas casas editoriais, ou não recebeu seu dinheiro no momento em que o solicitou. Pessoas sinceras e atentas têm considerado nossos escritórios de publicação um lugar mais seguro, para depositar seu excedente, que os bancos, pois os bancos têm entrado muitas vezes em falência. Os bancos têm crédito mundano, enquanto que nossas casas de publicação têm a força de toda a denominação por seu “apoio”.

Organizada a Associação de Publicações Adventista do Sétimo Dia

A Associação de Publicações Adventista do Sétimo Dia foi organizada em 3 de maio de 1861, e correspondências foram circuladas solicitando assinaturas para o capital a 10 dólares por ação. Em duas semanas, foi anunciado que as ações já somavam 4.080 dólares.

Começando em 11 de junho daquele ano, a *Review* passou a ser publicada pela Associação de Publicações Adventista do Sétimo Dia. O primeiro prédio de escritórios construído pela Associação localizava-se na esquina sudeste entre as ruas Main e Washington, no local de onde o edifício com fachada antiga havia sido removido para a rua Kalamazoo. Esta estrutura era de dois andares, com paredes de tijolo maciço. Tinha a forma de uma cruz grega e a fachada era virada para o norte na rua Main. As extremidades opostas Leste-Oeste distavam 13 metros, e norte-sul, 22 metros.

Primeiras publicações em outras línguas

A mensagem avançava passo a passo e cada movimento vigoroso tendeu a fortalecer e consolidar a obra. Nessa época, nossa editora emitia cinco panfletos em línguas estrangeiras, três em dinamarco-norueguês e dois em língua francesa; assim foi iniciada a publicação para países estrangeiros.

Com o aumento contínuo da membresia, houve um crescimento estável e contínuo nas finanças. Isto é indicado pelo relatório da *Review* em 16 de maio de 1863, no qual o secretário da Associação deu a seguinte declaração sobre o total das receitas:

Recebido em ações e doações para a Associação até hoje	10.374,13
Recebido do escritório em Rochester	700,00
Recebido para materiais adicionais	300,00
Recebido para o fundo de livros	1.355,00
Recebido para a prensa a motor	2.500,00
Total	15.229,13 dólares

O secretário afirmou ainda mais:

Fazendo uma estimativa conservadora sobre a propriedade da Associação, seu valor calculado não deve ser inferior a 20.000 dólares, que é cerca de 5.000 dólares a mais do que o valor que custou aos amigos da causa. Isto testifica da integridade e fidelidade do irmão White e de seus associados no escritório da *Review*. E. S. Walker, *secretário*.

Transferência da *Review* para a Associação de Publicações

Já que o trabalho editorial havia atingido esses resultados pelo empenho e abnegados sacrifícios do irmão White, os lucros decorrentes virtualmente lhe pertenciam; pois o rendimento, de fato, provinha de sua abnegação, sua habilidade com os negócios e meticulosa administração. Mas, em vez de reivindicar para si os lucros, ou mesmo parte deles, alegremente entregou tudo à igreja. E ainda mais; quando a Associação, após ser organizada, votou que ele deveria receber 6 dólares por semana por seus serviços prestados, ele aceitou apenas 4 dólares por semana.

Uma revista na costa do Pacífico

Na *Review* de 21 de abril de 1874, havia um artigo do irmão White, no qual, comentando sobre a obra na costa do Pacífico [a costa oeste dos EUA], ele afirmou que logo haveria necessidade de se estabelecer uma revista semanal dedicada aos interesses da causa naquele local. Pouco tempo depois, abriu-se o caminho para a compra de uma pequena quantidade de tipos e materiais, em Oakland, com os quais, no mês de junho, iniciou-se uma publicação quinzenal chamada *Signs of the Times*.

Levantando Recursos

Após a impressão de seis números da *Signs*, o irmão White retornou à costa leste, solicitando à Associação da Califórnia que tomasse medidas para a publicação da revista. Na Conferência Geral, em 15 de agosto de 1874, foi proposto aos irmãos da costa leste que levantassem 6.000 dólares para a comprar a prensa, o motor, e os tipos para o escritório da *Signs*, se os irmãos na costa do Pacífico levantassem 4.000 dólares para adquirir um local e erguer um edifício apropriado para um escritório.

O irmão George I. Butler, na época um membro da Comissão da Conferência Geral, participou da reunião campal em Yountville, na Califórnia, e apresentou a proposta aos irmãos. Em 11 de outubro de 1874, eles responderam ao apelo comprometendo-se a doar a soma de 19.414 dólares em dinheiro.

É estabelecida a Pacific Press

Em 2 de fevereiro de 1875, o irmão Tiago White e sua esposa chegaram em Oakland, acompanhados pelo irmão J. H. Waggoner e outros

eficientes obreiros. No dia 12 do mesmo mês, foi convocada uma reunião especial da Associação da Califórnia, com o fim de encontrar um local para a construção de edifícios para o escritório da *Signs of the Times*. Após discutirem o assunto, decidiu-se adquirir os terrenos no lado oeste da rua Castro, entre as ruas 11 e 12. No mesmo dia, o irmão White e John Morrison compraram aqueles terrenos, registrando-os em seus próprios nomes, entendendo que, quando a Associação fosse formada, transfeririam para a Associação toda a quantidade de terra que fosse necessária para o uso da corporação.

No dia 1° de abril de 1875, a Associação Adventista do Sétimo Dia de Publicações do Pacífico foi formada em Oakland, com seu capital em ações fixado em 28.000 dólares. Conforme combinado, a parte central dos terrenos na rua Castro foi registrada no nome da Associação e um edifício foi prontamente construído por O. B. Jones, de Battle Creek, Michigan; sua forma e dimensões eram as mesmas que as do escritório erigido em Battle Creek, com a exceção de que, em Oakland, foi construído de madeira, em vez de tijolos. Assim que o edifício ficou pronto para ser ocupado, a *Signs of the Times* foi transferida para sua nova sede na sexta-feira, dia 27 agosto de 1875.

Mudança para Mountain View

A publicação de revistas e livros foi desenvolvida com êxito neste edifício até 1904, quando medidas foram tomadas para transferir a publicadora para o campo. O gerente da Pacific Press explica a razão para tal mudança com estas palavras:

Durante anos a direção da Pacific Press Publishing Company sentiu que o terreno agora ocupado por sua editora é caro demais, e o espaço muito apertado, no coração de uma grande cidade, numa área residencial, para fins de fábrica, e que há sabedoria, em muitos aspectos, ao procurar algum lugar rural, onde a terra é menos valiosa, onde os funcionários possam adquirir casas com arredores saudáveis, com espaço suficiente para jardins, árvores frutíferas e espaço para respirar, onde haja boas vantagens de envio de materiais. Tal local foi encontrado e adquirido no vilarejo de Mountain View, Condado de Santa Clara, 63 quilômetros ao sul de São Francisco, um lugar que une muitas das vantagens da cidade com os benefícios de uma saudável vida no campo.

Início da publicação em terras estrangeiras

Como indicador da propagação da verdade, constatamos que, entre 1875 e 1878, a obra de publicações foi iniciada em Basileia, na Suíça, e em Oslo, na Noruega.

No outono de 1875, foi publicado um relatório na *Review* de que a venda de livros, durante sete anos, de 1868 a 1875, levando em conta apenas o escritório da *Review and Herald*, totalizou 85.644,54 dólares, cerca de seis vezes mais do que os sete anos anteriores, e as vendas dos quatro escritórios juntos (Michigan, Califórnia, Suíça e Noruega), durante três anos, de 1875 a 1878, foi de 98.163,73 dólares.

Na *Review* de 17 de outubro de 1878, declara-se que todos os livros, panfletos e folhetos impressos pelo escritório da *Review* antes de 1864 somavam 50.058.000 páginas. De 1864 a 1878, o número de páginas era 158.130.951, ou seja, um total de 208.188.951 páginas.

O *Youth's Instructor* torna-se semanal

Até o dia primeiro de janeiro de 1879, o *Youth's Instructor* era publicado mensalmente, mas nessa data, ao iniciar seu trigésimo primeiro ano, passou a ser emitido semanalmente; assim, sua utilidade quadruplicou.

O que o irmão White entregou à Associação

Na *Review* de 23 de janeiro de 1879, há algumas declarações, feitas pelo irmão White, sobre sua conexão com a causa. Penso ser este o lugar apropriado de apresentá-las, pois lançam maior luz sobre os sacrifícios feitos na obra de publicação. A citação diz:

Quando, em 1861, a Associação de Publicações foi instituída em Battle Creek, Michigan, entregamos à Associação nossa lista de assinantes e o direito de republicar todas as nossas obras (que haviam sido avaliadas em 10.000 dólares), restando-nos apenas o valor de 1.000 dólares; e continuamos nosso trabalho de editor, gerente, e pregador a 6 dólares por semana.

Em 1866, quando voltamos para o escritório da *Review*, após grave enfermidade, encontramos os administradores pagando dez por cento em milhares, e as ações reduzidas para 32.000 dólares (3 mil dólares a menos do que o capital investido e doações que haviam entrado);

contudo, em quatro anos, com a bênção de Deus, as dívidas foram pagas, as ações aumentaram para 75.000 dólares, e nós [a Associação] tínhamos 5.000 dólares no banco.

Situação da Editora em 1880

Na *Review* de 15 de janeiro de 1880, o irmão Butler declara:

Nossa editora (em Battle Creek) foi recentemente ampliada com a construção de uma porção central entre os dois edifícios ao Leste, resultando, assim, num aumento substancial da capacidade e conveniência de todos. Existem salas para eletrotipagem, estereotipagem, e para produzir excelente encadernação. De fato, é declarado por aqueles que entendem do assunto que esta é a mais perfeita e completa editora no Estado de Michigan.

Não obstante esta ampliação, tornou-se necessário, antes do término do verão, construir um novo edifício ao sul do edifício principal, para a sala de impressão. As cinco prensas motorizadas da Associação foram transferidas para essa sala. Uma dessas prensas era maior do que qualquer outra utilizada no escritório até então. Outra do mesmo tamanho e estilo também havia acabado de ser instalada no escritório da *Signs of the Times*, em Oakland, Califórnia.

Na *Review* de 17 de maio de 1881, referindo-se ao sucesso da obra de publicação na editora central em Battle Creek, o irmão White disse:

Subtraia o total de dívidas da Associação de Publicações Adventista do Sétimo Dia de uma cuidadosa fatura da propriedade, e restam, em imóveis e bens, não menos que 105.000 dólares. Desse total, nosso povo tem dado por meio de ações, doações e legados, a soma de 34.432,17 dólares, e alguns poucos homens e mulheres fiéis, que dedicaram suas vidas à obra, adicionaram [não em doações, mas pelo sacrifício e uma cuidadosa administração] 70.567,83 dólares.

Inauguração da obra da colportagem

Começando em 1881, nosso povo realizou um novo empreendimento, iniciando a obra de colportagem para a venda de nossas publicações. Como não há relatos precisos, feitos pelos colportores, sobre suas vendas, até o ano de 1884, nosso relatório desse período é feito a partir do total de vendas relatadas pelas quatro editoras. De acordo com seus números, as vendas du-

rante cinco anos foram de 221.248,69 dólares. À medida que a influência do trabalho se estendeu de nossas missões na Europa Central e países escandinavos, a demanda por publicações em idiomas estrangeiros aumentou.

Venda de livros durante 10 anos

De 1884 a 1894, um período de dez anos, a venda de nossos grandes livros encadernados era, em grande parte, realizada pelos colportores. Suas vendas neste período foram de 4.031.391,26 dólares. Nessa época, nossa obra foi ampliada pelo estabelecimento de editoras na Austrália, no Taiti, uma das ilhas do Pacífico, em Helsinque, na Finlândia; em Hamburgo, na Alemanha e em outros lugares. Segundo os relatórios, as vendas dos colportores no ano de 1895, apesar dos tempos terem sido difíceis naquele ano, foram de 357.467,23 dólares, o que, incluindo as vendas já mencionadas, faz um total geral de 4.816.773,73 dólares.

Venda de 50 anos – 11 milhões de dólares

Para saber o valor total das vendas de 1854 a 1 de janeiro de 1896, devemos ainda adicionar os números relativos à venda de livros, panfletos, folhetos e diagramas, relatados por todas as editoras durante os dez anos mencionados acima. Tal montante é de 3.458.278,23 dólares, que resulta em um total de venda de livros da denominação, por vinte e dois anos, de 8.275.051,96 dólares. Em outras palavras: as vendas de trinta anos (1854-1884) foram 424.915,24 dólares, e pelos doze anos seguintes, até 1 de janeiro de 1896, 7.850.136,72 de dólares. Apesar da força no campo da colportagem ter diminuído nos últimos oito anos, é uma estimativa segura dizer que, a partir de 1854 até o presente momento (1905), foram vendidos mais de 11.000.000 de dólares em publicações adventistas do sétimo dia.

Publicando em cerca de 40 línguas

O progresso da mensagem em forma impressa fica evidente ao se considerar que foram dados os primeiros passos nesse sentido em cerca de quarenta das principais línguas, tais como o árabe, armênio, soto do sul, tcheco, búlgaro, bengali-índia, chinês, dinamarquês, inglês, estoniano, finlandês, francês, fijiano, grego, alemão, holandês, húngaro, havaiano, italiano, islandês, japonês, xhosa, letão, livoniano, maori, polonês, português, romeno, russo, sérvio, espanhol, sueco, taitiano, tonganês, galês, etc. Nestes vários países e

nacionalidades existem trabalhadores ativos que estão propagando a verdade da terceira mensagem [angélica].

O número de livros, panfletos e folhetos impressos em diferentes línguas é maior que mil cento e oitenta e sete. Adquirir uma cópia de cada, e dos oitenta e sete periódicos da denominação em diferentes línguas por um ano, custaria cerca de 340 dólares [os 87 periódicos estão listados no Yearbook da Associação Geral de 1904].

Localização das 20 editoras

As vinte editoras dos adventistas do sétimo dia estão localizadas: em Avondale, na Austrália; Battle Creek, estado de Michigan (2); Basileia, na Suíça; Oslo, na Noruega; Copenhague, na Dinamarca; Cidade do Cabo, na África do Sul; Calcutá, na Índia; College View, estado de Nebraska; Hamburgo, na Alemanha; Helsinque, na Finlândia; Londres, na Inglaterra; Melbourne, na Austrália; Montreal, no Canadá; Nashville, estado do Tennessee; Oakland, estado da Califórnia; South Lancaster, estado de Massachusetts; Estocolmo, na Suécia; Tacubaya, no México; e em Washington, DC. Além dessas editoras, nosso povo está imprimindo periódicos e panfletos em Hong Kong, na China; Tóquio, no Japão; Cairo, no Egito; na América do Sul e nas Ilhas Fiji.

Publicando os primeiros panfletos

Por um momento, vamos olhar retrospectivamente para as facilidades que os pioneiros tinham disponíveis para trabalho. No outono de 1853, na produção do primeiro livro impresso na prensa Washington, intitulado “O Santuário”, após um grupo de irmãs haver dobrado e recolhido as rubricas preparatórias para costurar a encadernação, o escritor os perfurava com um sovela; e depois que as capas haviam sido colocadas, Urias Smith fazia o acabamento com uma régua de pedreiro e um canivete afiado. Isso se dava devido à falta de equipamento adequado para fazer esta parte do trabalho.

A partir de 1861, toda a literatura da denominação era impressa na prensa motorizada Adams, impulsionada por um motor de dois cavalos. Agora, nos diversos escritórios de publicação, há mais de quarenta prensas a vapor funcionando constantemente, imprimindo a presente verdade. Estes escritórios empregam um total de mais de quinhentas pessoas para realizar o trabalho, enquanto centenas de colportores estão no campo vendendo os livros às pessoas.

No ano de 1862, um conjunto completo de todas as publicações editadas pelos adventistas do sétimo dia podia ser comprado pela quantia de 7,50 dólares; em 1904, como foi mostrado, seriam necessários 340 dólares para adquirir um conjunto completo. Certamente algo maior do que um planejamento humano entrou em ação para produzir tais resultados.

O crescimento da obra editorial entre os adventistas do sétimo dia, como previsto em 1848, tem, efetivamente, se assemelhado ao progresso do sol, que “vai aquecendo, envia seus raios” – “mantém seu curso como o sol, mas nunca se põe”.

Andando pela fé: o testemunho do irmão Stone

O zelo e dedicação daqueles que têm prosseguido em avançar a obra da mensagem do terceiro anjo são bem descritos na *Review* de 5 de fevereiro de 1884, pelo irmão Albert Stone, um dos pioneiros na causa, que viveu até à avançada idade de noventa anos:

A história inicial da causa foi um dia de humildes começos, e os recursos utilizados pareciam insuficientes para o trabalho. Contudo, os homens e mulheres de fé sabiam, desde o início, que o poderoso braço do Senhor estava alistado nesse trabalho. Sabiam que o tempo definido para favorecer a Sião havia chegado e que o Senhor havia estendido sua mão para ajuntar Seu povo. Viam que o Senhor estava ao leme e que o navio do Evangelho, lotado com a Igreja remanescente e com sua carga de verdade restaurada, fé provada e amor perfeito, chegaria ao porto com segurança.

Capítulo 19



“PELOS SEUS FRUTOS OS CONHECEREIS”

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo,” (Efésios 4:11, 13).

Quando o Salvador concedeu à Igreja os dons do Espírito, para esta realizar, “como Lhe aprouve”, a obra do Senhor até que chegasse o dia perfeito, não deixou Seu povo às cegas, sem saber se uma manifestação espiritual era de origem celeste ou de espíritos malignos, mas deu regras pelas quais pudéssemos identificar se o espírito é de Deus ou não. Mesmo nestes últimos dias, em que, conforme predito pelo profeta Joel, o Senhor derramaria Seu Espírito sobre toda a carne, e filhos e filhas profetizariam (Joel 2:28, 29), Paulo declara que o povo não deveria desprezar as profecias, mas: “julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:20, 21).

Que outra forma haveria para testar tais manifestações, senão comparando-as com as regras apresentadas nas Escrituras, a fim de discernir a obra do Espírito de Deus? Nem tudo o que está acima da compreensão de mentes finitas é, necessariamente, de origem divina, pois a Bíblia declara que, nos últimos dias, Satanás operará milagres para enganar o mundo, para os congregar para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso (Apocalipse 16:14). Portanto, o verdadeiro dom espiritual só pode ser reconhecido mediante cuidadosa comparação de sua manifestação com as regras da Bíblia. Exige-se nisso o mesmo cuidado que os homens utilizam na detecção de dinheiro falsificado.

Detectando dinheiro falsificado

No *Bank Note Reporter* de Detroit, de abril de 1863, o Sr. Preston apresentou cinco regras para a detecção de falsificações, declarando que qualquer pessoa que fizesse uma inspeção minuciosa de cada nota que recebesse, de acordo com estas regras, jamais precisava temer ser enganada.

Não há melhor maneira de provar um dom profético do que compará-lo com a descrição dos dons, conforme foram manifestados nos tempos bíblicos, e testá-lo pelas regras apresentadas na Bíblia. As Escrituras nos habilitam completamente para toda boa obra (2 Timóteo 3:16, 17), e fornecem um registro autêntico das manifestações do dom profético, e de como a verdadeira obra do Espírito de Deus pode ser distinguida das operações de Satanás, com seus dons espúrios.

Regras para discernir os dons verdadeiros

O Senhor forneceu em Sua Palavra pelo menos sete regras distintas pelas quais as manifestações genuínas do Espírito de Deus podem ser distinguidas das manifestações de Satanás.

Regra número um – instrução especial

O profeta Isaías, falando sobre a situação nos últimos dias, declara:

Resguarda o testemunho, sela a lei no coração dos meus discípulos. Esperarei no Senhor, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele aguardarei. [...] Quando vos disserem: consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva (Isaías 8:16-20).

Nesses versos, chama-se a atenção para um povo comprometido em restaurar o *selo* à lei de Deus – um povo que está à espera do Senhor, ativo em Seu serviço. Eles o estão aguardando; isto é, estão aguardando Sua vinda – num momento em que espíritos, que professam ser os espíritos dos mortos, estão convidando o povo a consultá-los. Alguns atendem ao convite e vão após os mortos a fim de obter conhecimento; mas Deus convida Seu povo a buscá-Lo. Quer dizer que, se O buscarem, Ele lhes dará instruções especiais. Não precisam procurar os mortos, que não podem dar informação alguma;

pois “para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”; e “os mortos não sabem coisa nenhuma” (Eclesiastes 9:6, 5).

Nos versos acima, apresenta-se uma regra pela qual todas as comunicações devem ser testadas: “Se eles não falarem desta maneira, é porque neles não há luz”. Todas as comunicações do Senhor falarão em harmonia com a Sua *palavra* e a Sua *lei*.

Aplicando esta regra aos escritos de Ellen White, eu diria que, durante os últimos cinquenta e dois anos, tenho lido cuidadosamente seus testemunhos, comparando-os com a lei de Deus e o testemunho da Bíblia, e tenho encontrado a mais perfeita harmonia entre ambos. Suas instruções não têm o propósito de trazer qualquer nova revelação para tomar o lugar da Escritura, mas sim para mostrar *onde* e *como*, em tempos como estes, as pessoas estão susceptíveis a serem desviadas e afastadas da Palavra. A posição ocupada pelos testemunhos de Ellen White pode ser melhor descrita do modo como ela mesma se referiu a eles:

A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo aquele que sinceramente deseja entendê-la. Mas não obstante isso, alguns, que dizem fazer da Palavra de Deus o objeto de seus estudos, são encontrados vivendo em oposição direta a alguns de seus mais claros ensinamentos. Então, para que tanto homens como mulheres ficassem sem desculpa, Deus deu testemunhos claros e decisivos a fim de reconduzi-los à Sua Palavra que eles negligenciaram seguir.

A Palavra de Deus tem abundância de princípios gerais para a formação de corretos hábitos de vida, e os testemunhos, gerais e pessoais, têm sido planejados para chamar a sua atenção de modo mais especial para esses princípios. [...] Vocês não estão familiarizados com as Escrituras. Se tivessem feito da Bíblia o objeto de seus estudos, com o propósito de atingir o padrão bíblico e a perfeição cristã, não necessitariam dos Testemunhos. [...]

Por meio dos testemunhos o Senhor Se propõe advertir, repreender e aconselhar a vocês, e impressionar-lhes a mente com a importância da verdade de Sua Palavra. Os testemunhos não estão destinados a comunicar nova luz; e sim a imprimir fortemente na mente as verdades da inspiração que já foram reveladas. [...] Não se traz verdade adicional; mas pelos Testemunhos Deus tem facilitado a compreensão de importantes verdades já reveladas, e posto estas diante de Seu povo

pelo meio que Ele próprio escolheu, a fim de despertar e impressionar com elas a sua mente, para que todos fiquem sem desculpa. [...]

Os Testemunhos não têm por finalidade diminuir o valor da Palavra de Deus, e sim exaltá-la e atrair para ela as mentes, para que a bela singeleza da verdade possa impressionar a todos. [...] Se o povo que agora professa ser a propriedade peculiar de Deus obedecesse a Seus requisitos especificados em Sua Palavra, não haveria necessidade de testemunhos especiais para despertar neles o sentimento do dever e impressioná-los acerca de sua pecaminosidade e do temível risco que correm ao negligenciar obedecer à Palavra de Deus (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, No. 33, páginas 663-667).

Regra número dois – profetas verdadeiros

Já vimos que todos os profetas verdadeiros falarão em harmonia com a lei de Deus e com o testemunho de Sua Palavra. O apóstolo João apresenta uma outra regra que define os ensinamentos dos profetas verdadeiros. Ele diz:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo (1 João 4:1-3).

Observe com atenção os versos citados. A frase não diz todo aquele que confessa que Jesus Cristo “*tinha vindo em carne*”, mas “*é vindo em carne*”; isto é, Ele vem, por meio de Seu Espírito e habita *em nós*, em resposta a nossa fé. De fato, esta é a verdade central do evangelho: “Cristo em vós, a esperança da glória” (Efésios 3:17; Colossenses 1:27).

O tema prático encontrado em todos os escritos de Ellen White é a necessidade de termos a Cristo como um Salvador que habite no íntimo do ser, se quisermos fazer qualquer progresso na caminhada celestial. Seus escritos ensinam sobre a necessidade de termos a Cristo em *primeiro*, em *último*, e *em todo o tempo*. Como ilustração deste fato, chamamos a atenção para o livro “Caminho a Cristo”, escrito por ela, do qual mais de cem mil cópias foram vendidas no idioma Inglês, sem mencionar os milhares de cópias nas dezoito línguas estrangeiras em que agora é publicado. Um pastor presbiteriano,

após ler o livro, encomendou mais de trezentos exemplares para seus membros e amigos e disse: “Este livro foi escrito por alguém que conhece muito bem ao Senhor Jesus Cristo”.

Regra número três – falsos profetas

João apresenta uma regra para identificar os falsos profetas: “Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve” (1 João 4:5). O ensinamento dos falsos profetas vai querer satisfazer os desejos do coração carnal, ao invés de exaltar a vida de abnegação e de levar a cruz. Os falsos profetas vão ensinar “coisas aprazíveis”, ao invés de exaltar o “Santo de Israel” (Isaías 30:10, 11). Qualquer pessoa que leia mesmo que poucas páginas dos escritos de Ellen White, vai perceber que eles seguem na linha da abnegação e de levar a cruz, e não numa linha que agrada o coração mundano e carnal.

Regra número quatro – sofrimento e paciência

Avançando um pouco mais no assunto, tomemos, como *quarta* regra, as palavras do apóstolo Tiago: “Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor” (Tiago 5:10). Quando lemos sobre a experiência dos antigos profetas, aprendemos que uma de suas maiores angústias era ver Israel rejeitar ou ir contra o claro testemunho a eles enviado. Um breve estudo daquela época revelará, prontamente, o caráter tanto dos profetas verdadeiros como dos falsos.

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças; falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do Senhor (Jeremias 23:16).

Não há nada nos escritos de Ellen White que faça do leitor alguém *presunçoso*; na realidade, como expresso por alguém, “inúmeras vezes recebi grande benefício espiritual dos testemunhos. Na verdade, nunca os li sem me sentir repreendido pela minha falta de fé em Deus, falta de devoção e falta de zelo em salvar almas”. Certamente, portanto, a influência dos testemunhos de Ellen White é muito diferente daquela dos falsos profetas, descrita por Jeremias.

O profeta também nos informa *o modo* de ensino dos falsos profetas:

Dizem continuamente aos que me desprezam: O Senhor disse: Paz tereis; e a qualquer que anda segundo a dureza do seu coração dizem: Não virá mal sobre vós (Jeremias 23:17).

Tratando-se da essência do ensino de Ellen White, em seus testemunhos, eu cito as palavras de um atento leitor:

Li todos os seus testemunhos por completo, a maioria deles várias vezes, e nunca fui capaz de encontrar uma frase imoral em nenhum deles, ou qualquer coisa que não seja estritamente pura e cristã; nada que conduza para longe da Bíblia ou de Cristo; mas, encontrei ali os mais fervorosos apelos para obedecer a Deus, amar a Jesus, ter fé nas Escrituras e estudá-las constantemente. Tal proximidade com Deus, tal fervorosa devoção, tais solenes apelos para se viver uma vida santa, só podem ser inspirados pelo Espírito de Deus.

Um atento observador que, desde o início, lia seus testemunhos, escreve:

Com respeito a agir de modo franco e fidedigno, sem medo ou favor, quero testemunhar de que não houve falta. Se o poder controlador desta obra fosse uma motivação baixa e maligna, haveriam palavras de bajulação em lugar de testemunhos perscrutadores e fiéis reprovações. Clareza de expressão, fiéis reprovações do erro, palavras de compaixão e incentivo a almas temerosas, que sentem sua necessidade do Salvador, e aos errantes que buscam humildemente abandonar suas faltas – tais as coisas que compunham grande parte de sua obra. O testemunho de Ellen White, reprovando os erros no caso de muitas pessoas a quem havia visto em visão, tem sido apresentado com grande fidelidade e excelentes resultados (J. N. Andrews, *Review* de dezembro de 1867).

Regra número cinco – profecias verdadeiras se cumprem

Há uma declaração feita por Moisés em relação aos verdadeiros e falsos profetas, encontrada em Deuteronômio 18. Ele diz:

Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele não se cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele (Deuteronômio 18:21, 22).

Vemos essa mesma ideia na seguinte passagem: “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor não o mande?” (Lamentações 3:37). É dito do profeta Samuel: “Tudo quanto ele diz sucede” (1 Samuel 9:6). “O profeta que profetizar paz, só ao cumprir-se a sua palavra, será conhecido como profeta, de fato, enviado do Senhor” (Jeremias 28:9).

Há mais de cinquenta e três anos o escritor viu Ellen White em visão profética pela primeira vez. Ao longo destes anos, muitas declarações proféticas foram feitas por ela em relação a coisas que iriam ocorrer. Algumas destas previsões se referem a eventos já cumpridos, outras estão em processo de cumprimento, enquanto que algumas outras ainda estão no futuro. No que se trata de predições referentes a eventos passados ou presentes, não sei de uma única vez em que a predição falhou. Já foram mencionadas algumas de suas previsões. Outras serão introduzidas nos capítulos a seguir, à medida que prosseguimos em nossa narrativa.

Regra número seis – milagres não são um teste de um verdadeiro profeta

Tem sido afirmado por muitos escritores de teologia, e declarado em comentários sobre as Escrituras, que o sinal de um profeta verdadeiro é fazer milagres. Ainda não encontramos, nas Escrituras, uma regra assim.

Se a operação de milagres é prova de um verdadeiro profeta, o “falso profeta”, mencionado em Apocalipse 19:20, poderia ser chamado de profeta verdadeiro; pois é dito: “mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta.” O mesmo poder é novamente descrito, em Apocalipse 13:14, como enganando “os que habitam sobre a terra por causa dos *sinais* que lhe *foi dado executar* diante da besta.” Pela mesma aplicação desta regra, deveríamos concluir que até mesmo Satanás é um profeta verdadeiro. Alguns espíritos que, nas sete pragas, realizarão um trabalho específico sob a sexta praga, são chamados de “espíritos de demônios, *operadores de sinais* [ou milagres, do inglês “miracles”], e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso” (Apocalipse 16:14).

Se a prova de um verdadeiro profeta consiste nos milagres que ele realiza enquanto fora da visão, deveríamos encontrar poucos profetas bíblicos que passariam no teste, principalmente se a decisão depender do que há

registrado sobre suas obras. É verdade que há registros de milagres operados por alguns dos profetas, como Elias, Eliseu e Paulo. Mas quem já encontrou registro na Bíblia dos milagres de Isaías, Jeremias, Daniel, Oséias, Joel, Amos, etc? No entanto, eles eram verdadeiros profetas de Deus, e podemos provar que o são usando as regras que o Senhor deixou como testes de um verdadeiro profeta.

O relato bíblico sobre João Batista mostra claramente que a operação de milagres *não é* o teste de um profeta verdadeiro. Que ele seria um profeta se demonstra pela predição de seu pai, Zacarias, ao relatar a visão que recebeu de Deus a respeito do filho que teria: “Tu, menino, serás chamado *profeta* do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos” (Lucas 1:76). O próprio Salvador reconheceu a João como o profeta que prepararia o caminho diante dEle; pois, acerca de João, declarou:

Que saístes a ver? Um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta. Este é aquele de quem está escrito: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. E eu vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João (Lucas 7:26-28).

Aqui encontramos uma declaração clara, da parte do Salvador, de que João era profeta. Vamos aplicar o teste da operação de milagres e ver o resultado. No Evangelho de João, o evangelista, encontramos as seguintes palavras: “E iam muitos ter com ele [Cristo] e diziam: Realmente, João *não fez nenhum milagre*, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade” (João 10:41). Esta declaração, por si só, refuta completamente a ideia de que a operação de milagres é uma característica do profeta verdadeiro.

A regra dada em Deuteronômio 13:1-3, que, em nossa lista, designamos como regra número *seis*, consiste em não sairmos correndo atrás de maravilhas ou milagres até que tenhamos observado se sua influência promove maior proximidade de Deus ou um afastamento dEle. Este texto praticamente nos insta a aplicarmos *todas* as regras, verificando, principalmente, se existe harmonia com Deus e Sua lei.

A sexta regra ensina que, se um milagre é feito por um impostor, se verá em conexão com ele, quando testado cuidadosamente, um afastamento das sagradas verdades da Palavra de Deus e um rebaixamento do padrão a fim de satisfazer um coração inclinado a evitar o caminho da abnegação. Deus permite que tal impostor se levante, e seu procedimento é um teste para os

verdadeiros filhos de Deus, dando-lhes oportunidade de pesar cuidadosamente a tendência ou os motivos de tal milagreiro. Aqueles que se apegam à Palavra de Deus, em vez de serem cativados pelo falso operador de milagres, saem fortalecidos em Deus como resultado de tal experiência.

Nestes dias maus, quando muitos estão alegando operar a “cura pela fé”, “cura divina”, “cura pela Ciência Cristã”, etc., bom seria aplicar atentamente as regras bíblicas; pois serão necessárias regras divinas, e a iluminação do Espírito Santo, para sermos capazes de discernir claramente a intenção e o propósito de alguns desses “curandeiros”, tão sutil é o seu trabalho; enquanto, por outro lado, existem aqueles que abertamente desrespeitam à lei de Deus e a sua verdade para este tempo. Em alguns casos, estes pretensos “curandeiros” se iraram como homens cheios de loucura à simples menção da lei de Deus. Tão certo como o Senhor tem uma mensagem que proclama Sua sagrada lei, é certo que tais homens são destituídos da unção do Espírito Santo, pois fazem afronta à Sua lei e expulsam de sua presença até mesmo aqueles que a mencionam.

Regra número sete – seus frutos

Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada lançada no fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis (Mateus 7:15-20).

Estas palavras do Salvador reconhecem o fato de que o dom de profecia iria existir na era cristã. Se não fossem existir profetas verdadeiros conectados com o trabalho, e toda manifestação profética viesse de uma fonte maligna, será que Ele não teria dito: “Acautelai-vos de todos os profetas”? O fato de Ele nos informar tão detalhadamente como podemos identificar o genuíno e o falso é a maior evidência de que o verdadeiro dom de profecia seria parte da obra do Consolador, o Espírito Santo, que revelaria as “coisas que hão de vir” (João 16:13). Esta regra, que em nossa lista é a número sete, é infalível. Cristo não disse que *poderíamos* conhecê-los, mas, categoricamente, “pelos seus frutos *os conhecereis*.”

Perguntamos então: Que fruto que deve ser visto como resultado dos genuínos dons do Espírito de Deus? A resposta se encontra no que Paulo declara sobre o propósito de Deus em conceder os dons à igreja:

Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens. [...] E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo (Efésios 4:8-13).

Aplice esta regra ao dom profético ligado à mensagem do terceiro anjo, desde sua origem, e qual é o resultado? Constatamos que contínua instrução dada por meio de Ellen White tem sido no sentido de unidade e harmonia, exortando a “tomarmos conselho uns com os outros” e a nos “unirmos”, a estarmos em sintonia com Cristo, garantindo assim verdadeira comunhão e união uns com os outros.

Alguns dos inimigos desta obra têm dito de maneira sarcástica: “Se não fosse pelas visões de Ellen White que vocês possuem, este seu movimento já teria entrado em frangalhos há muito tempo.” A isso respondemos: “É verdade; pois, por este meio, o Senhor tem enviado conselhos, advertências e iluminação, e assim as dissensões têm sido removidas e a obra prosperado.” Portanto, o que eles haviam planejado de ser um golpe contra o dom de profecia, é, na realidade, um testemunho de que seu fruto nasce do verdadeiro dom de profecia.

Durante mais de sessenta anos, as manifestações do dom de profecia, reveladas em Ellen White, têm sido provadas por estas sete regras e, em cada detalhe, têm cumprido as especificações exigidas de um verdadeiro profeta.

Capítulo 20



SACRIFÍCIOS DOS PRIMEIROS ESFORÇOS

“Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios. Os céus anunciam a sua justiça, porque é o próprio Deus que julga” (Salmos 50:5, 6).

Na *Review and Herald* de 3 de junho de 1902, lemos:

Aqueles que acabaram de entrar na obra conhecem relativamente pouco da abnegação e sacrifício próprios daqueles a quem o Senhor chamou para essa obra desde seus primórdios. A experiência do passado deve ser-lhes contada vez após vez; pois devem levar adiante esta obra com a mesma humildade e sacrifício próprios que caracterizavam os verdadeiros obreiros no passado

Novamente, em *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 7, p. 240, encontramos as seguintes palavras:

Estamos nos aproximando do fim da história deste mundo, e os vários ramos da obra de Deus devem ser desenvolvidos com muito mais sacrifício próprio do que até agora se tem manifestado.

Já mencionamos as condições em que o irmão Bates, em 1845, foi levado a escrever e publicar seu primeiro livro sobre o assunto do sábado. Também já mencionamos as condições em que Tiago White, em 1849, começou a publicar a revista intitulada *The Present Truth*.

Um panfleto sobre os céus abertos

Após a visão dada a Ellen White em Topsham, Maine, no outono de 1846, em que alguns planetas lhe foram mostrados, o irmão Bates preparou o manuscrito de um panfleto sobre *Os Céus Abertos*. Contudo, havia grande necessidade de meios disponíveis para publicá-lo. A fim de suprir esta falta, uma irmã que morava em Massachusetts e acabara de terminar e instalar

um tapete novo, vendeu-o, e doou o dinheiro ao irmão Bates, possibilitando, assim, que ele publicasse seu segundo livro.

Um panfleto sobre a obra de selamento

Após a visão da obra de selamento, dada em Dorchester, Massachusetts, no dia 18 de novembro de 1848, o irmão Bates escreveu um terceiro panfleto, intitulado: *O Selo do Deus Vivo*. Deparou-se, mais uma vez, com o problema de falta de dinheiro para a impressão. Uma jovem viúva, ao saber da situação, vendeu uma pequena casa que possuía no campo e entregou ao irmão Bates metade da quantia obtida. Assim, ele, novamente, pôde pagar pela impressão do livro.

Demandas da obra de publicações

Em 1851-1852, a *Advent Review and Sabbath Herald* foi impressa em Saratoga Springs, Nova Iorque. Ali, o Sr. Thompson forneceu gratuitamente um aposento para hospedar o irmão White e sua esposa; e, com móveis emprestados, tiveram novamente a oportunidade de retomar a vida doméstica.

Estava aumentando o número dos que criam na verdade presente, e, com ele, aumentou também a demanda de trabalho pessoal de Tiago e Ellen White. Esta demanda, somada ao trabalho editorial, gerou uma necessidade de haver auxiliares no escritório. Justamente nesse momento, outras pessoas sentiram-se impressionadas a auxiliar na obra literária. Para ilustrar o modo em que Deus trabalha em resposta à fé de seu povo, suscitando obreiros em momentos de necessidade, citamos a experiência de uma devotada irmã, a Sra. Rebecca Smith, de West Wilton, New Hampshire:

Após a passagem do tempo no desapontamento, seu filho Urias e sua filha Annie R. desejavam muito frequentar uma escola em que pudessem se preparar para lecionar. A mãe temia que seus filhos estivessem sendo levados para o mundo, e, de fato, seus temores não eram totalmente infundados. O amor de mãe era correspondido pelos filhos.

Urias Smith no Colégio de Phillips

De 1848 a 1851, Urias estudou no colégio de Phillips em Exeter, New Hampshire, onde os alunos iam até o primeiro ano do ensino superior, de modo que, ao entrarem na universidade, estavam um ano adiantados. Ele

completou este curso. Em 1851, trabalhou para obter dinheiro a fim de ir para a universidade, mas, como os negócios de seu patrão foram à falência, Urias perdeu seu dinheiro, e, por causa disto, seu tão aguardado plano de se formar no ensino superior foi abandonado.

Srta. Smith no Seminário para Moças

Enquanto Urias estava no ensino médio, sua irmã estava estudando num seminário para moças em Charlestown, Massachusetts. Estava no fim de seus estudos ali e, como estava prestes a deixar a escola, foi feito um convite a ela e a seu irmão para lecionarem, por três anos, numa escola em Mount Vernon, New Hampshire, ganhando 1.000 dólares por ano, acrescidos de alimentação e moradia.

Por esta época, a mãe deles aceitou a “verdade presente”. Suas orações por seus filhos eram agora, possivelmente, mais fortes e fervorosas. Em uma visita do irmão Bates a West Wilton, a Sra. Smith lhe expôs o caso de seus filhos; e a conversão deles se tornou um motivo de oração. O irmão Bates esperava, em alguns dias, dar início às reuniões em Somerville, Massachusetts, na casa de Paul Folsom, e ficou combinado de que a Sra. Smith iria escrever para sua filha, convidando-a para assistir a reunião. Neste meio tempo, o irmão Bates e a mãe dos meninos estariam orando para que Deus tocasse o coração da sua filha, a fim de que viesse à conferência.

Dois sonhos realizados

O irmão Bates nunca havia entrado na sala onde a conferência seria realizada e, portanto, nada sabia da disposição em que os móveis se encontravam. Na noite anterior à conferência, sonhou que estava na sala e que todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto uma ao lado da porta. Também sonhou que mudou o tema que havia planejado pregar, e falou sobre a questão do santuário. Sonhou que cantaram o primeiro hino, oraram, cantaram o segundo hino, e, então, que abriu a Bíblia e leu: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado”, apontando para a figura do santuário no diagrama. Que nisso, a porta se abriu, uma jovem moça entrou e se assentou na cadeira desocupada. Também sonhou que a pessoa era Annie R. Smith e que ela imediatamente se interessou pelo assunto e aceitou a verdade.

A palestra do irmão Bates era no sábado e, como não havia aulas naquele dia, Annie disse: “Só estou indo para agradecer minha mãe.” Na noite

anterior ao sábado, ela tinha sonhado que havia ido, mas que se atrasou; que, ao chegar à porta, o primeiro hino havia terminado, haviam orado e que estavam concluindo o segundo hino; e que, ao entrar, observara que todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto a que estava junto à porta; viu que um palestrante alto, de aparência nobre e agradável, estava apontando para um gráfico que ela nunca antes havia visto, e que ele dizia: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado.” Também sonhou que o que ele disse lhe despertou grande interesse e que isto era a verdade.

Ela se dirigiu à reunião com um bom tempo de antecedência, mas se perdeu e, por isso, não conseguiu chegar antes do fim do segundo hino. Ao entrar, tudo estava exatamente do jeito que sonhara, e exatamente a pessoa que tinha visto em sonho, agora repetia, de igual maneira, o texto de Daniel 8:14. Isto imediatamente trouxe convicção a seu coração.

O irmão Bates não havia parado para considerar esse sonho até o momento em que a jovem entrou porta adentro e tomou assento. Ele havia se preparado para falar de outro assunto, mas sua mente estava fixada na questão do santuário. Enquanto repetia o texto, o sonho brilhou em sua mente e, de forma silenciosa, ele orou pedindo auxílio, a fim de que pudesse falar ao coração dos ouvintes. Explicou de modo bem desimpedido a passagem do tempo durante o desapontamento; e, com este assunto, Annie estava bem familiarizada. Então, ele expôs a verdade da terceira mensagem angélica e do sábado.

Annie Smith aceita a verdade

Ao encerrar a reunião, ele foi até Annie e disse: “Creio que você é a filha da irmã Smith, de West Wilton. Nunca a vi antes, mas seu semblante me parece familiar. Sonhei com você na noite passada.” Annie, então, lhe contou seu sonho. Ao sair da reunião, ela estava agora possuída por sentimentos e aspirações completamente mudados, aceitando, ali mesmo, a verdade do sábado.

Retornando ao seminário, arrumou sua mala e voltou para casa. Ao saber das necessidades de Tiago White na publicação e em seu trabalho como pregador, sentiu que Deus a chamava para ajudá-lo no escritório. Em agosto de 1851, quando a revista foi transferida de Paris para Saratoga Springs, Nova Iorque, a Srta. Smith também foi transferida para lá como funcionária.

Sacrifício e consagração

Na *Review*, Vol. 2, No. 7, encontram-se algumas linhas escritas por ela, expressando suas emoções após abandonar seus antigos planos e começar sua obra humilde e despretensiosa. Diz ela:

Creio que abandonei tudo para seguir ao Cordeiro por onde quer que Ele me indique. A terra perdeu inteiramente sua atração. Minhas esperanças, alegrias e afeições estão todos agora centrados nas coisas divinas e celestiais. Não almejo outro lugar a não ser de sentar-me aos pés de Jesus e aprender dele; nada além que ser uma serva de meu Pai Celestial; nenhum outro prazer do que a paz de Deus, que excede todo entendimento.

O suporte que a irmã Annie proporcionou ao escritório, como revisora etc., foi muito oportuno. Por três anos ela trabalhou fiel e eficientemente, recebendo apenas hospedagem e vestimenta. Ao fim deste período, a tuberculose a havia marcado como uma de suas vítimas. Em meio à devastação resultante desta prolongada e fatal enfermidade, Annie escreveu alguns belos poemas, o mais belo sendo: “Lar aqui e Lar no céu”. O prefácio deste poema, escrito na véspera de sua morte, 26 de julho de 1855, expressa tão bem as virtudes da simplicidade e humildade, virtudes estas extensamente desenvolvidas em seu caráter, que não podemos deixar de apresentá-lo na íntegra:

*Louvo a meu Deus que enquanto aqui,
Tal bom encargo me foi dado;
E ao cessarem os meus dias,
Me ajoelhei e olhei pros céus.*

*Que a humilde obra não ataque,
Expondo à vista suas falhas;
Que nascem ao véu do infortúnio,
E crescem ao sereno de dor.*

Vida doméstica em meio a dificuldades

Em abril de 1852, Tiago White mudou-se de Saratoga Springs para Rochester, Nova Iorque. Foi nesta cidade, na Avenida Mount Hope, n° 124, que, pela primeira vez, a família retomou a vida doméstica com artigos comprados, em vez de emprestados. Mas tal era a ansiedade que tinham pelo

êxito da obra de publicações, a fim de que o periódico pudesse ser impresso regularmente e a verdade fosse amplamente divulgada, que se abstiveram de muitos dos confortos comuns da vida.

Pode-se ler de como a família White retomou vida doméstica nesta carta pessoal escrita por Ellen White a S. Howland, em abril de 1852:

Acabamos de nos instalar aqui em Rochester. Alugamos uma casa velha a 175 dólares por ano. Temos a prensa em casa. Se não fosse assim, teríamos que pagar 50 dólares por ano por um escritório. Você iria rir, se visse a nós e a nossos móveis. Já compramos duas camas velhas por vinte e cinco centavos cada. Meu marido me trouxe seis cadeiras velhas, nenhuma igual a outra, pelas quais pagou um dólar. E logo me presenteou com mais quatro cadeiras velhas, que nem tinham assento, pelas quais pagou sessenta e dois centavos o lote. A armação era forte e tenho adicionado o assento com uma broca. Manteiga é tão cara que não podemos comprá-la, nem podemos gastar com batatas. Usamos compota de frutas em vez de manteiga e nabo em vez de batatas. Nossas primeiras refeições foram feitas na tampa da lareira, colocada sobre dois barris de farinha vazios. Estamos dispostos a sofrer privações se a obra de Deus puder avançar. Cremos que foi a mão do Senhor que dirigiu nossa vinda para cá. Há um vasto campo de trabalho e poucos trabalhadores. sábado passado nossa reunião foi excelente. O Senhor trouxe refrigério com Sua presença.

Generosidade dos crentes

No primeiro número da *Review* impressa em Rochester, dia 6 de maio de 1852, falando da mudança de Saratoga para Rochester, Tiago White declarou:

Os irmãos têm fornecido recursos, além de nossas expectativas, a fim de sustentar o periódico. E, embora nossas despesas na mudança de Saratoga Springs e de iniciar o periódico nesta cidade tenham sido consideráveis, ainda assim estamos livres de dívidas.

Sacrifício dos obreiros

Na ata que apareceu no número 12, dia 14 de outubro, lemos:

O escritório, porém, não está em débito, pelo seguinte motivo: os irmãos Belden e Stowell que trabalharam no escritório nos últimos seis meses, não receberam mais que uma ninharia além de sua pensão. Outros, que estavam envolvidos na mesma obra, não têm recebido mais do que eles. Certamente será um prazer, a todos os amigos da

verdade presente, ajudar a compensar a deficiência da receita, para que os que trabalham diligentemente, especialmente em nossa ausência, cercados por enfermidades, na publicação da *Review and Herald*, possam ter apoio suficiente.

Adesões em Rochester, Nova Iorque

Durante o verão de 1852, quando a obra de publicações já estava bem encaminhada em Rochester, Tiago White e sua esposa fizeram uma viagem que durou três meses, a cavalo e carroça, indo em direção ao leste até Bangor, Maine, e, à medida que avançavam, conduziam reuniões e visitavam os guardadores do sábado que se encontravam dispersos. Antes de retornarem, começando dia 26 de setembro, o irmão J. N. Andrews fez uma série de discursos na avenida Mount Hope, nº 124. Nesta ocasião, oito adventistas do primeiro dia aceitaram a verdade presente, o escritor sendo um deles.

A cura de Oswald Stowell

Numa noite de sexta-feira, em outubro, Tiago White e sua esposa chegaram em casa, de sua viagem ao leste. No dia seguinte (sábado), pudemos vê-los pela primeira vez, na reunião do sábado. Na hora da reunião, Oswald Stowell, que trabalhava na prensa, estava sofrendo um terrível ataque de pleurisia [um tipo de inflamação pulmonar], abandonado à morte por seu médico. O médico havia declarado que “não poderia fazer nada por ele.” Durante a reunião, Oswald estava numa sala ao lado, estando em grande agonia física. Ao fim da reunião, enviou um pedido de que orassem por ele. Eu, juntamente com outros irmãos, fomos convidados a participar de uns momentos de oração. Nos ajoelhamos ao lado de sua cama e, enquanto orávamos, o Sr. Stowell foi ungido com óleo pelo irmão White “em nome do Senhor.” A presença do Espírito de Deus era muito perceptível e ele foi imediatamente curado. Ao nos levantarmos, ele estava assentado na cama, batendo na lateral de seu corpo antes tão dolorida e dizendo: “Estou completamente curado. Amanhã já posso trabalhar na prensa manual.” Dois dias depois ele voltou ao trabalho.

Visão de Ellen White perante a congregação em Rochester

A mesma graça divina que curou o irmão Stowell desceu de modo ainda maior sobre Ellen White. Quando Tiago White olhou para ela, disse: “Ellen está em visão; ela não respira enquanto nesta condição. Se algum de

você quiser se certificar deste fato, fique à vontade para examiná-la.” Ela permaneceu dessa maneira, em visão, por cerca de uma hora e vinte minutos. Enquanto estava nesta condição, falou algumas palavras e, às vezes, frases distintas; no entanto, mesmo sob a inspeção mais rigorosa, nenhuma respiração se percebia em seu corpo.

Visão da conduta de um membro ausente

Após Ellen White sair desta visão, deu testemunho do que havia visto. Antes do retorno de Tiago White e sua esposa de sua jornada à região Leste, alguém de nosso grupo fez uma viagem de negócios ao Estado de Michigan. Assim, essa pessoa não estava presente na reunião e nunca tinha visto Tiago White ou sua esposa. Ao relatar sua visão, Ellen White contou-nos, dentre outras coisas, aquilo que tinha visto em relação a um homem que, enquanto viajava e ficava longe de casa, tinha muito a dizer sobre a lei de Deus e o sábado, mas que, ao mesmo tempo, estava quebrando um dos mandamentos. Ela declarou que nunca havia visto este homem, porém acreditava que o veria a qualquer momento, uma vez que seu caso lhe havia sido desdobrado. Ninguém dentre nós, porém, suspeitou que esse homem fosse algum conhecido.

Cerca de seis semanas após a visão, o referido irmão retornou de Michigan. Assim que Ellen White pôs nele os olhos, disse a uma das irmãs: “Este é o homem que eu vi na visão, de quem lhes falei.” Sendo a visão relatada a este irmão, Ellen White lhe disse, em presença de sua esposa e de muitas outras pessoas, como o profeta Natã disse a Davi: “Tu és o homem.” Em seguida ele fez exatamente o que Paulo disse que alguns fariam quando reprimidos pelo dom de profecia:

Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós. (1 Coríntios 14:24, 25).

Depois de ouvir Ellen White relatar os maus atos que ele cometeu, este irmão caiu de joelhos perante sua esposa e, com lágrimas, disse a ela e aos poucos presentes: “Deus verdadeiramente está com vocês”. E, então, fez uma confissão completa de sua conduta em Michigan, na qual quebrara o sétimo mandamento, conforme havia sido revelado no momento exato, há mais de oitocentos quilômetros de distância.

Assim, umas poucas semanas nos proporcionaram forte confirmação dos testemunhos. Não apenas concluímos que eles eram produzidos por um poder sobrenatural, mas que vieram de uma fonte que, em termos claros, reprovava aos homens pelo pecado.

Urias Smith inicia a obra de revisor

Foi durante a publicação do terceiro volume da *Review* que Urias Smith começou a guardar o sábado e se associou ao escritório da *Review*, onde trabalhou como escritor e editor por tantos longos anos. Sua primeira obra publicada no periódico foi um poema intitulado: “A Alarmante Voz do Tempo e da Profecia”, que apareceu no dia 17 de março de 1853.

Smith ouviu pela primeira vez acerca da terceira mensagem angélica em uma reunião realizada em Washington, New Hampshire, nos dias 10 a 12 de setembro de 1852. Após retornar para casa, em West Wilton, estudou cuidadosamente o que tinha ouvido e começou a guardar o sétimo dia a partir do primeiro sábado de dezembro de 1852. Uniu-se ao escritório da *Review* em Rochester, Nova Iorque, no dia 3 de maio de 1853, onde, juntamente com sua irmã Annie, trabalhou por hospedagem e vestimentas, ao invés de lecionar no colégio por 1.000 dólares por ano, além da hospedagem. Esses são alguns exemplos dos sacrifícios feitos para estabelecer a obra da terceira mensagem angélica em seus primórdios.

Ordenando um ministro

Por volta de 1863, Smith começou a exercitar seu dom de pregar. Em 1866, foi ordenado como ministro do evangelho, trabalhando muito em reuniões campais e conferências em vários Estados, do Atlântico ao Pacífico, como também na obra pastoral da igreja de Battle Creek, que foi sua igreja local. Após a abertura do colégio de Battle Creek, lecionou, de quando em quando, no departamento de religião daquela instituição. A interesse da *Review and Herald*, atravessou o oceano Atlântico em 1894, visitando vários países na Europa. Passando pela Síria, contraiu uma febre de cujo efeito nunca se recuperou totalmente.

Cinquenta anos de incansável trabalho

De 1853 a 1903, metade de um século, o irmão Smith teve conexão editorial quase constante com a *Advent Review and Sabbath Herald*; e, na

maior parte do tempo, foi o editor-chefe do periódico. Mesmo no dia de sua morte, ao ser atingido por um ataque de paralisia, estava a caminho de seu escritório com um material que havia preparado para impressão. Também contribuiu com vários livros importantes na literatura denominacional. Dentre estes estão: *Considerações sobre Daniel e Apocalipse, Natureza e Destino do Homem*, uma versão ampliada de *O Santuário e as Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs*, *O Pasmado das Nações*, e *Espiritismo Moderno*. O primeiro destes livros foi escrito principalmente das nove à meia noite, após o término do expediente editorial e do escritório.

A morte de Urias Smith

Sua vida foi útil e bem aproveitada. Descansou de sua obra, tendo dormido em Jesus no dia 6 de março de 1903. Mas, dele, verdadeiramente pode ser dito que “suas obras o seguem”, e, “apesar de morto, ainda fala”.

Capítulo 21



A MÃO-GUIA NA OBRA

*“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que debes seguir”
(Salmos 32:8).*

O cuidado de Deus é continuamente manifesto a quem nEle põe sua confiança. Há momentos, entretanto, em que esse cuidado é mais notável, como em livramentos especiais de males e perigos, visíveis e invisíveis, e em evidentes aberturas providenciais para o avanço de Sua verdade. Este capítulo trata desses temas.

A primeira visão em Michigan

No mês de maio de 1853, o irmão White e sua esposa viajaram para Michigan. Era a primeira vez que viajavam a Oeste de Buffalo, Nova Iorque. No último sábado de maio, estavam em Tyrone e, ali, os vários grupos de observadores do sábado no Estado foram mostrados a Ellen White numa visão, com advertências quanto a possíveis influências que lhes fariam oposição. Em 2 de junho, estando em Jackson, ela escreveu oito páginas de papel almaço, declarando algumas das coisas que lhe haviam sido mostradas. Ela me entregou uma cópia da visão escrita a lápis, com a condição de que eu lhe fornecesse uma cópia, de boa qualidade, escrita a pena e tinta.

Uma mulher que professava santidade

Entre outras coisas reveladas, foi descrito o caso de uma mulher que estava tentando inserir-se entre nosso povo. Ela declarou que esta mulher professava grande santidade. Ellen White não a conhecia, nem possuía qualquer informação a seu respeito, exceto aquilo que lhe foi mostrado em visão. Ela não apenas descreveu a conduta daquela mulher, mas também declarou que, quando repreendida, essa mulher esboçaria um olhar hipócrita e diria:

“O Senhor conhece meu coração.” Disse que esta mulher viajava pelo país com um rapaz, enquanto seu idoso esposo ficava em casa, trabalhando para sustentá-los em seu mau curso. Ellen White disse que o Senhor lhe mostrou que, “não obstante as pretensões dessa mulher quanto à santidade, ela e o jovem eram culpados de violar o sétimo mandamento.” Tendo no bolso a descrição escrita desse caso, esperei com certa ansiedade para ver que rumo as coisas tomariam.

A reunião em Vergennes, Michigan

Nós realizamos reuniões nas cidades de Jackson, Battle Creek, Bedford e Hastings e, em seguida, viemos a Vergennes, Condado de Kent, onde a mulher morava. Chegamos ao local onde devíamos passar a noite em 11 de junho, pouco antes do sábado. Nosso ponto de parada foi a casa de um certo irmão White, que, no passado, fora ministro da denominação Cristã. Como esta localidade tinha sido recém-ocupada, fizemos arranjos para realizarmos nossas reuniões num grande celeiro recém-construído, uns 5 quilômetros adiante. A mulher da visão vivia cerca de 3 quilômetros depois do local de reuniões.

Testemunho aos fanáticos

No dia 12 de junho, às 10:30 da manhã, nos reunimos no celeiro para a reunião. Ellen White se assentou à extrema esquerda do púlpito, eu me assentei ao seu lado, ao meu lado ficou o irmão Cornell, e o irmão White, que estava pregando, estava à direita do púlpito. Após cerca de 15 minutos de sermão, um homem idoso e um jovem entraram juntos, e se assentaram no banco da frente, próximo ao púlpito. Estavam acompanhados de uma mulher alta, morena e magra, que tomou assento perto da porta. Após Tiago White fazer um breve discurso, Ellen White se levantou e introduziu suas considerações, falando sobre o cuidado que os ministros deviam ter para não manchar a obra que lhes foi dada, com o texto: “Purificai-vos, vós que levais os utensílios do Senhor”. Declarou que não era plano de Deus ordenar que uma mulher viajasse pelo país com qualquer outro homem a não ser seu marido. Por fim, afirmou claramente:

Essa mulher que, há pouco, se assentou próximo à porta, alega que Deus a chamou para pregar. Ela está viajando com esse rapaz que acabou de se assentar em frente ao púlpito, enquanto este senhor, seu marido –que Deus tenha compaixão dele! – trabalha pesado em casa

para obter os recursos que eles estão usando para levar avante sua iniquidade. Ela professa ser muito santa, – ser santificada –, no entanto, com toda sua pretensão à santidade, Deus me mostrou que ela e esse rapaz são culpados de violar o sétimo mandamento.

Todos os presentes sabiam que Ellen White nunca tinha visto essas pessoas até entrarem no celeiro. O fato de destacá-las, descrevendo seu caráter da forma que o fez, teve sua influência sobre a mente dos presentes, aumentando sua confiança e confirmando sua fé nas visões.

Respondeu como previsto

Quando Ellen White deu seu testemunho, olhares ansiosos se voltaram em direção à Sra. Alcott, a mulher repreendida, para ver como receberia o que havia sido dito e o que iria fazer e dizer. Se fosse inocente da acusação feita contra ela, naturalmente se esperaria que se levantasse e negasse tudo. Se fosse culpada e grosseiramente corrupta, poderia, por maldade, negar tudo, mesmo sabendo que era verdade. Em vez disso, fez exatamente o que o testemunho declarou que faria quando reprovada. Levantou-se lentamente, enquanto todos os olhares estavam fixos nela, e, esboçando um olhar hipócrita, disse lentamente: “O Senhor conhece meu coração”, e assentou-se sem dizer mais nada. Sua resposta foi exatamente o que o testemunho dissera que seria, da maneira exata.

Reconheceu sua culpa

Deus realmente lhes conhecia o coração, e eles mesmos sabiam ser culpados da acusação; pois, posteriormente, o jovem informou ao Sr. Gardner, um morador daquele lugar que o questionou minuciosamente sobre o assunto: “Sr. Gardner, o que Ellen White declarou a nosso respeito era bem verdade”; e a mulher, após dizer à Sra. Wilson, em Greenville, 1862, que “não se atrevia a dizer uma palavra contra a irmã White, a fim de que não se encontrasse lutando contra Deus”, admitiu ser verdade o que havia sido revelado sobre ela e o rapaz.

O grupo do Messenger

Durante o outono de 1853, algumas pessoas insatisfeitas, que viviam em Michigan, se uniram e começaram a publicar um folheto chamado *Messenger of Truth* (Mensageiro da Verdade). Aparentemente, a missão deste

folheto e de seus encarregados era destruir e difamar, ao invés de construir. Muitas mentiras foram inseridas em suas páginas que nos prejudicavam em nossos esforços em favor da mensagem; e, como esta era a primeira vez que enfrentávamos esse tipo de ataque aberto, imaginávamos ser nosso dever refutar suas caluniosas afirmações. Isso ocupou o tempo que deveria ter sido gasto no avanço da verdade que nos fora comissionada e serviu bem aos propósitos de Satanás, que, sem dúvida, foi o instigador desta oposição. As coisas permaneceram nesse pé até a noite de 20 de junho de 1855, quando o irmão White, sua esposa, o irmão Cottrell e eu, havíamos recém concluído uma reunião em Oswego, Nova Iorque. Tínhamos sido perturbados, em nossa reunião, por um tal de Lillis, que entrou e circulou alguns documentos caluniosos entre o povo. Mais uma vez veio à tona a questão quanto a nosso dever nesse assunto. Todos os esforços anteriores em responder a suas falsidades apenas resultaram em que se inventassem outras mais.

Orientação e predição do que sucederia

Em uma reunião de oração realizada naquela noite, em casa de John Place, na cidade de Oswego, Ellen White recebeu uma visão, na qual lhe foi mostrado que, se nos mantivéssemos dedicados a nosso trabalho, pregando a verdade, independentemente de qualquer grupo, tal como o “Partido do Mensageiro”, eles iriam lutar entre si e seu folheto iria gorar; e, quando isso acontecesse, veríamos que nossas fileiras haviam dobrado. Crendo que este testemunho vinha da parte do Senhor, prontamente passamos a agir de acordo com ele.

O grupo do Messenger e seu folheto entram em colapso

A causa da verdade avançou rapidamente, enquanto que o “Grupo do Messenger” entrou em problemas entre si. Num curto espaço de tempo, o grupo se dispersou e muitos de seus líderes abandonaram o sábado. Seu folheto logo cessou por falta de apoio e a pessoa que, durante algum tempo, havia atuado como editor, direcionou seus esforços para ser professor de escola. Contudo, não tendo primeiro aprendido a governar a si mesmo, fracassou totalmente em governar seus alunos. Na tentativa de corrigir um dos rapazes de sua escola, [esse professor] sacou um revólver, o qual estalou, mas o tiro não saiu. Para não ser linchado, foi obrigado a fugir, durante a noite, para o Canadá.

Efeito sobre a causa do advento

Nessa época, havia um estado de harmonia e unidade entre o nosso povo maior do que nunca dantes; e ao serem feitos esforços para propagar a mensagem, o caminho se abriu em todas as direções.

No n.º 10, vol. 11, da *Review*, de 14 de janeiro de 1858, o editor, referindo-se ao resultado da obra do *Messenger*, disse:

Na época da insatisfação, quando foram feitos esforços para destruir a *Review*, a propriedade da igreja no escritório era avaliada em apenas 700 dólares. Desde então, aumentou para 5.000 dólares. Na época, haviam cerca de mil assinantes pagantes, e agora existem dois mil, e uma grande lista de pessoas que a recebem “gratuitamente”.

Como chegamos à época (1858) em que o “Grupo do Messenger” se dividiu e dispersou, e o *Mensageiro* deixou de existir, os números acima são significativos. Assim como o número de assinantes pagantes da *Review* duplicou, o número de crentes mais do que duplicou. Deste modo, cumpriu-se a previsão feita por Ellen White, em junho de 1855.

Sugere-se o uso de tendas para as reuniões

Nos começo da mensagem, nosso costume era realizar reuniões em escolas caseiras, quando não era possível conseguir um lugar melhor. Num lugar assim, em uma ocasião, foi reunida uma multidão tão grande de pessoas que duas escolas caseiras daquele tamanho não poderiam acomodá-la. A fim de ser ouvido por todos, o orador se posicionou junto a uma janela aberta e pregou aos de dentro e ao público maior que se assentou em suas carroças e sobre a grama. A contemplação esta grande assembleia nos levou a considerar o uso de tendas para as reuniões.

Primeira reunião de tenda em Battle Creek, Michigan

Assim, em 22 de maio de 1854, em um grupo orientador composto pelo irmão Tiago White e outros, foi decidido que o plano do uso de tendas para as reuniões seria conveniente. Naquela época, o uso de grandes tendas era extremamente raro para outros fins que não circos, exposições de animais selvagens e shows diversos. Michigan foi o primeiro Estado em que os adventistas do sétimo dia experimentaram dar um passo nessa direção. A primeira reunião de tenda teve início em Battle Creek, em 10

de junho de 1854. Atualmente, este tipo de reuniões durante o verão tem crescido a grandes proporções.

Sugerido o uso de tendas

No ano de 1868, deu-se mais um passo ousado. A questão de realizar ou não reuniões campais foi devidamente considerada, e decidiu-se que esta seria uma excelente maneira de prover acomodações, durante as assembleias gerais, aos grandes ajuntamentos de nosso povo. Com uma grande tenda para as reuniões públicas e tendas menores para as famílias, as pessoas ficariam confortavelmente acomodadas e, assim, vários dias poderiam ser usados, com proveito, em encorajamento e adoração.

A primeira reunião campal em Wright, Michigan

A primeira reunião campal foi realizada em Wright, Michigan, nos dias 1-7 de setembro de 1868. Estas importantes reuniões gerais de nosso povo têm crescido tanto que mais de cinquenta reuniões campais são realizadas anualmente em diversas partes do campo. Estas reuniões campais não são realizadas apenas nos Estados Unidos, mas na Europa, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

A maior reunião do tipo já realizada por nosso povo ocorreu em 1893, em Lansing, Michigan. Nesse grande encontro, havia 3.400 pessoas alojadas em mais de 500 tendas familiares. O equivalente a mais de 125.000 metros quadrados de lona foram utilizados na construção das várias tendas no acampamento.

Livramento de um acidente de trem

No dia seguinte à decisão de comprar nossa primeira tenda de 18 metros (23 de maio de 1854), o irmão White e sua esposa, que se encontravam em Jackson, Michigan, estavam para iniciar sua viagem até Wisconsin, onde iriam trabalhar por certo tempo. Passamos a tarde na casa de D. R. Palmer, localizada perto da estação. Várias vezes durante a tarde o irmão White disse:

Tenho um sentimento estranho em relação a iniciar esta viagem; mas, Ellen, temos um compromisso e precisamos partir. Se não fosse pelo compromisso, eu preferiria não viajar hoje à noite.

Ao anoitecer, perto da hora em que o trem deveria chegar, tivemos um momento de oração. Todos pareciam impulsionados a orar pela segurança do irmão White e de sua esposa, nesta jornada que empreenderiam. Ao nos levantarmos, o irmão White expressou sua fé de que o Senhor cuidaria deles e os guardaria.

Às oito horas, fui com eles até o trem, para auxiliá-los a conseguir lugar para sentar e guardar suas malas. Entramos em um vagão cujo encosto dos assentos era alto, chamado na época de “vagão de dormir.” Ellen White disse: “Tiago, não posso ficar neste carro, tenho que sair daqui.” Ajudei-os a tomar assento na parte central do vagão seguinte. Ellen White assentou-se com suas bagagens no colo, mas disse: “Não me sinto à vontade neste trem.” O apito do trem tocou e, dizendo-lhes “Tchau” rapidamente, logo parti para a casa de Cyrenius Smith, para passar a noite.

Cerca de dez horas, ficamos todos muito surpresos ao ouvir o irmão White, que supostamente estava a caminho de Chicago, batendo à porta. Ele disse que o trem havia descarrilhado da pista três milhas a oeste de Jackson; que a maioria dos vagões, com a locomotiva, sofreram perda total; mas, ao passo que um tanto de pessoas havia morrido, tanto ele quanto Ellen escaparam ilesos. Tiago rapidamente conseguiu um cavalo e uma carruagem e, em companhia de Abram Dodge, foi buscá-la. Ele havia carregado Ellen nos braços, atravessando um terreno alagado e pantanoso, e cruzara um pequeno riacho até chegar a um local seguro, longe da cena do desastre.

Logo cedo, na manhã seguinte, eu e o Sr. Dodge fomos ver o acidente. Num ponto onde a estrada atravessa a linha de trem obliquamente, um boi tinha deitado para descansar bem em cima do trilho. A locomotiva não possuía o limpador de trilhos e, ao colidir com o animal, foi lançada fora dos trilhos, descarrilhando para a esquerda. No primeiro choque da locomotiva com o solo, o vagão de bagagem, contendo os livros do irmão White, saltou completamente para fora da linha e não sofreu danos; ao mesmo tempo, o vagão de passageiros, na parte traseira do trem, foi desacoplado do resto do trem sem ação humana, e parou calmamente no trilho. A locomotiva e o tender [vagão de combustível] deslizaram no chão cerca de 30 a 40 metros, até que o motor atingiu o toco de um carvalho com cerca de 1 metro de diâmetro. A força do trem era tanta que a locomotiva virou de cabeça para baixo, e a parte de trás do tender guinou pro outro lado do trilho. O corpo do trem, com força total, atingiu os destroços da locomotiva, produzindo assim um

segundo impacto. O primeiro vagão que atingiu a máquina era um vagão expresso, que foi esmagado e feito em gravetos. Ele, com seu conteúdo, virou uma massa de entulho empilhado em cima e ao redor do tênder. O próximo era um vagão da segunda classe, contendo dezoito passageiros, dos quais um morreu e todos os outros ficaram mais ou menos feridos. Este vagão foi partido em dois pelo vagão de dormir, que o atravessou. A parte dianteira do vagão de dormir foi despedaçada, e o assento em que Ellen não se sentiu à vontade de ficar foi completamente esmagado.

Evidência de livramento divino

Quando vimos os destroços e, em seguida, o vagão em que o irmão White e sua esposa viajavam no momento do acidente, serenamente separado dos outros, a uns 75 metros de distância dos destroços, sentimos, no coração, o desejo de dizer que Deus ouviu as orações; e quem sabe se Ele não enviou Seu anjo para desengatar o vagão, a fim de que Seus servos pudessem escapar ilesos? Este pensamento nos impressionou mais fortemente quando a pessoa responsável pelos freios do trem declarou que não soltou o vagão e, além disso, que ninguém estava na plataforma quando isso ocorreu, e que, até para ele e para toda a tripulação, era um mistério como isso aconteceu. O que lhes era ainda mais misterioso é que nem a corrente e nem o pino estavam quebrados, e o pino, com sua corrente, estavam postos sobre a plataforma do vagão destruído, como se colocados ali por uma mão cautelosa.

Ao fim da tarde do dia 24, os trilhos haviam sido suficientemente limpos dos destroços de modo que os trens já funcionaram como de costume, e Tiago e Ellen entraram novamente no trem e fizeram uma viagem segura para seu compromisso em Wisconsin.

Reprovação aos opositores

As coisas não eram sempre “tranquilas” com o antigo Israel. Tinham inimigos externos que procuravam impedir seu progresso a cada passo. A “multidão mista” e os não-consagrados dentro do acampamento eram ferramentas bem disponíveis, por meio de quem Satanás buscava disseminar descontentamento, contenda, murmuração e rebelião. O fato de que a próspera mão de Deus estava com os que nEle confiavam, e que a vitória acompanhava-lhes os esforços, era a prova de que este povo tinha achado graça aos Seus olhos – de que a mão do Senhor os estava conduzindo.

Assim também aconteceu na origem e no progresso da mensagem do terceiro anjo; seu avanço não ocorreu porque as verdades apresentadas eram algo agradável ao coração natural humano. Pelo contrário, a própria verdade central da mensagem – o sábado do Senhor – entra em conflito com interesses mundanos e egoístas, fazendo com que os que a obedecem sejam separados dos negócios do mundo dois dias por semana. A causa da verdade presente teve seus inimigos externos, resolutos e obstinados em seus esforços para derrotar a obra. Pode-se dizer a respeito deles, nas palavras do salmista:

Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, Israel que o diga; não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, e nos teriam engolido vivos, quando a sua ira se acendeu contra nós (Salmos 124:1-3).

Pessoas egoístas e insatisfeitas têm surgido em nossas fileiras de tempo em tempo, declarando que grandes coisas aconteceriam quando seus propósitos fossem realizados; mas assim como um fogo tolo,¹ faz muito tempo que suas luzes se apagaram. A causa da verdade presente, entretanto, de modo firme e constante, tem circundado o mundo, aumentando em estabilidade e força a cada avanço realizado.

Os irmãos Stephenson e Hall

Durante o verão de 1855, os irmãos Stephenson e Hall tentaram criar uma rebelião no Estado de Wisconsin. A liderança estava bem ciente de que eles tinham o objetivo de testar todos os pontos de nossa fé por sua doutrina da “Era-por-vir”, e que estavam bastante ansiosos de que os adventistas do sétimo dia aprendessem a doutrina de que haveria mais um tempo de prova após a segunda vinda de Cristo.

Predição a respeito desses irmãos

Em 20 de novembro de 1855, foi revelado a Ellen White o procedimento desses irmãos, e uma predição do fim que teriam, nas seguintes palavras.

Pensais vós, ó homens débeis, que podeis impedir a obra de Deus? Homem débil, um toque de Seu dedo pode lançar-te por terra. Ele te suportará apenas por pouco tempo.

¹ *Fogo-fátuo*, ou “fogo tolo” consiste em uma faísca de fogo nos pântanos que surge momentaneamente e logo em seguida desaparece.

Nossos adversários têm afirmado que esta visão declarava que estes homens iriam morrer em breve e, como viveram por vários anos, a visão não tinha se cumprido. Não há nada na visão acerca de que morreriam. Eles haviam sido representados na condição de homens buscando impedir a obra da mensagem do terceiro anjo. Embora fossem informados de quão fácil seria para Deus detê-los, é acrescentado: “Ele te suportará por apenas pouco tempo.” O que eles fizeram? – Em vez de obter sucesso em seu combate, como esperavam, parecem ter sido deixados a tatear na escuridão. Em poucas semanas, abandonaram completamente o sábado e se tornaram seus opositores. Haviam nutrido a esperança de organizar um grupo da “Era-por-vir”, com eles próprios como líderes. Em vez disso, ao abandonar o sábado, perderam completamente a influência que tinham sobre nosso povo. Assim, por seu próprio procedimento, anularam totalmente o que planejaram fazer de início. Nosso povo disse: “Certamente, Deus ‘os suportou por apenas pouco tempo.’”

Um triste fim de vida

Quanto ao fim desses dois homens, pode ser de proveito apresentar algumas declarações de seu triste destino, feitas por seus próprios irmãos, crentes na “Era-por-vir”, com quem se associaram após abandonarem o sábado. Trinta e sete anos atrás, o Sr. Hall desenvolveu um certo tipo de demência (ocasionada por amolecimento do cérebro), que surgiu após a perda de muitas propriedades, devido à fraude por parte de terceiros. Ele tem sofrido sob a ilusão de que, se sair ao ar livre, será esmagado ou lançado ao chão. É inofensivo, mas, naturalmente, por muitos anos, tem sido totalmente incapaz de realizar a obra ministerial em qualquer ramo que seja.²

O irmão Stephenson faleceu há cerca de dezesseis anos. Por vários anos antes de sua morte, sofreu de insanidade (loucura), apesar de inofensivo às pessoas. Antes de chegar a este estado, fazendo uso da suposta liberdade que possuía “sem a lei”, devido à teoria que adotara, abandonou sua esposa, uma mulher que não podia ser acusada de mancha alguma (ele só poderia obter o divórcio contratando um advogado desonesto), e casou-se com uma mulher muito mais jovem do que sua antiga esposa. Este ato foi uma violação tão flagrante no que respeita à moralidade, que seus

² Estes fatos foram informados por sua própria família ao irmão Frederickson, de Dakota, em abril de 1892.

próprios irmãos da “Era-por-vir” desaprovaram seu procedimento e não permitiram mais que ele pregasse.

As declarações de seus próprios irmãos a respeito do fim da vida desses homens expressam a mais profunda compaixão; no entanto, são simplesmente fatos, narrados sem maldade ou preconceito. Com isso, deixamos que nossos leitores tirem suas próprias conclusões com respeito à aplicação prática do testemunho.

O irmão J. H. Waggoner aceita a mensagem

No ano de 1852, o irmão J. H. Waggoner, que dirigia um jornal do condado em Wisconsin, aceitou a verdade presente e, no ano seguinte, entregou-se inteiramente à obra pastoral. Em 1857, escreveu dois panfletos muito importantes com cerca de duzentas páginas cada. O primeiro deles tinha o título: “*O Caráter e a Tendência do Espiritismo Moderno*”; e o segundo: “*Uma Refutação da Era-por-Vir*”. O primeiro foi não apenas um meio de salvar muitos de cair nas ciladas de Satanás, mas, com a bênção de Deus, abriu os olhos de muitos que não sabiam o que pensar acerca dessas manifestações modernas.

Sua “*Refutação da Era-por-Vir*” desmascara completamente as falsas teorias de um tempo de prova para os pecadores após a segunda vinda de nosso Senhor. Seu livro apresenta uma refutação tão completa desta doutrina que, não apenas ninguém o contestou, mas nenhuma tentativa de contestá-lo nos chegou ao conhecimento. O livro apresenta, da forma mais clara e concisa, a posição de Cristo como sacerdote no trono de Seu Pai (Seu sacerdócio de Melquisedeque), durante a dispensação presente, e a posição que Ele vai ocupar em Seu próprio trono, em Seu futuro reino eterno – um trono com o qual não será associada qualquer mediação sacerdotal.

Posteriormente, o irmão Waggoner escreveu um terceiro panfleto, de tamanho semelhante, intitulado: “*A Expição à Luz da Razão e da Revelação*”. Por volta de 1884, ele foi revisado e ampliado para 400 páginas. É um tratado claro e conciso sobre o tema indicado pelo título.

A partir de então, ele se tornou intimamente ligado à obra editorial, tanto como escritor quanto como editor. Também continuou seu trabalho ministerial, empregando seus últimos anos de vida na Europa.

Em 17 de abril de 1889, faleceu repentinamente em Basileia, na Suíça, logo após concluir seu último livro, “*Do Éden ao Éden*”. No dia 16, trabalhou

o dia todo escrevendo e fez essa anotação em seu diário: “Foi um dia de trabalho duro.” As seguintes informações são extraídas do relatório de seu caso, preparado pelos irmãos europeus:

Na manhã do dia 17, por volta das cinco e meia, ele caiu morto em sua cozinha, sem um momento sequer de aviso, com parada-cardíaca. Havia trabalhado arduamente para terminar a edição em Inglês de seu novo livro e planejava ir a Londres, no domingo seguinte, para trabalhar em conexão com o trabalho lá, antes de retornar para a América no verão seguinte.

Desde 1854, o irmão Waggoner esteve constantemente, e de forma destacada, perante o público em defesa da verdade, tanto no púlpito quanto na imprensa. Por ocasião de sua morte, ele quase atingia os sessenta e nove anos de idade. Foi sepultado em Basileia, dia 20 de abril. Assim caiu mais um dos trabalhadores iniciais da causa, que permanecia no posto do dever.

A cura pela fé

No início da primavera de 1858, Ellen White havia sido grandemente aflagida durante vários dias, ficando de cama em condição de quase total incapacidade. Certa ocasião, por volta da meia-noite, ela desmaiou; a família tentou reavivá-la usando todos os meios conhecidos, mas fracassou. Ela havia permanecido por mais de meia hora nessa condição, quando o irmão White, às pressas, chamou ao irmão Andrews e a mim para participar de um momento de oração. Em resposta às fervorosas orações à beira do seu leito, o Senhor misericordiosamente a reavivou e restaurou sua saúde. Enquanto louvávamos a Deus, ela foi tomada em visão, ainda deitada na cama. Algumas das coisas que lhe foram mostradas nesta visão podem ser lidas em *Testemunhos para a Igreja*, No. 5.

Notável manifestação física

Uma notável manifestação física ocorreu nesta visão, a qual queremos destacar de modo especial. O irmão White e eu estávamos sentados de um lado do leito e o irmão Andrews do outro lado. Ellen White estava ora com as mãos entrelaçadas sobre o peito e ora com seus braços apontando, da forma habitualmente livre e graciosa, em direção às diferentes cenas que via. A parte superior de seu corpo estava levantada da cama, de forma que havia uma distância de aproximadamente 20 a 23 centímetros entre seus ombros e o travesseiro. Em

outras palavras, seu corpo, da cintura para cima, estava flexionado em um ângulo de cerca de 30 graus. E ela permaneceu nessa posição durante toda a visão, a qual durou trinta minutos. Ninguém poderia, naturalmente, posicionar-se assim, sem se apoiar com mãos e braços, muito menos manter-se assim por esse período de tempo. Aqui, novamente, estava uma prova de que um poder, sobre o qual ela não tinha controle, estava ligado à visão.

Outra predição

No dia primeiro de outubro de 1858, uma assembleia geral foi realizada pelo irmão e irmã White, e pelo que vos escreve, em Rochester, Nova Iorque. A partir desta reunião, o escritor acompanhou ao casal em uma turnê pelo Estado de Nova Iorque e pelos Estados da Nova Inglaterra. Num sábado, Ellen White recebeu uma visão na qual lhe foi mostrado, entre outras coisas, que, em algum momento de nossa viagem, Satanás faria um ataque poderoso sobre ela e que, pela fé, o irmão White e eu deveríamos sustentá-la, e o Senhor a libertaria.

A aflição de Ellen White

Aqui, novamente, havia uma profecia do que iria acontecer. O que se segue vai mostrar com que precisão ela foi cumprida. No primeiro sábado após a reunião de Rochester, estávamos em Roosevelt, e no sábado seguinte, em Brookfield, Condado de Madison. Na semana seguinte, realizamos reuniões na espaçosa cozinha do Sr. Ballou, em Mansville, Condado de Jefferson. Enquanto viajávamos de trem de Brookfield a Mansville, o rosto de Ellen White ficou inflamado, na região logo abaixo dos olhos. Ela sentia tanta dor que, ao chegamos em Mansville, ela foi obrigada a se deitar. A inflamação aumentou por dois dias, privando-a do sono, bem como impedindo-a de tomar parte nas reuniões. Sua cabeça estava tão inchada a ponto de causar o fechamento de ambos os olhos, e seu rosto estava tão desfigurado que não tinha a aparência de um ser humano. Em meio a toda esta excruciante dor e extremo nervosismo causado por perda de sono, o inimigo estava arduamente tentando fazer com que ela murmurasse contra Deus. As coisas continuaram assim até o fim das reuniões que haviam sido agendadas.

Acabando as reuniões, o irmão White me disse:

Irmão John, este é aquele ataque que Satanás faria contra minha esposa, do qual fomos avisados em Rochester. Você se lembra da promessa

de que, se nos uníssemos e a apoiássemos pela fé, não desfalecendo um momento sequer quando viesse a luta, o poder do inimigo seria quebrado e ela seria livrada. Vamos entrar agora mesmo e passar um tempo em oração.

Ocorre o livramento previsto

Fomos imediatamente até o quarto onde Ellen White estava acamada e nos unimos em fervorosa oração em seu favor, enquanto que, na sala onde realizamos reuniões, os irmãos permaneceram em oração silenciosa. Cerca de dez minutos após começarmos a orar, o poder do Senhor desceu e encheu a sala. Ellen recebeu alívio imediato de qualquer dor e logo pediu alimento. Era cerca de cinco da tarde. Perto das sete, todo o inchaço havia desaparecido de seu rosto e ela participou da reunião naquela noite. Ao que tudo indica, tinha a aparência de estar bem como sempre.

A pedido dos cidadãos, foi feito um discurso à noite sobre a “Herança dos Santos,” ao fim do qual Ellen fez uma exortação. Enquanto o irmão White estava no lado de fora com seu filhinho, William Clarence, Ellen foi tomada em visão perante a grande assembleia. Algumas das coisas mostradas a ela naquele momento podem ser lidas no artigo de encerramento do *Testemunho* No. 5, datado de Mansville, Nova Iorque, de 21 de outubro de 1858.

O alívio obtido por Ellen White, na ocasião que acabamos de citar, foi tão eficaz como o previsto na visão dada em Rochester. Nenhuma dificuldade do gênero ocorreu novamente naquela viagem e, em toda parte, obtivemos uma gloriosa vitória em favor da verdade.

Predição da Guerra Civil Americana

No sábado, dia 12 de janeiro de 1861, há apenas três meses do dia anterior à primeira arma ser disparada em Fort Sumter (que foi realmente a abertura da guerra que resultou na libertação de 4 milhões de escravos Africanos na América), foi inaugurada a igreja Adventista do Sétimo Dia, em Parkville, Michigan. O culto contou com a presença do irmão White e sua esposa, os irmãos Waggoner, Smith e o escritor. Quando Tiago White encerrou seu discurso, Ellen White deu uma comovente exortação, depois da qual assentou-se numa cadeira. Enquanto nessa posição, foi tomada em visão. A igreja estava lotada e o ambiente era realmente solene. Após sair da visão, ela se levantou e, olhando ao redor, disse:

Não há ninguém nesta casa que tenha sequer sonhado com as desgraças que hão de vir sobre este país. As pessoas estão caçoando da ordem de secessão da Carolina do Sul, mas acaba de me ser mostrado que um grande número de Estados vão se unir àquele Estado e haverá uma guerra muito terrível. Nesta visão, vi grandes exércitos de ambos os lados reunidos no campo de batalha. Ouvi o estrondo do canhão e vi gente morta e agonizante por todo lado. Então, pude vê-los apressando-se no combate corpo-a-corpo [abaionetando um ao outro]. Então pude ver o terreno após a batalha, todo coberto com gente morta e moribunda. Fui, então, levada às prisões e pude ver o sofrimento daqueles em necessidade, que estavam definhando. Então, fui levada às casas das pessoas que perderam seus maridos, filhos ou irmãos na guerra. Vi sua aflição e angústia.

Então, olhando lentamente ao seu redor, ela disse: “Há pessoas nesta casa que perderão seus filhos nessa guerra.”

Depoimento da Sra. Ensign quanto à visão

O seguinte depoimento é dado como confirmação do fato acima, como prova de que a previsão foi feita no dia indicado e como uma ilustração de como a congregação entendeu e circulou tal previsão:

Isso certifica de que eu vivia no Condado de St. Joseph, Michigan, em janeiro de 1861, há cerca de 10 quilômetros de Parkville. Eu não era adventista. No dia 12 daquele mês, vários vizinhos meus foram a Parkville assistir as reuniões. Quando chegaram em casa, me disseram que havia uma mulher na reunião que estava em transe e que disse que uma guerra terrível estava vindo sobre os Estados Unidos. Grandes exércitos seriam levantados de ambos os lados, no Sul bem como no Norte, e haveria muitos que sofreriam nas prisões. Extrema necessidade seria sentida em muitas famílias em consequência da perda de maridos, filhos e irmãos na guerra. E havia pessoas na casa que iriam perder seus filhos nessa guerra. Assinado, Martha V. Ensign, Wild Flower, Condado de Fresno, Califórnia, 30 de janeiro de 1891.

Juntamente com a predição daquela guerra terrível, Ellen White declarou ainda que os adventistas do sétimo dia

passariam por sérios apuros em decorrência da guerra, e que era dever de todos orar fervorosamente para que lhes fosse dada sabedoria sobre o que fazer nos tempos difíceis que estavam à frente.

Extensão da Guerra Civil

Na ocasião em que foi dada a visão, o povo do Norte, de modo geral, tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre a guerra iminente. Até mesmo o presidente Lincoln, três meses depois (12 de abril de 1861), quando vários Estados se haviam unido à Carolina do Sul em sua ordem de secessão e a primeira arma foi disparada em Fort Sumter, convocou apenas 75.000 homens, e estes, pelo curto prazo de três meses.

O número total de soldados convocados no lado da União durante a guerra foi de 2.859.132. A Enciclopédia Britânica diz que “o exército Confederado contava, no início de 1863, com cerca de 700.000 homens”, mas que é difícil saber exatamente o total de soldados alistados. Segundo ela, seu número de mortos se estima em “cerca de 300.000 homens”. Algumas enciclopédias atuais estimam as perdas por parte da União (dos mortos em combate, ou que morreram por ferimentos ou doenças contraídas no campo ou nas prisões) em 359.528. Sobre a dívida por parte da União, a Enciclopédia Britânica declara:

A dívida atingiu o seu pico máximo em 31 de agosto de 1865, totalizando 2.845.907.626,56 de dólares. Mais ou menos 800.000.000 de dólares da receita também haviam sido gastos, principalmente na guerra; estados, cidades, condados e municípios haviam gasto seus próprios impostos e acumulado suas próprias dívidas em favor da guerra; o pagamento de pensões, por fim, deverá somar 1.500.000.000 de dólares. Os gastos da Confederação nunca poderão ser avaliados, o patrimônio destruído pelos exércitos Federais e pelos exércitos Confederados dificilmente se pode estimar; e o valor monetário (2.000.000.000 de dólares) estimado dos escravos no Sul foi liquidado pela guerra. Ao todo, apesar de não ser possível calcular precisamente o custo da guerra, 8.000.000.000 de dólares é uma estimativa moderada (*Encyclopedia Britannica*, 9º ed., Vol. 23, p. 780).

Outra confirmação da visão

Quanto à previsão relacionada às pessoas presentes na igreja de Parkville que perderiam seus filhos na guerra, menciono simplesmente que, no Outono de 1883, encontrei o ancião da igreja de Parkville, que também era o ancião em janeiro de 1861, quando a visão foi dada. Perguntei-lhe se se lembrava do que Ellen White tinha dito ao relatar a visão sobre a guerra. “Sim”, disse ele, “lembro”. “Você poderia me informar quantas pessoas você

conhece que estavam na igreja naquele dia e perderam filhos na guerra?” Ele prontamente lembrou o nome de cinco pessoas e disse: “Sei que estas estavam lá e que perderam filhos na guerra; se estivesse em casa e pudesse conversar com minha família, poderia citar mais nomes”. E continuou: “Penso que havia outras cinco pessoas, além destas que mencionei.”

Uns quatro anos ou mais de combate assíduo por parte do Sul, até perder quase metade de todas as suas forças alistadas por morte em combate ou por doença, revelaram um notável cumprimento da previsão mencionada acima.

A escravidão e a guerra

Relatando uma visão recebida no dia 4 de janeiro de 1862, Ellen White declarou:

Milhares têm sido induzidos a se alistar com o entendimento de que essa guerra era para acabar com a escravidão; mas, agora que estão comprometidos, descubrem que foram enganados, que o objetivo dessa guerra não é abolir a escravidão, mas mantê-la como está.

Isso aconteceu num período em que exigia-se dos soldados que auxiliassem a retornar a seus senhores todos os escravos que haviam escapado para dentro dos limites da União. Os soldados são representados como dizendo: “Se tivermos sucesso em acabar com esta rebelião, o que terá sido ganho?” Eles respondem desencorajados: “Nada. A causa da rebelião não é removida. Permite-se que o sistema de escravidão, o qual tem arruinado nossa nação, continue a existir e a fomentar outra rebelião”. Estas palavras foram extraídas do *Testemunho* número 7, onde um emocionante relato da guerra é descrito por completo sob o título de “A Escravidão e a Guerra”. Ali não diz que a escravidão jamais seria abolida, mas representa o modo pelo qual os soldados, na época, enxergavam a situação. Um pouco mais adiante, no mesmo testemunho, encontra-se a seguinte predição:

Predição sobre a vitória do Norte

E ainda proclamam um jejum nacional! Diz o Senhor: “Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo?” Quando nossa nação praticar o jejum escolhido pelo Senhor, então lhes aceitará as orações, no que respeita a guerra; mas, agora, elas não entram em Seu ouvido.

Os que estão familiarizados com a história da guerra conhecem as derrotas, os desastres, os atrasos, etc., nos esforços do Norte para conquistar as forças do Sul, até época em que proclamação de libertação foi feita, em 1° de janeiro de 1863. Depois disso, quão rápidas foram as conquistas desde aquele momento até o fim da guerra! Quão evidente, para os que observavam o progresso da obra, foi o cumprimento daquela predição de 4 de janeiro de 1862. Depois que as ataduras da servidão foram removidas, as correntes quebradas e retirado o jugo de sobre o escravo! Quão evidente foi que, quando escolheram praticar o jejum que agradava a Deus, Ele ouviu as orações de Seu povo e abençoou-lhes os esforços de acabar com a guerra!

Testemunho do ex-governador St. John

O ex-governador John P. St. John, de Kansas, em Ottawa, Illinois, num discurso que ouvi na tarde de 29 de junho de 1891, fez a seguinte declaração:

Nunca fiquei tão decepcionado como quando os [Confederados] nos derrotaram em Bull Run. Mas era tudo parte do plano de Deus. Se tivéssemos derrotado os [confederados], os políticos teriam buscado fazer as pazes, a União iria continuar com a escravidão e nós a teríamos ainda hoje. Por dois anos os [Confederados] tiveram a vantagem. Mas, após Lincoln emitir a famosa Proclamação de Libertação, passamos totalmente para o lado de Deus, e não poderíamos perder.

Capítulo 22



ORGANIZAÇÃO

“Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi” (Tito 1:5).

No avanço da mensagem do terceiro anjo, doze anos se passaram (1846-1858) antes que nosso povo percebesse a necessidade de qualquer organização mais formal do que simplesmente a crença na verdade e o amor cristão. Embora o Senhor, pelo dom profético, tivesse orientado a Seu povo a este respeito, parece ter sido necessário que ocorressem eventos probantes, a fim de despertá-los totalmente para a necessidade da organização de associações, igrejas e sociedades, para a administração dos assuntos temporais da causa.

Oposição à organização

Em uma nota de rodapé na página 12 do *Supplement to Experience and Views*, publicado em 1853, o irmão Tiago White relata:

Depois que o tempo [esperado] passou, em 1844, havia grande confusão, e a maioria se opunha a qualquer tipo de organização, defendendo que isto era incoerente com a perfeita liberdade do evangelho! Ellen White sempre se opôs a todo tipo de fanatismo, e logo declarou que alguma forma de organização era necessária para evitar e corrigir a confusão. Poucos, nos dias atuais, podem ter qualquer ideia da firmeza que então se requeria para manter sua posição contra a anarquia prevalecente.

A união que há entre os adventistas do sétimo dia tem sido grandemente promovida e mantida devido a seus avisos e instruções oportunos.

George Storrs falando sobre a organização

O texto a seguir, escrito por George Storrs em 1844, nos mostra o que era ensinado, sobre o assunto de organização, para aqueles que se haviam separado das igrejas, sob a proclamação da mensagem do advento:

Tenham cuidado para não procurar organizar outra igreja. Nenhuma igreja pode ser organizada por invenção humana que não se torne Babilônia *no momento em que é organizada*. O Senhor organizou Sua própria igreja por meio dos fortes laços do amor. Não há como fortalecê-la mais que isto; e quando essas ligações não forem capazes de manter juntos os professos seguidores de Cristo juntas os declarados seguidores de Cristo, estes deixam de ser seus seguidores, saindo naturalmente do corpo da igreja (*Midnight Cry*, 15 de fevereiro de 1844).

Organização em tempos apostólicos

Os adventistas do sétimo dia, como mencionamos, não possuíam qualquer organização formal por muitos anos, nem mesmo uma organização eclesiástica. Qualquer pessoa que tivesse a coragem moral de aceitar a verdade e obedecê-la sob a pressão de oposição exterior que existia na época, era considerada honesta e digna do amor cristão e da comunhão. Nos dias apostólicos, houve um tempo em que ela se tornou necessária, “para que pusesse em ordem as coisas restantes” (Tito 1:5-9). Por volta do ano 65 d.C., Tito foi autorizado a que, “em cada cidade, constituísse presbíteros”, onde houvessem fiéis, e Timóteo recebeu instruções bem detalhadas sobre o assunto (1 Timóteo 3:1-15).

O irmão White fala sobre organização

O texto a seguir, escrito pelo irmão Tiago White acerca de organização e disciplina, apareceu na *Review* de 4 de janeiro de 1881:

A organização foi planejada a fim de garantir unidade de ação, servindo como proteção contra a fraude. Jamais foi intencionada como castigo para forçar obediência, mas para a proteção do povo de Deus. Cristo não empurra a Seu povo, Ele os chama. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.” Nosso Líder abre o caminho, e chama Seu povo a segui-Lo.

Credos humanos não podem produzir união. A autoridade da Igreja é incapaz de comprimi-la em um só corpo. Cristo jamais designou que

mentes humanas fossem moldadas para o céu pela influência de outras mentes humanas. “Cristo é o cabeça de todo homem.” Seu papel é conduzir, moldar, e estampar Sua própria imagem sobre os herdeiros da glória eterna. Não importa quão importante a organização possa ser para a proteção da igreja e para garantir a harmonia de ação, não deve vir para tomar das mãos do Mestre a disciplina que só a Ele cabe dar.

Unidade entre dois extremos

O grande segredo de união e eficiência no ministério e na igreja de Deus encontra-se situado entre dois extremos: autoridade da igreja e independência não-santificada. O apóstolo Pedro, por meio de um apelo muito solene aos irmãos da sua época, nos declara: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória. Rogo igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingivovos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1 Pedro 5:1-6).

A simplicidade e a forma de organização do Novo Testamento

Aqueles que elaboraram o modelo de organização, adotado pelos adventistas do sétimo dia, trabalharam para adotar, na medida do possível, a simplicidade de expressão e de forma encontradas no Novo Testamento. Quanto mais se manifestar o espírito do Evangelho, quanto mais simples, mais eficiente será o sistema.

A Conferência Geral tem a supervisão geral da obra em todos os seus ramos, incluindo as associações a nível de Estado. Essas associações têm a supervisão de todos os ramos da obra no Estado, incluindo as igrejas naquele Estado. E a igreja é um corpo de cristãos unidos pelo simples pacto de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

Oficiais da igreja devem ser seus servos

Os oficiais de uma igreja local são servos daquela igreja, e não senhores, para reinar pela força. “O maior dentre vós será vosso servo” (Mateus 23:11). Estes agentes devem ser exemplos na paciência, vigilância, oração, bondade e liberalidade para com os membros da igreja, devendo manifestar, àqueles aos quais servem, considerável medida daquele amor que se manifesta na vida e nos ensinamentos de nosso Senhor.

Primeiro testemunho a respeito de ordem

No *Supplement to Experience and Views*, publicado em 1853, instrução especial é dada a respeito de ordem na obra evangélica. Na página quinze lemos o seguinte:

“A Igreja deve procurar refúgio na Palavra de Deus e estabelecer-se na ordem evangélica, a qual tem sido esquecida e negligenciada.” Isto é necessariamente indispensável para levar a igreja à unidade da fé.

Ordem será necessária perto do fim

Em um testemunho dado em 23 de dezembro de 1860, lemos:

À medida que nos aproximamos do fim do tempo, Satanás desce com grande poder, sabendo que tem pouco tempo. Seu poder é especialmente exercido sobre o remanescente. Ele pelejará contra eles e buscará dividi-los e espalhá-los, a fim de os enfraquecer e poder vencê-los mais facilmente. O povo de Deus precisa agir conscientemente e unir seus esforços. Deveriam ter a mesma intenção e o mesmo bom senso; então seus esforços não serão dispersados, mas falarão convincentemente em favor da causa da verdade presente. É necessário que a ordem seja observada, e que haja união em manter essa ordem, ou Satanás obterá vantagem (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 1, p. 210).

Devemos imitar a ordem angélica

No Testemunho No. 14, publicado em 1868, lemos:

Quanto mais atentamente imitarmos a harmonia e a ordem da multidão angélica, tanto mais bem-sucedidos serão os esforços desses agentes celestiais em nosso favor. Se não virmos necessidade de ação harmoniosa, e formos desordenados, indisciplinados e desorganizados

em nosso modo de agir, os anjos, que são totalmente organizados e se movem em perfeita ordem, não conseguem agir com sucesso em nosso favor. Eles se afastam entristecidos, pois não estão autorizados a abençoar confusão, desordem e desorganização.

Deus ainda é um Deus de ordem

Deixou o Senhor de ser um Deus de ordem? Não. Ele é o mesmo tanto na presente dispensação como na passada. Diz Paulo: “Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz.” 1 Coríntios 14:33. Ele é tão específico hoje como então. Deseja que aprendamos lições de ordem e organização a partir da perfeita ordem instituída nos dias de Moisés para benefício dos filhos de Israel (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 1, p. 653).

A oração de Cristo em favor da ordem

Em um testemunho escrito em 1882, vemos o mesmo sentimento expresso nestas palavras:

A preocupação expressa na última oração de nosso Salvador pelos discípulos, antes de Sua crucifixão, foi que imperassem união e amor entre eles. [...] “E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela Sua palavra hão de crer em Mim; para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste” [João 17:17-21] (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 5, p. 236, 237).

Perigo de independência individual

Em 1885, foi dado o seguinte testemunho:

Um ponto tem de ser guardado, e esse é a *independência individual*. Como soldados no exército de Cristo, deve haver *harmonia de ação* nos vários departamentos da obra (*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 5, p. 534).

Satanás se deleita ao destruir a ordem

Em um testemunho especial publicado em 1895, está escrito:

Oh, como Satanás se alegraria em se introduzir neste povo, desorganizando a obra num tempo em que total organização é essencial, e será o maior poder para afastar rebeliões espúrias e refutar reivindicações não apoiadas pela Palavra de Deus. Queremos manter

as fileiras uniformemente, para que não haja quebra do *sistema* de regulamento e ordem.

Ministros recomendados

Em harmonia com os testemunhos que acabamos de citar, um dos primeiros pontos considerados no estabelecimento de ordem entre nosso povo era alguma forma de identificar aqueles que pregavam a mensagem. Nos anos que decorreram entre 1850-1861, foi adotado o plano de que, aos ministros que tinham confirmado seu dom, dando evidentes indicações de serem aprovados pelo Senhor, e estivessem em harmonia com a totalidade da obra, fosse concedido um cartão que os recomendassem à comunhão com o povo de Deus em toda parte, simplesmente declarando que haviam sido aprovados na obra do ministério evangélico. Estes cartões foram datados e assinados por dois dos principais ministros, conhecidos entre nosso povo como líderes na obra.

Apoio para ministros

No inverno de 1858-1859, foi dada instrução no sentido de que a Bíblia continha um sistema completo para o sustento do ministério e que, se nosso povo estudasse o assunto do ponto de vista bíblico, iria descobrir tal sistema. Consequentemente, realizou-se uma classe bíblica em Battle Creek, dirigida pelo irmão J. N. Andrews. Após estudarem cuidadosamente as Escrituras, em oração, prepararam um artigo e o publicaram na *Review* de 3 de fevereiro de 1859, apresentando um plano que adotava o princípio do dízimo. O assunto foi apresentado num grande encontro de nosso povo, que se haviam reunido em assembleia geral em Battle Creek, Michigan, dia 6 de junho de 1859, e adotado unanimemente por voto de toda a assembleia.

Aprovado o estabelecimento de ordem

No Testemunho No. 6, de 1861, o Senhor, através de Ellen White, assim falou em referência ao sistema que havia sido adotado pelos adventistas do sétimo dia:

Não roubem a Deus pela retenção de dízimos e ofertas. O primeiro e sagrado dever é devolver a Deus a devida parcela. Não permitam que alguém introduza suas exigências, levando-os a roubar a Deus. Não permitam que seus filhos roubem suas ofertas do altar de Deus, usando-as para proveito próprio.

O sistema do dízimo para desenvolver o caráter

O sistema de dízimos, vi, desenvolveria o caráter e manifestaria o verdadeiro estado do coração. Se esse assunto for apresentado aos irmãos de Ohio em seu verdadeiro sentido, e se permitir que eles se decidam por si mesmos, verão sabedoria e ordem no sistema.

Desta forma, um sistema de finanças foi estabelecido entre os adventistas do sétimo dia, para sustentar a obra ministerial, e agora está sendo usado por nosso povo ao redor do mundo.

Na *Review* de 21 de julho de 1859, como resultado de instrução anteriormente dada através dos Testemunhos, sugeriu-se, pela primeira vez, que cada Estado realizasse uma reunião anual onde fosse feito um cuidadoso planejamento do trabalho; evitando, assim, a confusão tão comum no desempenho da obra ministerial, a fim de que ordem e sistematização fossem mantidas em nossa obra. Esta sugestão realmente antecipava a formação de organizações em Associações Estaduais.

Mantendo as propriedades da igreja

Com o avanço da mensagem e o aumento do números de membros, seguiu-se, naturalmente, um acúmulo de propriedades, tornando necessário discutir-se a questão da manutenção legal das propriedades da igreja. Em um artigo do irmão White, encontrado na *Review* de 23 de fevereiro de 1860, lemos o seguinte:

Esperamos, no entanto, que tal tempo não esteja distante, quando este povo estiver na posição necessária para colocar no seguro as propriedades da igreja, mantendo as igrejas de forma adequada, e que os que prepararem seu testamento, e desejarem, possam dedicar uma parte ao departamento de publicações. Convocamos nossos pregadores e a liderança para dar atenção ao assunto. Se alguém desaprovar nossas sugestões, podem, por favor, escrever um plano pelo qual, nós, como povo, possamos agir?

Apoiada à ideia de uma organização legal

Durante o verão daquele ano, houve uma discussão meio amigável sobre o assunto na *Review*. E, numa reunião geral dos representantes de nosso povo, de Michigan e de vários outros Estados, que foi realizada em Battle Creek nos dias 28 de setembro a 1º de outubro, houve atenta consideração

sobre o assunto, havendo uma discussão aberta e completa sobre a organização legal com a finalidade de manter a propriedade do escritório e dos prédios de igrejas, etc. Essa discussão encontra-se na *Review*, Vol. 16, Números 21, 22, e 23, publicadas nos dias 9, 16 e 27 de outubro de 1860.

Como resultado das ponderações desta reunião, votou-se, unanimemente, organizar legalmente uma associação de publicação, e, a fim de que tal corporação pudesse ser formada o quanto antes possível, uma comissão de cinco pessoas foi eleita pela assembleia reunida.

Um nome denominacional

Esta conferência também considerou o assunto do nome pelo qual nosso povo seria chamado. Isto, novamente, gerou uma diversidade de opiniões, alguns pleiteando por um nome e outros por outro. Tendo sido proposto o nome “Igreja de Deus”, tal proposta foi derrubada, pois não apresentava nenhuma das características distintivas da nossa fé, ao passo que o nome “adventistas do sétimo dia” não apenas proclamava nossa fé na iminente vinda de Cristo, mas também revelava que somos guardadores do sábado do sétimo dia. A votação foi tão unânime, em favor deste último nome, que, quando posto para votação, apenas uma pessoa votou contra ele; mas, logo depois, retirou sua objeção.

O nome aprovado

No Testemunho No. 6, lemos:

Não podemos adotar outro nome melhor do que esse, que concorda com a nossa doutrina, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar. [...] O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro caráter de nossa fé e será próprio para persuadir aos espíritos indagadores. Como uma flecha da aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no Senhor Jesus Cristo. Como resultado, o testemunho resolveu a questão para sempre na mente dos fiéis.

A função do verdadeiro dom

Não é esta a ocupação peculiar da manifestação dos dons do Espírito de Deus? Paulo declarou que os dons foram postos na igreja “com vistas ao

aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé”, etc. (Efésios 4:12, 13). Quão apropriado é, que, após os fiéis haverem buscado a luz com devoção e humildade, o Espírito se pronunciasse, dizendo: “Este é o caminho; suas conclusões estão corretas”; e, em seguida, “edificasse” a Igreja ainda mais, como neste caso, declarando-lhes a real importância da questão, e alguns dos bons resultados que advirão desta decisão que tomaram.

Organização da igreja

Em um discurso proferido pelo irmão White para a Conferência Geral realizada em Battle Creek, em abril de 1861, publicado na *Review* de 11 de junho de 1861, ele introduziu a ideia de uma organização mais completa de nossas igrejas. Por requisição, nove ministros realizaram uma classe Bíblica buscando luz sobre o assunto, sendo-lhes solicitado, pela Conferência, que publicassem na *Review* os resultados de tal investigação. Após apresentarem o testemunho bíblico sobre a ordem na igreja e seus oficiais, passaram à consideração do tema da igualdade de representação dos vários Estados na Conferência Geral, bem como da representação adequada e igualitária das igrejas nas Associações estaduais. De fato, esta foi a primeira introdução da ideia de haver proporções iguais de delegados devidamente eleitos para as reuniões gerais previamente acertadas.

Organizada a Associação Estadual de Michigan

Em 6 de outubro de 1861, a Associação de Michigan foi organizada pela eleição de um presidente, um secretário e uma comissão executiva composta de três pessoas. Por voto da associação, foi recomendado que as igrejas se filiassem à organização, adotando o seguinte, como pacto de igreja:

Nós, abaixo assinados, por meio desta, nos associamos como uma igreja, escolhendo o nome adventistas do sétimo dia; concordando solenemente em guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus Cristo.

Credenciais dos ministros

Decidiu-se, pela primeira vez nesta conferência, que as credenciais deviam ser concedidas a todos os ministros adventistas do sétimo dia no Estado, os quais estivessem em harmonia com a igreja, e que os ministros deviam carregar consigo documentos que consistissem num certificado de ordena-

ção, e credenciais assinadas pelo presidente e pelo secretário da associação, as quais deviam ser renovadas anualmente.

Também foi votado que se selecionasse uma comissão com o fim de preparar uma apresentação, expondo perante nosso povo o procedimento na organização de igrejas. Esta apresentação foi publicada na *Review* de 15 de outubro de 1861.

As credenciais dos delegados

No mês de setembro de 1862, a Associação de Michigan realizou a sua primeira sessão em Monterey. Aqui, pela primeira vez, foi apresentada a ideia de se receber igrejas nas Associações do modo como os membros são recebidos nas igrejas por votação. Como já havia dezessete igrejas organizadas no Estado, estas eram, por votação, recebidas na Associação, e todos os membros dessas igrejas que estavam presentes foram aceitos como delegados.

Os salários dos ministros

Foi, também, nesta conferência que se adotou o plano de pagar, semanalmente, aos ministros uma certa quantia por serviços prestados. Estes, por sua vez, foram obrigados a relatar o tempo gasto no trabalho pela Associação, com seus recibos e despesas; e a Associação, ao receber este relatório, deveria fazer os devidos ajustes.

Credenciais apresentadas pela primeira vez por delegados

Em 20 de maio de 1863, a Conferência Geral foi realizada em Battle Creek, Michigan. Foi a primeira sessão daquele órgão em que os delegados portavam credenciais de seus respectivos Estados. A representação não era, no entanto, em base numérica. Os Estados representados nesta ocasião foram Michigan, Wisconsin, Iowa, Minnesota, Nova Iorque e Ohio.

Constituições da Associação Geral e Estadual

Em 21 de maio, uma Constituição foi adotada pela Associação Geral, e, no mesmo dia, uma Constituição Estadual foi recomendada às Associações Estaduais. Isto se deu numa reunião da Associação de Michigan. Estas constituições forneceram uma base numérica para representação delegada nas Associações Estaduais e na Associação Geral. A Constituição Estadual,

lá recomendada, é praticamente a mesma agora usada por nossas setenta e duas Associações locais ao redor do mundo.

Por ocasião da Conferência Geral, na primavera de 1864, recomendou-se pela primeira vez à Associação Estadual que uma Comissão Auditora, composta de membros leigos que não fossem obreiros da Associação durante o ano, fosse selecionada para atuar, com a Comissão Executiva, na auditoria e acerto de contas com os ministros. Assim, passo a passo, à medida que surgia a necessidade, a ordem foi estabelecida na obra e na causa de Deus.

Assim, acabamos de traçar brevemente os passos que levaram à organização formal da obra. Isto ocorreu quando a denominação era muito pequena em relação ao tamanho atual.

Quando a Associação Geral foi plenamente organizada, em 1863, o número total de delegados não chegava ao que agora temos anualmente em algumas das pequenas Associações locais.

Objetivo da organização

O objetivo a ser atingido por meio da organização era de que a propriedades da igreja pudessem legalmente estar em nome da igreja, sendo legalmente administradas, e que os obreiros pudessem trabalhar em harmonia, sem confusão, avançando com planejamento e, portanto, sem distrações. Os mesmos princípios adotados na nossa organização, até 1864, foram incorporados na obra que, posteriormente, se ampliou e estendeu a outros países e nacionalidades.

A formação de organizações gerais

À medida que a mensagem avançou, as seguintes organizações gerais foram formadas, cujos oficiais eram eleitos nas sessões ordinárias da Conferência Geral:

A Conferência Geral da Associação – uma corporação legal composta de vinte e um membros, para manter o título de propriedade das diversas instituições nos Estados Unidos e em outros países.

A Junta de Missões Estrangeiras – para supervisionar e expandir o trabalho missionário em território não-englobado pelas Associações organizadas.

A Sociedade Internacional de Folhetos – encarregada da distribuição de materiais de leitura e correspondências, visando a abertura de novas missões.

A Associação de Liberdade Religiosa – cuja principal missão era auxiliar aos perseguidos por motivos de consciência, e para circular publicações sobre os princípios da liberdade religiosa.

A Associação Internacional da Escola Sabatina – cujo objetivo era a construção e avanço da obra da Escola Sabatina em todos os campos.

A Associação Médico-Missionária e Beneficente – cuja obra visava o treinamento de médicos e enfermeiros, a condução de hospitais, orfanatos, asilos, etc.

O campo ocupado até 1868

Até 1868, nossa área de atuação incluía a região dos Estados Unidos situada a leste do rio Missouri e a norte do paralelo de latitude correspondente com a fronteira sul do Estado de Missouri. Naquela época, a Comissão da Associação Geral era composta de apenas três membros, um deles atuando como Presidente. As oito Associações locais estavam todas sob a supervisão da Associação Geral, que tinha sua sede em Battle Creek, Michigan.

Reorganização necessária

À medida que a mensagem se estendeu a outras terras, surgiu a necessidade de reorganizar o campo inteiro. Consequentemente, foram tomadas medidas nessa direção em 1897, mas o trabalho de reorganização foi feito de modo mais completo durante os últimos quatro anos, com a Conferência Geral Europeia sendo organizada neste período, possuindo uma Comissão Executiva composta por quatorze membros. A Associação Geral original, com sede em Washington, D.C., tem uma Comissão Executiva de vinte e oito membros, representando os diversos interesses da mensagem, substituindo algumas das associações gerais que foram descontinuadas.

A organização em 1º de janeiro de 1903

Os seguintes pontos extraídos do Yearbook da Conferência Geral de 1904, fornecem algumas interessantes estatísticas até 1º de janeiro de 1903:

Naquela época, nosso trabalho organizado possuía duas Associações Gerais, compostas de quatorze Uniões, setenta e duas Associações locais e quarenta e duas Missões. Estas são distribuídos da seguinte forma: Associações locais na América do Norte, quarenta e nove; fora da América do

Norte, vinte e três. Uniões nos Estados Unidos, oito; em outros países, seis. Missões na América, incluindo Alaska, Havaí e Terra Nova, cinco; Missões fora da América, trinta e sete, localizadas da seguinte maneira: doze na Europa; quatro na África; três na Ásia; duas na América do Sul; duas na África do Sul; e o restante na América Central, México, Antilhas e ilhas do Pacífico. Conectados com estas Missões estão sessenta e sete ministros ordenados e licenciados, e 131 igrejas.

Unidade na diversidade

É animador saber que estas diversas organizações, em vários países e nacionalidades, estão todas unidas na promoção da grande causa da verdade e da salvação de pessoas. Não confiamos no mero mecanismo formal de organização, mas em Deus, o autor da ordem. Com Sua bênção sobre a ação conjunta e harmoniosa de Seus obreiros, podemos perceber como é bom e agradável que “tudo [...] seja feito com decência e ordem”.

Capítulo 23



INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

“Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma” (3 João 2).

No sábado, dia 6 de junho de 1863, o irmão White e sua esposa participaram de uma reunião em tenda, conduzida pelos irmãos Cornell e Lawrence, em Otsego, Michigan. Ellen White recebeu ali uma visão na qual lhe foi exposto o tema da reforma da saúde. A partir de então, artigos sobre saúde e estilo de vida saudável foram publicados na *Review*, passando ela a escrever o que lhe havia sido revelado sobre o tema de saúde. Algumas dessas considerações apareceram no *Testemunho* n.º 11 e numa obra intitulada: *Como Viver*.

O tema do viver saudável, e sua relação com o desenvolvimento físico, mental e espiritual, foi apresentado ao povo de modo proeminente. Na *Review* de 25 de outubro de 1864, o irmão J. N. Andrews fez importantes sugestões sobre o assunto:

J. N. Andrews falando sobre o estilo de vida saudável

Entre as coisas mais essenciais para a boa saúde estão: abandonar todos os itens alimentares prejudiciais e ter uma vida temperante, influenciada por uma boa instrução e por uma consciência sob a orientação de Deus. Nosso corpo é o templo do Espírito Santo. A fim de podermos verdadeiramente glorificá-Lo em nosso corpo e em nosso espírito, quão essencial é que mantenhamos em pleno vigor toda energia de nosso ser! Damos graças a Deus por este assunto estar sendo agora especialmente apresentado a nosso povo. Saúde e força fazem parte de nossos maiores tesouros, e terão as maiores consequências para os que irão testemunhar os grandiosos eventos do tempo da angústia.

O tema de higiene bíblica e temperança cristã não foi defendido apenas nas páginas da *Review*, mas por nossos pastores.

Na Conferência Geral realizada em 20 de maio de 1866, a seguinte instrução foi dada por Ellen White (também encontrada no Testemunho n.º 11).

Necessidade de estabelecermos uma instituição de saúde

Vi que devemos providenciar um lar para os aflitos e aqueles que desejam aprender a cuidar de seu corpo, visando prevenir doenças. [...]

Ao frequentarem os descrentes uma instituição dedicada ao tratamento bem-sucedido de doenças e dirigido por médicos observadores do sábado, serão postos sob direta influência da verdade. Familiarizando-se com nosso povo e nossa verdadeira fé, seu preconceito será superado e eles serão favoravelmente impressionados. Colocando-se assim sob a influência da verdade, alguns não apenas obterão alívio para suas enfermidades físicas, mas encontrarão cura para seu coração perturbado pelo pecado.

Previsão de resultados

Quando melhoram sob cuidadoso tratamento, os doentes passam a confiar naqueles que foram instrumentos na restauração de sua saúde. Seu coração se enche de gratidão e a boa semente da verdade encontrará terreno ali. Em alguns casos será nutrida, crescerá e dará fruto para a glória de Deus. Essas preciosas pessoas salvas serão de maior valor do que todos os meios necessários para estabelecer tal instituição. [...]

Alguns dos que recobrem a saúde ou forem grandemente beneficiados, serão o instrumento para introduzir nossa fé em novos lugares e erguer o estandarte da verdade onde antes teria sido impossível obter acesso, caso não houvessem sido desfeitas as idéias preconcebidas, por sua permanência entre nosso povo com o objetivo de obter saúde.

Estando nosso povo reunido, foi decidido por voto unânime que, assim que possível, uma instituição de saúde deveria ser inaugurada em Battle Creek ou seus arredores, devendo estar sob o gerenciamento médico do Dr. H. S. Lay. Este, além de sua formação prévia em medicina, havia passado mais de um ano no Oriente estudando a cura pela água, a fim de utilizar métodos hidroterápicos no tratamento de doenças.

A compra de um local para o Sanatório

Na época, o estabelecimento de uma instituição desse tipo parecia um grande empreendimento, e se não fosse por este testemunho encorajador acerca dos resultados, teria havido um certo atraso no abraçar este trabalho. Contudo, em vez de atraso, apenas alguns dias se passaram, após o encerramento da conferência, antes que a espaçosa casa do juiz Graves foi comprada, contendo oito hectares de terra, sendo este seu belo local de residência na parte oeste de Battle Creek. Junto a este edifício, um prédio adicional de dois andares foi rapidamente construído para servir como salas de banho. Nestes edifícios foi inaugurado o Instituto da Reforma de Saúde.

Na *Review* de 19 de junho de 1866, foi feito o primeiro pedido geral pela venda de ações da instituição. Na mesma edição do periódico declarou-se que as igrejas de Battle Creek, em Michigan, e Olcott, em Nova Iorque, já haviam comprado ações num total de 2.625 dólares, ou seja, 105 ações a 25 dólares cada. Como não havia lei no Estado de Michigan pela qual se pudesse criar uma sociedade anônima, com o fim de administrar instituições de saúde, a propriedade permaneceu, por certo tempo, na base da confiança, até que uma corporação pudesse ser criada.

Nossa revista de saúde

No dia primeiro de agosto, os administradores iniciaram também a publicação mensal de um periódico de saúde em forma de revista, tendo dezesseis páginas incluindo a capa. Recebeu o nome de *Health Reformer*. Este periódico ainda é impresso, sob o nome de *Good Health*, sendo agora a principal revista de saúde no mundo. Ele não apenas abordava os princípios de saúde e temperança, mas era também um meio de publicidade da instituição de saúde, que foi formalmente aberta para os pacientes e pensionistas em 5 de setembro de 1866. Assim, em menos de quatro meses após o momento em que o assunto havia sido mencionado pela primeira vez a nosso povo, a instituição foi comprada, equipada e posta em funcionamento, com 11.000 dólares subscritos em ações, grande parte dos quais já haviam sido pagos.

Organizada uma corporação médica

Durante o inverno de 1866-1867, foi aprovada uma lei, pela Assembleia Legislativa de Michigan, sob a qual se poderia criar uma corporação para administrar a instituição de saúde. Em 17 de maio de 1867, deu-se este passo,

aprovaram-se estatutos e os imóveis e outros bens passaram aos depositários devidamente eleitos. A quantidade total de ações subscritas até aquela data era de 26.100 dólares, dos quais 18.264,87 estavam pagos. A instituição tinha um corpo de médicos e auxiliares competentes e os edifícios estavam quase repletos de pacientes, muitos dos quais já tinham abraçado nossa fé, os quais ficaram sabendo de nosso povo e da verdade após chegarem à instituição.

Vestuário saudável

Em 1863, a questão de saúde e vestimentas foi revelada a Ellen White. Mas, em todas as épocas e em todos os países o coração natural é suscetível à influência do mundo, com sua soberba da vida, suas loucuras e modas. Aquele ano, em nossa própria pátria, não foi uma exceção. Isto se demonstra pela obsessão das mulheres em seguir a moda predominante do uso de saias-balão, cuja forma fazia com que muitas delas parecessem estar andando em uma bexiga de ponta-cabeça. Quase ao mesmo tempo, outras duas vestimentas extremistas foram introduzidas, provocando muita discussão. Um breve relato destas irá, talvez, preparar o leitor para compreender melhor o testemunho dado por Ellen White sobre o assunto de vestimentas, encontrado no *Testemunho*, n.º 10.

Condenados os extremos na questão do vestuário

O primeiro extremo foi o uso de vestidos contendo uma cauda, medindo de 16 centímetros a meio metro ou mais de comprimento, segundo o gosto do dono. Estas muitas vezes arrastavam no chão, sendo chamadas pelos homens de “limpa-rua”. O segundo extremo foi exatamente o oposto, com um estilo o mais próximo possível do usado pelos homens. Essa moda foi adotada por aqueles que seguem a trilha de *Amelia Bloomer*, sendo, assim, chamado de “veste bloomer”. Finalmente, o nome foi mudado para “traje americano”. Convenções foram realizadas de lugar em lugar, pelos defensores deste traje, e muitas de nossas irmãs eram a favor de adotá-lo. Algumas o usaram.

Testemunho sobre o vestuário

Citarei alguns parágrafos do *Testemunho* n.º 11, que apresentam parte do que foi revelado a Ellen White quanto às vestimentas:

O leal povo de Deus é a luz do mundo e o sal da Terra, e devem ter sempre em mente que sua influência tem valor. Se trocarem um

vestido comprido demais por outro curto demais, destruirão grande parte de sua influência. Os descrentes, a quem é seu dever beneficiar e procurar conduzir ao Cordeiro de Deus, ficariam desgostosos com isso. Muitos melhoramentos podem ser feitos no vestuário feminino com relação à saúde, sem que sejam procedidas mudanças tão grandes que ofendam os observadores.

O traje da reforma

A forma do corpo não deveria ser comprimida, no mínimo que fosse, com espartilhos e cintas. O vestido deve ser totalmente confortável, para que os pulmões e o coração possam desempenhar ação saudável. O vestido deve atingir um pouco abaixo da parte alta da bota, mas curto o suficiente para não varrer a sujeita das ruas e calçadas, sem precisar erguê-lo com a mão. Um vestido ainda mais curto do que esse seria apropriado, conveniente e saudável para as mulheres quando nas lides domésticas, especialmente para as que são obrigadas a executar trabalho ao ar livre.

Vestir o corpo uniformemente

Qualquer que seja o comprimento do vestido, as mulheres devem agasalhar os membros tão completamente como os homens. Isso pode ser feito usando-se calças forradas, franzidas por cordões presos ao redor dos tornozelos, ou calças largas que se afinam na parte inferior. Devem elas ser suficientemente compridas para atingir o nível dos calçados. As pernas e tornozelos são assim protegidos contra as correntes de ar. Se os pé e membros forem mantidos confortáveis com agasalhos quentes, a circulação será uniforme e o sangue se manterá puro e saudável, sem sofrer esfriamento ou bloqueios em sua passagem natural através do sistema circulatório.

O comprimento deste vestido foi apresentado como um tamanho intermediário recomendável entre o vestido com cauda e o traje americano. Não foi dito que todos *devem* usá-lo, mas que *não* devem seguir um curso que destrua sua influência, causando repulsa nas pessoas às quais deviam ajudar. Não foi dito que eles *devem* vestir seus tornozelos na *forma* aqui descrita, mas que isso *poderia* ser feito dessa maneira. Se o mesmo objetivo é atingido de alguma outra maneira, como acontece com anáguas compridas e calça leg de malha, isto estaria em perfeita harmonia com esse testemunho.

Cinco pontos essenciais no vestuário saudável

No estilo de roupas recomendado, notamos que há cinco pontos essenciais para o vestir saudável:

1. Descartar os espartilhos e toda compressão da cintura.
2. Dispensar todas as faixas elásticas nos braços ou membros, as quais impeçam a livre circulação do sangue.
3. Vestir todas as partes do corpo igualmente, especialmente os pés e tornozelos.
4. Pendurar as saias a partir dos ombros, jamais permitindo que fiquem penduradas nos quadris com elásticos.
5. O comprimento do vestido.

Os primeiros quatro pontos são agora defendidos por todos os médicos inteligentes, e quanto ao quinto, tanto a cauda quanto o vestido extremamente curto estão agora descartados.

Sra. Jenness-Miller falando sobre vestimentas

Durante o ano de 1890, a Sra. Jenness-Miller, de Nova Iorque, no periódico mais científico da época na área de vestimentas saudáveis, defendia que as mulheres encurtassem seus vestidos, pouco a pouco, para não fazer uma mudança demasiado abrupta, até que chegassem a mais ou menos a altura da parte alta da bota feminina, justamente o comprimento que o *Tes-temunho* n.º 11 defendeu.

Endosso do Dr. Trall

Em 1868, haviam planejado que o Dr. R. T. Trall, da faculdade de Hidroterapia de Florence Heights, em Nova Jersey, fizesse uma série de palestras, por uma semana, para nossos pastores em Battle Creek, Michigan, durante última semana de maio. Neste período, o médico se hospedou na casa do irmão White. Ellen White não assistiu às palestras, mas, em virtude do médico viajar diariamente na carruagem com o irmão White e sua esposa, e também o irmão J. N. Andrews, subentendeu-se que ele ouviria as ideias dela acerca de saúde, das doenças e suas causas, dos efeitos dos medicamentos, etc. Ela simplesmente falou o que lhe havia sido apresentado em visão, sem, porém, informar ao médico a fonte de onde

obtivera seu conhecimento. O médico declarou que a medicina estava em harmonia com as ideias expressas por ela. O irmão Andrews me contou que, ao concluir a conversa no segundo dia, o médico perguntou a Ellen White onde ela se formara em medicina. Ficou surpreso ao saber que ela nunca estudara essas coisas, mas compartilhava com ele o resultado do que lhe fora mostrado em Otsego, Michigan, em 6 de junho de 1863. Ele lhe assegurou de que todas as suas ideias estavam na mais estrita harmonia com a fisiologia e saúde, e que, em muitos dos assuntos, ela tinha ido mais a fundo do que ele. Após cerca de cinco dias de viagens e conversas, o médico perguntou ao irmão White por que o haviam convidado a vir do colégio onde lecionava a fim de palestrar aos pastores em Battle Creek. Declarou que “em assuntos de saúde, Ellen White está tão bem preparada quanto eu para dar-lhes a instrução necessária”.

Aprovada pela medicina

Seus numerosos escritos sobre os vários ramos da saúde prática têm estado por anos perante o público, e muitos deles estão agora compilados num volume intitulado: “*Christian Temperance and Bible Hygiene*”. Alguns médicos, dos mais especializados, após análise cuidadosa desses escritos, declararam que a medicina está em perfeito acordo com eles. Para a irmã White, os escritos não são resultado de estudo, mas simplesmente de escrever aquilo o que o Senhor lhe revelou em visão.

Testemunho do Dr. Kellogg

Como testemunho da harmonia existente entre pesquisas da medicina e o que foi revelado a Ellen White em visão em 1863, vou citar um trecho do prefácio do livro *Christian Temperance*, escrito por J. H. Kellogg, M.D., diretor do famoso sanatório de Battle Creek, em Michigan. Ele declara:

1. Na época em que os referidos escritos surgiram, o tema da saúde era quase totalmente ignorado, não apenas por aqueles aos quais se destinavam, mas pelo mundo de modo geral.
2. Os poucos que defendiam a necessidade de uma reforma na questão da prática [de exercício] físico, propagavam, juntamente com a defesa de princípios reformatórios genuínos, erros muito evidentes, os quais, em alguns casos, chegavam a ser repugnantes.

3. Ninguém, em qualquer lugar, apresentou um corpo sistemático e harmonioso das verdades de saúde, livre de erros grotescos, mas consistente com a Bíblia e os princípios da religião cristã.

Nestas circunstâncias é que surgiram os escritos referidos. Os princípios ensinados não eram impostos por autoridade científica, mas eram apresentadas de forma simples e direta por alguém que não faz qualquer pretensão quanto a possuir conhecimento científico, porém afirma escrever com a ajuda e autoridade da iluminação divina.

Os princípios têm suportado as provas

Como é que princípios apresentados em circunstâncias tão peculiares e com afirmações tão marcantes têm resistido ao teste do tempo e da experiência? Tal pergunta é bem apropriada. A resposta se pode encontrar em fatos que são suscetíveis à mais ampla verificação. [...] Os princípios que há 25 anos eram ou totalmente ignorados, ou feito alvos de chacota, silenciosamente se estabeleceram na confiança e estima públicas, até que o mundo praticamente se esqueceu de que eles nem sempre foram assim aceitos. Novas descobertas da ciência e novas interpretações de fatos antigos têm continuamente adicionado evidências confirmatórias, até que, no presente momento, cada um dos princípios defendidos há mais de 25 anos é fortificado, da maneira mais forte possível, por evidências científicas.

A prova de que as visões são de origem divina

Certamente deve-se considerar como algo notável, fornecendo evidência inequívoca de iluminação e direção divinas, o fato de que, em meio a ensinamentos confusos e conflitantes, reivindicando a autoridade da ciência e da experiência, sendo, porém, distorcidos por noções extremas e, por estarem tão mesclados com erro, tornando-se incapazes de produzir o bem, deve-se admitir ser algo extraordinário que alguém, sem fazer qualquer reivindicação quanto a possuir conhecimento científico ou erudição, pudesse ser capaz de organizar, a partir da massa confusa e maculada por ideias errôneas propagadas por alguns escritores e pensadores no assunto de saúde, um corpo de princípios saudáveis tão harmonioso, tão consistente e tão verdadeiro que as discussões, as pesquisas, as descobertas e a experiência ao longo de 25 anos não resultaram em derrubar um único destes princípios, mas apenas serviram para estabelecer as doutrinas ensinadas. Datado: Battle Creek, Michigan, 1890.

Ampliação da instituição de saúde

Sob a administração de J. H. Kellogg, M.D., que se associou com a instituição como diretor em 1876, verificou-se que a demanda por tratamentos era tão grande que, na primavera de 1877, surgiu a necessidade de mais espaço. O nome da instituição foi mudado, em 1876, de *Health Reform Institute* [Instituto de Reforma de Saúde] para *Medical and Surgical Sanitarium* [Sanatório Médico e Sirúrgico], e, em 1878, um novo prédio principal foi construído.

Esta estrutura media 41 x 14 metros, quatro andares acima do porão. Tinha aquecimento a vapor e iluminação a gás. Pouco após a inauguração, estava quase repleta de pacientes e visitantes.

Até aquele momento, o que havia sido profetizado em 1866, no testemunho de Ellen White acerca da instituição, havia se cumprido de modo notável. Dezenas de pessoas já haviam aceitado a luz da verdade presente, as quais haviam inicialmente entrado em contato com este povo ao virem à instituição em busca de cura.

Retiro Rural de Saúde

Na *Signs of the Times* de 22 de novembro de 1877, M. G. Kellogg, M.D., meio-irmão de J. H. Kellogg, anunciou que havia comprado um terreno na encosta da Montanha Howell, 4 quilômetros ao nordeste de St. Helena, Condado de Napa, na Califórnia, e estava prestes a construir um edifício que seria nomeado “Retiro Rural de Saúde”, localizado ao lado de Crystal Springs. Um edifício foi construído durante o inverno de 1877-1878, sendo aberto para o tratamento de pacientes no início de 1878. Este retiro de saúde, assim como sua instituição gestora, o sanatório em Battle Creek, não apenas cresceu em proporções, mas foi um lugar onde muitos vieram ao conhecimento e aceitação da mensagem.

O periódico *Pacific Health*

O verão de 1885 foi um período de avanço bastante significativo na causa da mensagem do terceiro anjo. No dia 1º de maio, o Retiro Rural de Saúde em Santa Helena foi posto sob a direção de um médico formado segundo as normas. No mês de junho, iniciou-se a publicação bimestral do *Pacific Health Journal and Temperance Advocate*, uma revista de 24 páginas sob a supervisão editorial do irmão J. H. Waggoner. Me-

diante estas iniciativas, nova vida se introduziu na instituição de saúde, a qual, em vez de perder, como em anos anteriores, começou a ter, de ano em ano, um lucro líquido anual de 2.000 a 4.000 dólares, até o término do cômputo anual, em abril de 1891, no qual tivera um ganho líquido de mais de 12.000 dólares.

Em 1887, na reunião da Associação do Retiro Rural de Saúde em Santa Helena, fez-se a seguinte declaração quanto às finanças da instituição: 1° de maio de 1885, o patrimônio líquido da instituição era de apenas 5.322,76 dólares, ou seja, 2.547,24 dólares a menos do valor de todas as ações que haviam sido emitidas até aquela data. Em outras palavras, a instituição havia consumido todos os seus lucros e mais 2.547,24 dólares de seus títulos de capital. Em 1° de abril de 1887, o valor da instituição, descontando todas as suas dívidas, era de 21.372,64 dólares, ou seja, em vinte e três meses, havia crescido no valor de 16.049,88 dólares. Desse montante, as ações representavam 5.280 dólares e as doações feitas para a instituição totalizavam 2.497,60 dólares; assim, com o funcionamento da instituição, houve um ganho líquido de 8.272,28 dólares. Nesta época, o periódico *Pacific Health* era publicado mensalmente, com 32 páginas incluindo a capa, e acabou sendo de utilidade ainda maior na promoção dos interesses e princípios da instituição.

Obras de caridade

No *Medical Missionary* de janeiro de 1891, referindo-se ao sanatório de Battle Creek, o Dr. J. H. Kellogg disse:

Os tratamentos de caridade [isto é, gratuitos] prestados durante os 25 anos de existência da instituição, corresponde a consideravelmente mais de 100.000 dólares, várias vezes mais do que o capital originalmente investido.

Além da obra de caridade mencionada, a instituição enviou palestrantes, enfermeiros, instrutores de escolas culinárias, e outras pessoas que foram treinadas para diversas áreas da obra missionária.

Apelo em favor dos órfãos

Na Conferência Geral, em 8 de março de 1891, o Dr. Kellogg fez um veemente apelo em favor dos órfãos. Declarou: “Vejo que sou nomeado

como ‘delegado geral’ e representarei os não-representados, isto é, os órfãos, não havendo ninguém para cuidar deles”.

Presente de 30 mil dólares da Sra. Haskell

No *Home Missionary* de janeiro de 1892, apareceu um forte apelo com o propósito de prover uma casa para as crianças órfãs. Naquela edição estavam os nomes dos que se comprometeram para o estabelecimento da casa, cuja quantia levantada era 17.716 dólares, os quais, segundo imaginavam os organizadores, representavam um valor muito baixo para tão grande empreendimento, assim, temia-se que houvesse um atraso na execução do trabalho. Mas Aquele que vê o fim desde o princípio, o qual possui “o gado sobre milhares de montanhas”, ordenou os eventos de tal modo que uma senhora rica, a Sra. Caroline E. Haskell, de Chicago, viúva do Sr. Frederick Haskell, a qual não pertencia à nossa fé, ao ouvir desta obra de caridade que se tencionava executar, colocou, imediatamente, à disposição da comissão de construção a soma de 30.000 dólares, com a simples condição que fosse totalmente utilizado na construção de um orfanato segundo os planos previamente delineados, e que fosse conduzido com um espírito amplo e liberal, e que a instituição fosse chamada de *Haskell Memorial Home*, em memória de seu falecido marido.

Com os recursos assim providos, a Associação Médico-Missionária e Benevolente foi capaz de, durante o ano, construir e inaugurar o orfanato. Este edifício foi dedicado em 25 de janeiro de 1894. A maior parte do tempo, desde então, a família, composta de órfãos, auxiliares e professores, tinha, em média, cem pessoas.

A Casa Memorial de Tiago White

Além do cuidado e apoio a estes órfãos, esta associação administra um outra instituição de caridade, chamada *James White Memorial Home*, onde mais de vinte idosos e desabrigados recebem cuidado e conforto.

Missionários da saúde

Nessa linha de trabalho, deu-se mais um passo arrojado no momento em que se empreendeu o treinamento de médicos-missionários. Em aprovação deste esforço no soerguimento da humanidade, Ellen White, escrevendo de Preston, na Austrália, em 16 de setembro de 1892, declarou:

Desejaria que houvesse uma centena de enfermeiras em preparo onde existe uma. Assim devia ser. Tanto os homens como as mulheres podem ser muito mais úteis como médico-missionários do que como missionários sem instrução médica.

O número de pessoas buscando o preparo para entrar numa vida de serviço desta natureza aumentou grandemente desde que este testemunho foi escrito.

Crescimento na obra de saúde

No *Medical Missionary* de janeiro de 1894, há uma breve declaração apresentando fatos interessantes acerca do crescimento da obra de saúde. Lemos assim:

O Instituto de Reforma da Saúde foi organizado em 1866. [...] Comprou-se uma casa modesta, uma residência particular em um local agradável e sadio na parte alta de Battle Creek, cidade de Michigan em crescimento. Dois médicos, dois auxiliares de banho, um enfermeiro (não treinado), três ou quatro ajudantes, um paciente, qualquer quantidade de inconvenientes, e uma grande dose de fé no futuro da instituição e nos princípios sobre os quais foi fundada, este foi o início do empreendimento presente. Foi conhecido como o Health Reform Institute.

No local da chalé original há agora um edifício com dimensões de 95 metros de comprimento e 30 metros de profundidade, com seis andares, com capacidade para 300 hóspedes, equipado com todos os apetrechos que a ciência moderna pode sugerir para o cuidado e recuperação dos enfermos. Dez médicos, a maioria dos quais são especialistas em suas respectivas áreas, constituem o corpo médico. Enfermeiros e outros ajudantes formam uma família com mais de 300 pessoas, e o patronato da instituição representa todos os Estados da União, e muitos convidados de outras terras. Suas portas estão sempre abertas para o missionário, de casa ou do estrangeiro, seja qual for seu nome, e a família raramente fica sem um ou mais desses convidados.

O Sanatório

O hospital foi construído em 1888, um prédio com dimensões de 30 x 18 metros, de cinco andares de altura. Três dos pisos superiores do edifício são usados para o departamento cirúrgico do sanatório, quartos de pacientes e enfermaria. Os escritórios para a obra caritativa da instituição também se encontram aqui. Vinte chalés, várias das quais

possuem aquecimento a vapor e, como o edifício principal, iluminação elétrica, estão dispostas ao redor do prédio, estando repletas de pacientes ou alunos. Uma escola para a formação de enfermeiros médico-missionários foi organizada em 1º de julho de 1884. Durante os primeiros seis meses, trinta e cinco alunos foram matriculados.

Predição do envio de obreiros

Falando da instituição de saúde localizada em Santa Helena, na Califórnia, Ellen White, em uma carta escrita da Tramelan, na Suíça, em 6 de fevereiro de 1887, diz:

Deus disse que se os homens ligados a esta instituição caminhassem humilde e obedientemente, fazendo a vontade de Deus, esta se sustentaria e prosperaria, e dela se enviariam missionários para abençoar a outros com a luz que Deus lhes deu. Estes, no espírito de Jesus, destruirão os ídolos nos lugares altos, desvendarão a superstição, e plantarão a verdade, pureza e santidade, onde agora são estimulados apenas o erro, a autoindulgência, a intemperança e a iniquidade.

Citamos estas palavras por se aplicarem, com força semelhante, a outras instituições.

Sucesso na obra de saúde

Em um testemunho especial, dado à igreja em 1891, lemos: “As bênçãos de Deus repousarão sobre todo esforço feito para despertar o interesse na reforma de saúde, pois é necessária em toda parte. Deve haver um reavivamento sobre este assunto, pois Deus Se propõe realizar muito por meio deste instrumento.

Colégio Médico-Missionário Americano

Passo a passo a luz progrediu sobre o modo racional de tratamento de enfermidades, até que, em junho de 1895, criou-se uma demanda para a organização de uma instituição educacional de medicina. Para atender essa demanda, organizou-se o Colégio Americano Médico-Missionário com o propósito especial de capacitar médicos para trabalharem sob a direção da Associação Médico-Missionária e benevolente dos adventistas do sétimo dia, tanto na pátria quanto em campos estrangeiros. A cerimônia de inauguração realizou-se em Battle Creek, em 30 de setembro

de 1895, e o colégio foi aberto no dia seguinte, 1º de outubro, com uma turma de quarenta alunos.

No anúncio do colégio, lemos o seguinte:

O colégio está incorporado em Chicago, segundo as leis do Estado de Illinois. O curso de estudos será tão completo como o das melhores escolas de medicina nos Estados Unidos. A instrução será dada, parte em Chicago, e parte em Battle Creek, Michigan.

Quanto àqueles que estavam se preparando para o trabalho médico-missionário, lemos o seguinte no *Medical Missionary* de agosto de 1895:

A classe dos enfermeiros agora em formação na Escola de Treinamento para Enfermeiras no Sanatório de Battle Creek conta com mais de 250 alunos; qualquer um dos quais agora esteja capacitado a se envolver na obra médico-missionária tem uma posição que lhe é atribuída. Enfermeiros estão sendo procurados para as ilhas do Mar do Sul, Índia, Caribe, América do Sul, vinte e cinco ou trinta para os Estados ao sul dos Estados Unidos e para nossas grandes cidades.

Crescimento da obra médico-missionária

Na cerimônia de formatura da classe de Enfermagem Missionária do Sanatório, realizada no Tabernáculo, em 5 de novembro de 1895, o Dr. Kellogg declarou:

Há doze anos atrás, em uma cerimônia deste tipo, graduaram-se dois enfermeiros. No presente momento há um exército de trezentos a quatrocentos enfermeiros. Há dezenove médicos no sanatório, e vinte e dois em instituições semelhantes, de certa forma ligadas ao sanatório e sob a supervisão da Associação Médico-Missionária e Beneficente. Cinquenta e três dos nossos enfermeiros estão em diversos países estrangeiros, na Suécia, México, Costa do Ouro Africana, Austrália, África do Sul, Dinamarca, Índia, Nova Zelândia, Samoa e Guiana Britânica. Há sessenta e três estudantes de medicina agora em formação. Quarenta e um deles estão aqui, vinte e dois na Universidade de Michigan e em outras escolas. Vinte e dois enfermeiros se formam aqui hoje à noite, os quais estão totalmente capacitados sair como enfermeiros aprovados.

Ao traçar o crescimento de nossas instituições de saúde até 1902, vemos que o Sanatório de Battle Creek, com suas escolas de medicina e de

treinamento para enfermeiros, é a maior instituição do gênero no mundo, sendo propriedade dos adventistas do sétimo dia.

Sanatório destruído pelo fogo

Na noite de 18 de fevereiro de 1902, o edifício principal, com seus excelentes equipamentos e amplo hospital, foi consumido pelo fogo. Naquela ocasião, havia quatrocentos pacientes e enfermos no hospital, mas, graças aos esforços heróicos dos médicos, enfermeiros e auxiliares, e com a proteção especial do Senhor, todos eles foram retirados dos edifícios sem ferimentos graves.

O novo Sanatório

Outro prédio, maior e mais substancial do que o anterior, foi construído no local dos edifícios antigos. A pedra angular da estrutura atual foi lançada em 12 de maio de 1902, e o edifício foi dedicado em 31 maio de 1903. Os administradores da instituição dizem que o novo edifício

é tão sólido e duradouro quanto é possível ser um edifício feito com ferro, pedra, tijolo e cimento.

O equipamento da instituição, em todos os detalhes, é o mais moderno, completo, higiênico, conveniente e sólido que se possa obter, e acredita-se que, na sua forma atual, concluída, o Sanatório de Battle Creek oferece comodidades e conveniências para enfermos que certamente são imbatíveis.

O objetivo dos administradores da instituição tem sido reunir, em um só lugar e sob condições favoráveis, todos os novos métodos e aparelhos, para o tratamento dos doentes, que sejam reconhecidos pela medicina racional, e utilizar esses métodos de forma consciente e inteligente.

Muitos sanatórios a serem estabelecidos

A luz enviada a este povo é que o Senhor deseja que hajam muitos sanatórios, moderados em tamanho, distribuídos pelo mundo inteiro, ao invés de haver umas poucas instituições gigantes. Temos a alegria de informar que um passo inicial foi dado na abertura de pequenos sanatórios em várias partes do mundo, especialmente durante a última década. No Yearbook da Conferência Geral do ano de 1904 há uma lista de mais de cinquenta dessas instituições menores.

Lista de sanatórios

Embora possa ser uma questão de interesse relatar as circunstâncias que levaram ao estabelecimento destas pequenas instituições, em função do espaço, precisamos contentar-nos com uma lista dos países onde estão localizadas, bem como o número encontrado em cada país. Há, nos Estados Unidos, 35; Grã-Bretanha, 3: Alemanha, 1; Suíça, 1; Dinamarca, 1; Noruega, 1; Suécia, 1; África do Sul, 1; Austrália, 2, Nova Zelândia, 1; Ilha de Samoa, 1; México, 1; Índia, 1; Japão, 1.

Lista de salas de tratamento

Além desses sanatórios, há vinte e duas salas de tratamento, dezessete das quais estão nos Estados Unidos: uma em Jaffa, uma em Jerusalém, na Palestina; uma em Guadalajara, no México; uma em Kimberley, na África do Sul e uma em Rockhampton, na Austrália. Além destas, há vinte e seis restaurantes vegetarianos onde as pessoas podem obter comida totalmente vegetariana e também receber alguma instrução com relação ao estilo de vida apropriado.

Estas estatísticas, em relação ao progresso dos princípios da reforma de saúde, mostram como o Senhor pode “realizar uma grande obra por meio deste instrumento” como predito por Deus em 1866; mostram também, como predito em 1863, como “os princípios da reforma de saúde” podem contribuir para “preparar pessoas para a transladação na vinda do Senhor.” Que essas instituições de saúde possam aumentar cem vezes mais, e logo cumprir aquilo para que foram designadas e projetadas.

Capítulo 24



OUTRAS PREVISÕES CUMPRIDAS

“Considerai, eu vos rogo, desde este dia em diante, desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde o dia em que se fundou o templo do Senhor, considerai nestas coisas. Já não há semente no celeiro. Além disso, a videira, a figueira, a romeira e a oliveira não têm dado os seus frutos; mas, desde este dia, vos abençoarei” (Ageu 2:18, 19).

O avanço seguro e firme da mensagem do terceiro anjo, desde seu estabelecimento inicial, pode muito bem ser comparada com a prosperidade experimentada por Zorobabel desde o dia que lançou a pedra fundamental do templo.

Perspectiva não-promissora

Quando o povo judeu, com bolsas e celeiros vazios, foi chamado a construir o templo do Senhor, aos olhos humanos a perspectiva não parecia muito promissora. Quando, pela fé, obedeceram ao chamado e fizeram o trabalho de boa vontade, a mão prosperadora de Deus se manifestou a eles. À medida que delineamos os eventos na ascensão da terceira mensagem, discernimos a mão de Deus dirigindo aos que escolhem Seu caminho. Apesar de estarem destinados a passar por aflições, o cuidado de Deus por Seu povo e Sua obra é sempre evidente para os que nEle confiam.

Testemunho revelando o caráter os ouvintes

Em 24 de novembro de 1862, foram realizadas duas reuniões simultâneas na casa de William Wilson, de Greenville, Michigan, com a finalidade de organizar duas igrejas para os que aceitaram a verdade do sábado naquela vizinhança. A reunião da igreja de Greenville foi conduzida pelo irmão

White e sua esposa em uma das salas, enquanto que o irmão Byington e eu ficamos encarregados da reunião da igreja de West Plains numa outra sala. Ao procedermos com os passos preliminares numa sala, podíamos ouvir a voz de Ellen White dando seu testemunho na outra sala. Estávamos enfrentando certas dificuldades em nossa reunião quando, no momento certo, Ellen abriu a porta e disse:

Irmão Loughborough, olhando para esse grupo, vejo que tenho testemunhos para algumas das pessoas presentes. Quando você estiver pronto, entrarei e falarei.

Sendo este o tempo exato em que precisávamos de ajuda, ela entrou. Além de mim e do irmão Byington, ela conhecia o nome de apenas três pessoas que ali estavam. Os outros eram desconhecidos, a quem jamais havia visto a não ser na visão.

Descrição da vida do Sr. Pratt

Levantando-se para falar, ela disse:

Vocês vão precisar me desculpar se, ao relatar o que tenho a dizer, eu descrever a pessoa de vocês, pois não sei seus nomes. Ao ver o semblante de vocês, surge perante mim aquilo que foi do agrado do Senhor me revelar a seu respeito. Aquele homem no canto, com um olho [alguém se manifestou e dizendo: “Ele se chama Pratt”] faz altas profissões de fé e grandes pretensões quanto à religião, mas nunca foi convertido. Não o recebam na igreja em sua condição atual, pois ele não é um cristão. Gasta grande parte de seu tempo vadiando em lojas e em vendas, discutindo a teoria da verdade, enquanto sua esposa, em casa, tem que cortar lenha, cuidar do jardim, etc. Em seus negócios, ele promete coisas que não cumpre. Seus vizinhos não têm confiança em sua profissão de religião. Seria melhor para a causa da religião que, em sua condição atual, ele nada dissesse dela.

A alegria do irmão Barr

Continuando, ela disse:

Este idoso irmão [ao ela apontar para ele, alguém disse: “Irmão Barr”] foi-me mostrado em marcante contraste com o outro homem. Ele é muito exemplar em sua vida, cuidadoso em manter todas as suas promessas e cuida bem de sua família. Mal ousa falar da verdade a seus vizinhos, por medo de arruinar a obra e causar dano. Não consegue

enxergar como o Senhor pode ser tão misericordioso para lhe perdoar os pecados, e julga-se indigno até mesmo de pertencer à igreja.

Então, ela lhe disse:

Irmão Barr, o Senhor me ordenou dizer-lhe que você já confessou todos os pecados que conhecia e que Ele perdoou seus pecados há muito tempo, se você apenas acreditar.

O olhar de tristeza no semblante do irmão rapidamente se dissipou. Ele olhou com um sorriso e disse, em sua simplicidade: “Perdoou?” “Sim”, respondeu Ellen White, “e foi-me dito que lhe dissesse: ‘Venha e una-se à igreja, e quando tiver oportunidade, fale uma palavra em favor da verdade; ela terá um bom efeito, pois seus vizinhos têm confiança em você.’” Ele respondeu: “Eu o farei”.

Então, ela disse: “Se o Sr. Pratt pudesse, por algum tempo, assumir uma posição semelhante àquela que o irmão Barr vinha ocupando, isso lhe faria bem.”

Assim, foi removida uma das causas de nossa dificuldade em nos organizar. Antes de seu testemunho, não conseguíamos fazer com que o Sr. Barr consentisse em se unir à igreja; por outro lado, observou-se que todos se opunham a receber o Sr. Pratt; entretanto, ninguém se sentiu livre para explicar o motivo de sua oposição.

Curado um ciúmes de família

Ela, em seguida, se dirigiu a um homem de pele amarelada, assentado num lado da sala e, então, apontou para uma mulher de feições finas, no lado extremo oposto, referindo-se a eles como marido e mulher. Delineou algumas coisas que aconteceram anteriormente em sua vida, antes que fizessem qualquer profissão quanto a crer na verdade. Disse que essas coisas haviam sido ampliadas por Satanás na mente da mulher, até que esta se tornou insana. Ellen White declarou:

Vi que essa mulher passou um ano no hospício; mas, após recuperar sua razão, permitiu que estes mesmos sentimentos de ciúmes lhe atormentassem a mente, provocando grande tristeza a seu marido, o qual fez tudo o que podia para mostrar-lhe que ele lhe era fiel e que ela não tinha razão alguma para afastá-lo como o faz.

Num instante a mulher correu para o outro lado da sala e, de joelhos, implorou ao marido que a perdoasse. Eles eram quase desconhecidos naque-

la parte do país; o grupo não tinha noção de sua história passada. No entanto, aqueles que estavam mais familiarizados com esta família, percebiam que havia um distanciamento entre eles, mas desconheciam o porquê.

Semelhante a Eliseu e Hazael

Após Ellen White dar seu testemunho, o trabalho de organização da igreja foi logo concluído. O Sr. Barr entrou para a organização animadamente, enquanto que o Sr. Pratt foi deixado de fora. Quando a reunião terminou, ele disse com bastante veemência: “Deixem-me dizer uma coisa; não adianta tentar fazer parte desse povo e agir como hipócrita; *não dá*”.

A descrição do caráter das pessoas, como no exemplo acima, forçosamente nos relembra um caso semelhante, registrado nos dias do profeta Eliseu (2 Reis 8:7-15). Ben-Hadade, rei da Síria, enviou seu servo Hazael a Eliseu, a fim de saber se iria recuperar-se de sua doença. Eliseu tinha visto o caso de Hazael em visão e, assim que o homem chegou perante ele, vendo sua fisionomia, tudo lhe veio à mente de maneira vívida.

O irmão White é acometido por paralisia

Na quarta-feira, 16 agosto de 1865, como resultado de trabalho excessivo e perda do sono, o irmão White teve um súbito ataque de paralisia. Como as instituições de saúde entre o nosso povo ainda não haviam sido estabelecidas, ele foi levado a Dansville, Nova Iorque, para uma instituição de saúde chamada: “Nosso Lar na Encosta”.¹ Sua esposa e o que escreve ficaram com ele ali de 14 de setembro a 7 de dezembro. Como ele recebeu pouco alívio dos tratamentos fornecidos pela instituição, fomos para uma casa muito hospitaleira, de Bradly Lamson, em Lake View, Rochester, Nova Iorque, onde permanecemos cerca de três semanas. Ficamos felizes por encontrar aqui o irmão J. N. Andrews, que acabava de retornar à cidade, após passar vários meses no Maine.

Orações pelo irmão White

Diariamente, na parte da tarde, as famílias do irmão Andrews e do Sr. Orton uniram-se a nós em momentos de oração com o irmão White e em favor dele. Isto continuou até 25 de dezembro. Enquanto o mundo exterior estava cheio de excitação e festança naquele Natal, tal foi observado pela

¹ “Our Home on the Hillside”

igreja Rochester como um dia de jejum e oração em favor do irmão White. Tivemos reuniões, de manhã e à tarde, na casa do irmão Andrews, New Main St. e, à noite, os que antes estiveram orando com o irmão White, reuniram-se com ele novamente na casa do Sr. Lamson.

Visão recebida na noite de Natal

A reunião naquela noite foi poderosa. O irmão White foi muito abençoado e Ellen White recebeu uma visão maravilhosa, na qual muitas coisas lhe foram mostradas. Entre estas estavam instruções ao irmão White de como proceder, de modo a exercer sua fé em Deus, que tão evidentemente estendera Sua mão para operar em seu favor, a fim de que recuperasse a saúde.

Predição do ataque de Satanás

Aos que estiveram orando pelo irmão White, Ellen White declarou:

O propósito de Satanás era destruir meu marido e lançá-lo na sepultura. Por intermédio dessas fervorosas orações, seu poder foi quebrado. Foi-me mostrado que Satanás está irado com este grupo que, por três semanas, perseverou em fervorosa oração em favor desse servo de Deus. E, agora, Satanás está determinado a fazer um forte ataque ao grupo. Foi-me ordenado dizer a vocês: “Vivam muito próximo de Deus, a fim de estarem preparados para o que possa vir sobre vocês.”

Premonições de J. T. Orton

No primeiro dia de janeiro de 1866, o irmão White e sua família partiram de trem para Battle Creek, Michigan. Eu permaneci no oeste de Nova Iorque o restante do inverno. Desde a própria noite em que a visão foi dada, o Sr. J. T. Orton teve a impressão de que sua vida estava em perigo, porém não sabia de que forma. Ele relatou esta sensação para várias pessoas. No domingo à noite, dia 4 de março, ele retornou a Rochester vindo de Parma, onde comparecera a uma reunião que durou dois dias, em companhia do Sr. E. B. Sanders (que hoje, em 1905, vive em São José, Califórnia), a quem pediu que caminhassem na rua mais iluminada enquanto andavam pela cidade, “pois,” disse ele, “tenho, constantemente, a impressão de que alguém vai tentar me matar.” E, no entanto, não parecia ter qualquer noção de quem lhe desejava tirar a vida.

Retornei a Rochester, vindo de Parma, no dia 7 de março e me hospedei com o Sr. Lamson, genro do Sr. Orton. No dia 8, ele e a Sra. Orton nos visitaram, quando fizemos arranjos para ir de trem, na manhã seguinte, para Lancaster, Condado de Erie, onde eu realizaria a cerimônia de casamento de seu único filho. Passamos o dia de modo agradável; contudo, foi um dia solene.

Assassinato de J. T. Orton

Eles saíram da residência do Sr. Lamson às 5 da tarde e, às 7:30 da tarde, chegou um mensageiro, informando-nos de que o Sr. Orton tinha sido brutalmente atacado por um desconhecido, em seu próprio celeiro, enquanto cuidava de seus cavalos. Fomos apressadamente ao local e descobrimos que ele tinha sido cruelmente espancado na cabeça com uma estaca de carroça acorrentada e estava inconsciente. Ele faleceu às 12:35 daquela noite. Até hoje não se sabe quem cometeu tal ato cruel. Certamente não foi feito por dinheiro, pois seu bolso estava intacto, assim como sua carteira, que continha 45 dólares. Este foi um grande choque para a Sra. Orton, de cujos efeitos ela jamais se recuperou. Sua saúde física rapidamente se deteriorou e ela não viveu muito tempo após a morte de seu marido.

Cumprimento da predição feita naquele Natal

Poucos meses após essa memorável noite de Natal, das nove pessoas que se envolveram naquelas três semanas de oração, seis delas estavam em seus túmulos. E, assim, de modo surpreendente, foi cumprida outra predição.

Alívio aos desesperados

Na madrugada de 12 de dezembro de 1866, Elias Stiles, de North Liberty, Indiana, veio à minha casa, pedindo-me para voltar com ele e ajudar a aliviar, se possível, a James Harvey, que estava desesperado, crendo que não havia esperança para o seu caso. Sabendo que Ellen recebera ampla instrução em sua última visão, e que muitos casos lhe haviam sido mostrados profeticamente, respondi ao irmão: “É possível que a irmã White tenha visto algo sobre este caso e, em caso afirmativo, se ela puder escrever, isso será mais convincente do que qualquer coisa que eu possa dizer-lhe”.

Imediatamente fomos buscá-la e, sem que eu mencionasse qualquer palavra sobre a condição do Sr. Harvey, perguntei-lhe: “Irmã White, você teve alguma luz, em qualquer das visões que recebeu, acerca do caso do ir-

mão James Harvey?” “Sim”, disse ela, “eu tive; e tenho sido impressionada, por alguns dias, de que preciso escrevê-la e lhe enviar.” Ela, então, passou a contar-nos o que tinha visto. Disse eu: “Eu o verei pela manhã e, se você puder escrever o que lhe foi mostrado, eu posso entregar-lhe”. Com esse combinado, fomos embora e, à noite, voltamos novamente. Ela havia terminado de escrever e nos agraciou ao lê-lo em voz alta.

Testemunho ao desesperado James Harvey

O testemunho afirmava claramente que o Sr. Harvey seria levado a um estado de saúde fragilizado e que Satanás procuraria lançá-lo em desespero, tentando persuadi-lo de que já não havia misericórdia para ele, nem qualquer esperança em seu caso. Entretanto, ela viu que ele tinha feito tudo ao seu alcance para corrigir os erros de sua vida passada e que Deus o havia perdoado; e, além disso, quando fosse tentado a tirar sua vida, ela viu que anjos de Deus estavam voando em torno dele, dirigindo-lhe a ter esperança em Deus e no céu. No testemunho, haviam muitas palavras semelhantes de conforto e encorajamento.

Com esse documento em minha posse, fomos pela manhã a North Liberty. No caminho, o Sr. Stiles me disse que o Sr. Harvey queria ver-me, mas que havia dito que eu não teria palavra de esperança alguma para ele, e que, quando o encontrasse, eu concordaria com ele de que seu caso era sem esperança, que ele era um homem perdido; e então, como o [sacerdote] Eli, do antigo [Israel], quando lhe foi dito que a arca de Deus fora tomada, ele deveria cair para trás e morrer.

Chegamos à casa do Sr. Harvey por volta das 3 da tarde. Quando o encontrei, disse-lhe: “Irmão Harvey, como vai você?” De maneira a mais lamentável, ele respondeu, “Perdido! *Perdido!* PERDIDO!!!” Então eu disse: “Não, você *não* está perdido. Há esperança em seu caso!” Ao ouvir minha resposta, expressou-se, num tom diferente: “Por três semanas tenho pensado que não havia esperança para mim e que estava perdido, e hoje, enquanto ia da fazenda para a cidade, ao passar sobre a ponte na lagoa do moinho, algo parecia dizer-me: “Você está perdido! *Não há esperança* para você! Pule na represa e se afogue! Pensei que fazer uma coisa dessas traria vergonha à causa de Cristo e, assim, fui impedido de me suicidar”.

Rápido livramento

“Bem, irmão Harvey, você não está perdido!” disse eu. “Tenho aqui um testemunho direto do céu, declarando que você *não está perdido!*” Ele respondeu: “Então, vou ouvi-lo.” Assim, li o testemunho perante ele, declarando, primeiramente, que nenhuma palavra me havia sido informada. Ao completar a leitura, sua face se iluminou com um sorriso e ele disse: “Então, há esperança no meu caso. Eu acredito em Deus”.

Após a leitura, tivemos um momento de oração, de onde ele saiu um homem transformado e feliz. Ele nos disse que aquela carta descrevia o funcionamento de sua mente, nas últimas três semanas, melhor do que ele seria capaz de fazê-lo. Assim, por esse intermédio, o amor de Deus foi demonstrado ao livrar do desespero a esse irmão.

Campo de trabalho ampliado

Até 1868, o campo de trabalho dos adventistas do sétimo dia tinha sido confinado aos Estados Unidos, na parte ao norte da fronteira sul do Estado do Missouri e ao leste do rio Missouri. Numa reunião em que se discutia os campos e a distribuição do trabalho, durante a Conferência Geral realizada em Battle Creek, Michigan, em 28 de maio, foi decidido enviar dois obreiros e uma tenda de 18 metros para a Califórnia. O irmão D. T. Bourdeau e o escritor chegaram em São Francisco em 18 de julho do mesmo ano.

Abertura da Missão da Califórnia

Gostaria de destacar algo, em conexão com a abertura da missão da Califórnia, que ilustra bem a utilidade prática do dom de profecia. Paulo, ao falar dos dons espirituais, incluindo o dom de profecia, declara que eles são para “o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4:12). Certamente o caminho mais viável para aperfeiçoar os santos é apontar-lhes os seus erros, de modo que possam abandoná-los e serem lavados de seus pecados no precioso sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Para esse fim, durante todo o percurso em conexão com a causa da verdade presente, o dom de profecia ter proporcionado auxílio no desempenho do serviço ministerial, apontando aos servos do Senhor os defeitos em seu *modo* de trabalho, e como, usando outros métodos, poderiam ser mais eficientes na conversão de almas.

Testemunho sobre como trabalhar na Califórnia

Pouco depois de chegarmos à Califórnia, recebemos uma carta de Ellen White, na qual relatava uma visão que lhe fora dada em Battle Creek, sexta-feira à noite, dia 12 de junho, um dia que havíamos passado em Lancaster, Nova Iorque, antes de partirmos para a Califórnia. Ela nunca tinha visitado a Califórnia e não tinha conhecimento pessoal dos hábitos do povo. Na verdade, até então, ela nunca tinha passado a oeste do rio Missouri. Qualquer conhecimento que possuísse sobre o que lá se passava, era proveniente do que o Senhor Se agradou em revelar-lhe.

Na instrução em sua carta, ela delineou as maneiras liberais do povo da Califórnia e qual seria o efeito de trabalhar entre eles num plano restrito e mesquinho. Ao pregar para o povo da Califórnia, deve-se abordar-lhes de acordo com algo do espírito liberal em que trabalham, porém, não de maneira esbanjadora.

Predito o plano de vitória

Olhando, agora, em retrospectiva, considerando os últimos trinta e sete anos desde que a obra foi iniciada na Califórnia, ponderando sobre a situação daquele momento, a condição das pessoas e a maneira pela qual teríamos conduzido nosso trabalho, se não fosse pelo testemunho recebido; ao testemunhar os resultados de seguir as instruções dadas, posso afirmar que nossa causa avançou mais em três meses do que teria feito em um ano não tivesse sido ajudada “no desempenho do serviço” pela instrução recebida através do dom de profecia. Até a primavera de 1871, como resultado dos esforços no condado de Sonoma, surgiram cinco igrejas de observadores do sábado.

A primeira tenda de reuniões em São Francisco

Em junho do mesmo ano, erguemos nossa primeira tenda pela primeira vez em São Francisco. Como o irmão Bourdeau havia retornado para o Leste, outro obreiro de Michigan foi enviado a fim de tomar seu lugar. Chegou dia 17 de junho e, imediatamente, uniu-se a mim no trabalho na cidade. Após de algumas semanas de empenho na tenda, continuamos nossas reuniões, em salões alugados, até 1º de dezembro de 1871. Como resultado desse trabalho, mais de cinquenta pessoas aceitaram a mensagem em São Francisco.

Problemas internos na Califórnia

Até esta data, nossas provações na Califórnia vinham mais de oposição externa, mas, agora, um teste de fé inesperado, de caráter diferente, surgira para nosso povo. Certo companheiro de obra insistiu em seguir um curso de ação o qual eu tinha certeza que traria vergonha a ele mesmo e também à causa. Tínhamos inimigos implacáveis na cidade, que vigiavam cada passo que dávamos e estavam prontos a usar qualquer ação imprudente para nos prejudicar. Tornou-se, portanto, extremamente necessário atender à admoestação do apóstolo de “evitar toda aparência do mal”.

Independência perigosa

Eu não afirmei que aquele irmão tinha, de fato, pecado em sua forma de agir, mas concluí que nossos inimigos tirariam proveito do que ele alegava ser inocente. Ele assumiu a posição de que tinha o direito de “agir como quisesse” no assunto, especialmente quando admitiram não haver pecado no que ele fazia. Assim continuaram as coisas até 23 de janeiro de 1872, quando parti do Condado de Sonoma para São Francisco a fim de verificar o que poderia ser feito para acalmar a situação.

A esta altura, como eu temia, nossos inimigos estavam fazendo uso da conduta desse irmão e ele estava assumindo a posição de que isso “não era da conta deles”, que iria mostrar-lhes que possuía uma mente própria e poderia andar nas ruas como lhe aprouvesse e *com quem* quisesse, sem se sujeitar aos comentários que faziam. Por meio de trabalho pessoal, tentei mostrar-lhe que tal modo de agir não daria resultado e que tal espírito independente resultaria em mal. Ele tinha amigos que simpatizavam fortemente com ele, alguns dos quais começaram a adotar uma posição que o submeteria a uma censura ainda maior. Grande parte da igreja viu o perigo de sua teimosia e estava pronta a me apoiar nos esforços que eu fazia para impedir que a causa sofresse desonra.

Marcada uma reunião de investigação

Assim permaneceram as coisas até o sábado, dia 27 de janeiro, quando foi decidido que seria feita uma investigação do caso e tomadas algumas medidas decisivas pela igreja, a fim de salvá-la do estigma que esse espírito desafiador provavelmente produziria. Uma reunião foi marcada para o domingo, dia 28 de janeiro, às 9 horas da manhã, na qual iríamos analisar a situação e considerar nosso dever, como igreja, em referência à mesma. Ao

que tudo indicava, seria inevitável que houvesse uma divisão naquela igreja. Passei grande parte daquela noite em oração a Deus, pedindo que ele operasse em nosso favor.

Uma confissão escrita

Na manhã do dia 28, ao sair para a reunião, encontrei aquele obreiro na calçada, perto de onde me hospedara, chorando. Disse ele: “Irmão Loughborough, não irei à reunião de hoje.”

“Você não vai à reunião?” disse eu; “ela vai tratar de seu caso.”

“Sei disso”, respondeu ele, “mas estou completamente errado. Você está certo na posição que tomou em referência a meu caso. Aqui está uma carta de confissão que escrevi à igreja. Quero que você leve a carta e leia para eles. Será melhor para você e para aqueles que possam estar inclinados a simpatizar comigo que eu não esteja lá”.

“O que causou essa grande mudança em você desde ontem?” Perguntei.

O recebimento de uma maravilhosa visão

Ele respondeu: “Fui ao correio ontem à noite, após o sábado, e recebi uma carta da irmã White, vinda de Battle Creek, Michigan. É um testemunho que ela escreveu para mim.” Entregando-me o testemunho, ele disse: “Leia isso, e você verá como Deus considera o meu caso.”

Ele pediu que eu contasse à igreja que ele havia recebido um testemunho da irmã White reprovando-o por sua conduta, e que ele havia aceito tal testemunho, pois era verdadeiro.

A convincente natureza da visão

O testemunho era parte de uma visão dada a Ellen White em Bordoville, Vermont, dia 10 de dezembro de 1871. Ela começou a escrever a parte relativa ao caso deste irmão em 27 de dezembro de 1871, mas por algum motivo, a conclusão do documento foi adiada até 18 de janeiro de 1872, momento em que foi concluído e enviado pelo correio de Battle Creek. Naquela época, demorava cerca de nove dias para que as cartas chegassem por terra de Michigan à Califórnia.

Na visão, muitas coisas são reveladas a Ellen White de maneira profética. [Ou seja, coisas que ainda não aconteceram.] Foi assim nesse caso. No

momento da visão, a situação aparentava apenas uma vaga ideia do que realmente se desenvolveu, quando o testemunho chegou a São Francisco. Comparando as datas, podemos ver que o auge do problema em São Francisco ocorreu após o testemunho ter sido enviado de Michigan. Nossos irmãos em São Francisco prontamente perceberam que ninguém poderia ter escrito para Battle Creek, contando o problema a Ellen White a tempo suficiente de ela escrever essa carta, pois tal situação ainda não existia.

Esse fato teve grande influência com os irmãos daquele lugar, convencendo-os de que havia um poder divino com conexão com a visão. Eu não tinha escrito uma palavra sequer, sobre o problema em São Francisco, ao irmão White ou a sua esposa, e o obreiro declarou não ter escrito nada. Os irmãos comentaram: “Se o obreiro tivesse escrito, não teria contado sobre si as coisas que foram apresentadas.”

Como a visão foi escrita

Quando, posteriormente, ficamos sabendo sobre a escrita e o envio do testemunho, tornou-se ainda mais evidente que o Senhor, o autor da visão, tinha um plano quanto o momento da escrita e envio do testemunho, de modo que chegasse apenas no momento certo.

Bem cedo, na madrugada do dia 18 de janeiro de 1872, Ellen White foi despertada com o testemunho acima vividamente impresso em sua mente. A impressão lhe era tão distinta como se alguém tivesse dito: “Escreva imediatamente aquele testemunho para a Califórnia e envie no próximo correio; ele é necessário.” Ao repetir-se pela segunda vez, ela se levantou, vestiu-se apressadamente e terminou de escrever. Pouco antes do desjejum, entregou a carta a seu filho Willie, dizendo: “Leve esta carta ao correio, mas não a coloque na caixa de correio. Entregue-a ao agente de correio, e certifique-se que ele a coloque na mala de correspondências que sai nesta manhã.” Ele posteriormente mencionou ter pensado que as instruções pareciam um tanto peculiares, porém não questionou, mas fez como lhe fora ordenado e “pode ver a carta ser posta dentro da mala de correspondências.”

Prova de que Deus estava dirigindo

Conhecendo, então, nossa situação em São Francisco, você prontamente verá a importância de que a carta fosse enviada exatamente naquela remessa. Havia, na época, apenas uma remessa terrestre de correio por dia. Se

a carta tivesse chegado no domingo à noite, dia 28, em vez de sábado à noite, dia 27, haveria, sem dúvida, uma triste ruptura na igreja. Se ela tivesse vindo várias semanas antes, mesmo logo após a visão ter sido dada, a igreja não perceberia tão facilmente sua importância.

Esse testemunho apresentava evidentes sinais da mão do Senhor, não apenas pela carta haver chegado no momento adequado para corrigir efetivamente os erros existentes, mas, ao ser humildemente aceita e posta em prática pelo irmão, exerceu poderosa influência em trazer unidade e estabilidade para aquela jovem igreja.

Escrevendo as visões

Este exemplo também ilustra algo que a própria Ellen White havia dito quanto a escrever o que lhe era mostrado. Ela diz:

Tenho sido despertada do meu sono com uma vívida sensação de assuntos previamente apresentados à minha mente; e tenho escrito, à meia-noite, cartas que têm atravessado o continente e, ao chegar em uma crise, têm salvado a causa de um grande desastre (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, n.º 33, página 671).

Capítulo 25



INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

“Adquire a sabedoria, adquire o entendimento e não te esqueças das palavras da minha boca, nem delas te apartes. Não desampares a sabedoria, e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá. O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento” (Provérbios 4:5-7).

A escola do professor G. H. Bell

A obra educacional da denominação tem, na atualidade, atingido proporções relativamente grandes. Assim como os outros ramos da causa já mencionados, este teve um começo muito pequeno. Em 1868, o professor G. H. Bell abriu uma escola no antigo prédio comercial, situado na esquina nordeste das ruas Washington e Kalamazoo, em Battle Creek. Além disso, na primavera de 1871, por ocasião do encerramento da Conferência Geral, um curso de treinamento com quatro semanas de duração foi oferecido aos ministros, projetado para ajudar as pessoas envolvidas no trabalho ministerial e da igreja.

Necessidade de uma escola denominacional

Na *Review* de 16 de abril de 1872, apareceu um artigo intitulado “Será que precisamos de uma escola denominacional?” no qual se mostrava claramente a necessidade de termos uma escola assim. Na *Review* de 16 de julho, foi anunciado que a escola havia sido inaugurada com doze alunos, cujo número, duas semanas depois, havia aumentado para 25, e um curso noturno de gramática teve início com cinquenta pessoas. O segundo período letivo desta escola teve início em 16 setembro do mesmo ano, com quarenta alunos. Em 16 de dezembro, a escola havia crescido tanto que precisou ser transferida para a igreja, onde foram anexadas mesas dobráveis à parte de

trás dos bancos. Havia também uma seção de educação básica que se reunia na galeria da igreja, com sessenta e três alunos.

Arrecadando dinheiro para um colégio

A Conferência Geral, em março de 1873, gastou um bom tempo considerando se era próprio, ou não, arrecadar fundos para a construção de edifícios adequados para uma escola denominacional, onde que se preparassem obreiros para os diversos campos. Havendo a decisão sobre o assunto sido favorável, uma comissão foi nomeada para se responsabilizar pela arrecadação dos recursos necessários. Naquela época, de tempos em tempos, importantes artigos sobre o tema apareceram na *Review*, escritos pelos irmãos Butler, White e outros, e uma grande soma de dinheiro foi levantada para o projeto da escola, como resultado dos esforços dos irmãos Butler e Haskell nas diversas reuniões campais.

Outra sessão da Conferência foi realizada em 16 novembro de 1873, quando foi relatado que 52 mil dólares já haviam sido arrecadados para o Fundo Educacional Adventista do Sétimo Dia, a ser utilizado a compra do terreno e construção de edifícios adequados na próxima estação apropriada para construção. Na mesma sessão, uma comissão de sete foi escolhida, por voto, para formar uma Sociedade Educacional e procurar um local para os edifícios.

Na Conferência que acabamos de mencionar, George I. Butler foi eleito presidente da Conferência Geral e Sidney Brownsberger, secretário. A comissão eleita pela Conferência Geral foi composta por G. I. Butler, S. N. Haskell, e Lindsay Harmon. Os nomes de Tiago White, Ira Abbey, J. N. Andrews e Urias Smith foram adicionados, para atuar com a Comissão da Conferência Geral como o Comitê dos Sete, que foi incorporado com o nome de “A Sociedade Educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia.” A partir deste momento o professor Brownsberger esteve ligado ao colégio de Battle Creek, até que foi chamado para dirigir um colégio a ser inaugurado em Healdsburg, Califórnia.

A compra de doze acres para o Colégio

Em 31 de dezembro de 1873, esta comissão comprou doze acres de terra na parte oeste de Battle Creek, dos quais sete hectares formaram o campus do Battle Creek College.

A escola de Battle Creek abriu seu período letivo de inverno nas salas do terceiro edifício em 15 de dezembro de 1873, com cento e dez alunos matriculados.

A necessidade de escolas denominacionais

Em relação a nossa necessidade, como denominação, de escolas apropriadas para educação, Ellen White escreveu em 1873:

Todas as faculdades da mente devem ser postas em uso e desenvolvidas, a fim de que os homens e as mulheres tenham mente bem equilibrada. O mundo está cheio de homens e mulheres unilaterais, que ficaram assim porque uma parte de suas faculdades foi cultivada, ao passo que outras foram diminuídas pela inatividade. A educação da maioria dos jovens é um fracasso. Estudam em demasia, ao passo que negligenciam o que diz respeito à vida prática. ...

Necessidade de educação simétrica

A aplicação constante ao estudo, segundo a maneira em que as escolas são agora dirigidas, está incapacitando a juventude para a vida prática. A mente humana precisa ter atividade. Se não estiver ativa na direção certa, estará ativa na direção errada. A fim de conservá-la em equilíbrio, o trabalho e o estudo devem estar unidos nas escolas.

Deveriam ter sido tomadas providências nas gerações passadas para uma obra educacional em maior escala. Relacionados com as escolas, deveria ter havido estabelecimentos de manufatura e de agricultura, como também professores de trabalhos domésticos. E uma parte do tempo diário deveria ter sido dedicada ao trabalho, de modo que as faculdades físicas e mentais pudessem exercitar-se igualmente. Se as escolas houvessem sido estabelecidas de acordo com o plano que mencionamos, não haveria agora tantas mentes desequilibradas (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 3, n.º 22, página 153).

Colégio de Battle Creek

O prédio do Colégio de Battle Creek foi construído durante o verão e o outono de 1874. Era uma estrutura de tijolos, com três andares acima do subsolo, com área de 23 x 23 metros, no formato de uma cruz grega. Foi concluído e dedicado conforme os devidos procedimentos no dia 4 de janeiro de 1875. A escola iniciou-se nestas instalações com mais de cem alunos e sete

professores capacitados para os vários departamentos. Ao começar o ano letivo de 1877, foi anunciado que duzentos alunos estavam matriculados. O relatório da Sociedade Educacional, apresentado na Conferência Geral em outubro de 1880, revelou que um total de 1.400 alunos foram matriculados nesse colégio desde 1873 a dezembro de 1880.

Abertura de duas novas escolas

Na Conferência Geral ocorrida em dezembro de 1882, foi anunciado que duas outras escolas denominacionais foram abertas naquele ano, sob o amparo da Conferência, sendo uma delas o Colégio Healdsburg, localizado em Healdsburg, na Califórnia, inaugurado em 11 de abril; e a outra, South Lancaster Academy, localizada em South Lancaster, em Massachusetts, inaugurada em 19 de abril.

Colégio Healdsburg

Na *Review* de 15 de janeiro de 1884, apareceu uma declaração muito interessante a respeito da escola denominacional localizada na Costa Oeste:

Em setembro de 1881, a Associação da Califórnia decidiu abrir uma escola denominacional e nomeou uma comissão para levar avante o empreendimento. Por abril de 1882, haviam adquirido um amplo terreno e um edifício bem conveniente contendo dez salas; contrataram dois professores e uma escola com trinta e três alunos iniciou suas atividades. Durante o ano escolar (começando em 29 de julho de 1882), a escola foi licenciada como uma faculdade, comprou-se um lote adicional de cinco acres, construíram um espaçoso salão [para dormitório], formaram um corpo docente com seis professores e 152 foram alunos matriculados. Desde sua abertura, cerca de 27 mil dólares foram doados para o empreendimento, sendo que a maior parte foi paga pelo povo da Califórnia.

Academia de South Lancaster

O povo da Nova Inglaterra abriu sua escola na igreja de South Lancaster, Massachusetts. Graças aos esforços incansáveis do irmão S. N. Haskell e aos sacrifícios de nosso povo da Nova Inglaterra, um conjunto de prédios escolares estava pronto para a dedicação no Outono de 1884. Um total de cinco edifícios pertenciam, então, à Associação da Academia de South Lancaster, sendo dois deles completamente novos. O prédio de aulas media 18 x

20 metros, e o outro, o recém-construído dormitório, media 11 x 27 metros. Estes foram dedicados em 19 de outubro de 1884.

Esta instituição, após vinte e um anos de serviço ativo, ainda prospera e já enviou diligentes obreiros na causa do Mestre a várias partes do mundo. O diretor atual é Frederick Griggs, que também atua como secretário do Departamento de Educação da Conferência Geral.

A escola de treinamento em Londres (na Inglaterra)

Como a obra em Londres, na Inglaterra, continuou a avançar e a aumentar em força, considerou-se prudente, durante o verão de 1887, abrir uma escola de treinamento para obreiros bíblicos, ligada à prática de estudos bíblicos. Desta escola, obreiros foram enviados a outras partes do Reino Unido e de suas Colônias. Uma florescente escola também está sendo conduzida no Salão Duncombe, ao norte de Londres, sob a direção do Prof. H. R. Salisbury, que obteve sua educação no colégio de Battle Creek, Michigan.

Expansão do Colégio de Battle Creek

A falta de espaço no colégio de Battle Creek foi tal que, no verão de 1886, tornou-se necessário aumentar, de forma significativa, o prédio da faculdade e, no ano seguinte (1887), construir um dormitório para moças (conhecido como o Salão Oeste). O Salão Oeste contém quartos para 150 estudantes e o refeitório para 225, enquanto que o Salão Sul, construído em 1884, serve como dormitório masculino. No início do período letivo de inverno, 1886-1887, haviam 568 estudantes matriculados.

Em 1885, o Prof. W. W. Prescott foi colocado na direção do colégio de Battle Creek e, pouco depois, foi nomeado para o cargo de Secretário de Educação da denominação. Esta realmente foi uma decisão sábia. Não apenas o colégio de Battle Creek foi beneficiado, mas, mediante o trabalho deste secretário, com a bênção de Deus, maior união e eficiência foram introduzidas no trabalho de todas as nossas escolas denominacionais.

Colégio Missionário Emanuel

O colégio de Battle Creek foi ativo até o ano de 1901, quando o terreno e os edifícios foram vendidos para a Associação do Colégio Médico-Missionário Americano. Um novo colégio corporativo foi prontamente formado,

por nome de Colégio Missionário Emanuel.¹ Conseguiu-se uma fazenda perto de Berrien Springs, no sudoeste de Michigan, onde os edifícios foram construídos pelos alunos, e uma próspera escola passou a funcionar. O firme propósito desta escola é oferecer uma “educação integral”, em harmonia com as instruções citadas na primeira parte deste capítulo. O grande desejo e objetivo dos professores do Colégio Missionário Emanuel é qualificar obreiros, totalmente preparados, para trabalhar em qualquer parte do mundo aonde a providência de Deus os possa chamar.

Escola Bíblica Central, Chicago

Em uma edição da *Review* de março de 1887, o irmão G. I. Butler propôs que fosse construído um prédio para a missão em Chicago, Illinois, destinado a servir como escola bíblica para a instrução de obreiros bíblicos e, ao mesmo tempo, podendo ser usado como capela e casa de missões para nosso povo naquela cidade. No outono e no inverno de 1888-1889, o estabelecimento foi construído. Seu custo, incluindo o terreno, a casa, os móveis, etc., foi cerca de 28 mil dólares. Inaugurou-se oficialmente no dia 04 de abril de 1889, com um treinamento para colportores. No momento da dedicação, anunciou-se que nosso povo estava ciente de pelo menos mil pessoas que já tinham aceitado a verdade presente, em várias partes do país, a partir dos esforços de obreiros bíblicos.

Esta escola foi habilmente conduzida por G. B. Starr até a primavera de 1891. Então, com professores nomeados pela Comissão da Conferência Geral, prosseguiu em seu trabalho até o ano de 1893, quando verificou-se que o edifício era inadequado para atender à crescente demanda por ensino bíblico. Como arranjos foram feitos para adicionar uma escola bíblica ao Colégio de Battle Creek, o edifício de Chicago foi vendido para a Associação Beneficente Médico-Missionária. O edifício foi ampliado e equipado para ser um sanatório de pequeno porte e, agora, constitui a filial de Chicago do Sanatório de Battle Creek.

Colégio União, Nebraska

A Conferência Geral de 1889 considerou a proposta de construir um colégio numa localidade conveniente às nove Associações dos seguintes Estados: Iowa, Minnesota, Kansas, Missouri, Nebraska, Dakota, Texas, Colo-

¹ Atual Universidade Andrews, em Michigan.

rado e Arkansas. A Conferência então nomeou uma Comissão encarregada de selecionar um local conveniente para a escola. Quando os cidadãos das cidades como Des Moines, em Iowa, Fremont e Lincoln, em Nebraska, e outros lugares, souberam o que estávamos prestes a fazer, competiram uns com os outros no oferecimento de doações, tão desejosos que estavam de ter o colégio situado em sua própria cidade. Como a cidade de Lincoln, em Nebraska, fez a oferta mais liberal, além de ser considerada como a localidade mais provável, a escola foi ali instalada.

O edifício principal, o prédio de salas de aulas do Colégio União, é uma estrutura de 43 x 26 metros. A altura, desde o chão até o topo da cúpula, é de 30 metros. Além deste prédio, há dois dormitórios, cada um medindo 32 x 32 metros, com três andares de altura. Esperava-se que os recursos advindos de terrenos doados deveriam cobrir pelo menos metade da despesa de instalação deste colégio central da denominação, em que os trabalhadores seriam educados, em departamentos separados de inglês, escandinavo e alemão, por professores em sua língua nativa.

Os edifícios foram dedicados em 24 de setembro de 1891, e a escola teve início em 30 de setembro. As matrículas durante o primeiro ano foram de 301 alunos. Em 1892, a escola começou suas atividades com 222 alunos e as matrículas para o ano foram de 553. Destas, 71 foram do departamento alemão, e 85 do escandinavo.

Há uma fazenda ligada ao colégio, proporcionando uma oportunidade de trabalho aos estudantes que desejam seguir em linhas agrícolas. O colégio também possui uma padaria em que, até certo grau, ocorre a fabricação de alimentos saudáveis. Durante o ano de 1903, uma associação foi organizada com a finalidade de publicar artigos e livros nos idiomas alemão, sueco e dinamarco-norueguês. Esta associação possui sua casa de impressão e é responsável por todo o material americano da denominação impresso para estas nacionalidades. O trabalho é realizado principalmente pelos estudantes. Eles não apenas são instruídos na questão de impressão, mas ganham experiência ao *fazerem*, de fato, trabalho missionário.

A obra médica também está representada em conexão a essa instituição. Economizando espaço, descobriu-se que a escola poderia dispensar um de seus grandes dormitórios e, portanto, com pouca despesa, foi posto em operação um sanatório e está fazendo um excelente trabalho.

Colégio Walla Walla

Esta escola fica perto da cidade de Walla Walla, no Estado de Washington, e foi dedicada em 08 de dezembro de 1892. Havia sido inaugurada no dia anterior, com 101 alunos matriculados. Este número aumentou durante o ano para 185 alunos. Há uma pequena fazenda e outros empreendimentos industriais ligados a esta escola. Atualmente, está numa condição bem próspera, realizando um excelente trabalho. O diretor atual é o prof. J. L. Kay.

Escola australiana

Em 24 de agosto de 1892, foi inaugurada uma escola em Melbourne, na Austrália, em prédio alugado, tendo cinco professores. O senhor L. J. Rousseau, do Colégio de Battle Creek, Michigan, foi o primeiro diretor dessa escola. No ano de 1894 a escola contava com 89 alunos matriculados.

Mudança para Avondale

Devido ao desejo de unir trabalho e estudos, julgou-se prudente transferir a escola para uma outra localidade. Assim, da grande cidade de Melbourne, dirigiram-se a Avondale, em Cooranbong, New South Wales, um distrito rural, onde adquiriram uma fazenda e construíram edifícios adequados. Atualmente, a escola está sendo conduzida, com êxito, no plano industrial.

Cumpre-se a predição sobre Avondale

Ao fundar e estabelecer esta escola, o objetivo da comissão era conduzi-la, tanto quanto possível, em harmonia com as instruções dadas com respeito às escolas industriais. Deveria ser uma “escola modelo”, assegurando-se, vez após vez, que, se devidamente administrada, seria um sucesso, não apenas como escola, mas a própria terra, que fora considerada inútil, seria produtiva. O tempo, com a bênção do Senhor, demonstrou a veracidade da previsão. Não obstante as severas secas, por vários anos consecutivos, trazendo desastre para as atividades agrícolas e péssimas colheitas por todo o redor, a fazenda Avondale manteve-se verde e produtiva. Este foi um acontecimento tão notável que oficiais do governo vieram se informar acerca dos métodos agrícolas utilizados para produzir esse maravilhoso sucesso.

O relatório de andamento da escola, para o ano de 1903, revela um aumento de cinquenta por cento em número de matrículas. As finanças também estavam em boas condições: despesas todas pagas e um saldo de 1.500 dólares em caixa a serem utilizados em benefício da escola. O prof. C. W. Irwin tem sido o administrador e diretor da escola por quase quatro anos.

Academia de Mount Vernon

Em 1893, a Conferência Geral aprovou uma resolução em favor da abertura de uma escola em Mount Vernon, Ohio. Esta escola está ligada a alguns empreendimentos industriais, e relata-se que está fazendo um bom trabalho. As matrículas para o ano de 1894 totalizaram 140. O prof. J. W. Loughhead serviu durante vários anos como diretor da escola, até ser chamado a Washington, D.C. O endereço desta escola é Academia, Ohio.

Escola Industrial de Keene

Também, em 1893, foi aprovada a abertura de uma escola industrial em Keene, Texas. Adquiriu-se uma fazenda de mais de 130 acres, construíram-se os edifícios e a escola teve início sob a direção do Prof. C. B. Hughes e seus assistentes. Ela é conduzida em harmonia com o plano de unir trabalho e estudo. Em 1894, foram matriculados 160 alunos. Esta escola também tem sido um evidente sucesso.

Colégio Claremont Union

Esta escola está localizada em Kenilworth, perto da Cidade do Cabo, na África do Sul. Seu corpo docente foi selecionado principalmente do Colégio de Battle Creek. Foi inaugurada em 1894, com 90 alunos. Ao final do primeiro ano escolar, o número de alunos aumentou tanto que foi necessário ampliar o prédio escolar para conseguir mais espaço. Atualmente, o colégio se encontra sob a supervisão do prof. C. H. Hayton.

Os adventistas do sétimo dia também dirigiram uma escola primária, em Claremont, com 70 alunos e uma escola paroquial em Beaconsfield, a qual, em 1894, contava com 30 alunos matriculados.

Resumo da obra educacional em 1895

O seguinte relatório foi apresentado à Conferência Geral pelo secretário de Educação em fevereiro de 1895:

Podemos sumarizar os estabelecimentos educacionais da denominação da seguinte forma: Há cinco colégios localizados em: Battle Creek, Michigan; College View, Nebraska; Healdsburg, Califórnia; College Place, Washington e Kenilworth, África do Sul. Há quatro academias, ou escolas, exercendo o papel de escolas primárias e secundárias neste país: em South Lancaster, Massachusetts; Mt. Vernon, Ohio; Keene, Texas e Graysville, Tennessee. [...] Além destas, há a Escola Bíblica australiana; uma escola no México em conexão com a missão médica; a escola para as crianças nativas nas Ilhas Pitcairn; em Raiatea, do grupo Sociedade; no Sul do Oceano Pacífico, em Bonacca, nas Ilhas da Baía no Mar do Caribe; cerca de quinze escolas paroquiais no país e no exterior, duas Escolas Bíblicas da Conferência Geral e um grande número de escolas de colportores e de Associações locais não organizadas regularmente.

Sumariando o número de alunos nos estabelecimentos de ensino regular e nas escolas da denominação, o secretário afirmou: “Com estimativas conservadoras, atualmente, há mais de 3.000 alunos, de todas as idades, matriculados em escolas adventistas do sétimo dia.”

Resumo das instituições de ensino em 1903

A obra e as instituições educacionais entre os adventistas do sétimo dia têm crescido na proporção de outros ramos da mensagem. Como revelado no Yearbook da Conferência Geral de 1904, há, nesta data, nove colégios e academias nos Estados Unidos, e cinco em outros países. Estes localizados em outros países encontram-se em: Avondale, New South Wales; Kenilworth, Claremont, perto da Cidade do Cabo, África do Sul; Holloway, em Londres, ao norte da Inglaterra; Nyhyttan, Järnboås, na Suécia; Friedensau, perto de Magdeburg, na Alemanha.

Temos 14 escolas intermediárias nos Estados Unidos e cinco em outros países. Estas estão localizadas em Copenhagem, Dinamarca; Honolulu, Havaí; Diamante, Entre Rios, Argentina, América do Sul; Curitiba, Brasil, América do Sul; Brusque, Brasil, América do Sul.

Além das instituições educacionais mencionadas acima, há 357 escolas paroquiais locais conduzidas pela denominação. Destas, 317 estão nos Estados Unidos e quarenta em outros países. Se tivéssemos estatísticas atuais precisas, estes números seriam grandemente aumentados. Muitas escolas foram abertas desde o fim de 1902. A Associação de Nebraska, por

exemplo, relatou possuir dez escolas paroquiais. Em fevereiro de 1904, o relatório deles apresentava “vinte e quatro escolas paroquiais”, catorze a mais em uma Associação.

Verdadeiramente, a mão do Senhor tem guiado e aberto caminho de modo maravilhoso para a obra educacional entre este povo. Que Deus conceda sabedoria aos que são chamados a administrar este ramo de Sua obra, para que as diversas escolas sejam conduzidas em harmonia com o plano por Ele delineado. Então haverá multidões de obreiros eficientes e bem desenvolvidos para o Mestre, em vez de homens e mulheres desenvolvidos apenas “unilateralmente” em educação e caráter. “O Senhor deu a palavra”, declara o salmista, e “grande é a falange [exército] das mensageiras das boas-novas” (Salmos 68:11).

Capítulo 26



NOSSAS MISSÕES ESTRANGEIRAS

*“Como está escrito: Não de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito”
(Romanos 15:21).*

Nossa primeira missão localizada fora dos Estados Unidos foi inaugurada em 1874, quando o irmão J. N. Andrews foi enviado à Suíça, iniciando ali o trabalho.

CAMPO DA EUROPA CENTRAL

Oito países foram incluídos nesta missão: Suíça, França, Itália, Turquia, Bélgica, Espanha, Portugal e Grécia, um território com 140 milhões de pessoas.

Pode ser interessante, a esta altura, mencionar as circunstâncias que levaram nosso povo a iniciar uma missão de território tão vasto, quando a denominação ainda possuía poucos membros.

O irmão Czehowski

No ano de 1865, M. B. Czehowski, um padre católico polonês que havia se convertido e aceitado a verdade presente, desejou que nosso povo o enviasse como missionário à Europa Central. Como isto era, naquela ocasião, inviável, ele apresentou seu caso para os adventistas do primeiro dia de Boston, Massachusetts, que, talvez, o consideraram completamente desconectado de nosso povo. Seja como for, eles providenciaram os meios necessários e o enviaram a sua tão desejada missão.

Guardadores do sábado na Suíça

Em 1866, ele pregou sobre a verdade do sábado e a mensagem do terceiro anjo em Tramelan, na Suíça, o que resultou ali num grupo de observa-

dores do sábado. Logo depois, foi anunciar a mensagem na Hungria. Ele não informou aos irmãos de Tramelan sobre nossa obra na América, mas Albert Vuilleumier, um dos que compunham o grupo, podia ler o Inglês. Por acaso, Albert viu uma cópia da *Advent Review*. Deste modo, teve início a comunicação entre os dois países.

O irmão Erzenberger é enviado à América

Em 1869, James Erzenberger, de Tramelan, foi enviado à América com o objetivo de aprender o Inglês e familiarizar-se melhor com as doutrinas e costumes dos adventistas do sétimo dia. Chegou a Battle Creek em 18 de junho e permaneceu um ano e meio na América. Saiu de Nova Iorque, em sua viagem de volta, dia 9 de setembro de 1870. Em junho do mesmo ano, Ademar Vuilleumier também visitou o país, onde permaneceu cerca de quatro anos. Retornando a sua pátria, foi acompanhada pelo irmão Andrews. Eles chegaram em Neuchâtel em 16 outubro de 1874.

Em 1875, o irmão D. T. Bourdeau e sua família partiram da América rumo à França, onde lhes fora designado trabalhar.

Um periódico em francês

No ano seguinte, em julho de 1876, iniciou-se em Basileia, na Suíça, a publicação de um periódico na língua francesa, intitulado *Les Signes des Temps*.¹ No dia 13 de maio de 1882, seis anos mais tarde, o irmão Haskell partiu de Nova Iorque para a Europa. Nessa viagem missionária, passou algum tempo na Suíça.

O irmão Whitney na Basileia; morte do irmão Andrews

Em 26 de julho de 1883, o irmão B. L. Whitney e sua família chegaram a Basileia, pois havia sido determinado pela comissão da Associação Geral que ele devia assumir a administração dessa missão, para aliviar ao irmão Andrews, cuja saúde declinava rapidamente. Poucos meses depois, em outubro daquele ano, o irmão Andrews faleceu.

Apesar de não ter usufruído as vantagens de escolas superiores e universidades no início da vida, o irmão Andrews foi bem educado, constituindo no que o mundo chama de autodidata, alguém que venceu pelo próprio es-

¹ Os Sinais dos Tempos.

forço. Por sua aplicação aos estudos, dominava o Latim, o grego e o hebraico, e, anos depois, o Francês. Esta ele aprendeu para ajudá-lo a inaugurar e dar seguimento à obra na Missão Central Europeia, onde trabalhou durante os últimos seis anos de sua vida, escrevendo e publicando a *Sinais dos Tempos* em francês, bem como pregando nessa língua. Foi enquanto trabalhava assim que caiu sob a mão da morte.

Dr. Kellogg na Europa

Na primavera de 1883, o Dr. J. H. Kellogg visitou a Europa, com o objetivo de realizar pesquisas médicas. Passou alguns dias em cada uma de nossas missões. Sua presença era fonte de grande encorajamento aos obreiros. Os conselhos que deu, especialmente acerca da obra em Basileia, foram muito apreciados pelo irmão Andrews.

O irmão Butler visita a Europa

Na Conferência Geral, realizada em Outubro de 1883, foi recomendado que, tão logo quanto possível, se iniciasse a publicação de um periódico na Inglaterra. Como resultado de outro voto aprovado nessa mesma conferência, os irmãos G. I. Butler, M. C. Wilcox, e A. C. Bourdeau viajaram para a Europa e Inglaterra, a fim de auxiliar no trabalho que lá se desenvolvia. O irmão Butler desembarcou em Glasgow, na Escócia, dia 27 de fevereiro de 1884. Um de seus objetivos, ao visitar às missões estrangeiras, era observar pessoalmente as dificuldades para avanço da obra no exterior, e descobrir como superá-las. Também passou algum tempo em Basileia e no campo da Europa Central. A. C. Bourdeau trabalhou entre o povo francês que habitava nos vales dos Alpes, entre os valdenses; enquanto que M. C. Wilcox associou-se à obra editorial e de publicações na Inglaterra, permanecendo ali até o fim de 1886.

Uma publicadora em Basileia

Em 1884, a editora *Imprimere Polyglotte* (o nome significa: “*Imprimindo em muitas línguas*”), foi estabelecida em Basileia. Em março de 1885, H. W. Kellogg foi autorizado pela comissão da Associação Geral a visitar à Basileia e comprar os equipamentos necessários para a publicadora. Ele o fez e, assim, foi estabelecida uma publicadora bem equipada, pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, na antiga cidade de Basileia.

Enquanto o irmão Butler visitava a Europa, um jornal alemão chamado *Herold der Wahrheit* foi impresso no escritório da publicadora de Basileia. No mesmo ano, um jornal Romeno, *Avarülu Present*,² e ainda outro em italiano, chamado *L'Ultimo Messagio*,³ foram publicadas no mesmo escritório. Os dois últimos eram trimestrais, com dezesseis páginas. Na Conferência Suíça, em outubro de 1884, relatou-se que, durante o ano, haviam sido impressas e distribuídas 146.000 cópias destes periódicos. Até 1895, quando a publicadora (em consequência da perseguição que ocorreu em Basileia) foi transferida para a cidade de Hamburgo, na Alemanha, eram publicados livros e panfletos em mais de onze línguas diferentes: francês, alemão, italiano, romeno, espanhol, boêmio, russo, holandês, húngaro, armênio, turco e grego-turco. Assim, segundo o significado de seu nome, esta instituição publicava “em muitas línguas.”

Ellen White visita a Europa

No dia 3 de setembro de 1885, Ellen White, com seu filho W. C. White e família, chegaram a Basileia. Por um ano e meio viajaram por aqueles antigos países, visitando as missões da Europa Central, prestando-lhes serviço de inestimável valor.

Organizada a Associação Suíça

Em 10 de setembro de 1885, a Associação Suíça foi organizada. De acordo com um relatório emitido naquela época, anunciou-se que a associação era composta de um ministro ordenado, sete licenciados, dez igrejas e 224 membros. O dízimo que havia sido arrecadado no ano anterior era de 1.645,11 dólares. Além disso, haviam recebido 2.041,22 em doações para a obra.

O irmão Waggoner na Europa

Ellen White, W. C. White e família voltaram à América em 1886. No mesmo ano, o irmão J. H. Waggoner foi convidado a trabalhar na Missão Central Europeia. Ele passou mais de dois anos neste campo, durante os quais vivia na cidade de Basileia. Faleceu nesta cidade, em 20 de abril de 1889.

A saúde debilitada do irmão Whitney e sua subsequente morte (9 de abril de 1889), foi outro terrível golpe para esta missão.

² Verdade presente.

³ As Últimas Mensagens.

O irmão Robinson na Europa

D. A. Robinson, que estava trabalhando na Inglaterra, foi escolhido como sucessor do irmão Whitney. Trabalhou de forma eficiente neste campo por cerca de seis anos, quando, a convite da Associação Geral, partiu para a Índia, em 1895. Sua saída tornou necessária a nomeação de outro superintendente.

O irmão Holser escolhido como superintendente

H. P. Holser foi o homem escolhido para o cargo e, além dessa responsabilidade, foi também escolhido como administrador de toda a Missão Central Europeia. Aqui, trabalhou incansável e eficientemente até 1901, quando também sucumbiu à devastação da doença. Morreu em Canyon City, no Colorado, dia 11 de setembro de 1901.

Apesar dessas circunstâncias adversas, a missão cresceu e o trabalho avançou, como se vê num relatório apresentado à Conferência Geral em 1895, que afirma que a Conferência Central Europeia é composta de dezenove igrejas, com 484 membros e um dízimo de 4.378,18 dólares relativo ao ano anterior. Nessa data, tinham quatro ministros ordenados e cinco licenciados.

MISSÃO RUSSO-ALEMÃ

Em 1870, J. H. Linderman, pastor de uma igreja perto de Elberfeld, na Prússia, juntamente com quarenta de seus membros, como resultado de seu estudo da Bíblia, passaram a guardar o sábado do sétimo dia, sem conhecerem no mundo outro grupo de cristãos que o guardava. Foi de maneira um tanto peculiar que nosso povo ficou sabendo dessa história. Um pedinte bateu à porta da casa da missão em Basileia no sábado. A família estava estudando a lição da escola sabatina com Bíblias abertas perante si. A cena impressionou o homem e levou-o a fazer perguntas.

O grupo em Elberfeld

Ao descobrir que estes não eram judeus, mas cristãos, guardadores do sábado do sétimo dia, o pedinte noticiou em Elberfeld acerca desse grupo. O irmão Andrews achou prudente verificar a informação e partiu para a Prússia, no início de 1875, em companhia do irmão Erzenberger, onde encontraram o grupo mencionado. O irmão Erzenberger permaneceu por algum tempo trabalhando naquela parte da Alemanha e, em 8 de janeiro de 1876,

oito pessoas foram batizadas em Elberfeld, sendo este o primeiro batismo de adventistas do sétimo dia na Alemanha.

Tão cedo quanto 1882, a verdade começou a ganhar terreno na Rússia, através de material de leitura enviado por irmãos alemães que viviam na América para seus amigos nas colônias alemãs da Rússia.

O irmão Conradi na Europa

Em 1885, o irmão L. R. Conradi partiu da América para o campo da Europa Central, a fim de trabalhar entre os alemães. Em 28 de junho de 1886, saiu de Basileia, indo para Criméia, na Rússia. Dali, em companhia do irmão Perk, partiu para Berdebulat, onde duas irmãs foram batizadas e uma igreja de dezenove membros foi organizada. Esta foi a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia na Rússia.

Os irmãos Conradi e Perk são presos

Logo em seguida, os irmãos Conradi e Perk foram presos por ensinar doutrinas contrárias à fé ortodoxa e ficaram detidos por cinco semanas em Perekop. Após serem soltos (por intervenção do ministro dos Estados Unidos) o irmão Conradi visitou o Leste da Rússia e depois voltou para a Suíça.

Trabalho ao longo do rio Volga, na Rússia

Foi durante esse mesmo ano que o irmão Laubhan começou a trabalhar na Rússia, próximo de sua casa, localizada no rio Volga. Em 1880, o irmão Klein, do Estado de Kansas, começou a trabalhar na parte alemã da Rússia e, assim, foram levantados trabalhadores para este difícil campo. Embora os irmãos tenham sido aprisionados e expatriados, a obra tem sido abençoada pelo Senhor de modo notável.

O sucesso dos colportores na Alemanha

No ano de 1880, os colportores começaram a trabalhar na Prússia Renana, Württemberg, Baden, e Alsácia. Tão bem sucedidos foram os oito ou dez animados e fiéis obreiros que, em um ano, haviam sido vendidos 3 mil exemplares do livro *Vida de Cristo*, 2 mil do livro *Do Éden ao Éden* e 12 mil panfletos. Como resultado desse trabalho, em quase todo lugar onde os livros foram vendidos e lidos, uma ou mais pessoas abraçaram a verdade.

Nova Missão em Hamburgo

Em maio de 1889, foi iniciada pelo irmão Conradi a obra missionária em Hamburgo, na Alemanha, e, em pouco tempo, foi inaugurada uma escola de treinamento para obreiros. No outubro seguinte, foi organizada uma escola sabatina com 28 membros. Foi durante este ano que o irmão Haskell visitou aquela missão e uma igreja de vinte membros foi organizada, bem como estabelecido um depósito de livros.

Por este tempo, o irmão J. T. Boettcher estava empenhado na obra alemã em Barmen. Um relatório foi apresentado à Conferência Geral, em 1890, afirmando que na missão russo-alemã haviam nove igrejas organizadas, num total de 422 membros, além de setenta e cinco guardadores do sábado que ainda não se haviam organizado. Em 7 de abril do mesmo ano, mais doze foram batizados, unindo-se à igreja de Hamburgo. Em dezembro, o número de membros desta igreja havia crescido para quarenta. O montante recebido na venda de livros do depósito em Hamburgo, Holanda, Rússia e em várias partes da Alemanha foi de 5.000 dólares.

Sucesso na Europa

Lenta, mas firmemente, o trabalho avançou na Missão Central Europeia, como mostrado no relatório apresentado na Conferência Geral em 1891. Havia, nessa época, cinco igrejas na Alemanha, com um total de cento e quarenta membros, dos quais sessenta e quatro faziam parte da igreja de Hamburgo. O dízimo recolhido foi de 1.000 dólares. Os livros vendidos a bordo, pelo missionário de navios em Hamburgo, totalizaram 500 dólares, enquanto que as vendas dos colportores naquele ano, em todo o campo, foram de 6.000 dólares. Cento e cinquenta pessoas haviam aceitado a verdade na Áustria e na Rússia havia treze igrejas com um total de quatrocentos membros.

Cinco russos observadores do sábado são banidos

Por esse tempo (1891), cinco membros de uma igreja russa, incluindo o diretor da igreja, foram presos por ensinar doutrinas contrárias à igreja estabelecida de seu país, sendo condenados a cinco anos de exílio na Transcaucásia. Deviam ser acorrentados entre si e andar 800 quilômetros a pé. Sua fé os sustentou nesta prova e eles estavam felizes no Senhor. Durante o ano, preparou-se um panfleto na forma de Estudos Bíblicos em Russo, com temas como: “os sofrimentos de Cristo”, “o sono dos mortos”, “qual o dia, e por que?” e “podemos saber?”

Por ocasião da conferência geral de 1895, o número de membros na Alemanha havia crescido para 368 e os dízimos do ano anterior totalizavam 2.327,43 dólares.

Mais guardadores do sábado na Rússia

Na Rússia, apesar de muitos terem emigrado para outros países, os membros haviam aumentado para 467, os quais devolveram um total de 841,60 dólares em dízimos.

Na declaração feita pelo secretário de missões estrangeiras, na semana de oração em 1896, ficamos sabendo que “os números quase dobraram no campo russo-alemão ano passado, sofrendo um acréscimo de mais de quatrocentos. Em Berlim, na Alemanha, havia sessenta pessoas frequentando os cultos aos sábados. A construção da capela da missão em Hamburgo fortaleceu ali o trabalho. Em Munique, na Bavária, vários aguardavam o batismo. Havia crentes em Leipzig, Königsberg, Magdeburgo, Posen, Stuttgart, e outras cidades importantes da Alemanha. Há também um grupo em Roterdã, na Holanda.

Na Rússia, os colportores obtiveram autorizações da parte do governo. Literaturas foram traduzidas para as línguas da Letônia e Estônia. O periódico alemão tinha se mudado de Basileia para Hamburgo e, naquele escritório, estavam publicando a verdade em catorze línguas.

Batismo na Hungria

Naquele ano, ocorreu o primeiro batismo na Hungria e a primeira cerimônia de ordenação na Boêmia. Uma missão naval foi estabelecida em Galați, na Romênia, para o Danúbio e o Mar Negro.

Colportando na Alemanha

No *Home Missionary* de Dezembro de 1895, o irmão Spies, referindo-se à obra da colportagem no campo alemão, declarou:

Os encarregados da obra da colportagem, quando ela iniciou neste campo, não cessaram de *promovê-la*, embora assegurados, por alguns dos principais editores e escritores de Leipzig que “a venda de livros por assinatura seria um fracasso.”

Em agosto de 1887, a primeira edição do *Vida de Cristo* foi disponibilizada na língua alemã. Nessa época, ocorreu um treinamento para

colportores em Basileia. Isto marcou o início da obra da colportagem, não só na Alemanha, mas em toda a Europa. Hoje já publicamos a sétima edição deste livro em língua alemã.

Desde 1° de janeiro de 1895, entraram doze novos colportores no campo. Em junho de 1895, o relatório mostrou que houve cinquenta por cento de aumento nas vendas. No momento, esforços especiais estão sendo feitos para a distribuição de *Harold der Wahrheit*, o nosso periódico alemão. Algumas igrejas não muito grandes solicitam de 50 a 200 cópias e as vendem, tendo inclusive experiências muito agradáveis com os compradores. Na *Review* de 18 de fevereiro de 1896, o irmão Conradi disse: “Chegamos ao fim de 1895 com mil e quinhentos observadores do sábado no campo russo-alemão.”

MISSÃO ESCANDINAVA

No ano de 1887, o irmão John Matteson inaugurou a missão para o povo escandinavo. No dia 6 de junho, ele chegou a Vejle, em Jutlândia, na Dinamarca. Ao chegar lá, encontrou algumas pessoas que tinham começado a guardar o sábado como fruto da leitura de periódicos e panfletos enviados por amigos seus da América.

Ao traçar a origem deste trabalho, vemos que, em 1850, quatro pessoas, que haviam se mudado da Noruega para os Estados Unidos, começaram a guardar o sábado do Senhor. Residiam em Oakland, Wisconsin. Duas dessas pessoas eram o pai e a mãe do irmão O. A. Olsen. Em 1863, John Matteson começou a guardar o sábado do sétimo dia. Ele morava em Poyssippi, Wisconsin. Nos seis meses seguintes, mediante seu trabalho, cerca de quarenta dinamarqueses-noruegueses haviam abraçado as doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O primeiro pregador animado que se uniu a ele no ministério foi J. F. Hanson, de Minnesota.

O primeiro livro publicado em dinamarquês-norueguês

No ano de 1866, o irmão John Matteson escreveu aos gerentes do escritório da *Review and Herald*, perguntando se fariam a impressão de panfletos e folhetos na língua escandinava. Foi, então, informado de que a falta de fundos no escritório impedia que o fizessem. Havia, porém, pessoas de seu país, em Wisconsin e Minnesota, que estavam tão ansiosas para terem a verdade impressa em sua língua materna que, apesar de viverem em cir-

cunstâncias econômicas medianas, totalizando menos de cinquenta pessoas em número, conseguiram 1.000 dólares em dinheiro, e lhe entregaram para esse fim. Com o dinheiro e uma quantidade de material cuidadosamente preparado, o irmão Matteson veio a Battle Creek e, novamente, pediu que fossem impressos. Uma vez que estava preparado para responder às objeções anteriormente feitas, seus desejos foram realizados e, em 18 de março de 1867, começou a ler em voz alta para J. N. Andrews e eu, seu manuscrito, preparado para o seu livro, *Liv og Dog* (Vida e Morte), pois éramos, na época, membros da Comissão de Publicações. Em outras palavras, ele nos falava em Inglês aquilo que seu manuscrito dizia em dinamarquês-norueguês.

O irmão Matteson torna-se tipógrafo

Na época, não havia qualquer tipógrafo reserva que pudesse configurar os tipos por ele. Assim, o irmão Matteson solicitou o privilégio de aprender, ele mesmo, a configurá-lo. Continuou o trabalho até ter cerca de mil páginas de panfletos e folhetos impressos em sua própria língua.

Com estes novo recurso para divulgar a verdade entre seu povo, ele saiu com renovada coragem, realizando reuniões em vários Estados. A partir de então, a obra avançou muito rapidamente entre os escandinavos.

O primeiro periódico estrangeiro

A obra entre os dinamarqueses-noruegueses assumiu tais proporções que se tornou necessária a publicação de um periódico mensal, no qual eles recebessem instrução e encorajamento em sua própria língua. Assim, em 1º de janeiro de 1872, foi publicada, no escritório da Review and Herald, uma revista mensal dinamarquesa de vinte e quatro páginas, por nome de *Advent Tidende* [Novas do Advento]. No ano seguinte, o tamanho da revista aumentou para trinta e duas páginas. Foi o primeiro periódico publicado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em língua estrangeira.

Em 1874, o interesse foi tal, entre os fiéis de língua sueca, que passou-se a publicar uma revista mensal, em sua língua, com dezesseis páginas, chamada *Svensk Herold*.

Na ocasião em que o irmão Matteson ingressou na missão aos povos escandinavos (junho de 1877) no velho mundo, 266 cópias do *Tidende* estavam sendo mensalmente enviadas da América para a Dinamarca e 60 para

a Noruega. Por meio da leitura dessas revistas, um número de pessoas já estava guardando o sábado na Escandinávia. Como resultado do trabalho desse irmão no decorrer de um ano na Dinamarca, grupos de crentes foram estabelecidos em diversos lugares.

Uma publicadora na Noruega

Depois disto, o irmão Matteson foi para a Noruega, onde, no dia 7 de junho de 1879, organizou uma igreja com trinta e oito membros, como resultado de seu trabalho em Oslo. Por esse tempo, o irmão J. P. Jaspersen, dos Estados Unidos, se uniu a ele no ministério. Também nesse ano foi organizada uma associação de publicações na Noruega e adquirida uma propriedade para um escritório de publicações, uma sala de reuniões para cultos da igreja e outros aposentos de moradia por 14.580 dólares. Por certo tempo, uma pequena publicação, chamada *Tidernes Tegn*, foi emitida semanalmente do escritório em Oslo.

No início do Outono de 1880, o irmão Matteson viajou para os Estados Unidos em busca de ajuda para ampliar a obra na Escandinávia. Ele participou da Conferência Geral daquele ano e, muito animado, retornou à Europa em Abril de 1881. Logo após seu retorno, adquiriu-se uma prensa cilíndrica para o escritório em Oslo.

Revistas de saúde em dinamarquês e sueco

Eles imediatamente começaram a publicação de uma revista de saúde em dinamarquês, chamada *Sundheds Bladet*. Em 1883 ele publicou uma revista semelhante em sueco e um periódico religioso, chamado *Sanningens Härold*. Em 1884, eles possuíam equipamentos no valor de 2.563 dólares. Durante este ano foram impressos e distribuídos 115 mil periódicos no total, além de muitos milhares de panfletos e alguns livros.

O irmão Haskell na Escandinávia

O trabalho nos países escandinavos recebeu muita ajuda com a visita do irmão Haskell em 1882 e, em 1884, foram consideravelmente auxiliados pelo trabalho dos irmãos G. I. Butler, B. L. Whitney, A. B. Oyen e E. G. Olsen.

Ellen White proporciona grande auxílio à Escandinávia

Em 1885, Ellen G. White e seu filho W. C. White visitaram a Escandinávia. Isso foi de inestimável valor para a obra nesse campo. Alguns começaram a crer na ideia de que os pobres desse país eram incapazes de devolver o dízimo e que era inútil tentar vender os livros. O testemunho dado por Ellen White foi oportuno e bem recebido pelo povo, como fica evidente na resposta dada com estas palavras: “Tudo o que falou o Senhor faremos e obedeceremos.” Durante esta visita, uma completa mudança se operou em todo o campo escandinavo, gerada, principalmente, pelos incansáveis esforços de Ellen White.

Um novo escritório na Noruega

Em 1886, O. A. Olsen e N. Clausen visitaram os países escandinavos, sendo que Clausen permaneceu ali por um bom tempo. Em 1885, um novo edifício foi erguido em Oslo e, ao fim de um ano, ocorrendo em setembro de 1886, a venda de livros e folhetos havia gerado a soma de 5.386,68 dólares, enquanto que o montante recebido das assinaturas de periódicos foi de 3.146,03 dólares.

Vinte e cinco igrejas na Escandinávia

Um relatório apresentado à Conferência Geral, em 1889, declarou que, no campo escandinavo, havia 25 igrejas, com 926 membros, com um total de dízimos de 2.548,75 dólares. Também tinha seis ministros, quatro licenciados e cinquenta e dois colportores. A venda de livros na Noruega e Suécia em um trimestre foi de 2.161,26 dólares.

Escola em Oslo

Por este tempo, havia uma escola em Oslo, com cinquenta alunos. Em 1891, O. A. Olsen e E. J. Waggoner realizaram ali uma escola de treinamento bíblico com cem alunos matriculados. Nesta escola, se proporcionava instrução completa na obra de colportagem.

Quarenta igrejas na Escandinávia em 1895

Seis anos depois, em 1895, temos um relatório apresentado por D. A. Robinson, então superintendente distrital do campo estrangeiro, que mostra

tão claramente um marcante crescimento no trabalho durante este período que citamos as seguintes palavras:

A Escandinávia tem quarenta igrejas e 1.458 membros. O dízimo arrecadado no ano foi de 5.585,55 dólares. Há quinze ministros ordenados, onze licenciados e as vendas de livros durante o ano somam 40.000 dólares. Este grande resultado se deve principalmente aos esforços dos colportores; e isso, num país onde, em 1885, os vendedores de livros, e até mesmo ministros de nossa fé, afirmavam ser impossível a venda de livros pela colportagem.

Três associações escandinavas

Atualmente, há três associações no campo escandinavo, as quais foram organizadas nas seguintes datas: Dinamarca, 30 maio de 1880; Suécia, 12 março de 1882; e Noruega, 10 de junho de 1887. O irmão John Matteson, que iniciou a missão escandinava e foi pioneiro de grande sucesso naquela obra, trabalhando de modo tão dedicado e abnegado pela prosperidade aquele povo, foi atingido por essa doença fatal, a tuberculose, e morreu em El Monte, na Califórnia, dia 30 de março de 1896, aos sessenta e um anos de idade.

MISSÃO BRITÂNICA

William Ings, original de Hampshire, na Inglaterra, mas americano em espírito e educação, tendo vivido nos Estados Unidos desde a infância, veio de Basileia, na Suíça, a Southampton [na Inglaterra] em 23 de maio de 1878, permanecendo ali, nesta ocasião, apenas duas semanas e retornando ao continente por um curto prazo. Logo depois, porém, retornou a Southampton, onde, após quatro meses de distribuição de panfletos de casa em casa e de qualquer trabalho missionário de que se necessitasse, relatou que havia dez pessoas guardando o sábado. Em 30 de dezembro daquele ano, minha esposa e eu chegamos a Southampton, onde unimos nossos esforços aos dele, realizando reuniões durante o inverno no Shirley Hall e em nossa própria casa alugada. No verão de 1879, conduzimos reuniões de tenda em Southampton. Foi ali que a Srta. Maud Sisley (atualmente chamada Sra. Boyd) ingressou na obra, dando estudos bíblicos e indo de porta em porta. Como fruto deste trabalho, muitos aceitaram a verdade. No inverno seguinte, realizamos reuniões num salão de uma chácara em Ravenswood, edifício onde residíamos e também usávamos como depósito.

Reuniões de tenda na Inglaterra

No verão de 1880, o irmão Andrews, embora com a saúde fragilizada, veio da Suíça a fim de auxiliar nas reuniões de tenda em Romsey, onde outras pessoas abraçaram a mensagem. Em 11 de janeiro de 1880, foi organizada um departamento de publicações. Os membros ficaram muito interessados nessa obra e distribuíram bastante literatura. No dia 8 de fevereiro de 1880, realizamos nosso primeiro batismo, com seis batizando. Até 2 de julho de 1881, 29 pessoas haviam sido batizadas em Southhampton.

Aumenta o número de obreiros na Inglaterra

Por voto da Conferência Geral, realizada no Outono de 1881, A. A. John e esposa, George R. Drew e a Srta. Jennie Thayer foram para a Inglaterra como missionários. Durante o ano de 1882, o irmão Haskell visitou o campo europeu, passando alguns dias com os obreiros na missão Inglesa, onde prestou grande auxílio mediante conselhos e orientações.

Em março de 1882, um suplemento Britânico à revista *Signs of the Times* de duas páginas começou a ser impresso e anexado a milhares de cópias dessa revista, enviadas dos Estados Unidos. Estas eram usados na obra missionária na Grã-Bretanha. Um relatório do trabalho, de 1º de outubro de 1883, mostra que, nesta data, havia cem pessoas guardando o sábado. O dízimo coletado, desde o início da missão, foi de 2.078,71 dólares.

Trabalho missionário a bordo

Por cortesia dos proprietários de navios, o irmão Ings foi autorizado a enviar pacotes de panfletos e periódicos *gratuitamente* para oitenta dos principais portos da “Companhia peninsular e oriental de navios a vapor”, na África do Sul, Índias orientais e ocidentais, América Central e Ilhas da Baía [em Honduras]. Foi pela influência destas publicações enviadas que se despertou, pela primeira vez, na ilha de Demerara, o interesse na mensagem. Recebemos esta informação por cartas escritas dessa ilha.

O livro *História do Sábado* é posto em bibliotecas inglesas

Também foi posta uma cópia do livro *História do Sábado*, escrito pelo irmão Andrews, em sessenta bibliotecas públicas e salas de leitura espalha-

das pela Grã-Bretanha. Assim, a história ainda está sendo contada, por estes livros, aos que estão dispostos a lê-los.

Em 1884, o irmão Butler visitou a Inglaterra, acompanhado de outros obreiros que iriam trabalhar ali. Os irmãos S. H. Lane e Robert Andrews partiram a navio de Boston, em 9 de maio de 1885, para se juntar à missão na Grã-Bretanha. A visita de Ellen White à Inglaterra foi uma fonte de força e encorajamento aos obreiros. Ela e seu filho passaram ali algumas semanas antes de retornarem à América, vindos do campo Europeu.

Iniciada a revista *Present Truth* na Inglaterra

No início de 1884, logo após a chegada do irmão Butler à Inglaterra, decidiu-se começar em Grimsby, com M. C. Wilcox como editor, uma revista quinzenal de oito páginas, intitulada *The Present Truth*. Este é agora publicado em Londres, na Inglaterra, semanalmente, com dezesseis páginas, com uma tiragem de cerca de 18.000 cópias.

Em 1889, o irmão Holser relatou que a Missão Britânica consistia de oito igrejas, com duzentas pessoas guardando o sábado, das quais sessenta e cinco estavam em Londres. O dízimo recolhido no ano anterior fora de 1.244,58 dólares. Havia dois ministros ordenados, dois licenciados, dois missionários a bordo de navios e sete obreiros bíblicos. Foi nessa época que os irmãos William Hutchinson e Francis Hope ingressaram na missão Inglesa.

***Pacific Press* em Londres**

Durante o ano de 1890, a Publicadora Pacific Press, de Oakland, Califórnia, abriu uma filial no endereço Paternoster Row, n° 48, em Londres, e um escritório de impressão no endereço Holloway Road, n° 451. As vendas no primeiro ano, em preços de atacado, foram de 9.556,89 dólares.

Em fevereiro de 1895, o irmão Robinson relatou o seguinte:

Na Grã-Bretanha há onze igrejas, 363 membros, cinco ministros e um licenciado. O dízimo no ano anterior foi de 5.077,20 dólares, uma média de 13,98 dólares por membro. A propriedade do escritório de publicações agora pertence e é administrada pela Sociedade Internacional de Folhetos Ltda., uma sociedade anônima inglesa.

Em dezembro de 1895, o Secretário de Missões Estrangeiras relatou que havia 560 membros em toda a Grã-Bretanha. Houve um aumento de

1.000 dólares nos dízimos daquele ano. Nessa data, oito grupos se reuniam aos sábados em diversos lugares em Londres.

Assim, o trabalho neste campo avançou, às vezes quase imperceptivelmente. As sementes não brotam tão rapidamente em alguns tipos de solo quanto em outros. Sua germinação é mais lenta, mas seu crescimento é mais firme e robusto. Assim também acontece com a verdade da terceira mensagem angélica neste reino. Sua semente foi lançada, criou raízes e cresceu lentamente até que, agora, atingiu proporções relativamente grandes.

MISSÃO AUSTRALASIANA

Em 10 maio de 1885, os irmãos S. N. Haskell, J. O. Corliss e família, M. C. Israel e família, William E. Arnold e Henry Scott partiram de São Francisco para inaugurar uma missão no campo australiano. Onze anos antes, em 1874, numa reunião realizada em Battle Creek, Ellen White disse que muitas nações ainda iriam receber a verdade, e que tinha visto prensas funcionando e livros e revistas sendo impressos em diversos países. Ao ser-lhe feita a pergunta de quais os países a que se referia, respondeu que a Austrália era o único nome que conseguia lembrar.

Bible Echo

Sob o diligente trabalho do irmão Haskell e seus auxiliares, a mensagem avançou tão rapidamente que considerou-se necessária a publicação de um periódico na Austrália. Assim, foram tomadas medidas para a publicação e, a partir de janeiro de 1886, passou a ser impressa a revista mensal de dezesseis páginas em Melbourne, chamada *Bible Echo and Signs of the Times* [O Eco da Bíblia e os Sinais dos Tempos]. A tiragem do primeiro número foi de seis mil cópias, enquanto que a edição normal era de apenas três mil.

A primeira igreja organizada na Austrália

No domingo, dia 10 de abril de 1886, foi organizada a primeira igreja Adventista do Sétimo Dia na Austrália. Estavam presentes dezoito pessoas que haviam preenchido a ficha batismal e outras sete que tinham pedido batismo. Foram batizadas no sábado seguinte e, a cada sábado, por algumas semanas, o número de membros cresceu até chegar a cinquenta e cinco. Em maio de 1886, o número total de membros era 90. Além

destes, havia umas trinta e cinco pessoas, em outros lugares, que estavam guardando o sábado.

No escritório de publicações havia duas excelentes prensas e um motor, tudo pago e de propriedade dos adventistas do sétimo dia nesta terra tão distante – há cerca de 11.000 quilômetros de nosso grande escritório localizado em Oakland, na Califórnia.

Durante 1886, a mensagem se estendeu à Nova Zelândia. Um relatório do campo australiano afirma que havia cinquenta observadores do sábado na Nova Zelândia. O montante recebido da venda de livros no escritório foi de 700 dólares. Além disso, os colportores venderam quatrocentos exemplares do *Grande Conflito* na Nova Zelândia, e mil exemplares na Austrália do livro *Thoughts on Daniel and the Revelation* [Considerações sobre Daniel e Apocalipse, de Urias Smith].

Um escritório na Austrália

No relatório apresentado dia 19 julho de 1889 lemos o seguinte: Foi terminada a construção de um escritório de impressão em Melbourne, com uma capela para os cultos da igreja.

Entrada na Tasmânia

Uma associação foi organizada tanto na Austrália quanto na Nova Zelândia e o trabalho se estendeu à Tasmânia, por meio dos irmãos Israel e Steed. Desde então, três igrejas já foram organizadas ali, com um total de 136 membros. Além destes, há outros guardadores do sábado que estão espalhados, os quais ainda não foram organizados em igrejas.

O dízimo arrecadado no campo australiano naquele ano foi de 9.371 dólares. Havia quinze colportores no campo, cujas vendas de livros chegaram a 19.500 dólares.

Na segunda viagem que o irmão Haskell fez ao redor do mundo, visitou novamente a Austrália, assistindo a conferência que realizaram em agosto de 1889 e, de muitas maneiras, prestando eficiente auxílio, o qual foi muito bem recebido pelo grupo recém-organizado. Diversos obreiros Americanos têm visitado a Austrália, de quando em quando, em favor da grandiosa causa: a edificação e o fortalecimento da obra de Deus.

Ellen White na Austrália

No outono de 1891, Ellen White, seu filho W. C. White, o irmão G. B. Starr e outros, saíram da Califórnia rumo à Austrália, chegando nesse continente em dezembro, em meados do verão. O testemunho de Ellen White, a despeito da enfermidade física que a acompanhou durante os nove anos de sua permanência naquele país, ajudou grandemente a adequar o trabalho ao espírito e teor da mensagem do terceiro anjo. Durante o tempo em que estavam na Austrália, o irmão J. O. Corliss novamente se uniu ao trabalho aqui e W. A. Colcord e outros ingressaram no campo como ministros, professores, etc.

O irmão Olsen na Austrália

Durante a administração do irmão O. A. Olsen como presidente da Associação Geral, este visitou todas as nossas principais instituições ao redor do mundo. Isto lhe exigiu que viajasse extensivamente, circundando o globo! Ele utilizou esta oportunidade para familiarizar-se com as condições e necessidades das várias missões, de modo a estar melhor preparado para atendê-las de maneira imparcial. Foi durante esta viagem, em 1893, que ele passou várias semanas na Austrália.

Associação da União Australasiana

Durante este tempo foi organizada a União Australasiana, composta pelas associações da Austrália e Nova Zelândia e pelos campos de missões australianas. Esta União se reúne a cada dois anos e é conduzida de modo semelhante às Uniões em outros países. Durante o ano de 1893, o pequeno grupo de colportores que estavam neste campo vendeu uma edição de 5.000 cópias do livro *Caminho a Cristo* e uma segunda edição foi impressa. No verão de 1894-1895, em apenas quatro meses, conseguiram vender assinaturas de 4 mil de nossas publicações.

O irmão Prescott na Austrália

Em 1895, W. W. Prescott, o Departamental de Educação da igreja, passou alguns meses nesta União, dedicando muito tempo e atenção a este ramo da obra. Nesse meio tempo, dirigiu um treinamento em educação que foi para eles de grande benefício.

O irmão W. C. White apresentou o seguinte relatório anual à Conferência Geral:

A União Australiana é composta por dezessete igrejas, com 1.074 membros, cujo dízimo do ano anterior totalizou 9.810,10 dólares. Há ali doze ministros ordenados, dois licenciados, três obreiros bíblicos e cinquenta colportores, os quais venderam, durante o ano, um total de 28.731,11 dólares em livros. Durante o ano, a colônia de Nova Gales do Sul, com seis igrejas e 321 membros, foi separada da Associação da Austrália, sendo nomeada de Associação da Nova Gales do Sul.

MISSÃO SUL-AFRICANA

Na Conferência Geral realizada em Battle Creek, em 1886, analisou-se a possibilidade de abrir uma missão na África do Sul. A ideia foi aprovada e, no início do verão de 1887, foi feito um esforço para estabelecer o trabalho naquela terra distante, onde algumas poucas pessoas, que já haviam começado a guardar o sábado, solicitavam que lhes fossem enviados obreiros.

Os irmãos Boyd e Robinson vão para a África do Sul

Para este propósito, em 11 de maio, o irmão C. L. Boyd e família, o irmão D. A. Robinson e esposa, e outros obreiros, partiram da cidade de Nova Iorque rumo à África, passando por Liverpool e Londres. Três anos mais tarde, na Conferência Geral, o Sr. P. W. B. Wessels contou que, quando esses obreiros chegaram à África, havia cerca de quarenta pessoas guardando o sábado do quarto mandamento como resultado da leitura de publicações sobre o tema e do estudo da Bíblia.

Os irmãos Robinson e Boyd iniciaram o trabalho missionário na Cidade do Cabo, o qual se estendeu daí quase 1.300 quilômetros na direção nordeste até Kimberley, nas minas de diamantes.

Até o ano de 1889, havia apenas dois ministros, um licenciado, quatro igrejas e oitenta membros, com um dízimo total de 2.798,36 dólares. Durante esse ano, o irmão Ira J. Hankins, dos Estados Unidos, trabalhou na Cidade do Cabo com bons resultados, e o Sr. e a Sra. Druillard vieram de Nebraska para unir-se ao trabalho neste campo, gozando do esforço e privações que cabem aos que são chamados a fazer trabalho pioneiro em novos campos. A Sra. Druillard trabalhou principalmente no depósito de livros, cujo departamento foi entregue para que ela o ad-

ministrasse, enquanto o Sr. Druillard se ocupou com a obra missionária em geral. Durante o ano, ele vendeu livros num total de 750 dólares em navios que ali aportavam.

O irmão Haskell na África

Em agosto deste mesmo ano o irmão Haskell chegou à cidade do Cabo e passou cinco bons meses visitando e trabalhando com os diversos grupos de membros na África do Sul. Por meio desta visita, a causa foi fortalecida e edificada, e seu próprio coração foi encorajado, pois pôde ver o fruto do seu trabalho. O interesse na obra educacional foi despertado a tal ponto que doze estudantes da África vieram para a América, a fim de estudarem em nossas escolas.

Nesse meio tempo, a colportagem recebeu a devida atenção. Um treinamento foi organizado na Cidade do Cabo, dirigido por E. M. Morrison, proporcionando nova vida e energia a este importante ramo da mensagem. Logo após o término do treinamento, treze colportores, em seis meses, venderam e entregaram livros num total de 5.621,28 dólares. Na verdade, eram tantos os pedidos que o escritório de Londres não conseguia preparar livros rápido o suficiente para atender a demanda.

No ano de 1892, o irmão A. T. Robinson se uniu à obra na África do Sul. A obra, então, havia crescido tanto que foi preciso substituir o depósito antigo por um maior. Assim, foi construído um novo prédio, suficientemente grande para que nele se realizassem cultos da igreja.

Um colégio na África

Assim, a obra continuou a avançar passo a passo, até que, em Claremont, um subúrbio da Cidade do Cabo, foi construído um colégio que custou 35 mil dólares. A única ajuda solicitada aos irmãos que viviam nos Estados Unidos foi que enviassem um grupo de professores qualificados para ministrar um curso superior, e eles mesmos arcariam com os custos. A solicitação foi atendida e o colégio foi inaugurado dia 1º de fevereiro de 1893.

Associação Sul-Africana

A Associação Sul-Africana foi organizada em 1892 e, em 1893, foi votado, durante a Conferência Geral, que ela se integrasse à Associação Geral. Tinha, então, cinco igrejas e 138 membros, cujo dízimo, no ano anterior, foi

de 34.077,32 dólares. Nesta ocasião, estava representada por Peter Wessels, que generosamente doou à Conferência Geral 16 mil dólares, um valor superior ao que havia sido investido pela Associação Geral a fim de iniciar o trabalho na África do Sul. Além disso, ele e um de seus irmãos doaram 40 mil dólares para começar a obra de beneficência na cidade de Chicago.

Na Conferência Geral em 1895, o secretário de Missões Estrangeiras declarou, em referência ao campo Africano:

A Associação na África do Sul foi organizada há apenas dois anos. Mas, neste período, já foram enviados doze obreiros para o campo, dois dos quais foram para o interior como missionários de autossustento, e os outros trabalhando em vários departamentos. Eles possuem um florescente colégio, um orfanato e um sanatório em construção. As estatísticas mostram que há 184 membros.

Periódicos na África do Sul

O tema da liberdade religiosa na África do Sul despertou nosso povo a publicar, nos últimos meses, dois periódicos; um em língua holandesa, chamado *De Wachter*, e o outro em Inglês, chamado *The South African Sentinel and Gospel Echo*, o último com tiragem de 4.000 exemplares.

União Sul-Africana

Em janeiro de 1903, foi organizada a União Sul-Africana, composta pelas associações da Colônia do Cabo e Natal-Transvaal, além das missões Basutoland e Matabeleland. Há quinze igrejas e 595 membros, nove grupos ainda não-organizados com noventa membros e trinta guardadores do sábado ainda isolados, um total de 715, com um dízimo total de 7.850 dólares. Havia 39 obreiros, dos quais 21 estavam na folha de pagamento das várias Associações.

CAMPO POLINÉSIO

No ano de 1876, Tiago White e o escritor enviaram um pacote de revistas *Signs of the Times* e alguns panfletos, acompanhados de uma carta, à ilha Pitcairn. Estas publicações foram colocadas em um navio que iria rodear o Cabo Horn em direção a Nova Iorque. Eles nos garantiram de que o navio pararia em Pitcairn e que o pacote seria entregue ali. Não conhecíamos pessoa alguma na ilha e nada sabíamos da ilha em si, exceto sua reputação de possuir habitantes devotos e piedosos. Os panfletos foram enviados a esmo.

Visita a Pitcairn

Não tivemos notícias das pessoas ou de nossa literatura até que o Sr. John I. Tay visitou a ilha, no ano de 1886, dez anos depois, quando soube-mos que, como resultado da leitura da *Signs* e dos panfletos, todos na ilha, em determinado momento, quase haviam decidido mudar o seu dia de adoração do primeiro dia da semana para o sétimo dia, e guardar o sábado do Senhor. Mas isso eles não fizeram até que o Sr. Tay os visitasse. Já fazia um bom tempo que ele se sentira profundamente impressionado a visitar a ilha, mas nada sabia pessoalmente a respeito das pessoas que ali moravam, nem de seu interesse já despertado em conhecer a verdade.

Após retornar à América, pleiteou pela construção de um navio para transportar missionários de uma ilha para outra no Oceano Pacífico. Foi à Conferência Geral de 1889 com esta ideia em mente, onde defendeu a causa das ilhas polinésias. A conferência, vendo a utilidade do empreendimento, votou levantar, mediante de doações, a soma de 12 mil dólares, com os quais construir ou comprar um navio para trabalhar entre as ilhas do Oceano Pacífico.

A construção do navio Pitcairn

Assim, no verão de 1890, foi construído o navio Pitcairn, perto de Benicia, cerca de 50 quilômetros de Oakland, Califórnia, a um custo de 12.035,22 dólares. Em nove meses o dinheiro foi levantado, doados pelas escolas sabatinas especificamente para este propósito. Nunca antes havia-se ofertado com tanta alegria e entusiasmo. O navio foi dedicado em Oakland, no dia 25 de setembro de 1890. Cerca de mil e quinhentas pessoas se reuniram a bordo do navio e no cais para assistir a cerimônia.

A primeira viagem do Pitcairn

A embarcação fez sua primeira viagem, saindo de São Francisco em direção a seu distante campo de trabalho, no dia 20 de outubro. A bordo, como missionários, encontravam-se E. H. Gates e esposa, A. J. Reed e esposa, John I. Tay e esposa, e uma equipe missionária com o Capitão Marsh. Esta embarcação foi primeiramente à Ilha Pitcairn, 6.400 quilômetros ao sul de São Francisco, onde chegou em 25 de novembro. Quando o navio deixou a ilha, em 17 de dezembro, oitenta e dois adultos tinham sido batizados e organizados numa igreja Adventista do Sétimo Dia. Em seguida, fez o seu caminho passando pelos grupos que se encontravam no arquipélago da So-

cidade, Ilhas Cook, Samoa, Friendly e Fiji, distribuindo livros religiosos e panfletos de saúde aos que falavam Inglês. Por oito meses, até setembro de 1891, os missionários venderam 1.900 dólares em livros, além de distribuir *gratuitamente* uma grande quantidade de literatura.

Os missionários foram distribuídos da seguinte maneira: o irmão Reed foi para o Taiti; o irmão Gates manteve-se em Pitcairn para completar a obra já iniciada; enquanto que o Sr. Tay escolheu trabalhar na ilha de Fiji. Referindo-se à obra em Fiji, o irmão Fulton, escrevendo na Review de 14 de abril de 1904, afirmou: “Existem hoje mais de cento e cinquenta guardadores do sábado neste campo missionário”. O navio navegou de Fiji para Auckland, na Nova Zelândia, para reparos e melhorias necessárias, além do abastecimento com livros.

Morte de missionários

Após uma ausência de um ano, onze meses e dezoito dias, o *Pitcairn* voltou para São Francisco, onde aportou no dia 9 outubro de 1892. Durante este período, o Capitão Marsh havia falecido, tendo sido enterrado na Nova Zelândia. O Sr. Tay estava com pneumonia, da qual nunca se recuperou. Ele também descansou em paz e foi sepultado na longínqua terra de Fiji. Assim duas preciosas vidas foram logo entregues à Missão polinésia.

Os missionários, localizados em Papaete, no Taiti, se regozijaram em ver frutos quase imediatos de seu trabalho. Puderam, então, enviar a sua terra natal um feliz relatório de que quarenta pessoas haviam sido convertidas e organizadas como Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A segunda viagem do Pitcairn

Em 17 de janeiro de 1893, o navio partiu de São Francisco em sua segunda viagem, com os seguintes missionários: B. J. Cady e esposa, J. M. Cole e esposa, C. E. Chapman e esposa, e M. G. Kellogg. A Srta. Hattie Andre, de Ohio, acompanhou-os para trabalhar como professora na ilha Pitcairn. No outono de 1893, o Sr. Cady abriu uma escola em Raiatea, uma ilha do Arquipélago da Sociedade (pertencente à Polinésia Francesa), com sessenta alunos. No final do primeiro período letivo, o número aumentara para cento e cinco. No início do segundo período, havia cento e vinte alunos frequentando a escola.

A terceira viagem do Pitcairn

O terceiro cruzeiro do navio Pitcairn aconteceu em 1893-1894. Os missionários para esta viagem foram G. C. Wellman, sua esposa e Lillian White, todos de Michigan, indo para Raiatea a fim de auxiliar o Sr. Cady em seu trabalho. O Sr. Stringer e esposa foram como missionários autossustentáveis e ficaram em Rurutu. O Dr. Caldwell e sua esposa ficaram em Raratonga (onde o povo guardava o sábado como domingo), enquanto que o irmão Buckner e esposa, da Califórnia, foram deixados em Pitcairn. Durante sua permanência com este povo, introduziram-se muitas novas atividades industriais, as quais representaram um grande benefício aos habitantes. Em primeiro lugar, foi construído um moinho de vento para moer o milho, o qual fornecia também energia eólica para o funcionamento de máquinas. Isso tornou possível a realização de muitas atividades até então desconhecidas pelos habitantes da região.

A quarta viagem do Pitcairn

Em 15 dezembro de 1895, o Secretário de Missões Estrangeiras declarou o seguinte:

O *Pitcairn* está agora no porto, após retornar de sua quarta viagem. [...] O trabalho foi iniciado em nove localidades diferentes e é realizado pelos seguintes obreiros:

Na Ilha Pitcairn, os *professores* E. S. Butz e esposa, e Hattie Andre. Na Ilha Norfolk, alguns missionários autossustentáveis vindos da Austrália. Nas Ilhas da Sociedade, o *irmão* B. J. Cady; *médicos-missionários*: o Sr. e Sra. R. A. Prickett. Em Raratonga, os *médicos-missionários* Dr. J. E. Caldwell e esposa, as Srtas. Lillian White e Maude Young, os *professores* G. O. Wellman e esposa, e o irmão J. D. Rice e esposa. Em Fiji, o irmão J. M. Cole e esposa. Nas Ilhas Friendly, o irmão E. Hilliard e esposa. Em Rurutu, o Sr. e a Sra. Stringer, missionários autossustentáveis. No Havaí, o irmão E. H. Gates e esposa; os professores H. H. Brand e esposa. Em Samoa, o Dr. F. E. Braucht e esposa, além de D. A. Owen com seu filho e filha, como missionários autossustentáveis.

O *Pitcairn* vendeu e distribuiu gratuitamente uma grande quantidade de literatura durante suas quatro viagens. Em consequência, surgiram guardadores do sábado em muitos lugares. Igrejas foram organizadas nas ilhas Pitcairn, Norfolk e Taiti.

Venda do Pitcairn

Devido a novas facilidades para se chegar ao campo da Polinésia, as quais não existiam por ocasião da construção do navio, este foi vendido e outros meios utilizados para a realização do trabalho. O irmão E. H. Gates é agora superintendente do campo e relata progresso nos diversos grupos.

ÍNDIAS OCIDENTAIS [Região do Caribe]

No inverno de 1889, o Sr. William Arnold, dos Estados Unidos, iniciou o trabalho de colportagem nas Índias Ocidentais. Enquanto assim trabalhava, conseguiu os nomes e endereços de mil e duzentas pessoas, os quais enviou para a Sociedade Internacional de Folhetos, para utilização no trabalho missionário. Mediante o envio de correspondências e publicações para esses endereços, despertou-se o interesse na verdade e, assim, o caminho foi aberto para anunciar o evangelho pela pregação da Palavra.

Em resposta ao chamado para a obra ministerial, o irmão D. A. Ball, em novembro de 1890, foi trabalhar em Barbados [no Caribe] e em outros lugares. Várias pessoas aceitaram a verdade como o resultado de seu trabalho. Em 1892, o Sr. Patterson, da Califórnia, foi colportar nessas ilhas, vendendo, com muito sucesso, o livro *Bible Readings for the Home Circle* [Leituras Bíblicas para o Lar – um manual de estudos bíblicos.]. Em 1893, B. B. Newman viajou da Florida para a Jamaica, a fim de assumir a superintendência da obra de colportagem durante a ausência do Sr. Arnold. Os Srs. Evans e Hackett também se dirigiram para a região naquele mesmo ano, visando trabalhar neste ramo da obra. No mês de maio, o irmão Haysmer e esposa chegaram a este campo para trabalhar onde houvesse abertura. Logo depois, o Sr. Arnold retornou, desta vez para trabalhar oferecendo livros sobre saúde. Até julho de 1895, apenas na Jamaica, haviam sido conseguidos 8.200 dólares com a venda de livros de saúde, enquanto que a venda de livros religiosos atingia 7.654, totalizando 15.854 dólares. Esta distribuição de uma quantidade tão grande de literatura ajudou muito no estabelecimento de uma igreja bem organizada em Kingston, com setenta e cinco membros, abrindo caminho para o trabalho ministerial em outras partes da ilha.

Trinidad

O trabalho aqui começou de forma semelhante ao da Jamaica. No ano de 1889, o Sr. F. B. Grant e sua esposa foram convidados a visitar a ilha

com o objetivo de introduzir ali nossa literatura denominacional. O irmão Flowers e sua esposa também foram convocados e logo os seguiram, para trabalhar segundo as oportunidades. Tiveram muito êxito, até que o irmão Flowers foi acometido de febre e morreu, em 29 de junho de 1894. O irmão E. W. Webster foi escolhido como seu sucessor, partindo de Nova Iorque em agosto de 1895.

Em 1896, os obreiros das Índias Ocidentais eram: O irmão A. J. Haysmer e W. W. Eastman na Jamaica, além de vários colportores nas Ilhas Bahamas. Nas Pequenas Antilhas, o irmão E. Van Deusen e esposa, com F. C. Parmlee e esposa como obreiros bíblicos, e os Srs. Bean e Hackett como colportores. Em Trinidad, o irmão E. W. Webster e esposa, com a Srta. Stella Colvin como médica-missionária. Os resultados: cento e dez observadores do sábado na Jamaica e cinquenta em Trinidad, na região de Couva; uma igreja em Barbados e um grupo em Antigua, nas Pequenas Antilhas.

AMÉRICA CENTRAL

O irmão F. J. Hutchins e esposa, deixaram os Estados Unidos rumo às ilhas da Baía [em Honduras], em 16 de novembro de 1891. Havia, nessa época, principalmente em Ruatan, cerca de vinte pessoas que guardavam o sábado do quarto mandamento do decálogo, tendo a atenção voltada para esta verdade após lerem materiais sobre o assunto que lhes foram enviados pelo correio. Três anos depois, em 1894, W. A. Miller e esposa partiram da Califórnia para Bonacca, onde trabalharam como professores numa escola inaugurada em 4 julho de 1894, construída por adventistas do sétimo dia. Uma média de 34 alunos frequentaram a escola no primeiro período letivo. Em 1895 a escola se tornou autossustentável, uma vez que o número de alunos subiu para quarenta e cinco.

Na Conferência Geral realizada em 1895, o irmão Hutchins relatou haver cem pessoas nas ilhas que seguiam a mensagem, além de duas igrejas construídas e pertencentes aos adventistas do sétimo dia. Devido à escassez de terra, a qual era muito valiosa para o cultivo, uma dessas igrejas foi construída sobre a água. A propriedade destes dois edifícios, bem como da escola, foram transferidas à Associação Geral. O valor total das propriedades, na ilha, pertencentes à Associação, foi estimado em 1.789,60 dólares. Os livros ali vendidos até 1895 totalizavam 2.243 dólares.

Um pequeno barco para a América Central

Sendo a atenção da Associação dirigida para a conveniência e vantagens de possuir um pequeno navio, pelo qual os missionários pudessem ir de uma ilha para outra, votou-se a construção de um barco para a obra nas Ilhas da Baía, mas que o custo não excedesse os 3.000 dólares.

Em 1896, havia apenas quatro obreiros na América Central: o irmão F. J. Hutchins e esposa, e o irmão J. A. Morrow e esposa, em Honduras. Em Belize (anteriormente chamada Honduras Britânicas) também havia um grupo de crentes que guardavam o sétimo dia de acordo com o quarto mandamento. A maior parte do trabalho neste campo tem sido realizado nas ilhas do Mar do Caribe. Milhares de dólares em livros foram ali vendidos, e sessenta pessoas se regozijavam com a verdade da mensagem do terceiro anjo.

Morte do irmão Hutchins

Por cerca de doze anos o irmão Hutchins trabalhou fiel e dedicadamente na América Central. Por fim, sucumbiu à doença e agora descansa no Senhor, aguardando o chamado do Mestre, chamado que despertará os fiéis.

AMÉRICA DO SUL

Foi através da página impressa que a mensagem Adventista do Sétimo Dia foi introduzida na América do Sul. Em outubro de 1891, os Srs. Snyder, Stauffer e Nowlin começaram a trabalhar como colportores na Argentina. Em 1893, por voto da Conferência Geral, o irmão F. H. Westphal, de Illinois, um ministro alemão, se uniu ao trabalho neste campo, e, em 1894, Frank Kelley, da Califórnia, foi para a Colômbia como um missionário de autossustento. Alguns meses depois, outros obreiros os seguiram, iniciando assim uma nova missão. Em 1896, apresentou-se o seguinte relatório sobre a obra neste campo: O Chile tem um ministro: o irmão G. H. Baber, que ali chegou em 19 de outubro de 1895, e dois colportores: F. W. Richards e F. H. Davis. Na Argentina também há dois ministros: F. H. Westphal e Jean Vuilleumier e dois colportores: O. Oppegard e C. A. Nowlin, além de quatro obreiros bíblicos: Lucy Post, o Sr. e a Sra. Snyder, e John McCarthy. O Brasil tem dois ministros: o irmão H. W. Thurston e F. H. Graff, e três colportores: A. B. Stauffer, J. F. Berger e A. J. A. Berger. A Guiana Britânica tem dois ministros: o irmão W. G. Kneeland e o irmão P. Giddings, e dois médicos-missionários: o Dr. B. J. Fercoit e esposa.

Em 1896, foram vendidos mil dólares em livros no Chile, e trinta guardadores do sábado aceitaram o sábado e outras verdades através de literatura adquirida dos colportores. No Brasil e na Argentina as vendas de livros haviam chegado ao valor de dez mil dólares, e ainda melhor, havia cem pessoas guardando o sábado. Uma igreja e cinco escolas sabatinas tinham sido organizadas. Na Argentina havia três igrejas organizadas, em Buenos Aires, Crespo e San Cristobal. Havia também uma igreja organizada na Guiana Britânica, e cinquenta e guardadores do sábado, num total de cento e cinquenta adventistas do sétimo dia na América do Sul.

SOCIEDADE MISSIONÁRIA DO SUL

Estritamente falando, essa sociedade não pode ser chamada de estrangeira, apesar de estar evangelizando um povo estrangeiro (descendentes de africanos) em nossa pátria Americana. Muito se deve aos perseverantes esforços de J. Edson White, sob a bênção de Deus, pelos resultados já alcançados.

No inverno de 1893, quando eu servia como presidente da Associação de Illinois, o irmão [Edson] White veio a mim com um intenso desejo de trabalhar em favor dos negros localizados na parte sul dos Estados Unidos. Enquanto passava algumas semanas em Chicago, pediu que lhe dessem o privilégio de trabalhar entre os negros daquela cidade. De bom grado seu pedido foi atendido e foi ali que, realmente, teve início sua obra entre este povo que tanto sofreu.

Navio missionário do irmão Edson White

Desde aquele momento ele começou a orar e fazer planos para a obra no sul do país. Enquanto estudava, seus planos amadureceram, culminando na construção de um navio a vapor, perto do Lago Michigan, chamado *Morning Star*.⁴ Com esta “Betel” flutuante, foi para Chicago, e desceu pelos rios Illinois e Mississippi, chegando a Vicksburg, no Estado do Mississippi, dia 10 de janeiro de 1895. Ali, com alguns companheiros, começou uma obra em terreno virgem.

Obra da Sociedade Missionária do Sul

A seguinte citação foi extraída de um relatório apresentado pelo irmão White à Conferência Geral, em 9 de abril de 1903, no qual apresenta os resultados e a situação, naquela data, do trabalho missionário no Sul:

⁴ Estrela da Manhã.

Nossa sociedade construiu e está conduzindo agora cinco escolas em Mississippi. [...] Estas escolas estão localizadas em Vicksburg, Yazoo City, Columbus e Jackson. [...] Nossos obreiros também trabalham em Nashville, Memphis e Edgefield Junction, no Tennessee, e em Louisville e Bowling Green, em Kentucky.

Trabalhadores do Sul

Neste momento, temos vinte e sete obreiros nos diferentes departamentos da Sociedade. Cinco ministros ordenados foram preparados na obra da Sociedade Missionária do Sul. [...] Treze professores de escola têm se preparado para sua obra em diversas maneiras. [...] Um jovem está sendo educado pela Sociedade como médico, na Faculdade de Medicina Meharry, em Nashville, e outro está recebendo auxílio em seu curso na mesma escola. [...] Foram preparados alguns bons obreiros bíblicos. Alguns professores estão se tornando hábeis obreiros neste departamento.

Navio *Morning Star*

O *Morning Star* é minha propriedade pessoal, construído com meu próprio dinheiro. E ainda mais, todas as despesas de funcionamento do barco têm sido pagas com minha própria renda. Também anuncio que o custo de vida no barco também foi custeado por mim. Muitas vezes nosso grupo numerava dez a dezoito mãos. [...] Mesmo o salário de todos os obreiros da Sociedade, por anos, foi pago por minha própria renda, e não por doações.

Dinheiro para a Missão do Sul

Alguém pode perguntar: “Onde você conseguiu esse dinheiro?” O Senhor nos deu. Alguns livretos foram produzidos. Primeiro, o *Gospel Primer*,⁵ cujo projeto original se destinava ao ensino dos negros. Esperávamos vender alguns milhares de exemplares, mas, para nosso espanto, chegou a quase um milhão de cópias.

Minha mãe [Ellen White] nos ajudou com o livro *Christ our Savior*,⁶ que vendeu umas trezentas ou quatrocentas mil cópias. Duzentos ou trezentos mil exemplares de *Best Stories*⁷ foram vendidos. Estima-se

⁵ Cartilha do Evangelho.

⁶ Vida de Jesus.

⁷ Melhores Histórias.

que um número suficiente de *Coming King*⁸ tenha circulado para fazer uma coluna de seis quilômetros e meio de altura. Com os direitos autorais desses livros, além de muitas outras iniciativas e projetos de trabalho, construímos o *Morning Star*.

EM MUITAS TERRAS

México

Nossa obra neste país começou no ano de 1894, com o estabelecimento de uma missão médica em Guadalajara. Em 1896, contávamos com os seguintes trabalhadores: o irmão D. T. Jones e esposa, que cuidavam da missão; Ora A. Osborne, Sra. A. Cooper, Kate Ross e um auxiliar nativo como professores; Dr. J. A. Neal, A. Cooper, Sra. A. J. Rice, Sra. Bartlett e a Sra. Rachel Flowers como médicos missionários. Os rendimentos da missão eram provenientes de uma média de quarenta pacientes por dia, e quarenta alunos frequentavam a escola da missão. Um novo sanatório estava sendo construído nessa data, a um custo de 12.000 dólares.

África Central

Em 1893 a causa da mensagem do terceiro anjo tinha avançado tanto que a Comissão da Associação Geral se sentiu justificada em recomendar o estabelecimento de uma missão na África Central. Foi então votado “que, assim que possível, uma missão seja inaugurada em Matabeleland” [no Zimbábue]. Em harmonia com esta decisão, em 1894, um grupo de adventistas do sétimo dia entrou naquele país e selecionou uma fazenda de 12.000 acres. Na conferência de 1895, o irmão C. B. Tripp e esposa, W. H. Anderson e esposa, e o Dr. A. S. Carmichael foram escolhidos como missionários para este campo longínquo. Eles imediatamente iniciaram os preparativos e, depois de uma próspera e longa viagem, chegaram a seu destino em 26 de julho de 1895.

Costa do Ouro

Por vários anos, da costa oeste da África chegava o pedido macedônico [ver Atos 16:9] de ajuda aos adventistas do sétimo dia. A leitura de publicações adventistas tinha despertado o interesse na verdade, mas, até cerca de

⁸ O Rei Vindouro.

1894, nenhuma ajuda tinha sido enviada. O irmão Sanford e o Sr. Rudolph foram convidados pela Comissão da Associação Geral para assumir o trabalho que há tanto esperava. Adentraram o campo com zelo e coragem. No entanto, pouco tempo depois, o irmão Sanford foi acometido da febre, que ali é tão disseminada a ponto de o país ser chamado de “o túmulo do homem branco”. Sofreu três surtos de febre e, então, a fim de poder sobreviver, foi obrigado a retornar aos Estados Unidos. Outros foram enviados para a costa oeste, entre os quais estavam o irmão D. U. Hale, George F. Kerr e esposa, e G. P. Riggs. Este último, porém, foi tão enfraquecido pela enfermidade que perdeu a esperança de que viveria, fugindo, então, para a Inglaterra, na esperança de ser beneficiado por uma mudança de clima. Mas ele e seus amigos ficaram desapontados, pois piorou gradualmente até falecer, sendo sepultado ali. Este também aguarda a chegada do Doador da vida.

Índia

No dia 12 de janeiro de 1890, Haskell partiu do porto de Durban, na costa sudeste da África, para Calcutá, Índia, China e Japão. Antes disso, Percy T. Magan, seu secretário, passou a viajar com ele. O objetivo desta viagem à Índia era obter informações, de modo que pudessem oferecer orientações e conselhos quando ativas investidas missionárias fossem feitas naquele campo pelos adventistas do sétimo dia. Com o propósito de estabelecer uma missão na Índia, a Conferência Geral, em 1893, recomendou que William Lenker se dirigisse a esse país como colportor. Em conformidade com esta recomendação, para lá ele foi, introduzindo a literatura dos adventistas do Sétimo dia neste país. Numa data posterior, o Sr. Lenker relatou que, até 1896, ele, juntamente com outras quatro pessoas, tinham colportado em várias partes da Índia e conseguido vender 10.000 dólares em publicações. Visando mostrar o interesse gerado pelos livros que foram vendidos, contou que, enquanto colportava nos arredores de Madras, na costa oeste da Índia, “um pregador nativo andou quase 100 quilômetros para adquirir uma cópia do livro *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*,⁹ de Urias Smith.”

Geórgia Burrus na Índia

Em 1895, a Srta. Geórgia Burrus partiu da Califórnia rumo à Índia. Chegando lá, imediatamente começou o estudo da língua Bengali e logo en-

⁹ *Thoughts on Daniel and the Revelation.*

trou na obra missionária. Até 1896, várias pessoas tinham passado a guardar o sábado do Senhor, mediante associação com nossos obreiros.

Em 1896 o campo contava com o trabalho do irmão D. A. Robinson e esposa. As Srtas. May Taylor e Geórgia Burrus eram obreiras bíblicas. Os Srs. Lenker e Masters eram colportores. Havia adquirido um edifício adequado para a sede da missão e feito solicitações, à terra natal, para que enviassem médicos, enfermeiros e socorro para as necessidades que surgiam. O Sr. Brown, juntamente com outros, atendeu a este pedido. Tanto ele como o irmão D. A. Robinson morreram em Karmatar, em Bengala, na Índia, dia 31 de dezembro de 1899.

Ilhas Sandwich, no Havaí

No ano de 1884, o Sr. La Rue e Henry Scott, a seu próprio custo, foram para o Havaí como missionários. Começaram fazendo trabalho missionário pessoal e vendendo livros. Isso despertou tal interesse na ilha que a Conferência Geral, em novembro de 1885, votou que o irmão William Healy fosse ao Havaí na próxima temporada e que se solicitasse, à Associação da Califórnia, o empréstimo de uma tenda para a realização de reuniões. Com esta bagagem, o irmão Healy e os que já estavam na ilha conduziram uma série de reuniões em tenda durante o verão de 1886. Como resultado deste esforço, várias pessoas aceitaram a mensagem. O Sr. La Rue permaneceu em Honolulu até 1889, quando partiu para Hong Kong, na China.

Obra chinesa no Havaí

Apenas pouco apoio pastoral havia sido fornecido à ilha até a reunião da Conferência Geral, em março de 1895, na qual foi votado que “o irmão Gates e sua esposa, juntamente com o Sr. e a Sra. Brown, sejam enviados a Honolulu como professores para os chineses, a fim de se empenharem na obra missionária”. A obra de ensino começou imediatamente, e o irmão Gates, apesar de estar com a saúde fragilizada, fez o que pôde para promulgá-la. Um médico e algumas enfermeiras logo os seguiram, dando um bom começo ao trabalho nesta linha.

Resumo das Missões, 1º de janeiro de 1903

O relatório do Secretário de Missões Estrangeiras, apresentado em 31 de dezembro de 1902, apresenta o desempenho da mensagem, em países estrangeiros aos Estados Unidos, da seguinte maneira:

A União Australiana, composta pelas Associações de Victoria, Nova Gales do Sul, Nova Zelândia, Queensland, Sul da Austrália, Tasmânia e Austrália Ocidental.

A Conferência Geral Europeia, composta pela União Alemã, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, sul da Alemanha, Holanda e Bélgica Flamenga, Austro-Hungria e Balcãs, Suíça-Alemã, sul da Rússia, norte da Rússia e Rússia central.

A União Escandinava, composta pela Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia.

A União Britânica, abrangendo o norte e sul da Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales.

A União Franco-Latina, incluindo a Suíça-Francesa, França e Itália.

A Missão Oriental, composta pelo Egito, Síria e Turquia.

A União Sul-Africana, composta pela Colônia do Cabo, Natal-Transvaal, Basutoland e Matabeleland.

Diversos: Bermudas, Brasil, Guiana Inglesa, Suriname, América Central (Sul), China, Fiji, Índia, Jamaica, Japão, Antilhas Pequenas, México, Nyassaland, Pitcairn, Porto Rico, Rio da Prata, Raratonga, Samoa, Arquipélago da Sociedade, Sumatra, Tonga, Trinidad, Costa Oeste (América do Sul) e Costa Oeste (África).

O número de obreiros ativos nestes diversos campos, incluindo ministros, licenciados, obreiros bíblicos e colportores é 754.

Pontos estratégicos estabelecidos

A partir dessas breves declarações sobre nossas missões, podemos dizer, como o fez o Secretário de Missões Estrangeiras, no ano de 1896:

Com estas posições estratégicas agora ocupadas pela mensagem em quase todas as partes do mundo, Deus, por Seu infinito poder, *pode* realizar uma grande e poderosa obra num *curto* espaço de tempo. Ele *abreviará* Sua obra em justiça.

Capítulo 27



OUTROS TESTEMUNHOS CONFIRMADOS

“Pôs-se Josafá em pé e disse: Ouvi-me, ó Judá e vós, moradores de Jerusalém! Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (2 Crônicas 20:20).

Anos atrás, um testemunho foi dado, mediante o dom de profecia, afirmando que, antes do fim, as páginas impressas desta verdade seriam “espalhadas como folhas de outono.” Muitos se questionavam como isso seria possível, a menos que os crentes na verdade fossem, de alguma forma, organizados para o trabalho. Na providência de Deus, grandes resultados são frequentemente alcançados a partir de humildes começos, e assim foi no desenvolvimento do sistema de trabalho que surgiu entre nós.

Sociedade Missionária e de Folhetos

Por volta de 1870, a ideia de uma sociedade missionária e de folhetos foi sugerida, como resultado do procedimento de algumas irmãs devotas em South Lancaster, Massachusetts. Estas irmãs experimentaram, por certo tempo, o plano de enviar nossas revistas e folhetos denominacionais para diversas pessoas que não fossem de nossa fé, subsequentemente escrevendo-lhes cartas. Como resultado, várias pessoas aceitaram a verdade, levando o irmão S. N. Haskell a questionar-se: “Por que razão todo o nosso povo não faz o que estas irmãs fizeram?” Especialmente durante o ano de 1871 este assunto foi abordado nas colunas da *Review*. Na sessão especial da Conferência Geral, realizada em 29 de dezembro de 1871, o irmão Haskell estava presente e explicou a utilidade prática do movimento; foi, então, aprovada uma resolução, recomendando o estabelecimento de sociedades de folhetos. Os irmãos S. N. Haskell, W. H. Littlejohn, J. N. Andrews, J. H. Waggoner e I. D. Van Horn foram indicados para compor a comissão de planejamento para a formação de tais sociedades.

Esse movimento marcou um novo começo na obra de proclamação da mensagem. Até então, o ensino da verdade se havia limitado, quase que exclusivamente, aos esforços feitos por pregadores. Durante vários anos, o irmão Haskell trabalhou arduamente, estudando e introduzindo planos para que a sociedade missionária e de folhetos tivesse êxito. É justo afirmar que ele foi, de fato, o pioneiro nesse ramo. Isto é verdade não apenas em relação às Sociedades Missionárias e de Folhetos a nível estadual, uma vez que foi esse irmão que, em 1878, apresentou à Conferência Geral, reunida em Battle Creek, o plano para uma Sociedade de Folhetos, que foi posteriormente chamada de Sociedade Internacional de Folhetos, cujo campo de trabalho fosse o território não abrangido por nossas Associações, não apenas nos Estados Unidos, mas também em países estrangeiros.

Secretárias eficientes – Maria Huntley

Deus, em Sua providência, preparou eficientes secretárias, que foram de grande auxílio ao irmão Haskell nesta iniciativa. A irmã Maria Huntley trabalhou incansavelmente, até mesmo quando, anos depois, estava sob grande sofrimento físico, descansando de seu posto há catorze anos. Mediante seus esforços, muitas das vias de entrada aos campos estrangeiros foram abertas. Outras secretárias se uniram nesta mesma obra, e, devido ao aumento do campo de trabalho, surgiu a necessidade de secretárias em diferentes idiomas.

O efeito sobre as igrejas locais

Mas o resultado mais importante da criação da Sociedade de Folhetos foi a influência que exerceu no sentido de criar e aumentar o espírito missionário entre as igrejas locais. Forneceu a todos a oportunidade de fazer alguma coisa, por correspondências e distribuição de materiais impressos, e sentir a influência de trabalhar diretamente em favor da salvação de almas.

Testemunho a respeito da obra de publicações

Para exemplificar o tipo de instruções dadas, mediante o espírito de profecia, a respeito da obra missionária e de folhetos, citamos Testemunhos números 29 e 30:

Se há um trabalho mais importante do que outro, é o de colocar nossas publicações perante o público, levando-o assim a examinar as Escrituras. A obra missionária — introduzir nossas publicações nas famílias,

conversar e orar com e por elas — é uma boa obra, e que educará homens e mulheres para fazerem trabalho pastoral.

Nem todos se adaptam a esta obra. Os que possuem o melhor talento e habilidade, que lançarão mão da obra inteligente e sistematicamente, e a levarão avante com perseverante energia, são os que devem ser escolhidos. Deve haver um plano mais completamente organizado, e este deve ser fielmente executado. As igrejas em toda a parte devem sentir o mais profundo interesse pela obra missionária e de folhetos.

A obra de publicações é um bom trabalho. É obra de Deus. De maneira alguma deve ser subestimada; mas há contínuo perigo de pervertê-la de seu verdadeiro objetivo. Colportores são necessários para trabalhar no campo missionário. Pessoas de maneiras grosseiras não estão qualificadas para essa obra. Homens e mulheres que possuem tato, boa conversa, aguda percepção e mente perspicaz são os que podem ser bem-sucedidos.

A venda de mais de 8.000.000 de dólares em livros, panfletos e folhetos, durante doze anos, por nossas igrejas e colportores, é poderosa evidência do valor prático da obra da Sociedade Missionária e de Folhetos.

Profecia *versus* sabedoria mundana

Houve uma profecia dada em relação ao trabalho no campo europeu, que está se cumprido tão literalmente que é digna de nota. Tanto obreiros quanto o povo haviam afirmado que o trabalho não poderia ser realizado ali, especialmente na Escandinávia, do modo como se fazia nos Estados Unidos. Para surpresa deles, Ellen White disse que ele não só *poderia* ser realizado com êxito, mas que poderia ser feito do mesmo modo como nos Estados Unidos. Disse também que o Senhor lhe havia mostrado que se fossem fiéis em devolver os dízimos, mesmo nos pequenos rendimentos recebidos, Deus lhes faria prosperar muito além de suas expectativas. Disse-lhes também que os colportores poderiam vender livros por assinatura na Escandinávia e que isso seria um sucesso. Administradores de editoras, naqueles países, declaravam: “Isto é impossível”; pois “jamais haviam vendido livros assim.” O tempo revelou que aquilo que o anjo do Senhor havia revelado a Ellen White quanto a este assunto era muito superior à sabedoria dos publicadores e editores mundanos. Desde seu início, o sucesso tem acompanhado a obra de colportagem nesses países. Alguns, dos que se decidiram entregar à

causa um décimo dos seus escassos rendimentos, tornaram-se colportores, e não apenas conseguem se sustentar, mas ganham mais do que nunca, e, conseqüentemente, podem devolver dízimos ainda maiores.

Na campanha de 1895, foram vendidos pelos colportores mais de 40.000 dólares em livros impressos em nossa editora em Oslo, na Noruega. Lembre desta como sendo outra profecia cumprida, e isto, mesmo em face de protestos de todos os lados, tanto na Igreja como fora dela, pelos quais se afirmava que tal trabalho não poderia ser feito.

Em referência ao trabalho das sociedades de folhetos que foram instituídas a partir de 1871, é seguro dizer que quase tantas pessoas foram levadas à verdade por estes esforços, quanto mediante o esforço pessoal dos ministros. Por estes métodos a mensagem está sendo publicada a todas as nações e línguas da terra.

Joias e obra de folhetos

Um acontecimento interessante foi relatado pela Sociedade Missionária e de Folhetos da Califórnia, em abril de 1873. Notificaram o fato de que joias haviam sido doadas por pessoas que haviam aceitado a verdade, e que, até aquela data, após serem derretidas, analisadas, e vendidas por seu valor em ouro e prata, tinham gerado a soma de 200 dólares, todos investidos em panfletos, folhetos e periódicos, os quais foram distribuídos. A sociedade já sabia de vinte pessoas que haviam sido alcançadas por meio da literatura adquiridas com a venda das joias. Um dos que haviam aceitado a verdade por meio da literatura foi John I. Tay, de Oakland, na Califórnia.

São Francisco: um ponto missionário

Em 1875, um testemunho importante foi dado para a igreja de São Francisco ao qual chamamos a atenção, por estar tendo agora um cumprimento tão impressionante. Desde o início, esta igreja necessitava alugar salões para os cultos, e isto, a um custo considerável e certas inconveniências, pois não podiam realizar séries de evangelismo, uma vez que os salões, na maior parte do tempo, eram alugados para outro fins.

Nas noites de 14 e 20 de abril de 1875, os líderes da igreja de São Francisco se reuniram na casa da Sra. J. L. James, na rua 5, perto da Rua do Mercado. Ali Ellen White nos relatou o que lhe havia sido mostrado

em visão acerca da situação. Declarou que São Francisco sempre seria um ponto missionário onde a obra poderia ser feita; e que, se o assunto fosse conduzido de modo prudente, pessoas continuariam a aceitar a verdade. Se uma casa de culto fosse construída, para a qual as pessoas pudessem ser convidadas e onde a obra pudesse acontecer, o número de membros aumentaria, e isto, por sua vez, ajudaria a pagar as despesas e quitar as dívidas geradas pela construção.

Dando continuidade, Ellen White afirmou que lhe fora revelado que, quando instasse com a igreja de São Francisco, quanto à importância de construir uma igreja, isto soaria para a pobre igreja como um passo no escuro; mas foi-lhe ordenado dizer-lhes que, ao agirem, veriam a providência de Deus abrindo o caminho diante deles, passo a passo, e que amigos surgiriam para auxiliá-los durante todo o trajeto, até que a dívida fosse totalmente compensada.

Sendo eu um dos poucos presentes durante as referidas reuniões, posso dizer que a ideia de aqueles irmãos, quase todos da classe pobre do mundo, construindo uma igreja de 11 x 24 metros, numa cidade onde o preço mínimo de um terreno representaria um gasto de, pelo menos, 6.000 dólares, parecia de fato “um passo no escuro.” Foram induzidos a dar o passo unicamente pela total confiança que tinham de que o testemunho apresentado a eles por Ellen White vinha do Senhor e certamente se cumpriria.

Devido a minha ligação com o projeto, desde o seu início até hoje, posso afirmar que o testemunho acima foi cumprido em cada detalhe. Ao sairmos à procura de um terreno, conseguimos comprar um de 6.000 por 4.000 dólares. Uma irmã disse que doaria 1.000 dólares se conseguisse vender sua propriedade. Colocou, imediatamente, a propriedade nas mãos de um agente imobiliário, o qual lhe informou que o preço era demasiado baixo. Dentro de duas semanas, a propriedade foi vendida por 1.000 dólares a mais do que o valor que imaginara a princípio, e ela cumpriu sua promessa. Outra pessoa, um pobre irmão que não via como a igreja poderia ser construída, mas disse: “Se Deus diz que deve ser feito, Ele abrirá o caminho de alguma maneira”, constatou, para seu espanto, que o espólio de um de seus parentes havia sido resolvido, e que este lhe deixara uma herança de 20.000 dólares. Doou 1.000 dólares para a construção e comprou um terço do terreno da igreja para ali construir sua própria casa, trazendo assim um duplo alívio ao grupo.

Um favor significativo

Assim poderíamos mencionar muitas doações e favores recebidos ao prosseguirem com a construção do edifício. Basta dizer que o gasto total, incluindo o terreno, foi cerca de 14.000 dólares, dos quais mais de metade foi recebida em doações antes do término da construção. Como a Rua Laguna, onde o edifício foi erguido, ficava numa parte da cidade onde havia falta de edifícios para fins escolares, o conselho escolar passou a alugar as salas do primeiro piso para funcionar como escola, antes mesmo de ser posto o telhado. Os 75 dólares ao mês de aluguel, recebidos durante quase dois anos, foram suficientes para pagar os juros e as despesas de manutenção, permitindo que o grupo aplicasse os fundos que conseguisse levantar apenas no pagamento da dívida restante.

Instalações de tratamento hidroterápico

Atualmente, resta uma pequena parte da dívida, e no porão da igreja temos equipamentos para uma sala completa de tratamento hidroterápico gratuito, completamente livre de embaraços financeiros, muito mais valioso do que a dívida restante, a qual em breve será apenas história.

A parte do testemunho sobre pessoas aceitando a verdade tem sido maravilhosamente cumprida. Não apenas dezenas, mas centenas de pessoas receberam a luz da verdade naquela cidade e estão agora dispersas em várias partes do mundo. Cada vez que eu visito a igreja em São Francisco, vejo de dois a dez novos conversos, e ainda não é o fim.

A morte de Tiago White

Por volta de 1880, Ellen White foi instruída a dizer a seu marido, o irmão Tiago White, que ele deveria deixar muitos dos cuidados e responsabilidades que tinha levado até então, passando-os a outras mãos mais jovens, enquanto deveria “preparar-se para sua transformação final”, significando que em breve encerraria sua jornada terrestre. Ele começou a atender a esta instrução e o fez bem a tempo, pois, em 1881, sua obra terminou e ele adormeceu em Jesus. Em 31 de julho, ele foi acometido com febre malária. No dia 3 de agosto, foi levado de sua casa para o Sanatório de Battle Creek, onde recebeu todos os cuidados e atenção possíveis, mas de nada adiantou. Continuou a piorar. Desde o início de sua doença, tinha o pressentimento de haver chegado sua “transformação final”.

A declaração de Urias Smith

Falando deste evento, Urias Smith declarou: “As circunstâncias de sua morte dificilmente poderiam ter sido mais favoráveis. Enquanto ainda estava consciente, durante os últimos três dias de sua enfermidade, ele afirmou não sentir dor. Vários amigos sinceros e chorosos permaneceram dentro e fora do edifício, enquanto naquela agradável tarde de sábado sua vida lentamente se esvaiu. Como ao cair num sono tranquilo, assim desceu para a morte; e, quando tudo terminou, uma doce paz parecia pairar sobre cada feição. Era como se a seguinte oração houvesse sido respondida:

“Permite-me dormir por hora, antes que teu céu sem noite venha; dá-me um dia de descanso em terra, antes que à obra do céu me atenha.”

Faleceu dois dias após completar sessenta anos de idade. A estima em que era tido em Battle Creek foi evidenciada no fato de que pelo menos 2.500 pessoas estiveram presentes no seu funeral, dia 13 de agosto, e em ter sido seguido ao seu último lugar de descanso, no cemitério de Oak Hill, por uma procissão de noventa e cinco carruagens e uma multidão de pessoas a pé.

De muitos depoimentos dados após a sua morte, e publicados na *Review*, citamos a seguinte citação, escrita pelo irmão S. N. Haskell:

Quando penso no bom senso que demonstrava em quase qualquer emergência, sua ternura de coração e nobreza de alma manifestas aos errantes, e mesmo aos que o tinham prejudicado, ao ver evidências de que se haviam arrependido, e o amor que manifestava por aquilo que acreditava ser correto, posso verdadeiramente dizer: *Caiu um pai em Israel*. E, enquanto descansa, a causa, e também muita gente, irá perceber quanta falta fazem seus conselhos e cuidado paternal.

Quando morreu, nossos inimigos alegaram que a proclamação da mensagem deveria agora parar. Mas assim não foi; as instituições que, pela Divina mão, ele havia estabelecido, deveriam crescer ainda mais, como “as árvores da plantação do Senhor”, das quais deveriam se estender ramos numerosos e frutíferos.

Predição de legislação religiosa

Cinquenta e oito anos se passaram desde que os que anunciavam a mensagem do terceiro anjo afirmaram que viria um tempo, de acordo com a profecia de Apocalipse 13, em que o povo seria perseguido, nos Estados Unidos e no resto do mundo, por guardar os mandamentos de

Deus. Num livro escrito por Ellen White, intitulado *Primeiros Escritos*, lemos o seguinte, a este respeito:

Disse o anjo: “Olha!” Minha atenção foi dirigida para os ímpios, ou incrédulos. Estavam todos em grande agitação. O zelo e poder de Deus havia-os despertado e enraivecido. Havia confusão de todos os lados. Vi que tomavam medidas contra a multidão que tinha a luz e o poder de Deus. As trevas intensificavam-se em redor deles; no entanto, permaneciam firmes, aprovados por Deus, e nEle confiantes. Vi-os perplexos; a seguir ouvi-os clamando ardorosamente a Deus. Dia e noite não cessava seu clamor. “Seja feita, ó Deus, Tua vontade! Se for para glorificar Teu nome, promove um meio para livramento de Teu povo! Livra-nos dos ímpios que nos rodeiam. Eles nos destinaram à morte; mas Teu braço pode trazer salvação” (*Primeiros Escritos*, p. 272).

Vi então os principais homens da Terra consultando entre si, e Satanás e seus anjos ocupados em redor deles. Vi um escrito, exemplares do qual foram espalhados nas diferentes partes da Terra, dando ordens para que se concedesse ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matar os santos, a menos que estes renunciassem sua fé peculiar, abandonassem o sábado e guardassem o primeiro dia da semana (Idem, p. 282-283).

Perseguição nos EUA

Nossos adversários têm afirmado que jamais haverá perseguição nos Estados Unidos, pelo fato de que a Constituição deste país declara que “o Congresso não fará nenhuma lei quanto a um estabelecimento de religião, ou proibindo o seu livre exercício.” E, além disso, a “Carta de Direitos” da maior parte dos Estados proíbe legislação religiosa. Mesmo em face de oposições como estas, nosso povo tem continuado a proclamar a mensagem de alerta e a preparação necessária para enfrentar o conflito.

Em 1863, foi criada uma organização cujo objetivo era conseguir mudar a Constituição dos Estados Unidos e a legislação do país, de modo a adaptá-las para a aplicação e execução de leis de caráter religioso. Foi com tal velocidade que estas ideias obtiveram adeptos, e o princípio de forçar as pessoas a “fazer o certo” ganhou terreno, especialmente no que diz respeito à guarda do domingo, que seria perseguição já teve início em muitos Estados, mesmo naqueles cujas leis dominicais fazem provisão aos que guardam outro dia por motivo de consciência, inclusive com prisões. Pessoas foram presas por não guardar o domingo.

Cento e dezesseis pessoas presas

Tenho comigo uma lista de cento e dezesseis detenções de adventistas do sétimo dia nos Estados Unidos, no período de 1878 a março de 1896. Destes, cento e nove foram condenados. Muitos destes foram presos por um período de vinte a sessenta dias, e cerca de doze foram obrigados a fazer trabalho forçado na turma de detentos, juntamente com assassinos, ladrões e os piores tipos de criminosos. Em todos os casos admitiu-se que os que foram detidos constituíam os melhores cidadãos, mesmos por parte daqueles que lhes sentenciavam.

Associação de Liberdade Religiosa

Em 21 de julho de 1889, foi organizada em Battle Creek, Michigan, a Associação Nacional de Liberdade Religiosa, cujo objetivo era se opor à legislação religiosa, divulgar informações para as massas sobre a verdadeira relação entre a religião e o governo civil, e prestar auxílio aos que são perseguidos por motivo de consciência. Esta associação fez extensa obra na divulgação de literatura, esclarecendo às pessoas os deveres e perigos, em nossa própria nação, nos tempos em que vivemos. De fato, ela fez um grande trabalho na divulgação das advertências contidas na mensagem de Apocalipse 14:9-12.

Auxiliados por revistas seculares

As perseguições que então assolavam aos adventistas do sétimo dia apareceram nas colunas editoriais de periódicos como o *Sun* e *World*, publicados em Nova Iorque, e o *Inter Ocean*, de Chicago etc. Apareceram artigos, falando livremente sobre o tratamento injusto que foi dado a um cidadão americano, pelo fato de ele obedecer a sua própria consciência e guardar o próprio dia especificamente citado pelo mandamento. Assim, por meio de artigos de jornal, este assunto foi exposto perante milhões de leitores. Em um mês a verdade central da mensagem do terceiro anjo foi levada à atenção de mais pessoas do que tínhamos sido capazes de alcançar em mais de vinte anos.

A ira do homem redundando em louvor a Deus

Assim, vemos que os esforços dos homens para impedir a obra de Deus e obter leis que apoiassem um sábado rival ao que Deus ordenara no quarto mandamento, serviram para abrir caminho a fim de que a verdade avançasse mais rapidamente.

Refletindo sobre o que havia sido feito em apenas poucos meses por meio da perseguição, duas passagens da Bíblia nos vêm à mente. Uma diz: “Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade” (2 Coríntios 13:8); e a outra: “Pois até a ira humana há de louvar-te; e do resíduo das iras te cinges” (Salmos 76:10).

Predição de leis dominicais

No *Testemunho* Número 32, impresso em 1885, há uma declaração sobre *como* as leis dominicais seriam aprovadas nos Estados Unidos. Diz assim: “A fim de se fazerem populares e conseguirem apoio, os legisladores hão de ceder à *demanda* por leis dominicais.” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, nº 32, p. 451). Consideremos, por um momento, como isto já aconteceu.

Legislação em referência à Feira de Exposição Internacional

Em 1892 foi feita uma *demanda* ao Congresso Nacional, para que este proibisse a abertura aos domingos da Feira de Exposição Internacional, realizada em Chicago, Illinois, de maio a outubro do mesmo ano. Essa lei foi aprovada dia 19 de julho de 1892, devido à pressão popular mencionada acima. É convém lembrar que esta foi a *primeira vez* que o Congresso dos Estados Unidos da América do Norte promulgou uma lei sobre a questão do sábado.

As igrejas enviaram imensas listas de nomes, solicitações e telegramas, não apenas apresentando um abaixo-assinado, mas gentilmente (?) informando aos parlamentares “que nós, por meio desta, nos prometemos a nós mesmos e uns aos outros, de que, daqui por diante, iremos nos recusar votar em, ou apoiar para qualquer cargo ou função de confiança, qualquer membro do Congresso, quer seja senador ou deputado, que votar a favor de qualquer tipo de verba para a Feira de Exposição internacional, exceto nas condições descritas aqui nestas resoluções.” As condições eram de que a Feira fechasse aos domingos.

Discursos no Congresso dos EUA em 1892

Como amostra dos discursos apresentados na tribuna do Congresso, quando o projeto de lei foi aprovado, vamos ler o seguinte:

Gostaria de ver a negação disso, em branco e preto, proposta pelo Congresso dos Estados Unidos. Escreva-a. Como você a escreveria? [...] Proponha as palavras, se tiver coragem; defenda-a, se tiver

coragem. *Quantos dos que votassem nela retornariam aqui futuramente?* Nenhum, eu espero. Se vocês se opuserem a isto, colocarão a si mesmos em perigo.

Declarações ousadas feitas pelas igrejas protestantes

Os que fizeram a demanda e conseguiram que o Congresso aprovasse este projeto de lei, consideraram isto como uma vitória importante em seu esquema da legislação religiosa. Isto é evidente pela própria declaração de um destacado ministro, logo após um sermão que pregou em Pittsburg, na Pensilvânia, no qual disse:

Que a igreja tem influência sobre grupos políticos ou governamentais foi eficazmente demonstrado na questão da recente Feira de Exposição Internacional, quando o Senado dos Estados Unidos, a mais alta organização do país, ouviu a voz da religião e aprovou o projeto de lei que forneceria à Feira Internacional a verba de 5.000.000 de dólares, com a ressalva, instituída pela igreja, de que os portões da grande exposição não fossem abertos aos domingos. Esse grande e maravilhoso fato sugere à mente dos cristãos que, se isso foi feito, o mesmo pode acontecer com outras medidas igualmente necessárias. A igreja está continuamente ganhando poder e sua voz será ouvida no futuro de modo muito mais frequente que no passado.

Assim, vemos como o testemunho dado em 1885 foi, e está sendo cumprido.

União de católicos e protestantes

Neste contexto, consideremos outra previsão feita em 1885, também encontrada no *Testemunho* Número 32:

Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma das mãos ao poder romano e a outra ao espiritismo, quando por influência dessa tríplice aliança os Estados Unidos forem induzidos a repudiar todos os princípios de sua Constituição, que fizeram deles um governo protestante e republicano, e adotar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, n.º 32, p. 451).

A fim de perceber como a primeira parte dessa previsão já está sendo cumprida, precisamos apenas ressaltar o que está acontecendo ao nosso re-

dor. Veja os protestantes, ministros e povo, buscando a aprovação dos católicos, convidando-os a frequentar suas sociedades, etc. Precisamos lembrar que, em 1885, quando o testemunho foi dado, dificilmente se poderia ver qualquer vestígio do que agora se vê.

Para ilustrar como os protestantes estão buscando pelo apoio e auxílio dos romanistas, apresento um trecho do periódico intitulado “*Star*” da Cidade de Kansas, em Missouri, do dia 18 de março de 1896.

Metodistas e o dia de São Patrício

Foi feito um discurso na Casa de Ópera de Coate, da Cidade de Kansas, em Missouri, no dia de São Patrício, 17 de março de 1896, pelo Dr. Mitchell, pastor da principal Igreja Metodista da Cidade de Kansas. O *Star* faz referência a uma parte do discurso como sendo uma “pequena cena dramática.” O Dr. Mitchell foi fortemente aplaudido ao dizer o seguinte:

A intolerância é filha da ignorância. Somos intolerantes porque não conhecemos suficientemente a nosso próximo. Nós, protestantes, fomos ensinados a acreditar em coisas indizíveis sobre os católicos, e também eles o foram em relação a nós. Agora descobrimos nossa noções equivocadas uns dos outros, ao chegarmos perto o bastante para olhar nos olhos uns dos outros e darmos as mãos uns aos outros; se conhecêssemos melhor uns aos outros, nos amaríamos mais. Temos ficado distantes e criticado. Que vergonha para os seguidores do bendito Cristo. Todos os cristãos foram resgatados pelo mesmo sangue precioso, somos sustentados pela mesma graça divina e esperamos alcançar o mesmo céu. Digam, irmãos, melhor seria que nos familiarizássemos uns com os outros aqui em baixo.

O *Star* continua:

O Dr. Mitchell, em seguida, virou-se para o Padre Dalton [sacerdote católico], que estava assentado atrás dele, e, estendendo a mão, disse: “Aqui, irmão Dalton, está minha mão.” O Padre Dalton levantou-se e apertou sua mão, e, de mãos apertadas, disse: “Seria uma vergonha terrível se, depois de termos vivido tanto tempo na mesma cidade aqui na terra, precisássemos, ao chegarmos ao céu, que um anjo nos apresentasse um ao outro. Vamos nos familiarizar enquanto estamos aqui na terra.” A plateia aplaudiu e, depois que o Padre Dalton tomou assento, o Dr. Mitchell continuou seu discurso.

Algo grande e decisivo

Citamos outro texto, este escrito por Ellen White em Melbourne, na Austrália, em 18 de fevereiro de 1892:

Todo o céu me é apresentado como que estando a observar o desenrolar dos acontecimentos. Uma crise está para ser revelada no grande e prolongado conflito no governo de Deus na Terra. Algo grande e decisivo deverá ocorrer, e sem demora.

O Juiz Brewer declara que esta é uma “Nação Cristã”

Onze dias depois do texto acima ter sido escrito, antes que ele chegasse aos Estados Unidos, ocorreu um evento ao qual tanto protestantes quanto católicos se referem como *determinante* no destino da nação. Refiro-me à decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, que afirmou: “Esta é uma nação cristã”. Isto ocorreu no dia 29 de fevereiro, pelo presidente do Supremo Tribunal, o Juiz Brewer. Como já mencionamos, a lei do fechamento da Feira de Exposição Mundial aos domingos foi aprovada no dia 19 de julho do mesmo ano. Os ministros que tão fortemente advogaram a aprovação desta lei, fizeram veementes apelos sob o pretexto de que, uma vez que a Suprema Corte havia declarado que esta era uma Nação Cristã, era de se esperar que o sábado Cristão fosse protegido contra a profanação. A mesma justificativa foi apresentada pelo Partido da Reforma Nacional. Como esta é uma Nação Cristã, deveria reconhecer a Deus e Suas leis como base de seu governo, etc. Algo realmente grande e decisivo neste conflito final aconteceu, e isto, “sem demora”.

Profetas antigos

Parecia haver dois tipos de visões dadas por Deus a seus servos, os profetas. Um deles é chamado “visão aberta” (na qual o indivíduo podia ser visto pelas pessoas enquanto estava em visão). O outro tipo é chamado “visão da noite”. Como exemplo da primeira, citamos 1 Samuel 3:1, onde se relata a história do menino Samuel. Ali lemos: “Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara; as visões abertas não eram frequentes.”

Visões abertas

Foi neste tipo de visão (visão aberta) que a mão do Senhor estava sobre o profeta Ezequiel. Os anciãos de Judá, assentados diante dele, viram-lhe em visão aberta (ver Ezequiel 8:1). Em outra ocasião, o profeta Daniel entrou em visão em presença dos governantes caldeus. Se tivessem permanecido ali, poderiam tê-lo visto em visão, mas “caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam” (Daniel 10:7).

Visões de Ellen White que aconteciam à noite

As primeiras visões de Ellen White foram todas visões abertas. Mas a partir de 1884, o tipo de visões mudou neste aspecto, sendo agora o que é chamado nas Escrituras de “visões da noite,” não apenas sonhos, mas o mesmo anjo brilhante aparece, dando-lhe instruções, como em anos anteriores nas visões abertas. Muitos exemplos de “visões da noite” estão registrados na Bíblia, como podemos facilmente ver em Gênesis 46:2, Daniel 2:19 e 7:13, Atos 16:9, 18:9, 23:11 e 27:23-25.

Nessas visões noturnas de Ellen White, muitas previsões importantes foram feitas, as quais cumpriram-se com precisão, como já mencionamos. Falemos agora de algumas visões posteriores.

A mudança para Washington

Em 1893, Ellen White disse:

Muitos interesses estão se acumulando em Battle Creek. Se esses interesses fossem repartidos e localizados em outras cidades, onde a luz e o conhecimento pudessem ser uma bênção para outros lugares, isto estaria de acordo com a vontade de Deus. O Senhor não quer uma segunda Jerusalém em Battle Creek. Serão necessárias fortes reformas e transferência de instalações e instituições, se se quiser fazer a vontade de Deus.

Na Conferência Geral em Oakland, na Califórnia, em março de 1903, ela disse:

Durante anos tem sido dado o alerta a nosso povo, “Saiam de Battle Creek”. Mas por causa dos muitos interesses aqui estabelecidos, era conveniente ficar, e os homens não conseguiam ver o porquê deveriam sair.

Em resposta à pergunta feita acerca de nos estabelecermos em outro lugar, respondo: sim. Que os escritórios da Associação Geral e a obra de publicações sejam removidos de Battle Creek. Não sei onde será o lugar, se na costa Atlântica ou em outra parte. Mas direi o seguinte: Nunca coloquem uma pedra ou tijolo em Battle Creek para reconstruir ali o escritório da Review. Deus tem um lugar melhor para ele.

Depois de ouvir esta instrução, a conferência de crentes votou “que os escritórios da Associação Geral sejam removidos de Battle Creek, Michigan, para algum lugar na costa Atlântica”.

No concílio realizado em Battle Creek, logo após a Conferência Geral, foi votado “que dêmos preferência a situar a sede do escritório da Associação Geral nos arredores da cidade de Nova Iorque.” Uma vasta comissão foi então selecionada para procurar um local viável. A comissão comunicou sua intenção a Ellen White, e perguntou se ela tinha mais luz a esse respeito. Ela respondeu:

Que o Senhor nos ajude a proceder com entendimento e oração. Tenho certeza que Ele deseja que saibamos, e isto em breve, onde devemos situar nossa casa publicadora. Estou convencida de que o único caminho seguro é estarmos prontos para avançar assim que a “nuvem” avançar. Oremos para que Ele nos dirija. Ele nos tem mostrado, por sua providência, que Sua vontade é que saíamos de Battle Creek. [...]

Há necessidade de se efetuar a obra em Nova Iorque, mas não posso dizer se nossa publicadora deve ser ali estabelecida. Não devo considerar a luz que tenho recebido como sendo suficientemente clara para favorecer tal mudança.

Após quase duas semanas de buscas pela cidade de Nova Iorque e cidades vizinhas, a comissão não conseguiu encontrar um local adequado para a casa publicadora. Chegou, então, uma carta de Ellen White, datada de 30 de maio, que dizia:

Ao procurarem nossos irmãos um local para a casa publicadora da Review and Herald, devem eles fervorosamente buscar ao Senhor. Devem avançar com grande cautela, vigilância e oração, e com um senso constante de sua própria fraqueza. Não devemos depender de opiniões humanas. Devemos buscar a sabedoria que Deus concede. [...]

Com respeito a estabelecer a instituição em Nova Iorque, preciso dizer: Sejam cuidadosos. Não sou a favor de que esteja perto de Nova

Iorque. Não posso agora dar todas as minhas razões, mas estou certa de que, qualquer lugar a menos de 50 quilômetros de distância daquela cidade seria próximo demais. Estudem os arredores de outros lugares. Tenho certeza que as vantagens de Washington, D.C., deveriam ser cuidadosamente investigadas.

Não deveríamos estabelecer essa instituição numa cidade, nem nos subúrbios de uma cidade. Deveria ser estabelecida num distrito rural, onde possa estar cercada por terras.

Predição de oferta favorável

Com esta informação, a comissão iniciou sua busca em Washington, em espírito de oração, quando uma terceira carta chegou, contendo a seguinte instrução:

Temos orado por luz a respeito de situarmos nossa obra no Leste, e esta nos veio de maneira bem clara. Foi-me dada luz clara de que se nos oferecerão à venda lugares nos quais muito dinheiro foi investido, por homens que dele podiam livremente usar. Os proprietários destes lugares morrem, ou sua atenção se volta para algum outro assunto, e a propriedade é oferecida à venda a um preço muito baixo. [...]

Pela luz que me foi dada, sei que, no presente momento, a sede da Review and Herald deveria estar perto de Washington.

Encontrado o local predito

Com esta mensagem em mãos, a comissão passou a procurar por um lugar no Distrito de Columbia [Washington D.C.], mas não encontravam terreno algum por menos de mil dólares o acre. Finalmente, sua atenção foi chamada para Tacoma Park. Segue abaixo o relatório da comissão:

Encontramos uma área de cerca de cinquenta acres, há pouca distância do Distrito, mas dentro dos limites da cidade de Tacoma Park, o qual poderíamos comprar por seis mil dólares, a cento e vinte dólares por acre. Examinamos extensamente o local. Descobrimos que, alguns anos atrás, havia sido escolhido por um médico de Boston para a construção de um sanatório. Disseram que ele gastou cerca de sessenta mil dólares na compra e limpeza do terreno de todos os arbustos, troncos, e lixo. Problemas financeiros o impediram de realizar seus planos e a

terra passou às mãos de um senhor que detinha sua hipoteca, e ela lhe custou quinze mil dólares.

Os cidadãos de Tacoma Park, representados pelo prefeito e alguns líderes, nos deram sinceras boas-vindas ao local e a garantia de cooperação amistosa na realização de nossos planos.

Em todas as nossas viagens e buscas, não encontramos outro local que se encaixasse tão completamente às especificações dos testemunhos como este. Cremos que a providência de Deus nos dirigiu ao lugar que Ele deseja que ocupemos.

Tendo em vista o cumprimento dos muitos testemunhos apresentados neste e no capítulo anterior, vamos “crer no Senhor nosso Deus, e estaremos seguros; crer nos seus profetas, e prosperaremos”, para que estejamos preparados para os eventos ainda futuros, e não sejamos por eles pegos de surpresa.

Capítulo 28



UMA PORTA QUE NINGUÉM PODE FECHAR

“Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar; pois tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome” (Apocalipse 3:8).

Tais são as palavras dirigidas aos cristãos no período de Filadélfia. Esta é a igreja que surgiu pela proclamação da iminente vinda de Cristo, daqueles que conservaram o que tinham ouvido sobre o assunto. Da igreja de Sardes (antecessora imediata de Filadélfia), é-nos dito:

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti (Apocalipse 3:3).

A igreja de Sardes, portanto, ouviu a doutrina da iminente vinda do Senhor. Aqueles que se apegaram ao que tinham ouvido, avançaram na verdade ao ser “removido” o candelabro de ouro, e constituíram a igreja de Filadélfia, a quem se diz:

Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. (Apocalipse 3:10, 11).

É a esta igreja de Filadélfia que Ele diz: “Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar”.

Temos aqui a Escritura afirmando de modo enfático que, os que, na providência de Deus, são movidos para alertar o mundo acerca da vinda do Senhor, rogando ao povo que se preparem para encontrar com Deus, têm o favor especial de Deus em sua obra. Os homens podem tentar impedir e frustrar seus esforços, fechando a “porta à palavra”; mas a voz de Deus conti-

nua a soar acima de todo clamor: “Eis que *tenho posto* diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar”.

Progresso de setenta e quatro anos

Nas páginas precedentes neste livro, revimos brevemente os acontecimentos de um período de setenta e quatro anos (1831-1905), traçando o início e avanço das mensagens do advento e, especialmente, da mensagem do terceiro anjo. Mostramos como, partindo da obscuridade e pobreza, esta mensagem tem avançado rapidamente, com força e poder, de ano em ano, até que sua obra missionária circunde o planeta. Certamente, não é por ser agradável ao coração carnal que a mensagem tem prosperado, já que apresenta, em sua linha de frente, o sábado do Senhor, cuja observância envolve uma pesada cruz, exigindo uma separação dos negócios mundanos no dia mais movimentado da semana. Também não é pela falta de oposição que a mensagem tem avançado, pois, encontrou oposição desde o início, e da mais terrível, tanto de pessoas de fora quanto de pessoas não consagradas que, por algum tempo, adentraram nossas fileiras. Quanto às situações ocasionadas por planos e esforços de inimigos externos, podemos muito bem dizer, seguindo as palavras de Davi, o salmista:

Não fosse o Senhor, que estive ao nosso lado, Israel que o diga; não fosse o Senhor, que estive ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, e nos teriam engolido vivos, quando a sua ira se acendeu contra nós; as águas nos teriam submergido, e sobre a nossa alma teria passado a torrente; águas impetuosas teriam passado sobre a nossa alma. Bendito o Senhor, que não nos deu por presa aos dentes deles. Salvou-se a nossa alma, como um pássaro do laço dos passarinhos; quebrou-se o laço, e nós nos vimos livres. O nosso socorro está em o nome do Senhor, criador do céu e da terra (Salmos 124:1-8).

Socorro no Senhor

O Senhor declara ter colocado diante de seu povo “uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar”. Portanto, não é de admirar que a mensagem tenha avançado rapidamente. Esta é a mensagem de Deus ao povo, e precisa ter êxito. Em Apocalipse 7:2, a obra de preparar um povo que permaneça em pé no grande dia da ira de Deus é simbolizada por um anjo que subia “do nascente do sol” ou, como alguns traduzem, “subindo como o sol”. Pensemos no amanhecer do dia: primeiro aparecem os raios de luz no leste; estes se

unem em crescente brilho, até ser visto o grande e distinto disco solar. Ao assim subir ao zênite o “Rei do Dia”, sua luz, calor e poder tornam-se cada vez mais vívidos.

Tal tem sido o progresso da mensagem do terceiro anjo desde 1848, quando suas verdades centrais foram tomando forma, e, a partir daí mostramos haver ocorrido um crescimento constante e acentuado, que é maravilhoso. Isso só se pode explicar se entendermos que o Senhor está confirmando Sua palavra aos que, neste momento, em que nossa salvação está tão próxima, tomam o cuidado de guardar “o sábado, não o profanando” (Isaías 56:2) e desviam seus pés de fazer sua própria vontade no santo dia de Deus. Assim, pela “fé de Jesus”, como declara a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14, eles guardam todos “os mandamentos de Deus.” Destes, declara o Senhor, por meio do profeta Isaías: “Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça [“O Senhor, Justiça Nossa”, Jeremias 23:6] irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda” (Isaías 58:8). Com essas garantias, como poderíamos esperar outra coisa, senão que a obra fosse um sucesso? “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31).

Como podem prosperar?

Quando pensamos em José Bates em 1846, começando a escrever o primeiro livro adventista sobre o sábado, sendo que todo o dinheiro que tinha era apenas doze centavos e meio de dólar, sendo-lhe pedido que usasse este valor antes que expirasse o primeiro dia em que começou a escrever; ou quando pensamos em Tiago White, imprimindo seu primeiro panfleto, *The Present Truth*, com o dinheiro que ganhara cortando feno, e enviando-o *gratuitamente* a todos os interessados, e referindo-se à mensagem como algo que iria até os confins da terra – olhando para esses pequenos começos, alguém pode indagar, usando as palavras do povo nos dias de Amós: “Como subsistirá Jacó? Pois ele é pequeno” (Amós 7:2). Contrastando este começo com a situação da igreja em 1905, onde a publicação das verdades da mensagem ocorre em vinte casas publicadoras, espalhadas em várias partes do mundo, muitas vezes forçadas a operar em capacidade máxima, a fim de atender a demanda por materiais impressos, podemos realmente dizer: Eis “uma porta aberta” que ninguém conseguiu fechar.

Dos que, no passado, declararam que a obra jamais prosperaria, podemos dizer, nas palavras com as quais o profeta Zacarias reprovou os que

tentavam impedir a reconstrução de Jerusalém: “Quem despreza o dia dos humildes começos”? (Zacarias 4:10). Das coisas que pareciam montanhas de dificuldades em seu caminho, Deus declarou, por intermédio do profeta:

Montanha convertida em vale

Quem és tu, ó grande monte? Diante de Zorobabel serás uma campina; porque ele colocará a pedra de remate, em meio a aclamações: Haja graça e graça para ela! (Zacarias 4:7).

Assim tem sido com a obra da mensagem do terceiro anjo, e assim será até ser trazida “a pedra angular”, ou seja, até que se termine a obra.

Pense nas poucas pessoas em 1846, pobres em recursos financeiros, pobres em todo sentido exceto na fé em Deus e no tesouro da verdade, e veja a que proporções sua obra tem crescido. Pense nas facilidades que temos hoje: livros prontos, traduzidos e impressos nas diversas línguas do planeta, e as centenas de colportores levando esses livros às casas das pessoas a um volume de 400.000 dólares por ano. Se a bênção de Deus continuar sobre o trabalho, podemos olhar para o futuro tendo a certeza de *sucesso*. Com instalações e agentes como estes aumentando a cada mês, temos confiança em Cristo de que poderemos esperar tudo o que Salomão cantou sobre a igreja de Deus ao sair ela de sua condição desértica “encostada ao seu amado”, e “formosa como a lua, pura como o sol, formidável como um exército com bandeiras” (Cantares 8:5; 6:10).

Socorridos pelo dom de profecia

Não apenas vimos que a providência de Deus abriu caminho para a propagação da verdade, que Sua benção acompanhou de modo marcante os esforços para avançar na direção providencial indicada, mas também que, no início e avanço da mensagem do terceiro anjo, Deus Se comunicou com Seu povo mediante o dom de profecia. Isso não se deu como uma nova revelação, que tomasse o lugar da Bíblia, nem de modo a perverter os ensinamentos da Escritura, mas para mostrar-nos, no tempo em que vivemos, onde se encontra o perigo de nos afastarmos da simplicidade do evangelho de Cristo, de seguirmos a inclinação deste século e de nos contentarmos com uma *forma* de piedade, mas sem o poder.

Tomando como exemplo os antigos profetas (Tiago 5:10), os quais o Senhor nos deu como regra de teste para qualquer manifestação do gênero, percebemos que as razões da manifestação profética hoje são as mesmas pe-

las quais aconteceram no passado: a permanente tendência de afastar-se da verdade em razão das doutrinas e práticas peculiares da época. O apóstolo Paulo, falando da manifestação dos dons espirituais estabelecidos na igreja por Deus, declara serem eles

com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor. (Efésios 4:12-16).

As objeções levantadas contra as manifestações do dom de profecia em nossos dias certamente poderiam ser usadas, com força igual, nos tempos antigos; ou seja, poderia ser dito: “Já possuímos as Escrituras, e, portanto, não temos necessidade de tais dons”. No entanto, estas mesmas Escrituras nos afirmam que Cristo estabeleceu esses dons na igreja a fim de serem exercitados até quando “vier o que é perfeito [a condição perfeita]” (1 Coríntios 13:10), e que “não vos falte *nenhum dom*, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 1:7).

Que necessidade temos de profetas?

O antigo Israel poderia dizer que tinha a lei moral de Deus, escrita por Seu próprio dedo em tábuas de pedra, além de estatutos, juízos e instruções dadas a Moisés pela boca de Deus e cuidadosamente escritas; de que mais necessitavam? Mas apesar de possuírem todas essas verdades tão excelentes, Deus se agradou lhes falar “muitas vezes e de muitas maneiras [...] pelos profetas” (Hebreus 11:1).

Podemos notar que o testemunho apresentado por cada um dos profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, dentre outros, ensinava o mesmo grandioso princípio da obediência a Deus; entretanto, cada profeta trazia reprovações peculiares ao povo de sua época, em virtude da tendência que as pessoas tinham de se desviarem dos princípios sagrados pelas atrações dos costumes vigentes na época em que a profecia era dada.

A necessidade dos dons

Embora alguém possa dizer: “Não temos apenas a excelente instrução do Antigo Testamento, mas, também, as palavras do próprio Salvador, e dos apóstolos; por que precisaríamos de mais luz?” O fato é que estes mesmos apóstolos, apontaram para os últimos dias, quando “sobrevirão tempos *difíceis*”, em que os homens terão uma “*forma* de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder”, declarando-nos ainda que “alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (2 Timóteo 3:1-5; 4:1).

Em vista de tudo isso, aquelas pessoas a quem Paulo se refere em sua carta aos Tessalonicenses, as quais não estarão em trevas, de modo que o dia de Cristo as apanhe de surpresa como um ladrão, mas que serão filhas da luz, são exortadas a julgar “todas as coisas” (tendo acabado de mencionar as “profecias”) e a reter “o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:5, 20, 21). Isto equivale dizer-lhes que o povo que estiver aguardando a vinda do Senhor Jesus Cristo, que por fim se encontrará preparado para aquele dia, terá, em seu meio, manifestações “genuínas” e autênticas do dom de profecia.

Sinais do fim

Vivemos num momento em que, por toda parte, podemos ver abundantes sinais de que a vinda do Senhor está próxima. Vivemos no exato período em que haveria de surgir um povo que guardasse todos os mandamentos, o qual também teria “o *testemunho* de Jesus”, “o espírito de profecia” (cf. Apocalipse 12:17 com 19:10). E o que vemos acontecendo? Vemos que, durante os últimos sessenta anos, surgiu exatamente tal povo, proclamando exatamente tal mensagem, e que, entre eles, manifestou-se o dom de profecia. Ao testarmos o dom manifestado em Ellen White usando regras que a Bíblia nos apresenta, vemos que ele passa em todos os testes, nos mínimos detalhes. Em todos os escritos de Ellen White, do início ao fim, não se pode achar uma única linha que forneça a mínima licença para o pecado, ou que tolere, no mínimo grau que seja, qualquer desvio da Palavra de Deus. Estes escritos jamais se colocaram acima da Bíblia, mas constantemente nos exortam ao mais diligente estudo da Palavra de Deus, apontando-a como o grande parâmetro pelo qual nosso caso será examinado no juízo final. Em seus escritos, Cristo é exaltado perante nós como o único modelo que devemos seguir. Ela declara da maneira mais enfática que Cristo é a nossa única

esperança de vitória aqui, o nosso único refúgio da ira vindoura, o único nome e o único meio pelo qual podemos ser salvos.

Homenagem pessoal

O seguinte testemunho, a respeito de Ellen White e sua obra, foi escrito em 1877 por alguém que a conhecia e que havia estudado sua obra por muitos anos. Após prová-la por cinquenta e três anos de atenta observação, dou o meu aval incondicional a todos os pontos de vista aqui expressos:

Quanto ao caráter cristão da irmã White, peço licença para dizer que acho que conheço um pouco a este respeito. Há dezoito anos que a conheço, mais que a metade do período da história de nosso povo. Estive com sua família vez após vez, e, em certas ocasiões, durante semanas. Eles também vieram à nossa casa e estiveram com nossa família muitas vezes. Já viajei com eles a quase todas as partes; estive com eles em particular e em público, em reuniões e fora delas, e tive as melhores oportunidades de conhecer um pouco da vida, do caráter e do ânimo do casal White. Como ministro, tenho tido que lidar com todos os tipos de pessoas, de caráter dos mais variados, de modo que penso poder julgar um pouco acerca de como a pessoa é, pelo menos após anos de conhecimento pessoal.

Conheço a irmã White como uma mulher despreziosa, modesta, bondosa e nobre. Estes traços de seu caráter não são um simples fingimento a ser cultivado, mas brotam de modo tranquilo e gracioso de sua disposição natural. Ela não é presunçosa, nem metida a santa ou convencida, como os fanáticos sempre o são. Este eu sempre percebo que estão cheios de pretensões e orgulho, prontos a dar sua opinião, gabando-se de sua santidade, etc., mas sempre notei em Ellen White o oposto de tudo isso.

Amiga dos pobres

Qualquer pessoa, dentre as mais pobres e humildes, pode ir a ela livremente em busca de conselho e conforto, sem ser rejeitada. Ela está sempre cuidando dos necessitados, destituídos e sofredores, provido-lhes às necessidades e defendendo-lhes a causa.

Nunca conheci alguém que tivesse o temor de Deus tão constantemente diante de si. Ela nada empreende sem antes elevar a Deus fervorosa oração. Estuda a Palavra de Deus de modo aplicado e constante.

Já ouvi a irmã White pregar centenas de vezes, já li seus testemunhos por completo, sendo que, a maioria deles, já li diversas vezes, e nunca encontrei uma sentença imoral ou qualquer coisa que não fosse estritamente pura e cristã, nada que causasse um afastamento da Bíblia e de Cristo. Pelo contrário, neles encontrei os mais ardentes apelos em favor da obediência a Deus, do amor a Jesus, da crença nas Escrituras e de seu estudo constante. Seus testemunhos me têm sido, muitas vezes, de grande benefício espiritual. Na verdade, nunca me aconteceu de lê-los e não sentir-me repreendido por minha falta de fé em Deus, falta de devoção e falta de empenho na salvação de almas. Se possuo algum discernimento espiritual, declaro que os testemunhos são do mesmo espírito e do mesmo teor que as Escrituras.

Durante trinta anos [e agora podemos dizer sessenta anos] nosso povo tem lido e crido nestes testemunhos. Mas qual tem sido seu impacto sobre o povo? Será que eles o afastaram da lei de Deus? Será que o levaram a desistir da fé em Cristo ou a abandonar a Bíblia? Será que fizeram desse povo um povo corrupto ou imoral? Eu sei que podem ser comparados favoravelmente com qualquer outra denominação cristã.

Uma coisa tenho notado; que mesmo os piores opositores das visões da irmã White admitem que ela é uma cristã. Não entendo como eles podem admitir isso. Tentam consertar dizendo que ela está enganada. São incapazes de indicar uma única mancha em toda a sua vida, nem sequer uma sentença imoral em todos os seus escritos. Não podem senão admitir que muitos de seus escritos são excelentes, e que qualquer pessoa que viva tudo o que ela diz seria uma boa cristã, a caminho do céu. Isto seria muito estranho caso ela fosse um instrumento do diabo, inspirada por Satanás, ou se seus escritos fossem imorais ou fantasias de sua própria mente.

Pessoas desconhecidas dão testemunho de seus escritos

À medida que nossos periódicos são publicados, contendo os escritos de Ellen White, são buscados pelas pessoas mais humildes, devotas e tementes a Deus. Relatando o que leram, dizem elas:

Estamos especialmente interessadas nos escritos de Ellen White. Eles são tão práticos, tão cheios de instruções calculadas a conduzir a pessoa para mais perto do Senhor, tornando-a mais humilde, devota e temente a Deus. Esses escritos seguem tão de perto o estilo da Escritura que, ao lê-los, temos a impressão de que Ellen White é uma pessoa *inspirada*, por escrever algo assim.

Tal é o testemunho encontrado em dezenas de casos de pessoas que estão se correspondendo com nossos missionários, pessoas que nem sequer suspeitam de que as ideias de Ellen White são recebidas em visões de Deus.

Fonte de oposição

Tendo apresentado a impressão causada por este dom, surge a pergunta: De onde e porquê se levantou a oposição à manifestação deste dom? E qual tem sido o fim destes que se opõem? Havendo observado cuidadosamente, desde 1852, percebi que a maior parte da oposição surgia dos que eram reprovados por seus defeitos de caráter, por maus hábitos, ou por algum curso errôneo em seu modo de vida. Muitos dos que eram reprovados argumentavam não serem tão maus quanto o testemunho os representava, e que iriam mostrar que podiam se apegar à verdade mesmo opondo-se à repreensão dada. O tempo mostrou que a grande maioria deles renunciou sua fé e abandonou completamente as fileiras. Alguns viram seu erro, e se apegaram com mais firmeza à verdade. Surge então a questão: Se os que se opõem a este dom são guiados pelo Senhor, por que razão perdiam sua espiritualidade e se afastavam de Deus? A regra do Salvador é que a árvore deve ser conhecida pelos seus frutos. Ele enfaticamente afirma que a “má árvore” não pode “produzir frutos bons” (Lucas 6:43).

Fracasso da oposição

Lembramos de casos em que se levantou oposição organizada contra os testemunhos de Ellen White, declarando que teriam grande sucesso em seu trabalho tão logo se livrassem dos testemunhos. O que vimos, entretanto, foi um completo fracasso na realização de suas esperanças. Após anos de lutas, não apresentaram qualquer evidência a mais, no sentido de disseminar a verdade do sábado perante o mundo, do que o fizeram outros de sua classe, quarenta e nove anos antes. Se a obra que faziam era especialmente ordenada por Deus, por que não foram mais prósperos em sua mensagem?

Onde está o sucesso?

Por outro lado, quando olhamos para essa mensagem pela qual os mandamentos de Deus e a fé de Jesus estão sendo proclamadas ao mundo – mensagem esta ligada ao dom de profecia, com seus conselhos, instruções, e reprovações – vemos que fez rápido e contínuo progresso desde seu início

até o presente. Atendendo aos conselhos do Senhor por intermédio desse dom e avançando em Sua força, a mensagem, como já vimos, tem circundado o mundo, e rapidamente avança a “cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Apocalipse 16:14).

De seu progresso passado podemos dizer que a Palavra de Deus foi confirmada ao dizer: “Toda arma forjada contra ti não prosperará” (Isaías 54:17). Verdadeiramente a mão de Deus tem se manifestado no sucesso que acompanhou o surgimento e o progresso deste grande movimento adventista até agora. E, quanto ao futuro, confiamos no seguro cumprimento de Sua palavra: “Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar” (Apocalipse 3:8). Com esta confiança, podemos cantar com toda a segurança:

Pois Ele esteve conosco, e ainda está; e prometeu estar conosco até o fim.